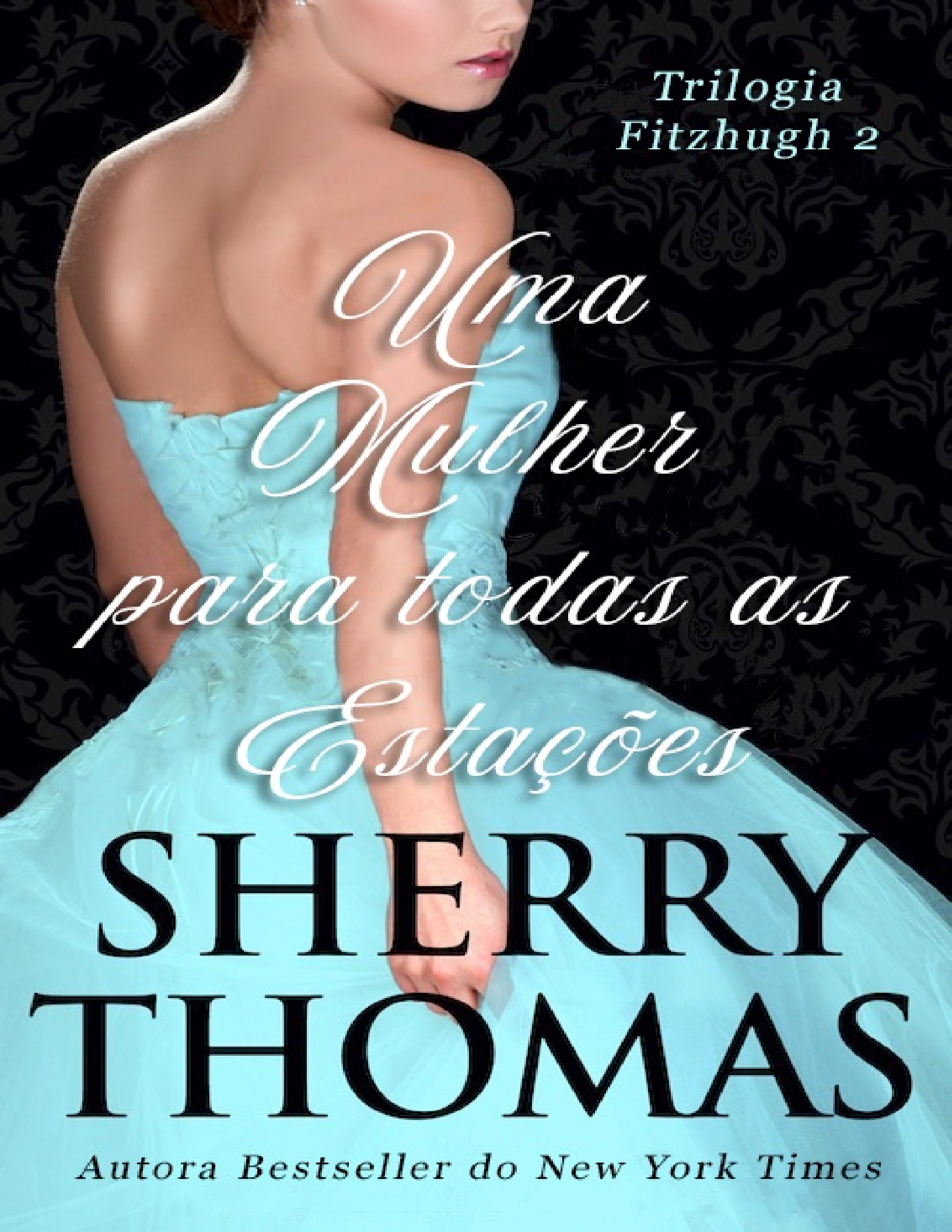




Trilogia
Fitzhugh 2

*Uma
Mulher
para todas as
Estações*
**SHERRY
THOMAS**

Autora Bestseller do New York Times



Índice

Capa
Rosto
Sinopse
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Notas

Uma Mulher Para Todas As Estações

Sherry Thomas

Sinopse

Millicent entende os termos de seu casamento arranjado muito bem. Ela será uma condessa ao se casar com um conde empobrecido. E, em contrapartida, o Conde Fitzhugh recebe o benefício de sua vasta riqueza, poupando sua família da falência. Por causa de sua juventude, eles concordam em esperar oito anos antes de consumar o casamento e, em seguida, apenas gerar um herdeiro. Depois disso, vão levar vidas separadas.

É um acordo muito sensato. Exceto por um pequeno detalhe. De alguma forma, Millie caiu completamente apaixonada pelo marido. O marido, que se tornou seu melhor amigo, mas nada mais... Seu marido que planeja se reunir com sua namorada de infância, a bela e recém-viúva Isabelle, assim que ele honrar o pacto com a esposa...

Na medida em que o momento em que eles realmente devem se tornar marido e mulher se aproxima, tanto Millie quanto Fitzhugh devem enfrentar a verdade em seus corações. O pacto realmente criou apenas uma grande amizade, ou talvez, sem que nenhum deles percebesse, deu origem a um grande amor?

CAPÍTULO 1

Destino

1888

Foi amor à primeira vista.

Não que houvesse algo de errado com o amor à primeira vista, mas Millicent Graves não havia crescido para cair completamente apaixonada, muito menos de forma intensa e rápida.

Ela era a única filha sobrevivente de um homem bastante próspero que fabricava produtos enlatados e outras conservas comestíveis. Foi decidido, muito antes que ela pudesse compreender tais coisas, que se casaria bem, que através de sua pessoa a fortuna da família se uniria a um antigo e ilustre título. A infância de Millie tinha, portanto consistido de infinitas aulas: música, desenho, caligrafia, dicção, comportamento, e, quando sobrava tempo, línguas modernas. Aos dez anos, ela flutuou com sucesso por um longo lance de escadas com três livros sobre a cabeça. Aos doze anos, ela trocara as horas de entretenimentos por francês, italiano e alemão. E no dia do seu décimo quarto aniversário, Millie, não de todo uma musicista natural, finalmente dominou *Douze Grandes Études* de Listz, por força de simples esforço e determinação.

Nesse mesmo ano, com o pai chegando à conclusão de que ela nunca seria uma grande beleza, nem mesmo uma beleza de qualquer tipo, começou uma busca desesperada por um noivo aristocrático suficientemente bem nascido para se casar com uma garota cuja riqueza da família derivava das – Deus me livre – sardinhas.

A busca chegou ao fim vinte meses mais tarde. O senhor Graves não estava particularmente entusiasmado com a escolha, como o lorde, que concordou em levar a filha em troca de seu dinheiro, e que possuía um título que não era nem particularmente antigo nem particularmente ilustre. Mas o estigma das sardinhas enlatadas era tal que até mesmo este lorde exigiu até o último centavo do senhor Graves.

E então, depois de meses de discussões, depois de que todos os acordos fossem finalmente elaborados e assinados, o lorde teve a desconsideração de

cair morto na idade de trinta e três anos. Ou melhor, o senhor Graves viu em sua morte, uma afronta impensada. Millie, na privacidade do seu quarto, chorou.

Ela havia visto o lorde apenas duas vezes e não ficara muito feliz com sua aparência anêmica nem com seu temperamento melancólico. Mas ele, à sua maneira, tinha pouca escolha, assim como ela. A propriedade viera a ele em estado lastimável. Seus intentos de melhoria fizeram pouca ou nenhuma diferença. E quando ele tentou conseguir uma herdeira com um dote mais glorioso, falhou estrondosamente, provavelmente porque havia sido deveras inexpressivo tanto na aparência quanto no comportamento.

Uma garota mais atrevida poderia ter se rebelado contra tal noivo tão pouco atraente, dezessete anos mais velho que ela. Uma garota mais empreendedora poderia ter convencido os pais a deixá-la tentar suas chances no mercado matrimonial. Millie não era nenhuma dessas garotas.

Ela foi uma criança quieta e séria que compreendeu intuitivamente o que se esperava dela. E, embora fosse desejável que pudesse tocar todos os *Douze Grandes Études* em vez de apenas onze, no final, a sua formação não era sobre música ou idiomas, ou comportamento, mas sobre disciplina, controle e autonegação.

O amor nunca foi levado em consideração. Suas opiniões nunca foram uma consideração. Melhor que permanecesse separada do processo, porque ela era apenas uma engrenagem na grande máquina de *Casar Bem*.

Naquela noite, porém, ela chorou por esse homem, que, como ela, não teve influência na direção de sua própria vida.

Mas as grandes máquinas de *Casar Bem* seguiram adiante. Duas semanas depois do funeral do falecido lorde Fitzhugh, os Graves receberam para jantar o seu primo distante, o novo Lorde Fitzhugh.

Millie sabia muito pouco sobre o falecido lorde. E sabia menos ainda sobre o novo, exceto que ele tinha apenas dezenove anos, estando ainda em seu último ano em Eton. Sua juventude a perturbou um pouco; ela havia se preparado para se casar com um homem mais velho, não com alguém próximo de sua idade. Mas, além disso, ela não se preocupava completamente com ele: seu casamento era uma transação comercial, com um mínimo de envolvimento pessoal dela, o mais suavemente as coisas iriam correr.

Infelizmente, a sua indiferença e sua paz de espírito chegaram a um fim

abrupto no momento em que o novo lorde passou pela porta.

Millie não era uma pessoa sem pensamentos próprios. Ela assistiu com muito cuidado o que disse e fez, mas raramente censurava sua mente: era a única liberdade que possuía.

Às vezes, quando estava deitada na cama à noite, ela pensava em se apaixonar nos moldes de um romance de Jane Austen; a mãe não permitia que ela lesse as Brontës. O amor parecia a ela um fruto nascido da observação, do perspicaz cuidado. A senhorita Elizabeth Bennet, por exemplo, não considerara verdadeiramente o senhor Darcy como possuidor de todos os ingredientes de um bom marido até que havia visto a majestade de Pemberley, que se tornou o caráter igualmente majestoso do senhor Darcy.

Millie imaginou-se uma viúva rica, independente, inspecionando os cavalheiros disponíveis para ela com humor irônico, mas humano. E se ela fosse afortunada o suficiente, acharia um cavalheiro de caráter, bom senso e bom humor.

O que lhe parecia o epítome do amor romântico: a tranquila satisfação de duas almas gêmeas reunidas em suave harmonia.

Ela estava, portanto, totalmente despreparada para uma convulsão interna, quando o novo lorde Fitzhugh despontou na sala de visita da família. Como uma visitação de anjos, havia a chama de uma luz branca brilhante no centro de sua visão. Aureolado por este brilho sobrenatural estava um homem jovem, que devia ter dobrado suas asas apenas naquele momento, de modo a suportar uma semelhança passageira com um mortal.

Um senso instintivo de autopreservação fez baixar seu rosto antes que ela compreendesse bem a estrutura das feições dele. Mas ela estava totalmente agitada por uma sensação que era uma mescla de alegria e igualmente angústia.

Certamente um erro havia sido cometido. O lorde falecido não poderia ter um primo que fosse assim. A qualquer momento, ele seria apresentado como colega do novo lorde, ou talvez o filho do guarda do coronel Clements.

— Millie, — disse a mãe. — Deixe-me apresentar lorde Fitzhugh. Lorde Fitzhugh, minha filha.

Meu Deus, era ele mesmo. Este homem assustadoramente belo e jovem era o novo Lorde Fitzhugh.

Ela teve que levantar os olhos. Lorde Fitzhugh retornou um olhar firme e azul. Eles apertaram as mãos.

— Senhorita Graves. — ele disse.

Seu coração bateu violentamente embriagado. Ela não estava acostumada a tão completa e concentrada atenção masculina. Sua mãe estava atenta e solícita. Seu pai só falou com ela com um olho ainda em seu jornal.

Lorde Fitzhugh, no entanto, estava focado totalmente nela, como se ela fosse à pessoa mais importante que havia encontrado.

— Milorde. — ela murmurou consciente do calor em seu rosto e da perfeição do velho mestre^[1] das maçãs do seu rosto.

O jantar foi anunciado em seguida às apresentações. O lorde ofereceu o braço a senhora Graves e foi com grande inveja que Millie tomou o braço do Coronel Clements.

Ela olhou para o lorde. Aconteceu de ele estar olhando para seu rumo. Seus olhos prenderam-se por um momento.

Calor bombeou em suas veias. Ela estava nervosa, quase atordoada.

Qual era o problema com ela? Millicent Graves, extraordinariamente tímida, através de cujas veias gotejavam a falta de paixão, não experimentava esses flashes estranhos e vibratórios. Ela nunca havia lido um romance das Brontë, pelo amor de Deus. Por que, de repente ela se sentia como uma das garotas Bennet mais jovens, que riam e gritavam sem ter absolutamente nenhum controle sobre elas mesmas?

Distante, ela percebeu que não sabia nada sobre o caráter do lorde, senso, ou temperamento. Que ela estava se comportando de uma maneira superficial e tola, colocando a carruagem na frente dos bois. Mas o caos dentro dela tinha vida e vontade própria.

Quando entraram na sala de jantar, a senhora Clements disse, — Que mesa linda! Você não concorda, Fitz?

— Concordo. — disse o lorde.

Seu nome era George Edward Arthur Granville Fitzhugh – o nome da família e o título eram os mesmos. Mas, aparentemente, quem o conhecia bem o chamava de Fitz.

Fitz, os lábios e os dentes jogando com a sílaba. *Fitz*.

No jantar, o lorde deixou o Coronel Clements e a senhora Graves dominarem a conversa. Ele era tímido? Será que ele ainda obedecia ao princípio de que as crianças devem ser vistas e não ouvidas? Ou ele estava usando a oportunidade para avaliar o seu possível futuro sogro e sua possível futura esposa?

Só que ele não parecia estar estudando-a. Não que ele pudesse fazer isso facilmente: um vaso de três andares, sete ramos de prata brotando orquídeas, lírios, tulipas de cada apêndice, bloqueava a linha direta de visão entre eles.

Através de pétalas e caules, ela podia imaginar os sorrisos dele, cada um deles tão ocasionais que faziam suas orelhas se esquentarem, dirigidos a senhora Graves à sua esquerda. Mas ele olhava com mais frequência em direção ao seu pai.

Seu avô e seu tio haviam construído a fortuna Graves. Seu pai era bastante jovem, quando o cofre da família começou a encher, para ser enviado a Harrow. Ele adquiriu o sotaque esperado, mas seu temperamento natural era muito medíocre para emanar o brilho de sofisticação suficiente que sua família esperava.

Ele sentava-se ali, na cabeceira da mesa, não um temerário cruel como seu falecido pai, nem um empresário carismático e calculista como seu falecido irmão, mas um burocrata, um zelador das riquezas e bens impostos a ele. Dificilmente o mais emocionante dos homens.

No entanto, ele chamou a atenção do lorde esta noite.

Na parede atrás dele, estava pendurado um grande espelho numa moldura ornamentada que refletia fielmente a companhia à mesa. Millie, às vezes, olhava para o espelho e fingia que era um observador de fora documentando os dados íntimos de uma refeição privada. Mas hoje, ela ainda tinha que dar um olhar ao espelho, uma vez que o lorde estava sentado do lado oposto da mesa, ao lado de sua mãe.

Encontrou-o no espelho. Seus olhos se encontraram.

Ele não estava olhando para seu pai. Através do espelho, ele estava olhando para *ela*.

A senhora Graves havia sido breve sobre os mistérios do casamento, ela não queria que Millie se emboscasse pelos fatos da vida. A realidade do que acontecia entre um homem e uma mulher por trás de portas fechadas, geralmente fazia com que Millie olhasse os membros do sexo oposto com cautela. Mas a atenção dele causava apenas fogos de artifício dentro dela – detonações de emoção, explosões de pleno direito a felicidade.

Se eles fossem casados, e se estivessem sozinhos...

Ela corou.

Mas ela já sabia: Ela não se importaria.

Não com ele.

Os cavalheiros mal voltaram com as senhoras para sala quando a senhora Graves anunciou que Millie iria tocar para os reunidos.

— Millicent toca piano maravilhosamente. — disse ela.

Pela primeira vez, Millie estava animada com a perspectiva de exhibir suas habilidades, ela podia não ter uma musicalidade verdadeira, mas possuía uma técnica segura.

Quando Millie acomodou-se diante do piano, a senhora Graves virou-se para lorde Fitzhugh.

— Você gosta de música, senhor?

— Eu gosto, com toda a certeza, — ele respondeu. — Posso ser de alguma utilidade para a senhorita Graves? Virar as páginas para ela, talvez?

Millie apoiou a mão na mesa musical. O banco não era muito longo. Ele teria que se sentar ao lado dela.

— Por favor. — disse a senhora Graves.

E assim, lorde Fitzhugh estava ao lado de Millie, tão perto que suas calças roçavam os babados de suas saias. Ele cheirava a frescor e vigor, como uma tarde no campo. E o sorriso em seu rosto enquanto ele murmurou sua gratidão a distraiu tanto que ela se esqueceu de que devia ser a única a agradecer.

Ele afastou o olhar dela para a composição na estante.

— *Moonlight Sonata*[2]. Você tem alguma coisa mais demorada?

A questão a agitou e agradou.

— Normalmente, as pessoas só ouvem o primeiro movimento da Sonata, o adágio sustentado. Mas existem dois movimentos adicionais. Eu posso continuar a tocar, se você quiser.

— Eu ficaria muito grato.

Era uma coisa boa que ela tocasse mecanicamente e em grande parte de memória, pois não conseguia se concentrar sobre as notas completamente. As pontas de seus dedos tocavam de leve contra um canto da folha de composição. Aparentemente, ele tinha lindas mãos, fortes e elegantes. Ela imaginou uma de suas mãos apertadas em torno de uma bola de críquete que havia sido mencionada no jantar quando jogava para a equipe da escola. A bola que ele rolaria seria rápida como um relâmpago. Iria derrubar um postigo diretamente e despachar o batedor, causando um rugido de apreciação da multidão.

— Eu tenho um pedido, senhorita Graves. — ele falou calmamente.

Com ela tocando, ninguém poderia ouvi-lo, apenas ela.

— Sim, milorde?

— Eu gostaria que você continuasse a tocar, não importa o que eu diga.

Seu coração pulou uma batida. Agora, isto estava começando a fazer sentido. Ele queria sentar ao lado dela para que pudessem manter uma conversa privada em uma sala cheia de pessoas mais velhas.

— Tudo bem. Eu vou continuar, — respondeu ela. — O que é que você quer dizer, senhor?

— Eu gostaria de saber, senhorita Graves, se *você* está sendo obrigada a se casar?

Dez mil horas diante do piano eram a única coisa que impediu que Millie chegasse a um fim abrupto. Seus dedos continuaram a pressionar as teclas corretas; notas de várias descrições continuaram brotando. Mas poderia ter sido alguém na casa ao lado tocando, tão vagamente que a música se propagava.

— Eu... Eu dou a impressão de estar sendo obrigada, senhor? — Mesmo a sua voz não parecia muito a dela.

Ele hesitou um pouco.

— Não, você não passa.

— Por que pergunta, então?

— Você tem dezesseis anos.

— Está longe de ser inédito para uma garota casar aos dezesseis anos.

— Com um homem com mais que o dobro da sua idade?

— Você faz o falecido lorde soar decrépito. Ele era um homem em seu auge.

— Estou certo que homens de trinta e três anos fazem as meninas de dezesseis anos de idade tremer de anseio romântico, mas meu primo não era um deles.

Eles estavam chegando ao final da página, ele a virou bem a tempo. Ela arriscou um rápido olhar para ele. Ele não olhou para ela.

— Posso lhe fazer uma pergunta, milorde? — Ouviu-se dizer.

— Por favor.

— *Você* está sendo forçado a se casar comigo?

As palavras a deixaram em um surto, como um sangramento arterial. Ela estava com medo da resposta. Apenas um homem que está sendo forçado,

como ele mesmo, poderia saber se ela também estava sob a mesma pressão.

Ele ficou em silêncio por algum tempo.

— Você não acha esse tipo de arranjo extremamente desagradável?

Satisfação e miséria – ela havia saltado entre as duas emoções bastante diferentes. Mas agora só restava a miséria, uma massa encharcada dela. Seu tom era cortês. No entanto, a pergunta era uma acusação de cumplicidade: Ele não estaria aqui se ela não tivesse concordado.

— Eu, — ela estava tocando o adágio sustentado muito rápido, sem luar em sua sonata, apenas tempestades orientadas para os galhos batendo nas persianas. — Eu suponho que tive tempo para me habituar a isto: sempre soube que não tenho voto no assunto.

— Meu primo adiou por anos, — disse o lorde. — Ele teria feito isso antes: gerado um herdeiro e deixado tudo para seu próprio filho. Éramos mal relacionados.

Ele não queria se casar com ela, ela pensou aturdida, nem de leve.

Isso não era nada novo. Seu antecessor não queria se casar com ela, e aceitara sua relutância como par para o casamento. Nunca esperara outra coisa, na verdade. Mas a falta de vontade do jovem ao seu lado no banco do piano, era como se ela tivesse sido forçada a segurar um bloco de gelo em suas mãos, o frio se transformando em uma dor queimante, escura.

E mortificação, por estar tão ansiosa por alguém que não retribuía nenhum de seus sentimentos, e que estava revoltado com a simples ideia de torná-la sua esposa.

Ele virou a página seguinte.

— Você nunca pensa para si mesma; *não vou fazer isso?*

— É claro que eu *pensei* nisso, — disse ela, de repente amarga depois de todos esses anos de obediência plácida. Mas manteve a voz suave e sem flexão. — E então penso um pouco mais longe. Eu fujo? Minhas habilidades como uma dama não são exatamente valiosas além das paredes da casa. Posso anunciar meus serviços como governanta? Eu não sei nada sobre filhos, absolutamente nada. Simplesmente me recuso a ver se meu pai me ama o suficiente para não me negar? Não tenho certeza se tenho coragem de descobrir.

Ele esfregou o canto de uma página entre os dedos.

— Como você aguenta?

Desta vez não houve tom de acusação à sua pergunta. Se ela quisesse,

poderia até mesmo detectar uma simpatia desoladora. O que só alimentou seu sofrimento, aquela besta imunda com dentes como facas.

— Eu me mantenho ocupada e não penso muito profundamente sobre isso. — disse ela, em um tom tão duro quanto já se permitira.

Ali, ela era um autômato estúpido que agia como os outros instruíam: acordar, dormir, e ganhar montanhas de desdém de futuros maridos no meio.

Eles não disseram mais nada um ao outro, a não ser para trocar as cortesias habituais no final do seu desempenho. Todo mundo aplaudiu. A senhora Clements disse coisas muito boas sobre a musicalidade de Millie, que Millie mal ouviu.

O resto da noite durou o tempo do reinado de Elizabeth.

O senhor Graves, geralmente tão fleumático e taciturno, se engajou com o lorde em uma animada discussão sobre críquete. Millie e a senhora Graves deram sua atenção para as histórias do exército do Coronel Clements. Se alguém olhasse pela janela, a reunião na sala teria parecido perfeitamente normal, até mesmo jovial.

E ainda havia miséria suficiente além das flores murchas e do papel de parede ondulado. Ninguém notou a angústia do lorde. E ninguém, exceto a senhora Graves que lançava olhares ansiosos para Millie, percebeu a de Millie. A infelicidade era realmente tão invisível? Ou as pessoas simplesmente preferiam se afastar, como se fossem leprosos?

Depois que os convidados se despediram, o senhor Graves proclamou o jantar como *énormesuccès*[3]. E ele, que permaneceu completamente cético sobre o lorde anterior, deu seu endosso ao jovem sucessor.

— Eu terei prazer em ter lorde Fitzhugh por genro.

— Ele não propôs ainda, — Millie lembrou. — E pode não propor.

Ou então ela esperava assim. Deixe-os encontrar outra pessoa para ela. Qualquer outra pessoa.

— Ah, ele vai propor com certeza, — disse Graves. — Ele não tem escolha.

— Então, você realmente não tem opções? — Perguntou Isabelle.

Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas. A angústia queimava dentro de Fitz. Ele não podia fazer nada para impedir esse futuro que se lançou em direção a ele como um trem descarrilado, e ainda menos para aliviar a dor da garota que amava.

— Se eu tiver, é apenas no sentido de que sou livre para ir a Londres e ver se uma herdeira diferente me terá.

Ela virou o rosto e enxugou os olhos com a palma da mão.

— Como ela é, essa senhorita Graves?

— O que isso importa? — Ele não conseguia se lembrar de seu rosto. Nem queria. — Irrepreensível.

— Ela é bonita?

Ele balançou a cabeça.

— Não sei, e não me importo.

Ela não era Isabelle, ela nunca poderia ser bonita o suficiente.

Era insuportável pensar na senhorita Graves como um elemento permanente em sua vida. Ele se sentia violado. Ele levantou a arma em suas mãos e puxou o gatilho. A cinquenta metros de distância, um pombo de argila explodiu. O chão estava coberto de cacos: era uma conversa excruciante.

— Então, no próximo ano, você pode ter uma criança, — disse Isabelle, sua voz se quebrando. — Os Graves iriam querer que seu dinheiro valesse à pena, e logo.

Deus, poderiam esperar isto dele, não é? Outro pombo de argila explodiu a parte; ele mal sentiu o recuo em seu ombro.

No início, isso não parecia tão terrível; tornar-se um lorde fora do azul. Ele percebeu quase imediatamente que teria de desistir do seu plano de carreira no serviço militar: um conde, mesmo pobre, era muito valioso para a linha de frente. O golpe, apesar de duro, estava longe de ser fatal. Ele havia escolhido os militares para as demandas que iriam colocar sobre ele. Retornar a uma propriedade à beira da ruína era uma exigente e honrosa ocupação. E ele não achava que Isabelle iria se importar em se tornar uma lady: Ela faria uma figura vistosa na Sociedade.

Mas, quando ele entrou em Henley Park, sua nova sede, seu sangue começou a congelar. Aos dezenove anos, ele não se tornou um lorde pobre, mas um desesperadamente necessitado.

O declínio da mansão era assustador. Os tapetes orientais foram comidos pelas traças, as cortinas de veludo da mesma forma. Muitas das tubulações não funcionavam de todo, paredes e pinturas estavam sujas de fuligem. E em cada quarto do último andar, o teto estava verde e cinza, com o crescimento do mofo se espalhando como os contornos de um mapa distorcido.

Uma casa tão grande exigia cinquenta funcionários internos e podia

avançar com dificuldade com trinta. Mas em Henley Park, o pessoal interior estava reduzido a quinze, divididos entre bastante jovens, vários dos serventes tinham mal doze anos – e os mais velhos eram criados antigos que estiveram com a família à vida toda e não tinham mais para onde ir.

Tudo em seu quarto rangia: o chão, a cama, as portas do guarda-roupa. O encanamento era medieval, o longo declínio da fortuna da família havia impedido qualquer modernização significativa no interior. E nas três noites de sua estada, ele tinha ido dormir tremendo de frio, ouvindo a congregação de ratos nas paredes.

Estava a apenas um passo da dilapidação imediata, mas apenas um passo muito pequeno.

A família de Isabelle era completamente respeitável. Os Pelhams, como os Fitzhughs, estavam relacionadas a diversas linhagens nobres e, em geral, considerados o tipo de nobres íntegros, sólidos, donos de terra tementes a Deus que fazia a aristocracia rural orgulhosa. Mas nem os Fitzhughs nem os Pelhams eram ricos, e mesmo que seus fundos fossem juntados isso não impediria que o telhado de Henley Park vazasse, ou que sua base ruísse.

Mas se fosse apenas a casa, eles ainda poderiam dar um jeito com várias economias. Infelizmente, Fitz também herdou oitenta mil libras em dívidas. E, a partir disso, não havia escapatória.

Se ele fosse dez anos mais jovem, poderia enterrar a cabeça na areia e deixar o Coronel Clements se preocupar com seus problemas. Mas ele estava apenas a dois anos da maioridade, um homem quase crescido. Ele não podia fugir de seus problemas, que certamente só aumentariam durante qualquer período sem atenção.

A única solução viável foi vendê-lo, trocar seu título amaldiçoado por uma herdeira de uma fortuna grande o suficiente para pagar suas dívidas e reparar a casa.

Mas, para isso, ele teria que desistir de Isabelle.

— Por favor, não vamos falar sobre isso. — ele disse, com os dentes cerrados.

Ele não queria muito da vida. O caminho que havia delineado para si era simples e direto: treinamento de oficiais em Sandhurst, uma comissão para acompanhar e, quando recebesse sua primeira promoção, a mão de Isabelle em casamento. Ela não era apenas bonita, mas inteligente, resistente, e aventureira. Eles teriam sido delirantemente felizes juntos.

Lágrimas rolavam pelo rosto dela.

— Mas se falarmos disso ou não, vai acontecer, não é?

Ela levantou a espingarda e destruiu o restante do último pombo de argila. Seu coração estava igualmente destruído.

— Não importa o que aconteça...

Ele não podia continuar. Não estava mais em condições de declarar seu amor por ela. Tudo o que ele dissesse iria apenas piorar as coisas.

— Não se case com ela, — ela implorou, com a voz rouca, os olhos fervorosos. — Esqueça Henley Park. Vamos fugir juntos.

Se apenas pudessem.

— Nenhum de nós é maior de idade. Nosso casamento não seria válido sem o consentimento do seu pai e do meu tutor. Não sei sobre o seu pai, mas o Coronel Clements faz questão que eu cumpra o meu dever. Ele preferiria vê-la arruinada a permitir que o nosso casamento se firme.

Um trovão rolou acima.

— Isabelle, Lorde Fitzhugh, — a voz da mãe dela gritou de dentro da casa. — Melhor voltar. Vai chover em breve!

Nenhum deles se moveu.

Gotas de chuva caíram sobre suas cabeças, cada uma delas tão pesada quanto uma pedra.

Isabelle olhou para ele.

— Você se lembra da primeira vez que veio me visitar?

— É claro.

Ele estava com dezesseis anos, e ela quinze. Tinha sido no final da metade dos festejos de São Miguel. E ele chegou com Pelham, Hastings, e dois outros companheiros de Eton. Ela correu escada abaixo para abraçar Pelham. Fitz já a conhecera antes quando ela tinha ido visitar Pelham em Eton. Mas, naquele dia, de repente, ela não era mais a garota de antes, mas uma senhorita adorável, cheia de vida e entusiasmo. O sol da tarde inclinava-se para o salão, iluminando-a como uma chama. E quando ela se virou e disse: — Ah, senhor Fitzhugh, eu me lembro de você — ele já estava apaixonado.

— Você se lembra da cena de luta de *Romeu e Julieta*? — Ela perguntou em voz baixa.

Ele acenou com a cabeça. Quem dera o tempo corresse para trás para que ele pudesse esquecer o presente e continuar vivendo esse tempo anterior, muito mais alegre em vez disso.

— Eu me lembro de tudo claramente: Gerry foi Teobaldo e você Mercúcio. Você tinha uma das bengalas do meu pai em uma mão e um sanduíche na outra. Você deu uma mordida no sanduíche, e zombou: Teobaldo, seu caçador de ratos, você vai andar? — Ela sorriu através das lágrimas. — Então, você riu. Meu coração foi capturado e eu soube naquele momento que queria passar minha vida com você.

Seu rosto estava molhado.

— Você vai encontrar alguém melhor. — ele forçou-se a dizer.

— Não quero mais ninguém. Quero só você.

E ele queria apenas ela. Mas não aconteceria. Eles não ficariam juntos.

Folhas vieram com a chuva. Tinha sido uma primavera miserável. Ele já desesperava de jamais voltar a andar sob um céu sem nuvens.

— Isabelle, Lorde Fitzhugh, vocês devem entrar agora. — repetiu a senhora Pelham.

Eles correram. Mas quando chegaram ao lado da casa, ela agarrou seu braço e puxou-o para ela.

— Beije-me.

— Não posso. Mesmo se eu não me casar com a senhorita Graves, vou me casar com outra pessoa.

— Você já beijou alguém?

— Não. — ele estava esperando por ela.

— Mais uma razão para você me beijar agora. De modo que não importa o que aconteça, seremos sempre um do outro em primeiro lugar.

Um relâmpago rompeu o céu. Ele olhou para a garota bonita que nunca seria sua. Era tão errado?

Não devia ser, porque no momento seguinte ele a estava beijando, esquecendo tudo que não fosse este último momento de liberdade e alegria.

E, quando não podia mais adiar seu retorno para a casa, ele a segurou firme e sussurrou o que prometeu a si mesmo que não iria dizer.

— Não importa o que aconteça, eu sempre, sempre vou amar você.

CAPÍTULO 2

Oito anos depois, 1896.

— Ouvi dizer que a senhora Englewood chegou a Londres. — disse Millicent, lady Fitzhugh, no café da manhã.

Fitz levantou os olhos do papel. Que coisa mais estranha: sua esposa nunca fofocava, mas ela parecia saber tudo no momento em que acontecia.

Ela usava um vestido matinal azul-violáceo. O vestido matinal, usado estritamente entre os íntimos, era mais folgado na aparência e não tão estruturado como o mais rígido vestido de passeio de suas primas e das visitantes. Mas havia algo sobre sua esposa que era altamente — quase excessivamente — puro, de modo que até mesmo o vestido flexível parecia puritano e preciso sobre ela.

Seu cabelo castanho claro estava preso em um coque apertado, nunca com um fio ou mechas soltas, exceto quando ela quebrava uma lareira de tijolos empunhando uma marreta. Seus olhos, ocupados, de um tom semelhante ao do seu cabelo, percorriam um convite atrás do outro. Olhos doces, ela nunca olhava para alguém com raiva, raramente, mesmo em desagrado.

Às vezes, o surpreendia o quão jovem ainda parecia. Como ela ainda *era* jovem. Eles estavam casados há quase oito anos e ela ainda não tinha vinte e cinco anos.

— Sim, — ele respondeu. — Sua informação está correta, como de costume.

Ela pegou o saleiro.

— Quando você soube?

— Ontem à noite. — ele disse; seu coração falhando uma batida com antecipação.

Isabelle. Sete anos se passara desde o seu último vislumbre dela no dia de seu casamento. Oito, desde última vez em que falaram.

E agora ela estava de volta em sua vida, uma mulher livre.

Lady Fitz cortou outro envelope e olhou para o seu conteúdo.

— Ela estará ansiosa por vê-lo, tenho certeza.

Ele sempre soube, assim que conheceu a antiga Millicent Graves, que ela

era extraordinariamente segura. Ainda assim, às vezes, sua estabilidade ainda o surpreendia. Ele não conhecia nenhuma outra mulher que combinasse esse interesse sincero no bem-estar do marido com tal ausência de possessividade, pelo menos, nenhuma que não tivesse um amante próprio.

— Assim espero. — ele disse.

— Gostaria que eu reorganizasse sua agenda de qualquer maneira? — Ela perguntou sem olhar para ele. — Se não estou enganada, somos esperados amanhã na fábrica de engarrafamento para saborear o champanhe de cidra e o novo refresco sabor limão. E depois de amanhã, na fábrica de biscoitos *waffers* de creme e chocolate.

O retorno de Isabelle havia coincidido com o teste de degustação semestral de ideias para novos produtos da Cresswell & Graves.

— Obrigado, mas não será necessário, fui convidado a visitá-la hoje mesmo.

— Ah! — disse a mulher.

Frequentemente, seu rosto lembrava um manjar branco, suave, leve e perfeitamente definido. Mas neste momento, uma emoção estranha cintilou em seu rosto. E, de repente, ela não se parecia tanto com um prato de pudim sem graça como a superfície de um lago conhecido, nunca explorado, e ele, de pé sobre os bancos, tinha acabado de ver um movimento subaquático, uma sombra enigmática que desapareceu tão rapidamente que ele não tinha certeza de não ter imaginado a coisa toda.

— Então você deve transmitir os meus cumprimentos. — disse ela, pegando novamente o saleiro.

— Transmitirei.

Ela inspecionou o resto de sua pilha de envelopes, terminou seu chá, e se levantou — ela sempre chegava e deixava o café da manhã antes dele.

— Não se esqueça de que somos esperados no jantar dos Queensberrys.

— Não esquecerei.

— Bom dia, então, senhor.

— Bom dia, lady Fitz.

Seu andar era tão puro quanto sua pessoa, suas saias azuis mal balançavam quando ela se virou para o corredor. Por hábito, ele ouviu quando seus passos recuaram; a cadência e leveza de seus passos quase tão familiares para ele como o ritmo de sua própria respiração.

Quando ele não podia ouvi-la mais, tirou a nota de Isabelle do bolso

interno de seu casaco e a leu novamente.

Meu Querido Fitz, (Eu estou muito a frente na saudação em si? Não importa, nunca fui muito reticente e certamente não vou mudar agora).

Obrigada pela linda casa que você arranhou para mim e para as crianças. Eles adoram o jardim escondido da vista. Estou particularmente apaixonada pela sala de estar brilhante, alegre, que tem vista para a praça verde do outro lado da rua.

Muito tempo se passou desde que eu o vi pela última vez, mais alguns dias não devem importar muito. No entanto, estou extremamente impaciente por encontrá-lo novamente, mesmo que a casa ainda não esteja totalmente pronta para receber visitas. Você virá amanhã?

Sua, Isabelle

A carta era muito cordial, e sua assinatura o mais quente elemento de todos. Ele pensava nela como Isabelle por muitos anos, mas só tinha se dirigido a ela como senhorita Pelham ou em sua recente correspondência como senhora Englewood. Ela encerrar a carta com seu nome era um convite inconfundível à intimidade.

Isabelle. A primeira garota que ele beijou. A única que ele já amara.

Ele escondeu o bilhete e abriu o jornal de novo. Uma donzela veio tirar o prato de Lady Fitz.

Um pensamento lhe ocorreu.

— Traga-me o prato.

A donzela olhou para ele sem compreender.

— O prato em sua mão.

Sua esposa havia deixado para trás alguns ovos mexidos, o que era bastante incomum nela: eles se serviam sozinhos no café da manhã e ela nunca colocava mais do que podia comer. Para surpresa da donzela, ele pegou um pedaço dos ovos mexidos com o garfo.

E não teria sido capaz de engolir sem a ajuda do café. Ele sabia que ela gostava de seus ovos salgados, mas este tinha menos ovos mexidos do que sal. Ele teria que falar com ela sobre isso da próxima vez em que a visse: esta quantidade de sal na dieta devia ser prejudicial a saúde.

Mesmo impensável como havia sido há oito anos, eles se tornaram bons amigos. E amigos ajudavam uns aos outros.

Millie se encontrou com Helena, a gêmea de Fitz, quando esta última saía do seu quarto. Os gêmeos não eram parecidos. Fitz, com seu cabelo preto e olhos azuis, tinha uma semelhança muito maior com sua irmã mais velha, Venetia. Helena, por outro lado, havia herdado o cabelo ruivo e os olhos verdes da avó materna.

Nesta manhã, Helena estava com uma jaqueta de veludo verde de caçador e uma saia combinando. Entre as lapelas do casaco, as pregas na frente de sua blusa branca eram tão nítidas como o ar da manhã. Um broche de camafeu em sua garganta, não com o perfil de uma mulher em marfim, mas com uma águia romana de ônix, completava seu conjunto.

Venetia era considerada a grande beleza da família, mas Helena era adorável de maneira própria, sem mencionar confiante, capaz e mais censurável do que qualquer um deles suspeitava.

No início do ano, o melhor amigo de Fitz, Lorde Hastings, havia descoberto que Helena estava tendo um caso clandestino com o senhor Andrew Martin. Martin era um jovem bonito e Millie não duvidava que ele adorasse Helena, tanto quanto ela o adorava. O problema era que ele tinha adorado Helena desde que se conheceram há anos, mas nunca teve coragem de desafiar a mãe e a expectativa da família de longa data para que se casasse com sua prima de terceiro grau.

Millie entendia a força do primeiro amor, ela se manteve firme nas garras do dela. Mas o senhor Martin era um homem casado e, Helena ao se encontrar com ele, colocara sua reputação em grave perigo. Millie e Venetia tinham levado Helena para o outro lado do Atlântico, logo que possível, na esperança de que, distanciando Helena do senhor Martin, ela pudesse chegar ao bom senso.

A viagem para América não tinha sido totalmente desperdiçada, uma série de eventos iniciados culminaram num casamento inesperado, mas delirantemente feliz de Venetia com o Duque de Lexington. Mas, infelizmente, no caso de Helena, a ausência só fez seu coração ficar mais afeiçoado ao senhor Martin.

Helena era independente tanto em idade como financeiramente, sua família não podia forçá-la a abandonar o senhor Martin. Mas desde janeiro, tinham mantido uma vigilância constante sobre ela. Helena nunca ia à parte alguma sozinha: tendo como sua acompanhante, Venetia, Millie, ou sua nova

donzela, Susie, contratada expressamente para esse fim. Susie já havia saído mais cedo, de modo que, quando a carruagem Fitzhugh deixasse Helena em sua pequena editora na Fleet Street, ela estaria lá, esperando-a. Em seguida, ela se sentava fora do escritório de Helena, para se certificar que Helena não escapasse no meio do dia para um encontro ilícito com o senhor Martin.

Esta vigilância incessante estava fazendo estragos em Helena. Ela parecia inquieta e meio infeliz. Millie odiava ter que ser um de seus carcereiros, mas não tinha escolha. Se Helena não pensasse em seu futuro, então a família devia pensar por ela.

— Helena, a única pessoa que quero ver, — disse ela animada. — Lembre-se que você terá que comparecer ao chá na casa de Lady Margaret Dearborn esta tarde.

Um caso não era razão para deixar de aparecer em funções designadas para apresentá-la a jovens elegíveis – ou poderia parecer que a família havia abandonado todas as esperanças de casá-la. E isto nunca aconteceria.

Helena não estava satisfeita com a perspectiva do chá íntimo.

— Lady Margaret Dearborn só se relaciona com a Horse and Hound[4]. Seus convidados nunca falam sobre outra coisa, apenas da caça à raposa.

— Você já publicou um livro de memórias sobre a caça à raposa, se bem me lembro.

— Publicado em comissão, sem nenhum risco para mim, ou eu nunca teria feito.

— Ainda assim, isso lhe dá algo para falar sobre Horse and Hound, — Millie levantou-se e beijou Helena na bochecha. — Seu coche a espera, meu amor. Vejo você na parte da tarde.

— Espere, — disse Helena. — É verdade o que ouvi? Que a senhora Englewood está de volta à Inglaterra?

Millie ignorou a pontada no peito e acenou com a cabeça.

— Fitz a encontrará esta tarde. Um dia muito importante para eles, não é?

— Imagino. — a pergunta nos olhos de Helena, no entanto, não era sobre Fitz, mas sobre Millie.

Millie nunca fora possessiva, nunca efusiva, e nunca demonstrativa. Sua calma diante da aproximação de seu casamento devia ter sido suficiente para convencer a todos que admirava, mas sem amor, o marido. No entanto, já há anos, suas irmãs suspeitavam de outra coisa.

Talvez o amor não correspondido fosse como um fantasma na casa, uma

presença que roçava a beira dos sentidos, um calor no escuro, uma sombra sob o sol. Ela bateu no braço de Helena e se afastou.

O jardim havia florescido.

A grama estava tão verde como um rio, as árvores altas e com sombras. Pássaros cantavam nos ramos; a fonte escorria e murmurava. Em um canto do jardim, hortênsias roxas estavam florindo, cada cabeça de flor tão grande e brilhante como um ramo de flores.

Tenha um jardim, a senhora Graves havia aconselhado Millie em seu casamento. *Um jardim e um banco*.

Millie espalhava os dedos sobre as tábuas do banco. Era simples, mas bonito, feito de carvalho e envernizado de um leve marrom quente. O banco não lhe pertencia, isto estivera ali tanto tempo quanto ela era a esposa de Fitz. Mas em Henley Park, havia uma réplica quase exata que Fitz havia lhe dado há alguns anos, como um símbolo de seu respeito.

E ela havia encarado tal gesto como um sinal de esperança, mais se enganara.

— Pensei que você poderia estar aqui. — disse o marido.

Surpresa, ela olhou por cima do ombro. Ele estava atrás do banco, às mãos levemente descansando em suas costas, as mesmas mãos elegantes que viraram a partitura para ela, enquanto suas palavras a tinham virado do avesso.

Agora em seu dedo indicador direito, ele usava um anel de sinete que trazia uma gravura em baixo relevo do brasão de armas Fitzhugh. O anel fora um presente dela. A visão disto em sua mão tinha mexido com ela então, e ainda a agitava.

Ela queria tocá-lo. Lambê-lo. Sentir sua carícia metálica em todos os lugares do seu corpo.

— Pensei que você já havia saído.

Da sacada no andar de cima, ela o viu caminhar. Era cedo ainda, cedo para seu encontro com a senhora Englewood. Mas, quando ele dobrou uma curva, balançava sua bengala em um círculo completo no ar. O que, vindo dele, equivalia a outro homem dançando nas ruas.

— Percebi que passarei por Hatchard hoje, — ele disse. — Você gostaria que eu verificasse se a sua encomenda de livros já chegou?

— É muito gentil de sua parte, mas com certeza, você vai ter um dia

agitado pela frente e...

— Está resolvido, então: falarei rapidamente com o livreiro.

— Obrigada. — murmurou.

Ele sorriu.

— O prazer é meu.

Ela mencionou o pedido especial que tinha feito em Hatchard uma vez, dias atrás. Que ele se lembrasse e se oferecesse para verificar a teria emocionado em outro tempo; ela encararia como mais um sinal de que estavam cada vez mais próximos.

Hoje, sua singular consideração significava que ele mesmo estava gloriosamente feliz com a perspectiva de ver sua amada. Ele era como o próprio verão, jovem, luminoso, iluminado por dentro por esperanças reacendidas e sonhos despertados. E cada mendigo ao longo de seu caminho inclusive ela mesma, poderia esperar generosidade redobrada e bondade.

Ele se virou para sair, mas parou.

— Quase me esqueci, você deveria ser mais consciente de sua ingestão de sal, você deve colocar o suficiente em seus ovos mexidos para preservá-la para a próxima década.

E então ele se foi, deixando-a sozinha no jardim.

Fitz permaneceu fora da casa de Isabelle.

Ele pensou que havia aprendido a ser sensato, mas cada emoção que tomava conta dele agora era desenfreada, de parar o coração. Segundas oportunidades: nem todos recebiam essa graça, e menos ainda estavam em posição de agarrá-las com as duas mãos.

Medo e esperança pulsavam no seu sangue com igual intensidade. Tantos anos se passaram. Ele havia mudado. Ela também devia ter mudado. Será que eles tinham mesmo algo a dizer um ao outro quando estivessem cara-a-cara?

Ele tocou a campainha. Uma donzela com uma ampla touca branca e um longo avental branco abriu a porta, pegou o seu cartão, e pediu-lhe para segui-la para dentro da casa. No entanto, ele parou no vestíbulo vazio, exceto por um espelho retangular e uma mesa estreita embaixo do console. Uma bandeja de prata para cartões de visitas estava na mesa. Ao lado dela, uma fotografia imediatamente reconhecível.

Ele tinha uma cópia da mesma fotografia em algum lugar nas profundezas de seu aposento. Ela foi tirada perto do final de sua primeira estadia na casa

dos Pelham, as senhoras em sua elegância domingueira sentadas na primeira fila, os senhores, de aparência muito solene, de pé atrás delas. Ele próprio parecia incrivelmente jovem, Isabelle estava estranhamente recatada, com as mãos cruzadas castamente no colo.

Mas essas mãos escondiam um segredo. Logo após o fotógrafo se declarar satisfeito, ela puxou Fitz para o lado e deu-lhe o que tinha estado guardando no bolso: uma ratazana pequena que ela chamava Alice. Alice tinha sido o animal de estimação perfeito para um estudante ocupado: ela hibernava por grande parte na metade de Michaelmas[5] e em toda a metade da Quaresma, despertava somente em abril vivendo em seu bolso numa delicada dieta de frutos, nozes e uma ocasional lagarta.

— Eu sempre mantive a fotografia perto de mim, — disse uma voz familiar. — É a única que tenho de você.

Ele recolocou a fotografia e com cuidado, devagar, se virou para ela.

Isabelle.

Ela estava mais alta e mais magra do que ele se lembrava, e não mais com dezoito anos. De certa forma, seu rosto havia se tornado um pouco mais duro. Havia tensão no contorno do queixo. Sua pele parecia exigir um esforço maior para esticar seus traços.

Mas esses traços eram tão cinzelados e orgulhosos como sempre. Seu cabelo era o mesmo preto azulado. O fogo em seus olhos se manteve inalterado. E na intensidade de seu olhar, ele reconheceu a Isabelle Pelham do passado.

E, ao vê-la, memórias perdidas, lembranças que se tornaram tão desbotadas como páginas de um manuscrito antigo, de repente, readquiriram brilho e foco. Isabelle na primavera segurando uma braçada de jacintos. Isabelle em seu vestido de tênis branco acenando com a raquete para ele, seu sorriso mais cintilante do que o sol brilhando sobre o profundo gramado verde. Isabelle mastigando as folhas caídas sob os pés virando ocasionalmente para dizer algo a sua governanta que se arrastava há vários passos atrás deles, e que ele mal percebia, porque só tinha olhos para sua namorada.

— Senhora Englewood, — ele disse. — Como você está?

— Fitz, meu Deus, — ela murmurou. — Você está exatamente como eu me lembrava. *Exatamente*.

Ele sorriu.

— E ainda pareço ter dezenove anos?

— Não, claro que não. Você é um homem feito. Mas sua essência não mudou em nada, — ela balançou a cabeça de leve, como maravilhada. — Vamos, não podemos manter uma conversa no corredor. Vamos nos sentar.

As coisas do chá já haviam sido trazidas com prontidão. Isabelle serviu a ambos.

— Conte-me tudo. — disse ela.

— Fale-me sobre a Índia. — ele disse, ao mesmo tempo.

Ambos sorriram. Ele insistiu para que ela começasse primeiro com suas histórias, assim ela o fez. Delhi era intoleravelmente quente no mês de abril. Caxemira era provavelmente o lugar mais bonito do mundo, especialmente Srinagar, às margens do lago Dal. E ela desfrutara da melhor comida de Hyderabad. Ele, por sua vez, forneceu-lhe as mais recentes notícias de seus amigos comuns e conhecidos: namoros, casamentos, filhos, e escândalos maiores e menores.

Uma hora voou.

Eventualmente, ela levantou a xícara e olhou para ele.

— Você não disse qualquer coisa sobre si mesmo, Fitz. Como tem passado?

Como tinha sido?

— Não posso reclamar. — ele disse.

O olhar de Isabelle foi fluído e apenas levemente zombador. Um sorriso brincou nos cantos dos lábios. Como bem se lembrava desta expressão particular dela, ela estava prestes a dizer algo impertinente.

— Ouvi dizer que você tem sido muito bem sucedido com as mulheres.

Ele baixou o olhar. Entre os dois, ele sempre foi o mais tímido.

— É uma maneira de passar o tempo.

Uma maneira de lidar e de esquecer.

— Lady Fitzhugh é muito compreensiva, então.

— Ela sempre foi muito sensata.

— Quando eu ainda estava na Índia, ouvi dizer que vocês dois se davam muito bem. Não tinha acreditado muito, mas acho que é verdade.

Por fim, chegaram a ele; o assunto do seu casamento. O rosto dela se tornou sombrio, como quem olha para a lápide de um amigo.

— Para alguém que não tinha nada a dizer sobre o assunto, — ele disse. — Tive sorte com a mulher escolhida para mim.

— Então... Você está feliz por ter se casado com ela?

Ele não olhou para longe desta vez.

— Eu não disse isso. Você sabe que eu teria rastejado sobre cacos de vidro para me casar com você se as circunstâncias fossem diferentes.

— Sim, — ela disse, com voz trêmula. — Sim, sei disso.

A porta da frente da casa se abriu e flutuaram sons de crianças em conversa animada, seguido por um rápido — shhh — de sua babá.

— Desculpe-me um momento. — disse Isabelle. Ela saiu da sala e voltou com um menino e uma garota.

— Posso apresentar Hyacinth e Alexander Englewood. Crianças, este é lorde Fitzhugh, um velho amigo do tio Pelly e da mamãe.

Hyacinth tinha seis anos, Alexander um ano mais novo, ambos bonitos, ambos com a coloração da mãe. De repente, Fitz não podia falar. Se as coisas tivessem sido diferentes, eles seriam seus filhos, e não o olhariam com cautela e curiosidade solene, mas correriam para ele com os braços abertos e sorrisos largos.

Eles ficaram apenas um minuto antes de saírem para o interior da casa com a governanta. Isabelle demorou um momento à porta, os olhos seguindo-os.

— Eles crescem tão rápido.

Fitz engoliu um nó na garganta.

— Você sempre gostou dos nomes Hyacinth e Alexander.

— Eu gostava. Hyacinth e Alexander Fitzhugh. — ela murmurou com um brilho de lágrimas em seus olhos.

Ela retomou o seu assento. O sol fluindo através das cortinas abertas brilhou na guarnição de ouro dos pires. Ela girou a xícara várias vezes em seu pires, ela nunca fora de ficar quieta.

E então, ela olhou para ele, ousada, firme, tal como ele sempre se lembrava de Isabelle.

— É tarde demais para recuperar um pouco do que nós poderíamos ter tido?

Como se ela tivesse que perguntar. Como se ele não estivesse pensando o mesmo há semanas, desde que sua primeira carta chegou. Como se ele não fosse agarrar essa rara segunda chance preciosa com ambos os braços e nunca mais deixá-la ir.

— Não, — ele disse. — Não é tarde demais.

CAPÍTULO 3

O Pacto

1888

Uma quinzena depois do jantar, os advogados de ambos os lados se sentaram mais uma vez na mesa de negociação. Mas, enquanto o novo lorde capitulava perante as exigências de sua propriedade, o preço que ele pediu por sua rendição era tão alto como o Matterhorn.

Tal era a influência da juventude e da beleza que o senhor Graves mal resmungou sobre ter de pagar quase o dobro para este conde. As negociações terminaram rapidamente e Millie, mais uma vez, se viu envolvida formalmente em um casamento, porém, ela nunca ouviu uma palavra do próprio lorde Fitzhugh. Não houve notas, nem flores, e nem anel de noivado. Alegando os estudos, ele recusara um segundo jantar com os Graves. Para o Quatro de junho, o maior feriado de Eton, ocasião em que amigos e familiares se reuniam na escola, os Graves não receberam um único convite para participar das festividades.

E por que ele deveria agir de forma diferente? Millie – se fosse lorde Fitzhugh — também aproveitaria furiosamente os últimos dias de liberdade e não desperdiçaria um segundo precioso com aqueles a quem logo estaria algemada para o resto da vida.

Mas entender por que ele estava tão distante apenas piorou as coisas. Quando ela não era fustigada pela angústia, era superada pela vergonha. Para ele, ela sempre simbolizaria tudo o que era *desagradável* sobre o que vinha com a maturidade: as pressões esmagadoras do dever, a escassez de opções, e a necessidade terrível de renunciar a sonhos para pagar os credores.

No entanto, nem o distanciamento da parte de lorde Fitzhugh poderia dissuadir a senhora Graves de arrastar Millie para o Lord's Críquete Ground^[6] no dia do Eton e Harrow Game.

O críquete era popular, um passatempo apreciado por cavalheiros jovens, velhos e trabalhadores. Párocos mais descontraídos, por vezes, se juntaram a seus paroquianos para uma partida em uma tarde de domingo. E, certamente,

era o jogo dominante na vida dos estudantes.

O Eton e Harrow tinham os jogos dos Lord's, no entanto, não era um evento esportivo. Ou melhor, o evento esportivo era apenas uma desculpa para toda a sociedade se reunir num piquenique num dia alegre sob o sol de um verão perfeito. E uma vez que convites não eram necessários para os lordes, era também uma das poucas oportunidades para que os ricos pudessem esfregar os cotovelos com o sangue azul.

Por essa razão, a senhora Graves sempre começava a planejar com meses de antecedência o que ela e sua filha usariam nos grandes eventos. Mas, dois anos seguidos, elas tiveram que se abster, no primeiro ano por causa da morte do avô materno de Millie, em seguida, devido aos graves problemas abdominais que haviam deixado o senhor Graves com necessidade de atenção da esposa e da filha, igualmente.

Este ano, sem ninguém morrendo e nada remotamente abaixo do tempo, Millie só podia assistir, impotente, como a senhora Graves numa explosão de energia, orquestrava o passeio.

No primeiro dia da partida, o bonito landau delas com o bagageiro carregado com cestas de piquenique, foi despachado para St. Johns Wood antes de o dia raiar para garantir um lugar para as senhoras ao lado do campo de críquete. As senhoras em si, no entanto, não deixaram a casa antes das onze horas, trajando os últimos vestidos do atelier de Paris dos Worth.

Críquete não era o ponto. O objetivo era ver e ser visto, e o melhor momento era durante a hora do almoço.

Elas chegaram exatamente quando os jogadores estavam andando para fora do campo. Com um entusiasmo que desmentia suas queixas sobre suas articulações artríticas, a senhora Graves saltou da segunda melhor carruagem que as transportara até os arredores do campo de críquete que agora estava cercada por três carruagens, às vezes, cinco. Puxando Millie, ela se juntou a grande debandada de espectadores dirigindo-se ao campo de jogo que as duas equipes haviam desocupado.

O céu era de um azul impecável, o gramado aparado de um verde vivo. Muitas senhoras em suas melhores roupas circulavam, os tons pastéis salpicavam em todos os lugares para onde se olhasse destacando totalmente o melhor do negro sombrio dos casacos matinais dos cavalheiros, como pedras preciosas sobre o veludo escuro de uma caixa de joias.

Era uma visão maravilhosa, se alguém inteligente estivesse aproveitando o

dia. Millie não estava. Ela nunca havia sido alguém que se deleitava com a atenção do público, especialmente o tipo de olhares de soslaio que atraía com suas extravagantes roupas que estavam fora do alcance de muitas senhoras bem nascidas. Pior, a senhora Graves tinha se transformado em uma Mãe Parvenu[7].

A senhora Graves não era normalmente uma Mãe Parvenu: ela estava orgulhosa da respeitabilidade da alta burguesia da qual veio. Ascensão social nunca foi o mais importante em sua mente. Ela fazia isso por dever aos parentes do marido, especialmente pelo seu pai morto e o irmão que ansiavam ferozmente aliar a família ao sangue nobre.

Mas esta ocasião em especial parecia ter virado sua cabeça. Ela informou a todos que sua filha estaria casada com o cativante lorde Fitzhugh, e que ia cativar tempestuosamente a sociedade. *“Oh, minha Millie é a figura mais charmosa na pista de dança”*. *“Oh, minha Millie tem a forma de conversar mais cativante”*. *“Oh, os piores esnobes entre eles vão admirar a minha Millie e ela será convidada a toda parte”*.

O protesto de Millie sobre seus recursos medíocres somente fazia a senhora Graves escalar alturas cada vez mais exageradas. Finalmente, a senhora Graves foi até um velho amigo que sabia tudo sobre a ascensão iminente de Millie como condessa Fitzhugh e que já estava convencido de que Millie iria definir um novo padrão de popularidade como uma anfitriã da Sociedade. Como resultado, a conversa girou em torno do enxoval de Millie, o café da manhã do casamento, e sua lua de mel.

Quando a senhora Graves abrilhantou sensivelmente sobre a lua de mel em Roma, que ela mesma teria gostado se não fosse pela virulenta oposição do senhor Graves em nada comer a não ser macarrão por duas semanas consecutivas, a multidão se moveu, revelando lorde Fitzhugh.

Ele permaneceu no meio de um bando de estudantes de Eton uniformizados e suas esvoaçantes irmãs brilhantes. Havia pelo menos cinco meninas, mas ele só tinha olhos para uma, uma bela jovem com cabelos pretos e lábios do rosa mais belo que Millie já havia visto, da cor das peônias premiadas da senhora Graves.

Millie estava com inveja, mas não excessivamente alarmada: era bastante normal que a atenção de um jovem fosse atraída por uma bela jovem. Então, ela viu que o olhar do lorde não era de mero interesse, mas de anseio desesperado, como se ele fosse um prisioneiro em sua cela olhando para um

pequeno quadrado de céu atribuído a ele.

Isto despedaçou Millie. Além de toda a angústia sobre a relutância dele em se casar com ela, agora ainda tinha que considerar a hipótese de ele estar apaixonado por outra pessoa. Mas ele estava desesperadamente apaixonado, não estava? E desesperadamente infeliz pela perda de sua amada.

Ela ficou desesperada para se esconder. Ele não devia vê-la. Ele não devia pensar que ela viera para ficar perto dele. E não devia nunca, nunca saber que sentia algo por ele, além de uma educada obrigação.

Deus ouviu suas preces: o alarme do gongo soou. Millie bateu na manga da senhora Graves.

— O jogo irá recomeçar em breve, mãe. Vamos voltar à nossa carruagem?

A senhora Graves zombou de sua sugestão.

— Ninguém fica fora do campo pelo menos até o segundo gongo.

Um olhar ao redor mostrou que, infelizmente, a senhora Graves estava certa. A multidão feliz permaneceu firmemente imóvel. Risos cresceram como tiros de artilharia ao redor dela, cada um deixando uma nova dentada em seu coração.

— Claro que não, — respondeu a senhora Graves. — Quando o jogo for interrompido para o chá, nós iremos até o pavilhão Eton e seu noivo apresentará seus amigos a você.

Seus companheiros saberiam como ele realmente se sentia. Eles provavelmente já se condoíam por ele. Caso a senhora Graves comesse a expressar seu grande prazer, alheia ao desgosto do lorde por sua viagem iminente até o altar, Millie poderia muito bem imaginar as risadinhas.

— Mas nós não fomos convidados para chegar ao pavilhão Eton e nós...

A senhora Graves colocou a mão enluvada sobre Millie.

— Minha querida, você não deve se sentir triste por esse casamento. Nunca se esqueça de tudo o que está levando para o casamento e nunca se considere inferior simplesmente porque ele é jovem e bonito. Ele está recebendo o melhor negócio aqui. Você entendeu?

A verdadeira questão era: ele entenderia?

Ele não entendia. E nem o faria.

A senhora Graves tocou o rosto de Millie.

— Eu amo muito o seu pai, mas como eu queria que ele não fosse tão desnecessariamente teimoso com respeito ao seu casamento. Você deveria ter um marido que a valorizasse, pois nenhum homem pode, eventualmente, ser

mais feliz do que aquele que terá sua mão. Mas sendo a realidade como é, eu a trouxe aqui hoje. Não se esconda, meu amor. E não recue. Sei que não será fácil para você. Mas será pior se você se trancar em um armário. Mantenha sua cabeça erguida. Demarque seu terreno. Mesmo que ele não nos convide, quando deveria. Isso significa que você terá que fazer notar sua presença, obrigá-lo a reconhecer publicamente sua posição na vida dele.

Ela não podia. Ela não tinha nada que a compelissem a obrigar alguém. Ela só queria desaparecer.

— Sim, mãe. — disse ela.

— Bom, — a senhora Graves deu um tapinha no ombro de Millie. — Agora me deixe fechar os olhos por um momento. Então, vamos mostrar as nossas magníficas presenças a lorde Fitzhugh. E é melhor que ele fique devidamente impressionado e satisfeito.

A senhora Graves cochilava. Millie lutava com seu lenço. O rapaz na carruagem próxima narrava os acontecimentos comuns, felizmente, não se incomodando com os nomes individuais dos jogadores.

De repente, o rapaz parou no meio da frase, emudecendo. Millie olhou para ele se perguntando se ele se engasgara com algo que estava comendo. Mas o rapaz só olhava para frente, sua mandíbula caída.

Ele não era o único. Os outros ocupantes da carruagem: os pais, uma irmã e um irmão exibiam expressões de espanto semelhantes. Em torno deles, outras pessoas em outras carruagens também pararam o que estavam fazendo para olhar unânime na mesma direção.

Millie virou-se e viu a mulher mais bonita na terra verdejante de Deus. Uma criatura mitológica, certamente, Helena de Tróia reencarnada ou Afrodite, que descera do monte Olimpo para o encontro com seu Adônis.

Ela provavelmente não andava, mas deslizava sobre o terreno. Sua sombrinha de renda creme protegia um rosto que era por sua vez impecável em sua simetria e inquietante na forma indescritível em que separava o belíssimo do meramente bonito. Millie poderia jurar que as nuvens, que tinham protegidos a multidão do sol na última meia hora, permitiram que um raio brilhante caísse sobre a mulher, para iluminar sua beleza singular, porque teria sido uma descortesia para tal beleza não ser perfeitamente iluminada.

Incrivelmente, ela se aproximou da carruagem Graves.

— Senhorita Graves, não é? — Ela perguntou, sorrindo.

Seu sorriso era tão impressionante que Millie quase caiu para trás. Ela enfeitiçava a todos com sua voz. E ela era a senhorita Graves?

— Ah... Sim?

— Eu sei que é rude me apresentar, mas como vamos ser uma família em breve, eu esperava que vocês não se importassem muito.

Millie não tinha ideia do que a estranha estava falando. Na verdade, mal ouvira qualquer palavra, sua atenção totalmente tomada pelos movimentos dos lábios da mulher. Mas ela tinha certeza de uma coisa: Não importava o que a mulher quisesse, ninguém jamais, jamais se importaria.

— Não, não, claro que não.

— Eu sou a senhora Townsend. E esta bela moça é minha irmã, a senhorita Fitzhugh.

Até que a senhora Townsend apresentou sua companheira, Millie ainda não tinha percebido que havia alguém com ela. De fato havia uma ruiva, alta e esbelta que era muito bonita a sua maneira.

— Muito prazer em conhecê-las, certamente. — disse Millie, ainda apreensiva com a beleza da senhora Townsend.

— Você está noiva do meu irmão gêmeo. — disse a senhorita Fitzhugh, que tinha notado que Millie havia perdido todo o poder de raciocínio.

— Ah, é claro.

Ele tinha irmãs. Millie sabia disso. E agora havia sido sacudida de seu torpor, ela ainda se lembrou de que as irmãs tinham estado no estrangeiro, a senhorita Fitzhugh numa escola, na Suíça, e a incomparável senhora Townsend no Himalaia, num safári com o marido.

— O senhor Townsend e eu retornamos assim que soubemos da morte do lorde anterior. Nós viajamos o mais rápido que pudemos, mas atravessamos o canal só ontem, — explicou a senhora Townsend. — Depois que pegamos a senhorita Fitzhugh em Genebra.

Primeiro Millie havia pensado que a senhora Townsend não tinha idade, como uma deusa, mas depois percebeu que era realmente muito jovem, pouco além dos vinte anos.

— E fico feliz porque nos apressamos, — continuou a senhora Townsend. — Não foi até aportamos que soubemos que a data do casamento já havia sido definida.

O senhor Graves, não querendo perder outro potencial genro para os caprichos da sorte, exigiu que o casamento ocorresse tão logo os acordos

financeiros fossem definidos. Mas lorde Fitzhugh se recusou absolutamente: ele não se casaria enquanto ainda estava na escola. A cerimônia foi, assim, agendada para o dia seguinte após o final do período de verão, um pouco mais de duas semanas.

— Nosso irmão é um jovem bastante cordial – o melhor que existe, — a senhora Townsend continuou. — Mas ele é um homem e, como tal, pode estar atrapalhado por não saber nada do que precisa ser feito em caso de um noivado e um casamento. Além disso, ele não pode preparar nada de Eton. Mas agora que estou de volta, iremos proceder em ritmo acelerado, começando com uma festa no jardim para apresentá-la aos nossos amigos, um jantar para comemorar o noivado, e claro, quando você voltar da lua de mel, um baile em sua honra, um baile no campo, isto é, já que Londres estará vazia até lá.

Millie se imaginou completamente desiludida. Não era verdade, havia uma última barreira de esperança em torno de seu coração: a crença de que pelo menos algum desdém de lorde Fitzhugh não era próprio dele, mas um reflexo da aversão de sua família pelo tipo de casamento que ele devia contratar para manter sua riqueza.

Agora que suas irmãs haviam se mostrado gentis e atenciosas, e a senhora Townsend se oferecia para tirar o peso das costas de Millie de sua apresentação a sociedade, Millie não tinha mais desculpas para dar.

Este casamento iria machucá-la.

Ela não podia fugir. Não podia se esconder. E o casamento seria dentro de duas semanas.

Quando a ideia surgiu, foi totalmente formada como Athena, saltando da testa de Zeus. Millie só queria saber por que não tinha pensado nisso antes.

Ou talvez ela tivesse, em todos os dias e as noites desde que se tornou claro que iria se tornar a esposa de lorde Fitzhugh. Por trás de sua tentativa de não imaginar o pior, talvez estivesse planejando exatamente isso.

A senhora Graves concordou pouco depois que a senhora Townsend anunciou seus planos para a festa, o jantar e o baile. A participação de Millie não era mais necessária, deixando-a livre para examinar e aperfeiçoar o plano dela, fingindo ouvir a discussão.

Na hora do chá, a caminhada até o pavilhão dos jogadores fora muito longa e muito curta.

As apresentações aos amigos de lorde Fitzhugh foram um borrão. Millie

estava grata pela senhora Townsend, em cuja presença os jovens mal conseguiam formar frases coerentes, muito menos lembrar que lorde Fitzhugh não queria se casar com essa garota tímida a quem foram apresentados.

Então, calmamente, ela pediu para ter uma conversa com lorde Fitzhugh. Graças à força magnética da senhora Townsend, tudo que o senhor Fitzhugh tinha que fazer era levar Millie a alguns passos de distância dos ansiosos jogadores de críquete tentando impressionar sua irmã. O barulho da multidão deambulando deu a Millie e ao noivo toda a privacidade que necessitavam.

Ele estava mais magro do que ela se lembrava, cauteloso, seu tom calmo.

— O que posso fazer por você, senhorita Graves?

Era assim que ele sempre falaria com ela, com essa distante amabilidade polida?

— Estive pensando sobre o que você disse outro dia. Você me fez perceber que sim, fui forçada a isso. Não me foi dada qualquer escolha, nunca me disseram que havia outra maneira de justificar minha existência na terra além de ser um canal que uniria o nome Graves a uma linhagem mais nobre e mais antiga. É um objetivo estúpido. Mas tais são as circunstâncias de nossas vidas que devemos seguir nossos caminhos e continuar, ou ambos ficaremos em uma situação muito pior. Com seu antecessor, não havia dúvida de que esperava que eu gerasse um herdeiro o mais breve possível. Mas, devo supor que você não está com muita pressa em se precipitar para a paternidade?

Ele olhou para sua esquerda. Ela não seguiu a direção de seu olhar, mas não tinha nenhuma dúvida de que se o fizesse, iria encontrar a jovem que ele amava.

— Você estaria correta, — ele disse. — Não tenho desejo de procriar tão cedo.

— Nem eu quero ser mãe em um futuro imediato. E talvez nem mesmo no futuro intermediário.

— Então o que você propõe? Um pacto de não procriação? — Havia um humor sombrio em sua voz, mas nenhum em seus olhos.

— Algo um pouco mais abrangente: Uma aliança de liberdade.

Ele inclinou a cabeça, e pela primeira vez, pareceu interessado na conversa.

— O que seria isso?

— Nós dizemos nossos votos e depois, até que chegue à hora do assunto

dos herdeiros, viveremos livres como se nunca tivéssemos casado. Repare que não digo como se você pudesse deixar o título. Não posso ajudá-lo com isso: a menos que você encontre um general que aceite um lorde em suas fileiras, você não terá uma carreira no exército. Mas no resto você deve fazer o que quiser: viajar, curtir seus amigos, conquistar todas as mulheres que o impressione. Ir para a universidade, se é o que você quer. Não haverá uma irritante mulher para reclamar quando você voltar para casa. Sem responsabilidades; sem consequências.

— E você? O que vai fazer?

— O mesmo, exceto pelas diferenças óbvias, claro: há certas coisas que uma moça solteira não faz e eu vou me manter nesse padrão. Por outro lado, gosto de ser dona da minha própria casa. E não terei que me preocupar como conseguirei meu marido em alguns anos.

Ele ficou em silêncio. No domingo à tarde, o seu kit de críquete era brilhantemente branco, sua pessoa sensacionalmente bonita.

— Bem, o que você acha?

— Parece tentador. Nenhuma cobrança?

— Nenhuma.

— Todas as coisas boas chegam ao fim, — parecia como se ele não acreditasse nela inteiramente. — Quando esta aliança expirará?

Ela não tinha pensado num prazo específico, exceto que devia ser longo.

— Que tal cerca de seis anos?

Seis anos eram ultrajantes. Mesmo se ele reduzisse pela metade, ela ainda teria tempo suficiente para voltar atrás novamente.

— Oito. — disse o noivo.

Ele nunca a tocara se tivesse escolha.

Até agora, ela se tornara insensível à humilhação deste casamento, mas seu coração se apertou de dor. Ela endireitou os ombros e ofereceu-lhe a mão trêmula.

— Estamos de acordo, então.

Ele olhou para sua mão estendida. Por um momento, sua impassibilidade fracassou. A expressão dele ficou dura com a rebeldia, mas apenas por um momento. O negócio foi feito, o contrato assinado. Ele não tinha escolha, o que ele queria estava além do alcance.

Quando seus olhos se encontraram novamente, eles estavam bastante inexpressivos; o olhar dos mortos.

— Concorde, — ele disse, sacudindo sua mão. Sua voz era igualmente inexpressiva, uma parede que escondia sua fúria. — Obrigado.

Ela tremia por dentro.

— Não precisa me agradecer: fiz isso por mim mesma.

A verdade, ela nunca falaria.

CAPÍTULO 4

1896

Graças a um tráfego intenso, no momento que Helena e Millie voltaram do chá na casa de Lady Margaret Dearborn, mal houve tempo suficiente para se trocarem antes de saírem para o jantar.

Fitz estava esperando por elas quando desceram as escadas.

— Vocês estão lindas.

Helena não conseguia ver nada imediatamente diferente em seu irmão gêmeo, que devia ter falado com sua Isabelle pela primeira vez em oito anos, mas seu olhar se demorou em sua esposa mais do que o habitual.

— Obrigada, senhor, — disse Millie. — Temos de nos apressar ou chegaremos tarde.

Seu tom era o de uma mulher comum em um casamento comum em um dia comum. Era incrível que Fitz nunca parecesse notar como isso era estranho. Tais respostas perpetuamente neutras eram artificiais, pelo menos para Helena.

A conversa na carruagem a caminho dos Queensberrys foi também, em maior parte comum: a sociedade ainda estava curiosa sobre a fuga de sua irmã Venetia com o Duque de Lexington, as pessoas compravam bens enlatados em quantidades cada vez maiores; Helena chegou a um acordo com a senhorita Evangeline South, cujos encantadores livros ilustrados achava difícil de publicar.

Foi apenas quando entraram na rua dos Queensberrys que Millie perguntou como se fosse um adendo: — E como está a senhora Englewood?

— Ela parece bem feliz por estar de volta, — disse Fitz. E, depois de uma pequena pausa: — Ela me apresentou aos seus filhos.

No final, Helena detectou uma falha na voz dele. Seu peito se contraiu. Lembrou-se de seu desespero entorpecido quando lhes deu a notícia de seu casamento iminente. Lembrou-se das lágrimas escorrendo das bochechas de Venetia e dela própria. Ela se lembrou do quão difícil foi não chorar em público na vez seguinte em que fora até Isabelle.

— Eles devem ser crianças lindas. — murmurou Millie.

Fitz olhou para fora da janela.

— Sim, são. Excepcionalmente belas.

Millie havia programado sua pergunta perfeitamente: nesse preciso momento, a carruagem parou em frente à residência Queensberry e nada mais foi dito de Isabelle Pelham Englewood ou seus filhos quando eles entraram na casa e cumprimentaram os amigos e conhecidos reunidos.

Para tristeza de Helena, o Visconde Hastings também estava presente. Hastings era o melhor amigo de Fitz e aquele que havia informado a família sobre o caso dela, depois de ter enganado Helena com um beijo com o pretexto de manter seu segredo. Sua justificativa atrevida era que ele só prometera esconder a identidade de seu amante, não de manter silêncio sobre o caso em si.

Felizmente, ele não sentara ao seu lado no jantar, ela não teria confiado nos apetrechos que poderiam apunhalá-lo no olho quando estava exposta a sua presença por mais de um quarto de hora de cada vez. Mas depois do jantar, quando os senhores se reuniram às senhoras na sala, ele não esperou muito tempo antes de se aproximar dela.

Ela estava partilhando um sofá com Millie e a senhora Queensberry, que cumprimentaram Hastings com grande cordialidade, então, como conspirando, ambas se levantaram para outras partes do aposento.

Hastings sentou-se e apoiou o braço ao longo da parte de trás do sofá de forma bastante eficaz dando a entender que não queria que ninguém mais se juntasse a eles.

— Você está frustrada, senhorita Fitzhugh, — ele baixou a voz. — A sua cama esteve vazia ultimamente?

Ele sabia muito bem que ela era vigiada mais de perto do que os índices da bolsa de valores. Ela não podia contrabandear um hamster para sua cama, muito menos um homem.

— Você está fraco, Hastings, — disse ela. — Você está deixando as inquietas beldades da Inglaterra insatisfeitas de novo?

Ele sorriu.

— Ah, então você sabe o que é estar naturalmente insatisfeito. Eu esperava um pouco mais de Andrew Martin.

Seu tom foi agudo.

— Tão pouco como você espera de si mesmo, sem dúvida.

Ele suspirou exageradamente.

— Senhorita Fitzhugh, você me menospreza assim quando eu apenas cantei seus louvores.

— Bem, todos nós fazemos o que devemos. — disse ela com doce veneno.

Ele não respondeu, não com palavras, pelo menos.

A grande maioria das vezes, ela o dispensara sem um segundo pensamento. Mas então, ele olhou para ela com aquele sorriso leve nos lábios e uma centena de pensamentos sujos na mente, e ela se encontrou lutando contra algo que chegou perto de ser borboletas no estômago.

Ele remava em Eton e Oxford, e ainda possuía o físico de um poderoso remador. Na noite em que ele a confrontou sobre seu caso, quando permitira que ele a pressionasse contra uma parede e a beijasse, ela sentiu sua potência e sua força muscular claramente.

— Estou à procura de uma editora. — ele disse abruptamente.

Ela teve que ignorar a lembrança de seu beijo a meia-noite.

— Não sabia que você era alfabetizado.

Ele respondeu.

— Minha querida senhorita Fitzhugh, se Byron retornasse para a vida de hoje, ele tomaria um bom chute de seu clube, por ciúmes do meu brilho.

Ela teve um pensamento horrível.

— Por favor, não me diga que você escreve versos.

— Meu Deus, não. Sou um romancista.

Ela deu um suspiro de alívio.

— Não publico ficção.

Ele não se intimidou.

— Então, considere como um livro de memórias.

— Não consigo ver o que você fez na sua vida que valha a pena publicar.

— Não mencionei que é um romance erótico ou memórias eróticas, isso ajuda?

— E você acha que isso é algo adequado para eu publicar?

— Por que não? Você precisa de livros que vendam, para subsidiar histórias do senhor Martin.

— Isso não significa que estou disposta a carimbar o nome da minha empresa em pornografia.

Ele se inclinou para trás, um olhar de consternação falso em seu rosto.

— Minha querida senhorita Fitzhugh, tudo o que você desperta não é pornografia.

Algo quente a percorreu. Ira, sim, mas talvez não totalmente. Ela se inclinou em direção a ele, certificando-se de que se posicionava de forma suficiente para proporcionar uma linha de visão direta do seu decote, e sussurrou: — Você está errado, Hastings. É só a pornografia que me desperta.

Quando seus olhos se arregalaram de surpresa, ela se levantou, roçando as laterais das saias de seu vestido e deixou-o no sofá sozinho.

— Posso ter um minuto do seu tempo? — Perguntou Fitz.

Helena tinha ido para o quarto no momento em que haviam retornado. A esposa de Fitz, depois de falar com sua governanta, também começou a subir as escadas.

Ela se virou.

— Certamente, milorde.

Ele gostava de seu tom ligeiramente malicioso. Quando se casaram, ele pensou que ela era tão suave como água, enquanto que Isabelle havia sido mais intoxicante do que o melhor uísque. Mas ele já chegara a perceber que sua esposa possuía um humor seco, uma mente rápida, e uma visão irônica do mundo.

— Você acha que isso já ocorreu a Hastings, — ela perguntou, quando desceu os degraus. — Que o cínico sarcasmo pode não ser a melhor maneira de cortejar a nossa Helena?

Pérolas e diamantes brilhavam em seu cabelo: sua condessa não era totalmente avessa a um pouco de glamour à noite.

— Ouso dizer que lhe ocorre diariamente, mas ele é muito orgulhoso para alterar a sua forma de aproximação.

Ela mantinha um lugar na casa para ela na sala de estar em cima. Mas, quando eles recebiam para discutir sobre assuntos de negócios, ou quando tinham algo para discutir, sempre usavam o estúdio dele.

Ela se sentou em sua cadeira habitual no lado oposto da mesa e abriu o leque, uma confecção de renda preta sobre talos de casca de tartaruga. Seu gosto pelo adorno pessoal, por vezes, surpreendia-o; o objeto em movimento era mais do que um pouco sedutor. Mas ele não podia culpá-la por animar seu guarda-roupa normalmente puritano com um acessório inesperado, ou dois.

Ela correu um dedo enluvado através dos talos.

— Você quer falar comigo sobre a senhora Englewood?

É claro que ela podia imaginar.

— Sim.

Será que seu leque tremeu? Ele não podia dizer, porque ela o fechou em um movimento nítido e o colocou em seu colo.

— Então, você pretende restabelecer laços antigos?

Ele devia ter sido bastante transparente.

— Nós gostaríamos.

Ela inclinou o rosto para ele e sorriu levemente.

— Estou feliz por você. Foi terrível que os dois permanecessem separados por tanto tempo.

— Sobre o nosso pacto... — Ele começou.

— Não se preocupe com isso. A última coisa que quero é ficar entre você e a senhora Englewood.

— Você entendeu mal o que eu estava prestes a dizer: não estou embarcando em um caso com a senhora Englewood, não apenas um caso, na verdade. Será uma relação permanente e tenho a intenção de ser seu companheiro fiel.

— Não entendi nada errado, — ela disse calmamente. — Eu não esperava menos de você. E desejo aos dois tudo de melhor.

Algo em seu simpático assentimento o fez querer abraçá-la. Ela raramente parecia solitária, mas agora parecia.

— Antes que a senhora Englewood e eu comecemos o nosso arranjo, pretendo honrar o nosso pacto.

O leque deslizou de seus dedos e caiu no chão com um baque firme.

— O que você quer dizer com honrar o pacto antes?

Ele pegou o leque e entregou-o de volta para ela.

— Seria um abandono do dever de minha parte. Também não seria justo para você e sua família que eu aceite esta grande fortuna sem nem mesmo tentar dar-lhe um filho para herdar o título.

Seu entusiasmo habitual parecia tê-la abandonado.

— Você quer me dar um filho. — ela repetiu lentamente.

— É justo.

— Mas não sei quanto tempo levaria para eu gerar um herdeiro. Você pode ter que esperar por um período de tempo indefinido, — ela se levantou. Sua voz se elevou duas oitavas. — E se eu for estéril? E se sou uma dessas mulheres que apenas geram filhas? E se...

Ela parou no meio da frase como se percebesse que estava reagindo de

uma forma muito incomum. Ele estava paralisado: ele não a tinha visto mostrar tal emoção desde a lua de mel e, então, tinha sido porque ele estava em perigo de arruinar a própria saúde física e mental.

Ela engoliu em seco.

— Minha avaliação da questão difere da sua, — sua voz mais uma vez estava modulada, sob controle. — Entendo perfeitamente que seu arranjo é para ser duradouro e eu o aplaudo. E acho que depois de todos os anos que se passaram, você não deve perder mais tempo.

Uma percepção espantosa caiu sobre ele: ela não queria que ele a tocasse. Mesmo com seu casamento transformado em amizade e carinho, a ideia de dormir com ele ainda a incomodava tanto quanto na ocasião em que ela havia proposto o acordo pela primeira vez.

— Não será por muito tempo, — ele disse. — Seis meses. Não importa se você engravide ou não, e não importa se a criança será um menino ou uma garota: seis meses e o resto será a vontade de Deus.

— Seis meses. — ela repetiu baixinho, como se ele tivesse dito sessenta anos na Sibéria.

Em um determinado dia, ele poderia recitar sua agenda a cada minuto. No entanto, o seu coração era como um jardim murado, invisível, com uma entrada não permitida.

— Eu sei a verdadeira razão pela qual você prefere que nosso pacto nunca aconteça, — ele ouviu-se dizer. — Você queria adiar a alguns meses, antes mesmo de saber dos planos da senhora Englewood para voltar.

Ela olhou para ele, como se tivesse medo do que ele estava prestes a dizer.

— Você não o menciona, mas eu não me esqueci. Havia alguém que você teve que desistir para se casar comigo.

Ela deu uma risada levemente estranha.

— Ah, ele.

Ele diminuiu a distância entre eles. Ela nunca usava perfume, mas seu sabonete cheirava a lavanda da propriedade deles, juntamente com uma pitada de algo mais suave, mais doce. Então, quando combinado com o calor do seu corpo, o cheiro austero da lavanda tornava-se sutil. Interessante. Envolvente mesmo.

Ele colocou uma mão em seu ombro. Ela tremeu quase imperceptivelmente em seu toque, ele esperava que fosse de surpresa e não repulsa.

— Millie, acho que posso chamar com segurança você de Millie, não?

Ela assentiu com a cabeça.

— Nós somos amigos, Millie, bons amigos, além disso. Nós vamos passar por isso juntos. E quando estiver tudo dito e feito, não serei o único livre para perseguir sonhos antigos. Você será capaz de ir atrás dos seus com todos os meus melhores desejos.

Ela desviou o olhar.

— É difícil saber o que dizer.

— Diga que sim, então.

— Você não vai... Você não vai exigir que comecemos esta noite, vai?

Seu pulso acelerou. Claro que não, mas o próprio pensamento o fez arder completamente.

Então, ele percebeu por que ela pensou que era capaz de tal demanda, abrupta indelicadeza: seus dedos não tinham se contentado em permanecer em um lugar, mas percorriam a coluna de seu pescoço para explorar o lugar suave logo abaixo da orelha.

Um movimento que poderia ser chamado de carícia.

Ele rapidamente retirou a mão.

— Não, não esta noite.

— Quando, então? — Sua voz era quase inaudível.

Ele olhou onde sua mão tinha estado no suave ombro nu, seu pescoço esbelto, o lóbulo da orelha delicada.

— Uma semana a partir de hoje.

Ela não disse nada.

— Ouça-me, tudo ficará bem. E, quem sabe? Você pode engravidar de imediato.

Ela desviou o rosto, mas mesmo a partir deste ângulo oblíquo, para ele, que tinha estudado a gradação sutil de sua expressão por anos, era fácil ver que estava tentando não fazer uma careta.

Ele estava hesitante em tocá-la novamente tão cedo, mas era impensável que ele não pudesse consolá-la.

— Vai dar tudo certo, — ele disse, puxando-a em um abraço relaxado. — Eu prometo.

Daria tudo certo para ele, não para ela.

Ele não podia entender o que estava pedindo a ela? Para se tornar sua amante, sabendo que seria posta de lado em uma data específica, sabendo

que, mesmo que ele se deitasse com ela, seu coração e sua mente já estavam contemplando seu futuro feliz com a senhora Englewood?

Diga a ele. Não é culpa de ninguém, mas sua, se você não contar a ele.

Ele beijou seu cabelo.

Pare. Não me toque.

Mas ela amava os raros acontecimentos de contato físico. Quando ele se erguia e girava em torno dela, quando ele dançava quatro valsas seguidas com ela, quando ele passava o braço em torno do ombro dela sobre o dirigível. E, claro, naquela noite, na Itália. Essas eram as lembranças que saboreava uma e outra vez, cada detalhe polido com um alto brilho, cada sensação saboreada ao máximo.

Mesmo agora, seu corpo ansiava por estar mais perto dele. Ela queria pressionar o nariz em sua pele e inalar faminta, ele sempre cheirava como se tivesse acabado de fazer uma caminhada através de um prado ensolarado. Queria esfregar a palma da mão contra sua mandíbula a sentir o início da barba. Queria deslizar as mãos por baixo de sua camisa e conhecer cada forma e textura com a dedicação feroz que uma vez se propôs a dominar os Grandes Études[8].

Não há mais ninguém. Eu te amo. Eu amei só você. Pelo amor de Deus, não me faça fazer isso.

Ele beijou-a na orelha, os lábios fechados, beijinho casto. Desejo a queimou completamente. Ela estava queimada no chão, reduzida a escombros.

— Isso vai acabar logo, — ele murmurou. — Terminará antes de saber.

E para o resto de sua vida, ela seria apenas uma alucinação tardia na felicidade dele e da radiante senhora Englewood.

Eu não posso. Não posso. Deixe-me em paz.

— Serei o amante mais atencioso. Prometo.

Um pequeno soluço escapou apesar de seus melhores esforços em contrário.

Ele a abraçou com mais força. Ela mal podia respirar. Ela queria que ele nunca a deixasse ir.

— Tudo bem, — disse ela. — Seis meses, daqui a uma semana a partir de hoje.

— Obrigado. — ele sussurrou.

Foi o início do fim.

Ou talvez, fosse apenas o fim de algo que nunca deveria ter começado.

CAPÍTULO 5

A lua de mel

1888

Havia um gigante na cabeça de Fitz, incansavelmente empunhando uma marreta do tamanho do Monte Olimpo. Ele se contraiu no chão duro e frio contra seu corpo dolorido.

— Levante-se, — gritou o gigante, o seu berro como um prego conduzido através do crânio de Fitz. — Pelo amor de Deus, levante-se!

Não era o gigante que gritava, mas Hastings. Fitz queria dizer-lhe para se calar e deixá-lo sozinho, se ele pudesse se levantar não estaria no chão como um bêbado comum. Mas sua garganta parecia revestida de areia e cascalho; ele não poderia emitir uma única palavra.

Hastings praguejou e agarrou Fitz pela parte de trás de sua camisa. Eles eram de uma altura semelhante, mas Hastings era mais musculoso. Ele arrastou Fitz ao longo do chão, o movimento fazendo o estômago de Fitz enjoar e sua cabeça doer, como se estivesse sendo golpeado contra uma parede.

— Pare. Porra, pare.

Hastings não se importou. Ele puxou Fitz em algo semelhante a uma posição vertical, em seguida, mergulhou-o completamente vestido, em uma banheira cheia de água quente.

— Jesus!

— Fique limpo, fique sóbrio, — rosnou Hastings. — Não posso manter o Coronel Clements esperando por tanto tempo.

O Coronel Clements podia se foder.

Então Fitz se lembrou, quando a marreta desceu de novo, que era o dia do seu casamento. O tempo não parou para ninguém, muito menos para um jovem que só queria manter o que tinha.

Finalmente, passou a mão molhada sobre o rosto e abriu os olhos. Ele estava em um banheiro com papel marrom desbotado, cortinas verdes sujas e desgrenhadas, e uma moldura quebrada que estava faltando o espelho dentro.

Sua casa da cidade, ele percebeu, encolhendo-se.

Hastings não tinha simpatia por ele.

— Apresse-se!

— O Coronel Clements, — ele prendeu a respiração. Era como se alguém tivesse enfiado um garfo no seu olho direito. — Ele não vai estar aqui até às dez e meia.

O casamento era às onze e meia.

— São dez e quarenta e cinco, — Hastings disse severamente. — Estamos tentando prepará-lo desde as últimas duas horas. O primeiro laçao não pôde fazer você se mexer. O segundo você jogou da sala. Eu trouxe seu fraque e você teve que expelir o jantar mal digerido sobre ele.

— Você está brincando. — ele não recordava de nada.

— Gostaria de estar. Isso foi há uma hora. O seu fraque está arruinado, você vai precisar usar o meu. E se arruinar o meu, juro que mandarei meus cães para você.

Fitz pressionava os dedos úmidos em sua têmpora. Era uma coisa bastante errada a fazer: arames farpados de agonia arrastavam através de seu cérebro. Ele sibilou de dor.

— Por que você me deixou ficar tão bêbado?

— Tentei impedilo, e você quase quebrou o meu nariz.

— O que você está falando?

— Do seu comportamento na última noite, lorde Fitzhugh. Uma das meninas contratadas fugiu, por sinal, gritando que não poderia praticar os atos não naturais que queria dela.

Fitz teria rido se pudesse. Vinte e quatro horas atrás, ele era virgem, e ainda devia ser por tudo que sabia.

— Isso é impossível. — ele murmurou fracamente.

— Foi o que aconteceu, — disse Hastings, sua expressão era uma mistura de impaciência, tristeza e angústia. — Chega, você precisa se recompor. A carruagem sai às onze; deveríamos ter alcançado a igreja às onze.

Fitz cobriu os olhos.

— Por que isso está acontecendo comigo?

— Eu não sei. Eu não sei, — a voz de Hastings o pegou. Sua mão apertou sobre o ombro forte de Fitz. — O que posso fazer?

O que ele poderia fazer? O que alguém poderia fazer?

— Basta me deixar em paz por agora.

— Tudo bem. Você tem dez minutos.

Dez minutos.

Fitz enterrou o rosto em suas mãos. Como poderia se recompor quando toda a sua vida perdera o sentido? Não em dez minutos, com certeza. Nem em cento e dez anos.

Milagrosamente, o grupo do noivo chegou antes do grupo da noiva, mas apenas por meros segundos. Hastings tentou fazer Fitz correr para a igreja para que ele não fosse visto ainda fora quando a carruagem da noiva apareceu. Mas Fitz não poderia ter se quebrado correndo quando alguém segurava uma faca em suas costas.

Ele afastou a mão de Hastings.

— Eu estou aqui. O que mais eles querem?

A igreja ficava apenas a dez minutos de coche de sua casa da cidade. Ele deveria estar na igreja há pelo menos uma hora, arrefecendo seus calcanhares na sacristia até que chegasse a hora de estar diante do altar.

E ele teria estado, Deus, teria estado, se ele se casasse com Isabelle. Ele teria levantado com o sol e se preparado antes de qualquer um dos convidados. Ele teria sido o único a bater as suas portas para se certificar que se levantassem a tempo e se vestido adequadamente. E se tivesse havido mulheres soltas em sua despedida de solteiro, ele as teria deixado para seus colegas de classe, pois não queria manchar seu corpo na noite anterior ao seu casamento.

Mas ali estava ele, manchado, mal preparado, atrasado, e tudo isso era mais do que suficiente para a cerimônia que selaria a venda de seu nome e, eventualmente, sua pessoa.

Um sol brilhante e implacável fez sua cabeça doer mais forte. O ar em Londres estava quase perpetuamente sujo, por vezes, podia-se sentir a areia. Mas todas as chuvas torrenciais de seu tedioso final de semana de liberdade tinham lavado isto, limpando-o. O céu estava todo coberto de azul, sem nuvens, estupidamente lindo, perfeito para qualquer casamento, exceto o dele.

Quilômetros de organza branca tinham sido pregados no interior da igreja. Milhares de lírios do vale também, o seu cheiro intenso como incenso. Seu estômago ainda frágil, se agitou.

Os bancos estavam lotados. Enquanto ele começava a descer o corredor, um mar de rostos se virou para ele, acompanhado de um rugido de sussurros

e comentários, sem dúvida, sobre seu atraso quase imperdoável.

No entanto, enquanto ele progredia em direção ao altar, fileira a fileira, eles ficaram em silêncio. O que viram em seu rosto? Repulsa? Pesar? Miséria?

Não conseguia ver nada à sua frente.

Então, tudo o que ele podia ver era Isabelle levantando-se de seu assento da igreja e voltando-se para ele.

Ele parou e olhou. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, as bochechas aguçadas, sua pele pálida como gelo e ela estava linda além da conta.

Ela olhou de volta para ele. Seus lábios se separaram e formaram as palavras: Fuja comigo.

Por que não? Deixe à podridão Henley Park. Deixe seus irritados credores. E deixe os Graves encontrar algum par para sua filha. Esta era a sua vida. E ele viveria como quisesse.

Tudo o que ele tinha que fazer era estender a mão. Eles encontrariam seu próprio lugar e forjariam o seu próprio destino, pegariam a vida pelos chifres e lutariam até o fim.

Ele ergueu a mão um centímetro, depois outro. Esqueça a honra, esqueça o dever, esqueça tudo o que ele tinha sido educado para ser. Tudo o que precisava era de amor.

O amor faria dela um pária. Ela perderia sua família, seus amigos e todas as suas perspectivas. E se algo acontecesse com eles antes da maioridade, ele prejudicaria a vida dela.

Ele baixou a mão.

Hastings agarrou seu braço. Ele se livrou. Ele era o homem que havia sido educado para ser. Ele não precisava de ninguém para levá-lo ao altar.

Com seus olhos ainda presos em Isabelle, ele murmurou: eu te amo.

Então, com a cabeça erguida, marchou o resto do caminho para sua desgraça.

Nenhuma vez Millie olhou para o noivo durante a cerimônia de casamento.

Em momentos apropriados, ela virava o rosto em direção a ele, mas por trás do véu, ela olhava apenas para a bainha de seu vestido loucamente extravagante – as contas tão pesadas quanto seu coração. E quando ele levantou o véu para beijá-la castamente no rosto, ela se concentrou em seu colete cinza misturado com uma sutil estampa xadrez.

Agora eles eram marido e mulher, e seriam por quanto tempo ambos

respirassem.

A congregação se levantou quando eles começaram a caminhada em direção à porta da igreja. Nenhum dos amigos do noivo estendeu uma mão de congratulações para ele. Ninguém sequer sorriu para o novo casal. Um grupo de senhoras com as cabeças inclinadas e juntas, sussurravam e apontavam.

De repente, Millie viu a senhorita Isabelle Pelham, pálida, derrotada, mas ao mesmo tempo quase majestosa em seu orgulho e quietude. Com uma lentidão infinita e clara, uma lágrima rolou pelo seu rosto.

O choque fustigou Millie. Tal exibição pública de emoção era estranha para ela, quase devassa.

Ela não pode se conter: olhou para lorde Fitzhugh. Ele não derramou nenhuma lágrima. Mas em todo o resto, sua tez pálida, os olhos escurecidos, seu desespero de um soldado que tinha perdido a guerra, ele e senhorita Pelham eram companheiros perfeitos, sua beleza só ressaltava mais sua angústia.

Não importava que Millie nada tivesse a dizer sobre o assunto, não importava que as garras do diabo estivessem em seu coração. Ela leu o veredicto sobre os rostos dos convidados: ela era a usurpadora ali. Os Graves, com a sua vulgar fortuna e sua ambição ainda mais vulgar, havia separado um par perfeito, amantes apaixonados, e destruído qualquer possibilidade de felicidade que tivessem na vida.

Ela não precisava de culpa, além de sua miséria. Mas a culpa, igualmente, se cravava duramente em sua alma.

A senhora Graves participou da toailete de Millie, levantando o pesado vestido de casamento e colocando-o de lado. Millie não se sentia mais leve, o peso em seu coração não podia ser aliviado.

Seu corpo se movia obedientemente, empurrando os braços através das mangas de uma blusa branca, entrando em uma desfavorável saia azul marinho de lã. A senhora Graves estendeu o casaco combinando, vestindo-o também.

— Você deveria ter um jardim, minha querida, — disse sua mãe enquanto abria a tiara de flores de laranjeira do cabelo Millie. — Um jardim e um banco.

Para quê? Um lugar mais bonito no qual reviver a ignomínia do seu casamento? O café da manhã do casamento marcado pela ausência conspícua da senhorita Pelham, tinha sido melhor. E agora, em vez de mudar para suas

roupas de viagem em sua nova casa, ela estava de volta à residência Graves porque o marido alegou que sua casa da cidade estava muito dilapidada para sediar uma jovem senhora refinada como ela.

— Um jardim torna tudo melhor, — disse a senhora Graves suavemente. — E vai mantê-la ocupada quando você precisar de algo para fazer. Você será feliz com isso, Millie.

Millie manteve sua cabeça baixa. Iria um jardim fazê-la esquecer de que seu marido amava outra? Ou que ela havia se apaixonado pelo último homem que não a amaria em troca?

A senhora Graves havia defendido uma lua de mel em Roma, mas lorde Fitzhugh, no jantar de noivado dado por sua irmã, pediu: — Os pântanos em torno de Roma não são um perigo de malária no verão? — O Lake District, onde nunca havia o risco de malária, foi escolhido em seu lugar.

Millie encontrou seu marido na estação ferroviária. Ele estava quieto, impassível, mas infalivelmente afável. Com um último abraço de sua mãe, foi confiada aos cuidados de um rapaz que ainda não tinha atingido a própria maioridade.

A viagem de trem ocupou a maior parte do resto do dia. Millie levou dois livros para ler. O lorde olhou para fora da janela. Ela virou as páginas cuidadosamente a cada três minutos, mas no final, não poderia ter dito se tinha lido uma crônica das guerras napoleônicas ou um manual de limpeza.

Eles chegaram ao seu destino no final da noite.

— Lady Fitzhugh jantará em seu quarto. — Lorde Fitzhugh instruiu o dono da pousada.

Era o que Millie teria pedido: uma refeição rápida em total privacidade. Mas ela percebeu que ele não tinha feito o pedido por consideração a sua fadiga, mas apenas para tirá-la de seu caminho.

— E você, milorde? — Perguntou o dono da pousada.

— O mesmo, e uma garrafa do seu melhor uísque.

Ela olhou atentamente para ele, para sua palidez mortal, teria sido o resultado de beber muito? Ele olhou para ela sem rodeios. Ela desviou o olhar depressa.

Ela mal tocou na ceia. Tocou a campainha para a bandeja ser levada e se despiu — ela tinha dado férias a sua donzela coincidindo com a duração da estada em Lake District — para não vazar a verdade sobre a lua de mel.

Em sua camisola, ela sentou-se diante da penteadeira para escovar os

cabelos. Seu rosto no espelho olhava com tristeza para ela. Não que fosse feia: com o vestido certo e o penteado certo, passaria por bonita. Mas era uma beleza sem graça, sem nada de interessante. Alguns conhecidos de sua mãe esqueciam que eles já a conheciam, mesmo dentro da família, as tias mais idosas, rotineiramente a confundiam com suas várias primas.

Ela também não possuía o tipo de personalidade forte que poderia animar as feições de outra forma notável, e torná-las atraentes. Não, ela era uma calma, sensata, independente garota que preferia morrer a derramar lágrimas em público. Como poderia competir com as paixões atrativas da senhorita Pelham?

Ela apagou as luzes do quarto. Com a escuridão veio um silêncio profundo. Ela ouvia os sons do quarto de lorde Fitzhugh, mas nada conseguiu detectar, sem passos, sem ranger da cama, nem garrafa de uísque movendo-se rápida em toda a superfície de uma mesa.

Sua janela dava vistas para o jardim da pousada, camas e porção de sombras na noite. Um fósforo queimado, iluminando um homem de pé contra um relógio de sol: lorde Fitzhugh. Ele acendeu um cigarro e jogou o fósforo para o lado. Ela não percebeu, até que alguns minutos mais tarde, quando a lua saiu de trás das nuvens, que ele não tinha estado fumando, mas apenas segurando o cigarro solto, entre o indicador e o dedo médio de sua mão direita.

Quando o cigarro tinha se transformado em cinzas, ele acendeu outro.

E que, também, queimava-se por si só.

Ela ficou acordada por um longo tempo. Quando finalmente caiu em um sono perturbado, parecia que tinha dormido por apenas um minuto, se revirando direto na cama. Um silêncio sepulcral a cumprimentou. Mas ela poderia jurar que tinha sido surpreendida por um estrondo.

Isto aconteceu de novo, um barulho terrível de vidro sobre vidro.

Ela arrastou-se para fora da cama, vestiu o roupão e abriu a porta de ligação. Na penumbra, cacos de porcelana e restos de comida estavam espalhados por todo o chão. O espelho na parede tinha rachado horivelmente como se Medusa tivesse estado ali antes. Uma garrafa de uísque, agora em pedaços, deitava debaixo da moldura do espelho.

Lorde Fitzhugh estava no meio dos destroços, de costas para ela, ainda em suas roupas de viagem.

— Volte para a cama. — ele ordenou, antes que ela pudesse dizer qualquer

coisa.

Ela mordeu o lábio e fez o que ele pediu.

Na parte da manhã, a porta estava trancada do lado dele. Ela tentou a porta que dava para a passagem, e que também estava trancada. Ela tomou o seu café da manhã, em seguida, passou algumas intermitentes duas horas sentadas no jardim, fingindo ler.

Eventualmente sua janela abria. Ela não podia vê-lo. Depois de alguns minutos, a janela era fechada novamente.

Para sua surpresa, ele apareceu quando ela estava na metade de seu almoço.

Ele parecia horrível, amarrotado e com a barba por fazer. Infelizmente, ela percebeu que, tão doente como ele parecia no casamento, ele ou alguém mais, provavelmente, fizera algum esforço para torná-lo apresentável. Nada de tal esforço foi feito hoje.

— Milorde. — disse ela, e não sabia mais o que dizer.

— Milady, — ele disse, sentando-se na frente dela, com o rosto totalmente inexpressivo. — Você não precisa se preocupar com o estado do meu quarto. Eu já resolvi com o dono da pousada.

— Entendo.

Ela estava contente por ele ter resolvido esta questão, ela teria achado a ocasião muito humilhante. O que dizer? *Estou terrivelmente triste, mas parece que meu marido destruiu parte de sua propriedade?*

— Também estou disposto a mudar para um estabelecimento a vinte milhas ao norte, onde terei mais privacidade.

Ele teria mais privacidade. E ela?

— Serei uma companhia execrável, — continuou ele, com o olhar focado em algum lugar atrás dela. — Tenho certeza que você vai se divertir mais aqui.

Um dia de casado e ele já não podia esperar para se livrar dela.

— Eu vou com você.

— Você não precisa fazer essas coisas de esposa. Nós temos um acordo em vigor.

— Não estou fazendo nada de esposa, — disse ela, achando que era necessário um grande esforço para manter a voz baixa e uniforme. — Se eu ficar aqui, depois que meu marido demoliu seu quarto e saiu, ousou dizer que não suportarei a piedade e a curiosidade dos donos da pousada e do serventes.

Ele olhou para ela por um minuto, seus outrora belos olhos azuis totalmente vermelhos.

— Então, faça como quiser. Parto em meia hora.

O lugar a vinte milhas ao norte era lindo. Eles estavam no meio de uma íngreme encosta densamente arborizada com vista para um brilhante lago espelhado. As cores das montanhas mudavam constantemente, cinza e enevoadado de manhã, um brilhante azul esverdeado ao meio-dia, quase violeta ao pôr do sol.

Mas isto não era um estabelecimento. Millie esperava algum tipo de propriedade rural. Ou, na sua falta, um pavilhão de caça. O que ela encontrou era um chalé pouco maior do que um casebre e apenas a dois pequenos passos do primitivismo.

A aldeia mais próxima era a seis quilômetros de distância. Eles não tinham carruagens, não havia serventes, e nem cozinha. O conde esperava que eles sobrevivessem de pão, manteiga, carne em conserva, e frutas que eram entregues a cada três dias. Ou melhor, ele esperava que ela vivesse daquilo. Ele próprio só precisava de uísque, que chegava em caixotes.

Toda noite ele se retirava com várias garrafas. Toda noite ele quebrava algo em sua sala: pratos na parede, o lavatório, a mesa de carvalho maciço. Ela se encolhia na cama durante suas explosões de violência. Mesmo que ele nunca dissesse uma palavra dura para ela, ou mesmo sequer olhasse para ela, cada acidente a despedaçava.

Às vezes, ela deixava sua cama, vestia o casaco mais pesado e saía tão longe quanto ousava no escuro breu para olhar as estrelas. Para lembrar a si mesma que era apenas uma partícula de grão de poeira neste vasto universo, e sua mágoa insignificante. Então, ele iria destruir alguma outra coisa, rompendo o silêncio da noite, e seu universo inteiro voltaria a encolher a um ponto singular de desespero.

Ele dormia durante o dia. Ela caminhava por horas nas colinas não retornando até que estivesse exausta. Ela sentia saudades da mãe, do seu tipo sábio e inabalável amor de mãe. Ela perdeu a paz e a tranquilidade de sua antiga casa onde ninguém bebia até o estupro dia após dia. Ela até perdeu as persistentes práticas de piano, ela nada tinha para ver, nenhuma meta a atingir, sem padrão de excelência a que pudesse aspirar.

Ela raramente o via. Um dia, depois do lavatório do quarto dele ter ido para o caixote do lixo em frangalhos, ela o encontrou tomando banho no

córrego atrás da casa, despido da cintura para cima. Ele tinha perdido uma quantidade chocante de peso, seu torso inteiro, pele sobre o esqueleto.

Outra vez, ele sussurrou enquanto acendia a lamparina de óleo na sala. Ele estava deitado no longo sofá, seu braço jogado sobre o rosto. Ela extinguiu a lamparina com um pedido de desculpas e saiu para o seu quarto. No caminho, passou pelo dele: o guarda-roupa havia sido revirado, a cadeira era lenha agora, e afiados cacos de garrafas, Deus sabia, de quantos uísques.

Ela não conseguia respirar. A infelicidade dele era tudo sobre ela, uma maré escura, cheia de ressacas de raiva. Ela o odiava então: nada e nem ninguém nunca haviam feito ela se sentir tão mal, como se toda a sua existência só servisse para destroçar almas gêmeas e transformar jovens perfeitamente promissores em sombras destrutivas do que costumavam ser.

Ao mesmo tempo, seu coração se partiu em mil pedaços por ele.

O isolamento do chalé, sem dúvida excelente para manter privada as dores particulares, eram inúteis a respeito de cada um. Lorde Fitzhugh não tinha deveres a cumprir, sem obrigações que o obrigassem a aderir a uma agenda adequada, e sem amigos ou família diante de quem ele precisasse manter uma aparência de sobriedade e normalidade.

Não havia nada para esmagar em seu quarto; sua cama fora destruída na semana anterior, ele agora dormia em um estrado no chão. Millie temia que ele partisse para a sala de estar. Em vez disso, ele mergulhou em uma profunda letargia. O uísque, a princípio apenas um amigo noturno, agora era sua companhia constante.

Millie era inexperiente em tais aspectos mais sombrios da vida. Mas não tinha dúvida de que ele estava deslizando mais e mais rápido por um caminho perigoso. Ele precisava de ajuda, precisamente e logo. No entanto, quando se sentou para escrever um apelo, não tinha ideia a quem endereçar a carta.

A senhora Townsend poderia convencer seu irmão a parar de beber? O Coronel Clements poderia? Certamente ninguém da família Graves poderia ser de alguma ajuda. E mesmo se fosse para Millie engolir o que restava de seu orgulho e pedir ajuda à senhorita Pelham, a família da senhorita Pelham permitiria que ela se envolvesse novamente nos assuntos do conde?

Recordava-se dos conselhos pragmáticos da senhora Graves, Millie havia sido preparada para lidar com um marido ausente, criados desdenhosos, e uma sociedade desconfiada de que outra herdeira violasse suas defesas. Ninguém, no entanto, nunca havia pensado em ensiná-la o que fazer quando

seu marido estava determinado a enfiar sua juventude e vitalidade pelo gargalo de uma garrafa de uísque e jogar tudo fora.

Ela abandonou sua carta e pegou o chapéu. As nuvens cheias que cobriam o céu prometiam chuva, mas ela não se importou. Tinha que sair do chalé. E se voltasse como um rato afogado e desenvolvesse uma pneumonia e morresse antes do fim do mês, bem, tanto melhor para...

Ela parou.

Seu marido, que não tinha estado fora em dias, estava sentado nos degraus da frente do chalé, olhando para o cano de uma espingarda.

— O que... O que você está fazendo? — Ouviu-se perguntar, sua voz alta e esganiçada.

— Nada. — ele disse, sem se virar, mesmo quando sua mão acariciou o tambor.

Lentamente, sem se atrever a fazer um som, ela entrou no chalé. E lá, pela primeira vez em sua vida, agarrou seu coração. Sua garganta fechou, sua cabeça girava.

Ele estava pensando em suicídio.

Fitz tinha perdido a noção do tempo e não se importava com mais nada. O passado era infinitamente preferível ao presente, ou ao futuro. E era melhor ainda quando o limite da realidade e da fantasia era nebuloso.

Ele não estava mais perto de Lake District, mas na casa dos Pelham, envolvido em uma conversa animada com Isabelle enquanto sua mãe bordava no final da sala.

Ela era tão atraente, Isabelle, e tão envolvente. Seus olhos brilhavam como estrelas, e sua beleza cativava na manhã, brilhante e gloriosa, cheia de calor e entusiasmo. E quando ele olhava para ela seu coração ficava leve, alegre, subindo para o céu como um balão.

— Preciso falar com você, lorde Fitzhugh. — ela disse.

Lorde Fitzhugh? Lorde Fitzhugh era seu primo em terceiro grau, duplamente distante.

— O que é?

— Você não pode continuar assim.

— Por que não? — Ele estava desnorteado. Era exatamente como gostaria de continuar, um homem jovem e despreocupado com a garota que ele amava ao seu lado.

— Se você não pensar em si mesmo, então, por favor, pense em sua família. Suas irmãs ficarão devastadas.

Ele abriu os olhos. Estranho, ele mantinha uma conversa com os olhos fechados o tempo todo? E quando a sala se tornara tão escura, tão cheia de sombras e trevas?

Ele estava deitado. E ela, por cima dele, estava tão perto e ao alcance de sua mão. Ele levantou o braço e tocou seu rosto. Ela estremeceu. Sua pele era mais suave do que a memória da primavera. Ele a havia perdido. Era ela. Era sempre, sempre ela.

Muito delicadamente, para não assustá-la, ele a puxou para baixo e beijou-a. Deus, ela tinha um gosto tão doce, como água nascente na fonte. Ele deslizou seus dedos em seu cabelo e beijou-a novamente.

Foi quando ele desfez o botão de cima do vestido que ela começou a se debater.

— Shh. Shh. Está tudo bem, — ele murmurou. — Eu vou cuidar de você.

— Você está delirando, lorde Fitzhugh! Não sou a senhorita Pelham. Sou sua mulher. Por gentileza, me solte.

Choque cravou nele. Ele se mexeu se erguendo. Cristo, sua cabeça.

— O que... Por que você está falando comigo no escuro?

— A última vez que acendi uma lamparina seus olhos doeram.

— Bem, acenda uma agora.

A luz veio, ardendo-lhe os olhos, mas ele precisava do formigamento, da sensação de queimação. Sua esposa havia fugido para um canto da sala. Como diabos ele a tinha confundido com Isabelle? Elas não poderiam ser mais diferentes, na altura, fisicamente, na voz; em todos os aspectos.

— Talvez seja hora de repensar; está tão embriagado que confunde sua esposa com sua amada. — disse ela friamente.

Ele se deitou novamente. A luz da lamparina piscou em círculos diminuindo o brilho no teto.

— Isso me ajuda a esquecer.

— Como pode ajudar se você tem que se lembrar de tudo no dia seguinte?

Claro que não era bom. A bebida era uma fraqueza, seu pai nunca teria tolerado tal demonstração de covardia. Mas, novamente, seu pai, aos dezenove anos tinha tudo para viver. O resto da vida de Fitz esticava-se interminável e estéril diante dele. Só a dor era uma certeza: seus colegas de Eton iriam receber suas comissões como oficiais; Isabelle iria se casar com

outro homem e teria seus filhos.

O que ele tinha para olhar para frente? Reparos no telhado em Henley Park? Um conhecimento íntimo da preservação da sardinha? Lady Fitzhugh, com o rosto apropriadamente desaprovativo, sentada na mesa dele em dez mil desjejuns?

— Sobriedade contínua é pouco atraente. — ele disse.

Às vezes, ele ficava surpreso que pudesse suportar até mesmo uma hora dela.

— Você nem sempre se lembra de fechar a porta. Eu vi que você agarrava a cabeça em agonia, ouvi você vomitar. Não são suficientes as dores do seu coração? Você deve arruinar sua saúde enquanto está nisso?

— Vou parar quando estiver inclinado a fazê-lo.

Sua mão, por hábito, pegou a garrafa de uísque fresco ao seu lado, só para encontrar nada. Estranho, mesmo se ele tivesse derramado todo seu conteúdo em sua garganta, a garrafa ainda deveria estar ali.

— Receio que você tenha que parar mais cedo, — disse a mulher. — Eu derramei o uísque.

Maldita mulher intrometida. Ele estava até meio grato porque ela não tentou animá-lo ou censurado a bebida, o que era bom demais para durar. Não importava, ela esvaziou uma garrafa, mas ele ainda tinha metade de uma caixa.

Usando o braço do sofá como apoio, ele lutou para ficar em pé. A caminhada tornou-se perigosa. Ele havia tropeçado e machucado o ombro no outro dia; outros perigos de ser um bebedor. Um bebedor, um exagerado, um homem que afogava seus problemas no copo ou, pelo menos, tentava bastante.

Ele geralmente tinha dez ou quinze garrafas estocadas no armário ao lado de seu quarto. O armário estava vazio. Ele amaldiçoou. Agora teria que ir pessoalmente lá fora.

Ele tropeçou e cambaleou até o galpão atrás do chalé. Não teria mantido o uísque tão longe, mas uma noite, quando quebrou as coisas em seu quarto, tinha danificado várias garrafas fechadas. No dia seguinte, mudou o uísque para sua própria proteção.

As caixas estavam bem empilhadas no galpão, as garrafas devidamente brilhando. Seu coração vibrou com alívio. Ele pegou uma garrafa pelo gargalo e puxou-a para seus lábios secos. Algo estava errado, era muito leve.

A garrafa estava vazia. Ele jogou-a de lado e puxou outra garrafa. Mais uma vez, vazia.

Vazia. Vazia. Vazia.

Ela derramou o uísque.

Ela tinha sido metódica.

Ele chutou a pilha de caixas e quase perdeu o equilíbrio completamente, batendo fortemente na parede do galpão.

— Você está bem? — Disse a voz indiferente em algum lugar atrás dele.

Estava tudo bem com ele? Ela não podia ver com seus próprios olhos que ele nunca estaria bem de novo?

Ele cambaleou para fora do galpão.

— Estou indo para a aldeia.

Ele iria ter sua bebida mesmo se o matasse.

— Vai estar completamente escuro em meia hora. E você não tem ideia de onde é a vila.

Ele odiava sua razoabilidade, suas boas maneiras, e sua suposição estúpida de que ela o estava ajudando.

— Não posso impedi-lo de sair amanhã. E certamente não posso impedi-lo de cair sobre a próxima entrega de bebidas alcoólicas. Mas por hoje, recomendo fortemente que você fique parado.

Ele amaldiçoou. Virando-se — o seu coração bateu desagradavelmente — ele voltou para o galpão e pegou uma garrafa vazia na esperança de que pudesse haver uma ou duas gotas na parte inferior. Mas a única coisa que restou foi o doce cheiro do álcool.

Sua voz veio novamente, plana, inexorável.

— Sei que o céu caiu sobre você, milorde. Mas a vida continua e assim você deve continuar.

Ele jogou a garrafa contra a parte de trás do galpão. Não quebrou, apenas bateu contra a parede e caiu com um plop em um monte de sacos de estopa. Ele saiu para enfrentá-la.

— O que diabos você sabe sobre o céu cair? Esta é a vida para o qual a estiveram preparando há anos.

Ela levantou os olhos para ele. Ele era impressionante, a intensidade de seu olhar fixo contra seu rosto praticamente indefinido.

— Você acha que é o único que perdeu alguém que ama por causa deste casamento?

Ela não se preocupou em explicar sua declaração enigmática, mas girou sobre os calcanhares e voltou para o chalé.

No início, parecia tudo certo, nada além da dor de cabeça que ele havia se acostumado ao acordar. Mas, conforme a noite avançava, a dor de cabeça aumentou, duplicou ainda mais em agressividade. Suas mãos tremiam. O suor encharcou seu pijama. Onda após onda de náuseas torceram suas entranhas.

Ele nunca havia se afligido tanto. Pela primeira vez em sua vida, a pura miséria física apagou todo o resto de seus pensamentos, exceto o néctar âmbar em tons adoráveis pelo qual ansiava tão desesperadamente. Ele orou para lhe fosse dado uma taça, um centímetro, um gole. Não precisava ser uísque de qualidade superior: brandy serviria, bem como rum, vodka, absinto, ou até mesmo um trago de gin comum, o tipo com o sabor adulterado com aguarrás.

Nem uma gota de bebida destilada veio em seu auxílio. Mas, de vez em quando, ele percebia vagamente que não estava sozinho. Alguém lhe dava água, limpava as gotas de suor de seu rosto, e tinha até mesmo espalhado lençóis limpos debaixo dele.

Em algum momento, ele caiu em um sono perturbado, seus sonhos cheios de monstros se debatendo em um adeus forçado. Várias vezes foi impelido a acordar, com o coração batendo forte, convencido de que havia acabado de cair de uma grande altura. Nessas ocasiões, murmúrios suaves soavam em seu ouvido, embalando-o de volta ao sono.

Ele abriu os olhos novamente para uma sala escura, sentindo-se como se tivesse acabado de se recuperar de uma forte febre: sua língua estava amarga, os músculos fracos, e sua cabeça aniquilada. Lençóis estavam pregados à janela, o que tornava difícil determinar a hora. Uma lamparina de querosene lançava um brilho laranja escuro nas paredes. E o que era isso, ele piscou através das crostas nos olhos doloridos, – um grande buquê de margaridas em um jarro de barro? Sim, eram margaridas pequenas, com nítidas pétalas brancas e no centro, amarelo vivo como o sol.

Atrás das margaridas, sua esposa cochilava em um banquinho, seu cabelo cor de areia em uma trança simples que pairava sobre seu ombro.

Empurrando-se até uma posição sentada, ele viu que ao lado de seu leito, no chão, estava uma bandeja com um bule cheio de chá, fatias de torradas com manteiga, uma tigela de uvas, e dois ovos cozidos, já descascados,

cobertos por um imaculado lenço branco.

— Receio que o chá esteja muito frio — veio à voz quando ele pegou o bule de chá.

O chá estava muito frio. Mas ele estava com tanta sede que mal se importou. E estava faminto o suficiente para que seu mal-estar não o impedisse de comer tudo à vista.

— Como você conseguiu fazer chá? — Uma senhora pode despejar o chá em sua sala de estar para os seus convidados, mas nunca fervia a água. E, certamente, não saberia como acender um fogo para a chaleira.

— Há uma lamparina e eu aprendi a usá-la, — ela veio para frente, levantou a bandeja vazia de seu colo, e olhou para ele por um momento, como se ele fosse um naufrago estranho que tinha se lavado diante dela. — Eu vou deixar você descansar.

Ela estava a caminho quando ele se lembrou de perguntar: — O que estas margaridas estão fazendo aqui?

— As camomilas? — Ela olhou para o ramo distraidamente. — Ouvi dizer que chá de camomila ajuda a adormecer. Não tenho nenhuma ideia de como fazer chá de camomila, então espero que você goste de olhar para elas.

As camomilas eram tão brilhantes que feriam seus olhos.

— Não posso dizer se fazem, mas obrigado.

Ela assentiu com a cabeça e deixou-o sozinho.

A noite estava caindo, sem saber muito bem, Fitz havia dormido a maior parte do dia. Era muito tarde para decidir encontrar a aldeia, e garantir uma nova entrega de uísque. Mas mesmo que restasse bastante luz do dia, ainda estava muito esgotado para fazer a viagem a pé.

Embora, se soubesse que sua segunda noite seria tão miserável como a anterior, ele poderia ter feito uma tentativa. As dores de cabeça rugiram de volta, tremores, palpitações, e turbulentas náuseas, também voltaram em massa. Uma eternidade se passou antes da exaustão tomar conta dele. Ele dormia, segurando a mão de alguém.

Sua terceira noite foi muito melhor, um sono profundo e sem sonhos. E quando ele despertou mais ou menos lúcido, era de manhã, não de tarde ou de noite como ultimamente.

A cortina ainda bloqueava a janela. Com uma mão protegendo os olhos, ele puxou-a e deixou entrar o fluxo de luz no quarto. O que o sol iluminava não era bonito. Todas as paredes estavam salpicadas de marcas de

ferramentas, algumas de grande porte, como se um animal raivoso com garras e presas longas estivesse desesperado para sair. Ele esfregou os dedos contra algumas das mais ásperas marcas, vagamente surpreso por ter sido capaz de tal violência.

As camomilas, caídas, mas não menos alegres ainda estavam lá, sua esposa não estava. Ela, no entanto, deixou para trás outro bule de chá que tinha ficado frio. Uma vez que ele esteve bem o suficiente para se mover por conta própria, saiu da cela de sua própria prisão para procurar a lamparina de álcool que ela havia mencionado.

Ele encontrou, mas o álcool etílico utilizado como combustível havia acabado. Então, ele acendeu o fogo da lareira bombeando água na chaleira da bomba de fora, e colocando para ferver; a primeira coisa que um menino aprendia em Eton era como fazer chá, ovos mexidos, e fritar salsichas para seus superiores. Enquanto a água aquecia, ele colocou pedaços de pão num garfo para tostar.

Quando tinha chá e torradas prontas, lady Fitzhugh ainda estava longe de ser vista.

Encontrou-a na cama, completamente vestida – inclusive com botas de caminhada – dormindo de bruços por cima dos lençóis, com os braços de lado, como se tivesse atingido a beira da cama e simplesmente tombasse diante dela.

Ele não tinha intenção de espiar, mas quando se virou para sair, seu olhar caiu sobre uma carta inacabada em sua mesa. Estava dirigida à suas irmãs.

Caras senhora Townsend e senhorita Fitzhugh, Obrigada por sua missiva afetuosa da semana passada. Peço desculpas pela nossa resposta tardia: sua carta chegou até nós há apenas três dias, juntamente com os nossos suprimentos do meio da semana da vila Woodsmere.

O clima aqui continua delicioso. E, claro, os lagos sempre são tão azuis e luminosos. Eu me encontro constantemente espantada com a beleza do ambiente, mesmo que tenham se passado semanas desde que chegamos.

Lorde Fitzhugh tinha a intenção de escrever ele próprio, mas, infelizmente, nos últimos dias, ele tem estado adoentado devido a algo que ingeriu, provavelmente. Mas ele bravamente enfrentou os rigores da sua doença e agora está bastante recuperado.

Respondendo a pergunta da senhorita Fitzhugh, planejo partir e ver a

casa do senhor Wordsworth em Grasmere, assim que Lorde Fitzhugh estiver totalmente recuperado.

Com exceção de sua intenção de escrever, ele nem sabia que estavam recebendo cartas — ela havia conseguido não mentir — o que não era pouca coisa quando esta lua de mel havia sido alguns dos dias mais cruéis que já conhecera.

Ele olhou para ela e percebeu que sua mão esquerda tinha vários arranhões profundos. Alarmado, ele se aproximou da cama e ergueu a mão para um olhar mais atento.

Ela se mexeu e abriu os olhos.

— O que aconteceu com a sua mão? Espero que eu não... — Ele não podia se imaginar maltratando uma mulher, bêbado ou não. Mas havia algumas lacunas em sua memória.

— Não, de forma alguma. Eu me cortei algumas vezes quando estava aprendendo a usar o abridor de latas.

Ele abrira as latas para ela no início, quando abria para si mesmo. Mas, ultimamente, acamado, havia se esquecido completamente dessa tarefa.

— Sinto muito — ele disse envergonhado.

— Não foi nada, — ela se empurrou para fora da cama. — Você está melhor?

Ele ainda estava cansado e dolorido, mas era uma fadiga purificada.

— Estou bem. Vim aqui para dizer que o desjejum está pronto, se você quiser.

Ela assentiu; esta garota que tinha visto seu pior, que tinha permanecido uma rocha de sanidade e bom senso quando ele quase cedeu a uma miséria autoindulgente.

— Ótimo. Estou faminta.

No café da manhã, ele leu as cartas acumuladas; três de suas irmãs, duas do Coronel Clements, duas de Hastings, e meia dúzia de outros colegas.

— Você respondeu a todas elas?

— Eu não acabei completamente com a última carta de suas irmãs, mas as outras sim, — ela olhou para ele. — Não se preocupe, não disse que você estava delirantemente feliz.

Havia uma qualidade mutável no rosto dela. Toda vez que olhava para ela, ficava desconcertado: ela nunca se parecia com o que ele pensava que ela

parecia.

— Eles não teriam acreditado em você.

— Sim, eu sei — disse ela, seu tom calmo, de fato.

Algo sobre a postura dela aliviou a tensão, mesmo quando o assunto era altamente inflamável.

— Você está bem? — Perguntou ele.

— Eu? — Sua pergunta a surpreendeu. — Sim, estou suficientemente bem.

— Por que você não chorou por seu companheiro?

— Meu o quê?

— O que você teve que desistir para se casar comigo.

Ela acrescentou outra colherada de leite em pó no chá – eles não tinham creme de leite fresco.

— É diferente para mim. Nós não tivemos qualquer história, na verdade, foi uma ilusão da minha parte.

— Mas você o ama?

Ela olhou para sua xícara.

— Sim, eu o amo.

A dor que ficou entorpecida pelo excesso de uísque voltou com força total.

— Então, estamos no mesmo barco; nenhum de nós pode ter o que quer.

— Parece que sim — disse ela piscando rapidamente.

Foi um choque perceber que ela estava segurando as lágrimas, assim, ele ajustou sua opinião sobre ela, de branda deferência para força tranquila: quando ele tinha perdido toda a postura, ela havia sido a única a guiá-lo de volta do deserto.

— Você se comportou muito melhor do que eu, — ele disse, suas palavras estranhas e cautelosas, pelo menos aos seus próprios ouvidos. — Não sei como você faz isso, apoiar-me quando tem sido tão difícil para você.

Ela mordeu o lábio.

— Não diga a ninguém, mas eu sou secretamente viciada em láudano.

Ele levou um momento para perceber que ela falava em tom de brincadeira. Ele pegou-se sorrindo fracamente. A sensação foi estranha: ele não conseguia se lembrar da última vez que havia sorrido.

Ela se levantou.

— É melhor eu terminar a carta antes que o senhor Holt da aldeia chegue. Ele trará, — ela hesitou. — Ele trará uísque.

Millie teria gostado de recusar o uísque por seu marido. Mas dissera a ele,

no dia em que derramou cada garrafa – a agressividade de sua ação ainda a assombrava — que a escolha era dele.

Assim devia ser.

Ela recebeu a entrega do leite, pão, ovos, manteiga, frutas e verduras. Havia uma caixa de sardinhas enlatadas, carne em conserva, enlatados e pudim de ameixa, tudo fabricado pela Cresswell & Graves. E lá estava o uísque.

— A bebida não é mais necessária — disse lorde Fitzhugh.

Millie havia se acostumado com o bêbado barbudo, de cabelo selvagem, desleixado. O jovem que estava em pé diante do chalé estava bem barbeado e bem-vestido. Ele ainda estava muito magro e muito pálido – atrás de seus olhos existia uma dor tão antiga quanto o próprio amor. Mas Millie teve que se esforçar para afastar o olhar: ele nunca esteve mais impressionante, mais magnético.

— Muito bem, senhor, — disse Holt. — Eu vou levar o resto. Quase me esqueci, há um cabograma para você.

Lorde Fitzhugh pegou o cabograma e o abriu. Sua expressão mudou instantaneamente.

— Não há necessidade de descarregar qualquer coisa. Se você puder esperar meia hora ou mais e nos levar para Woodsmere, eu ficaria grato.

Holt tocou a aba do chapéu.

— Como queira, senhor.

Millie o seguiu de volta para a casa.

— Qual é o problema? Quem enviou o cabograma?

— Helena. O marido de Venetia morreu.

— De quê? — Millie estava incrédula. Certamente sua amável e bela cunhada não poderia ter se tornado uma viúva tão jovem. O senhor Townsend tinha uma saúde perfeita no casamento. E em cartas recentes, a senhora Townsend não mencionou quaisquer doenças de sua parte.

— Helena não informou a causa da morte, só que Venetia está devastada. Nós temos de voltar e ajudar com os tramites.

Nós. Foi a primeira vez que ele se referia aos dois como uma unidade. Ela não pôde evitar um salto de seu coração.

— É claro. Eu vou começar a me arrumar agora.

Vinte minutos depois, eles estavam a caminho. O movimento abrupto e o balançar da carroça não poderia ser fácil para o seu ainda frágil corpo, mas

ele suportou o desconforto sem reclamar.

De certa forma, eles não eram muito diferentes. Ambos colocavam o dever em primeiro lugar. Ambos eram reservados por natureza. E ambos tinham uma maior capacidade de suportar a dor do que outros poderiam suspeitar.

— Obrigado, — ele disse, quando ainda estavam a um quilômetro da aldeia. — Se você não tivesse eliminado o uísque quando o fez, eu não estaria em forma para ser de alguma utilidade para a minha irmã. Estou feliz pela sua determinação e coragem.

O prazer que resultava de seu elogio foi assustador. Ela olhou para suas mãos, para não trair suas emoções.

— Senti medo que você pudesse fazer dano a si mesmo.

— Para isso, provavelmente eu precisaria mais do que algumas semanas de bebedeira.

Ela quase não conseguia falar sobre isso.

— Estava me referindo ao rifle.

Ele parecia genuinamente intrigado.

— O rifle?

— Você estava olhando para o cano de uma espingarda.

— Você quer dizer o rifle de brinquedo que encontrei no galpão?

O queixo dela caiu.

— Era um brinquedo?

— Totalmente. Um brinquedo de criança, — ele riu. — Talvez devêssemos apresentar-lhe algumas armas adequadas, de modo que você possa notar a diferença na próxima vez.

Seu rosto esquentou.

— Isso é muito constrangedor, não é?

Agora que ele estava sóbrio, seus olhos eram de um azul sobrenatural.

— Para mim é: saber que agi de tal modo a provocar dúvidas em alguém sobre minha vontade de viver.

— Você sofreu uma perda terrível.

— Não menos que outros, inclusive você — ele replicou.

Ele estava inclinado a encobrir a dor e a aflição de novo, como ela.

A estrada encurvou. Uma vista deslumbrante se abriu diante deles: um grande lago oval, tão verde quanto os picos esmeralda que o emolduravam. Ao longo das margens, as flores floresciam no atrasado verão, seus reflexos brancos e lilases como um colar de pérolas ao redor do lago. Na costa

distante havia uma bonita vila com casas cobertas de hera, floreiras nas janelas ainda com flamejantes gerânios e azaleias.

— Bem, — disse ela, — Pelo menos a lua de mel acabou.

— Sim, — ele inclinou o rosto para o céu, como se maravilhado com a sensação da luz solar em sua pele. — Graças a Deus.

CAPÍTULO 6

1896

Fitz permaneceu fora da casa de Isabelle.

Um dia antes, ele hesitou em frente à sua porta, porque precisava lidar com uma exorbitante esperança, e o medo forte da decepção. Mas isso foi ontem, antes que eles se comprometessem a um futuro juntos, um futuro que se pensava estar perdido. Hoje, deveria entrar em sua casa pulando de alegria e sem quaisquer incertezas.

Mas na noite passada, ele havia discutido o assunto com Millie. E dezesseis horas depois, permanecia inquieto por sua explosão de pânico, seu horror pelo que havia proposto. Ela havia concordado por fim, mas o sentimento de rejeição havia permanecido, como se todos os anos de mútua afeição e propósitos em comum nada contassem.

Ele tocou a campainha e foi devidamente admitido. Na ensolarada sala de Isabelle, eles se abraçaram por um longo tempo antes de tomarem seus lugares. Ela estava bem, as crianças estavam bem. Ela levava-os para um passeio pelo Museu Britânico de manhã. Alexander não tivera suficiente das armaduras. Hyacinth tinha ficado fascinada pelas múmias, especialmente as dos animais – e já estava planejando preservar General, o seu gato idoso, por toda a eternidade quando este entregasse seu espírito.

— Posso adivinhar onde ela conseguiu sua maldade — disse Fitz.

Isabelle riu.

— Ouso dizer que ela vai me superar em maldades.

A bandeja de chá foi trazida. Ela se levantou e foi até um armário ao lado.

— O chá é uma bebida tão tola para um homem. Posso lhe oferecer algo mais forte?

Ele não havia tocado em uma gota de “algo mais forte” desde Lake District.

— Não, obrigado. O chá está bem.

Ela parecia levemente decepcionada. Havia muito que não sabia sobre ele, ou ele dela. Mas teriam tempo para recuperar o passado mais tarde.

Ela sentou-se novamente e serviu o chá.

— Ontem você me disse que precisava falar com sua esposa. Será que a conversa foi boa?

Se a conversa tivesse sido boa, ele não devia sentir esse estranho vazio interior. No entanto, não podia dizer que havia sido ruim, já que obteve o que queria.

— Boa o bastante — ele disse, e deu a Isabelle uma versão altamente abreviada do que ele e Millie haviam acordado.

— Seis meses! — Isabelle exclamou. — Pensei que falar com sua esposa era uma mera formalidade.

— Nunca é tão simples quando se está casado — ou então ele tinha começado a perceber.

— Mas você está casado há quase oito anos. Se não conseguiram gerar nesse período, como é que mais seis meses ajudará?

Ele tinha antecipado esta pergunta.

— Nós raramente tentamos procriar. Eu tinha minhas necessidades atendidas em outros lugares e lady Fitzhugh, tanto quanto posso dizer, teve o prazer de ser deixada sozinha.

— Como raramente?

— Nós passamos algumas noites juntos durante a lua de mel.

Tecnicamente, ele não estava mentindo, mas deliberadamente criou a impressão errada. Ele não queria que ninguém, especialmente Isabelle, pensasse que havia algo de irregular ou incompleto sobre seu casamento. Millie ficaria mortificada.

Ele se surpreendeu com a facilidade com que pensava nela como Millie, talvez já fizesse isso há algum tempo, sem quase perceber.

A reação de Isabelle foi ambígua: a decepção se mostrou em seu rosto, seguida por um rápido alívio. Para ele, nunca ter deitado com sua esposa teria sido uma declaração fantástica de fidelidade a ela, mas também significaria que, ao tentar um herdeiro, ele estaria assumindo uma nova amante, que Isabelle não poderia desejar.

— Sei que você não se importa com o arranjo, Isabelle, mas você entende que lady Fitzhugh e eu temos que cumprir com o nosso dever em algum momento. Acredito que você preferiria ter isso resolvido, em vez de eu ter que voltar para ela periodicamente, depois que estivermos juntos.

— Isso é incompreensível, — disse Isabelle infeliz. — Você deveria ter cuidado do assunto de seus herdeiros muito mais cedo. Foi um abandono

completo do dever de sua parte.

— Foi, — admitiu. — Mas, então, nunca imaginei que você voltaria para minha vida e mudaria tudo.

— Eu não gosto disso.

Ele segurou a mão dela.

— Nós ainda devemos ser justos. Lady Fitzhugh merece a mesma liberdade que me deu. No entanto, sem um herdeiro, ela nunca vai conseguir essa liberdade. Incomoda-me pensar nela sozinha e sem cuidados e isso contaminará a nossa felicidade.

— Mas, seis meses é muito tempo. Qualquer coisa pode acontecer.

— Seis meses não é muito tempo em comparação ao tempo que passamos separados, ou o número de anos que nos esperam.

Isabelle agarrou seus dedos.

— Você se lembra do que eu disse na minha carta? O capitão Englewood e eu pegamos a mesma febre. Ele era tão resistente como um cabrito montês. Porém, no final, eu sobrevivi e ele não, — seus olhos escureceram. — Você não deveria estar tão confiante no destino, Fitz. A vida se virou contra você uma vez e pode ser virar de novo. Não espere. Aproveite o momento. Viva como se não houvesse amanhã.

Ele já tinha tentado isso em Lake District. Mas os amanhãs tiveram uma persistência inexorável sobre ele: sempre chegavam.

— Eu adoraria, mas não tenho o temperamento adequado para viver dessa maneira.

Isabelle suspirou.

— Agora me lembro: Nunca pude mudar sua mente, principalmente quando você está decidido a ser terrivelmente responsável.

— Peço desculpas por ser um conservador.

— Não, — disse Isabelle. Ela apertou sua mão em seu rosto, seus olhos ternos novamente. — É o que sempre gostei em você, sempre faz a coisa certa. Agora chega de tanta nobreza. Vamos falar sobre o futuro.

Ele ficou aliviado.

— Sim, vamos.

Ela se levantou e pegou um jornal dobrado da escrivaninha.

— Estive olhando anúncios de propriedades para ficarmos; uma casa no campo para nós. No momento, todas parecem terrivelmente idílicas. Deixe-me ler algumas que acho particularmente atraentes.

Sua animação era notável. Quando seu rosto se iluminou excitado, a sala inteira ficou incandescente. Seu entusiasmo, seu arrebatamento, seu apetite pela vida e todas as qualidades que já o tinham deslumbrado haviam permanecido incrivelmente intactas. Ouvi-la era como ser transportado para uma época completamente diferente, um tempo antes das primeiras vidas humildes.

Mas parte dele não podia deixar de se sentir desconfortável. Sua situação era complicada, mas a dela não era menos com as crianças sob seu teto. Passariam anos antes que Alexander tivesse idade suficiente para ser enviado a escola. E Hyacinth não iria a lugar nenhum até o dia em que se casasse.

A coabitação deles deveria ser conduzida com cuidado e grande quantidade de decoro, de modo que não dessem às crianças a impressão errada de conduta aceitável, nem mortificá-los diante de seus pares.

Aquilo seria o primeiro obstáculo que Fitz escolhera enfrentar, não as casas, que eram fáceis de encontrar. Mas depois que Isabelle havia passado a lista de propriedades que prenderam o interesse dela, ela lançou uma discussão sobre pôneis, como alternativa. Para o Natal, ela queria presentear seus filhos, cada um com um pônei, o que Fitz achava de raças diferentes?

Ainda era cedo, ele raciocinou consigo mesmo. E eles já não tinham lidado com a realidade por um tempo suficiente? Deixe-a sonhar um pouco mais. Haveria tempo depois para considerar as ramificações práticas da sua nova vida juntos.

— Eu tinha um pônei galês quando era criança, — ele disse. — Eu gostava bastante.

Helena andava de um lado ao outro em seu escritório. Ela tinha que encontrar uma maneira de ver Andrew. Mas Susie, sua nova donzela, colava-se a ela como um papel de mata-moscas. Susie vinha ao meio dia, Millie sempre conseguia preencher as tardes de Helena com compromissos, então não havia oportunidade de escapar.

Ela estaria menos agitada se pudesse ter um vislumbre de Andrew em algumas das funções que era obrigada a assistir – foi dessa maneira que eles haviam mantido a amizade ao longo dos anos, correndo um para o outro regularmente. Ou se ele voltasse a escrever para ela. Mas nada aconteceu.

Uma batida soou na porta.

— Senhorita Fitzhugh, — disse o secretário. — Há um mensageiro para

você.

— Você pode receber a entrega.

— Ele insiste que deve entregar seu artigo para você em pessoa.

Autores e seus manuscritos preciosos. Helena abriu a porta e pegou o pacote de tamanho considerável.

— Quem é o remetente?

— O senhor Hastings, minha senhora — disse o mensageiro.

Deus gracioso. Tão satisfatório teria sido se o derrubasse de seu camarote; teria ela de alguma forma lhe dado permissão para enviar os itens de sua vasta coleção de rumores?

Ela voltou para a mesa e jogou o pacote em um canto. Mas, cinco minutos mais tarde, encontrou-se abrindo-o com uma curiosidade francamente lasciva. E ele certamente sabia como mantê-la em suspense — o pacote era como uma boneca russa babushka[9], uma camada de embalagem após a outra.

Uma tampa de tecido externa, uma caixa de papelão, um encerado, e finalmente, um envelope grande. Ela inclinou o conteúdo do envelope em sua mesa: uma pilha de papéis enrolados com barbante, com uma nota manuscrita na parte superior.

Minha querida Senhorita Fitzhugh,

Que conversa deliciosa tivemos ontem à noite no Queensberrys. Estou satisfeito com o seu grande interesse em ler meu romance ou livro de memórias, como desejar, sobre a condição humana em suas manifestações mais sensuais.

Seu servo em todas as coisas, particularmente naquelas da carne,

Hastings

Ela bufou. Degenerados eram degenerados.

No entanto, a degeneração de Hastings não afetava apenas a si mesmo. Ele tinha uma filha natural que vivia com ele no campo. Ele já havia infligido o estigma da ilegitimidade sobre a pobre criança, e agora ainda ia envergonhá-la, tornando-se um obsceno?

Abaixo da carta, a primeira página do manuscrito apresentava o título, *Noiva de Larkspear*, e o pseudônimo de Hastings, *Um Cavalheiro da Indiscrição*, pelo menos, ele fizera isto correto. A dedicatória na página

seguinte era: Aos buscadores de prazer do mundo, porque eles herdarão a terra.

O desrespeitoso homem não tinha limites.

Ela virou a página.

Capítulo 1

Vou começar com uma descrição da minha cama, porque é esperada uma clara configuração de um livro desde a primeira linha. É uma cama com linhagem. Reis têm dormido sobre ela; nobres morreram nela, e incontáveis noivas aprenderam nela, enfim, porque suas mães lhes pediram que — “Pensassem na Inglaterra”.

O leito é de carvalho, pesado, forte, quase indestrutível. Pilares sobem a partir dos quatro cantos para apoiar um conjunto na qual se penduram cortinas pesadas no inverno. Mas não é inverno, os pesados fundamentos permanecem em seus baús de cedro. Sobre os colchões de penas estão espalhados somente lençóis de linho franceses tão decadentes quanto os versos de Baudelaire.

Mas linho fino francês não é tão difícil de encontrar atualmente. E camas com linhagem ainda são apenas móveis. O que distingue esta cama é a mulher ligada a ela — os pulsos amarrados atrás de uma das colunas da cama excessivamente resistentes.

E sendo este um trabalho de Eros, ela está, naturalmente, nua.

Minha noiva não olha para mim. Ela está determinada, como sempre, a desviar-me para a periferia de sua existência, mesmo agora, na nossa noite de núpcias.

Eu a toco. Sua pele é tão fria como mármore, a carne firme e jovem. Viro o rosto para olhar em seus olhos, olhos altivos que têm desprezado a mim tanto tempo quanto me lembro.

— Por que minhas mãos estão atadas? — Murmura. — Você tem medo delas?

— É claro, — eu respondo. — Um homem que persegue uma leoa deve ser sempre cauteloso.

Na próxima página, estava uma ilustração de carvão de uma mulher nua, com o corpo magro mais que exuberante, os seios muito erguidos graças à posição de seus braços. Seu rosto estava virado para um lado e escondido por seu longo cabelo solto, mas não havia nada de vergonha ou medo em sua postura. O jeito que ela estava era como se quisesse ser vista exatamente

assim: seus encantos exibidos para insultar o homem que os olhava.

Helena estava respirando rápido e isto a irritou. Então Hastings podia amarrar algumas palavras em conjunto e desenhar uma imagem obscena. Que ele colocasse seus talentos para tais fins ignóbeis não era motivo para revisar qualquer de suas opiniões anteriores e, certamente, não havia motivo para ela se sentir...

Nua.

Ela fechou violentamente as páginas que movera de volta ao topo do manuscrito e empurrou a coisa toda de volta em seu envelope. Ela empurrou o envelope profundamente em uma gaveta e trancou-a.

Só depois que deixou o escritório foi quando percebeu que havia colocado a novela indecente de Hastings em cima de cartas de amor de Andrew.

— Você fez algumas perguntas difíceis para o pobre senhor Cochran hoje, Millie — disse Fitz.

Seu comentário quebrou o silêncio no interior da carruagem. Eles estavam a caminho de casa após uma degustação nos escritórios da Cresswell & Graves. Ou melhor, Millie ia para casa quando a carruagem parasse diante de sua casa da cidade, mas ele iria para outro lugar, sem dúvida, ao encontro da senhora Englewood novamente.

— Fiz poucas perguntas. Você, por outro lado, estava muito pouco exigente hoje, — sua voz estava irritada. Ela estava irritada - oito anos e ainda distante de um segundo melhor lugar. — Normalmente você não aprova um produto até que tenha enviado de volta para ser refinado e melhorado três vezes. O novo champanhe de sidra nunca sofreu tais rigores e você ainda o aprovou de imediato.

— O gosto era encantador. Efervescente, sem ser demasiado efusivo. Doce com a quantidade certa de acidez.

Ele poderia estar falando de Isabelle Englewood.

— Pensei que era para ser razoável, não para ser excitante.

— Isso é estranho, — ele disse calmamente. — Nossos gostos tendem a convergir, não divergir.

Ela tinha estado olhando obstinadamente para fora da janela. Agora, olhou para ele. Um erro, ele passava a impressão de ser um homem profundamente satisfeito com sua sorte.

O anel que tinha lhe dado brilhava em sua mão. Ela queria arrancá-lo e

jogá-lo para fora da carruagem. Mas, então, também precisaria jogar fora seu relógio de bolso de ouro e ônix e sua bengala com o cabo de porcelana que era vítreo de um azul profundo e luminoso. Como seus olhos.

Tantos presentes de Natal e de aniversário. Tantas tentativas praticamente transparentes pela chance de atraí-lo para sua pessoa, como se pedaços de metal ou cerâmica pudessem de alguma forma mudar o coração de um homem.

— Confio mais em seu julgamento quando você não está tão — arrebatado — disse ela.

— Arrebatado, é um termo pesado, — ele sorriu. — Ninguém me acusou de estar arrebatado em anos.

Seus sorrisos, ela costumava pensar que sinalizavam o caminho para um paraíso escondido, quando o tempo todo, eram avisos que diziam: *Propriedade de Isabelle Pelham Englewood. Invasores terão seus corações partidos.*

— Bem, as coisas mudaram recentemente.

— Sim, mudaram.

— Tenho certeza de que você foi ver a senhora Englewood novamente. O que ela acha da espera de seis meses? Ouso dizer que odiou ter que esperar.

— Você é minha mulher, Millie, e não ficará de lado por ninguém. A senhora Englewood entende isso.

Algo em seu tom fez seu coração falhar duas vezes. Ela desviou o olhar.

— Terei prazer em ficar de lado para ela.

Ele se levantou do assento e sentou-se ao seu lado. Como cônjuges, era perfeitamente adequado que compartilhassem um assento no coche. Mas quando estavam sozinhos em um meio de transporte, ele sempre tomava o assento virado para trás, um reconhecimento de que não era verdadeiramente seu marido.

Ele passou o braço sobre seu ombro. Sua proximidade, que nunca tinha se acostumado, agora, era quase impossível de suportar. Ela queria abrir a porta da carruagem e saltar. Sua concordância em honrar o pacto não lhe dava o direito de tocá-la antes da hora.

— Não fique assim, Millie. Algo maravilhoso pode vir do presente: nós podemos ter uma criança, — sua outra mão pousou em seu braço, o calor de sua palma marcando através do fino tecido de sua manga. — Nunca lhe perguntei, você gostaria de um menino ou de uma garota?

— Não sei.

— Você daria uma mãe maravilhosa, amável, mas firme, atenta, mas não sufocante. De fato, qualquer criança sua seria uma criança feliz.

Havia uma parte dela, ainda que pequena, porém prudente, que sempre esperou que talvez, quando finalmente consumassem o casamento, sua vida amorosa seria o ingrediente final para dar asas à sua amizade. Mas agora serviria apenas para uma função biológica. A amizade permaneceria presa a terra, nunca alcançando voo.

A carruagem parou diante da casa da cidade. Ela o empurrou e saltou para fora.

CAPÍTULO 7

Alice

1888

A morte do cunhado de Fitz, o senhor Townsend, acabou por ser uma coisa bastante confusa.

Millie o tinha encontrado apenas duas vezes, em seu jantar de noivado e no café da manhã do casamento. Ambas às vezes, seu interior havia estado tumultuado e ela adquirira apenas as impressões mais superficiais do belo homem orgulhoso.

Foi um choque saber de sua morte, mas um maior ao descobrir a maneira desta: ele se matara com uma overdose de cloro. Pior ainda, sem o conhecimento de sua esposa, ele estava falido. Ele havia exigido a venda de todo o seu patrimônio, juntamente com a liquidação de um lote de terra que a senhora Townsend tinha herdado de seus pais, para acalmar seus credores.

Millie havia acreditado que uma beleza como a de sua cunhada deveria agir como um poderoso talismã, protegendo alguém tão abençoada contra tempestades e monstros, para que navegasse de bem com a vida sobre as correntes gêmeas do amor e do riso. Mas não era verdade. O infortúnio não poupava ninguém, nem mesmo uma mulher tão linda como a própria Afrodite.

Enquanto a senhora Townsend vagava após a morte de seu marido, cambaleante e atordoadada, Millie, juntamente com a senhorita Fitzhugh, fizeram o melhor para serem úteis. Elas queriam ter certeza de que a senhora Townsend comera o suficiente, levavam-na para passear para que não permanecesse sempre sentada em uma sala sem sol, e às vezes, sentavam-se na sala de estar sem sol com ela, a senhorita Fitzhugh segurando a mão da irmã, Millie em uma cadeira próxima, terminando quadros sobre quadros de bordados.

Ao longo do calvário, lorde Fitzhugh foi uma rocha. Foi-se o bêbado desconsolado. Diariamente, ele estava ao lado de sua irmã enquanto resolviam os assuntos do senhor Townsend, um epítome de consideração e de

senso e força, quando necessário. Um inquérito quase acontecera, o que teria feito de uma morte privada um espetáculo público. Sua postura intransigente ante um inspetor de polícia fez a diferença; no final, a polícia aceitou a explicação de que o senhor Townsend sofrera uma hemorragia inesperada no cérebro.

Eles se hospedaram em Londres por seis semanas antes que assuntos relacionados com a propriedade do senhor Townsend fossem resolvidos. Foi uma época, em grande parte sombria, mas houvera momentos preciosos para Millie. A senhorita Fitzhugh imitando o senhor Hastings e fazendo a irmã rir, mesmo que brevemente. Lorde Fitzhugh e a senhora Townsend sentados juntos, ele com o braço ao redor dela, a cabeça dela em seu ombro. A senhora Townsend tomando a mão de Millie um dia e dizendo-lhe: Você é uma garota maravilhosa, minha querida.

Um dia antes de saírem de Londres, as mulheres tomaram chá juntas. A senhorita Fitzhugh estava para começar suas aulas na escola de Lady Margaret Hall. A senhora Townsend, depois de acompanhar a irmã até a faculdade para mulheres em Oxford, iria para Hampton House, a sua casa de infância no mesmo Condado, que lorde Fitzhugh tinha posto à sua disposição.

— Tem certeza que não gostaria de vir a Henley Park conosco, senhora Townsend? — Millie perguntou pela última vez. Ela e lorde Fitzhugh tinham tentado persuadi-la a ficar com eles na propriedade que ele havia herdado junto com o título, sem sucesso.

— Já perturbei você e Fitz o suficiente, — disse a senhora Townsend. — Mas agradeço a você Millie, posso chamá-la de Millie?

— Sim, é claro — Millie estava excitada que a senhora Townsend quisesse usar o seu nome de batismo.

— Você vai me chamar de Venetia, não vai?

— E me chamar de Helena, — disse a senhorita Fitzhugh. — Nós somos irmãs agora.

Millie olhou para as mãos para se recompor. Havia sido educada para não esperar tal intimidade de suas cunhadas, que certamente torceriam o nariz por estarem relacionadas com a Herdeira da Sardinha. Mas a senhora Townsend e a senhorita Fitzhugh — Venetia e Helena, haviam sido prestativas e a aceitaram desde o início.

— Eu nunca... Nunca tive irmãs, — disse ela, com medo que soasse muito acanhada. — Ou quaisquer irmãos.

— Ah, sorte sua. Isto significa que você nunca teve alguém lhe dizendo que foi realmente encontrada em um berço sob uma macieira quando seus pais foram passear no campo. — Helena levantou uma sobrancelha para Venetia. — Ou que se você comesse alimentos de cor preta, você teria cabelo preto como todo mundo.

Venetia balançou a cabeça.

— Não, isso foi Fitz. Ele queria que você comesse as amoras para que sobrassem mais framboesas para ele. Nunca ocorreu a nenhum de nós que você tentaria tinta preta.

Millie ouviu com um sentimento de admiração aquela peculiaridade e a camaradagem de crianças que cresceram na mesma casa. O calor da conversa ainda permanecia enquanto ela e lorde Fitzhugh viajavam no vagão ferroviário privado dos pais dela para Henley Park.

Desta vez, era ele quem lia Edward Gibbon: A História do Declínio e Queda do Império Romano, Volume IV, e ela, quem olhava para fora da janela. A maior parte do tempo. O resto do tempo ela o estudava furtivamente.

Ele não tinha recuperado todo o peso que havia perdido durante suas três semanas de árdua embriaguez, suas roupas ainda estavam um pouco largas, seus olhos estavam mais fundos, e as maçãs do rosto mais proeminentes. Mas já não parecia indisposto, só magro e controlado. Seu cabelo curto conferia uma austeridade ainda maior ao seu aspecto, uma solenidade além de seus anos.

Ele pousou o livro, enfiou a mão no bolso e tirou um...

— Isso é um ratazana[10]?

Ele acenou com a cabeça.

— Esta é Alice.

Alice era pequena, com um adorável pelo castanho dourado e curiosos olhos negros. Ele deu-lhe um pedaço de avelã, que ela mordeu com grande entusiasmo.

— Ela está ficando gordinha, — ele disse. — Provavelmente vai começar a hibernar dentro de uma semana.

— Ela é sua? Não a vi antes.

— Esteve comigo por três anos. Hastings cuidou dela recentemente. Eu só a peguei de volta.

Millie estava encantada.

— Você a encontrou?

— Não, foi um presente da senhorita Pelham.

Isabelle Pelham. O sorriso de Millie congelou. Felizmente, ele não estava olhando para ela, sua atenção totalmente voltada para Alice.

Não admira que ele não tenha trazido Alice em sua lua de mel.

— Ela parece bem — Millie versou.

Ele acariciou o pelo no topo da cabeça de Alice.

— Ela é perfeita.

Ele não ofereceu Alice para Millie segurar. E ela não pediu.

Não era fácil permanecer sóbrio.

Algumas noites, quando não conseguia dormir, quando sentia tanta falta de Isabelle que mal podia respirar, Fitz pensava em coisas que podiam ajudá-lo: uísque, láudano, morfina. Ele pensou intensamente em morfina, no adorável torpor que traria; um longo esquecimento.

A casa tinha essas coisas – ele viu quando inspecionou Henley Park pela primeira vez. Então ele saía de casa, andava e corria, principalmente corria, até que era vencido pela exaustão.

Ele também, uma vez que colocou sua mente nisto, percebeu que havia uma maneira mais fácil de aliviar sua solidão: mulheres nuas. Ele pegou uma de suas novas vizinhas, uma viúva cinco ou seis anos mais velha que ele, que estava mais do que feliz em atendê-lo repetidamente.

Alice começou sua hibernação. Ele a manteve em uma caixa acolchoada ventilada e verificava-a duas vezes por dia. Tudo havia mudado. Alice permanecia como uma pedra familiar, uma ligação com a vida que ele tinha conhecido com ela.

Duas semanas depois que chegou a Henley Park, sua mulher mandou-lhe uma mensagem desejando vê-lo na biblioteca. Exceto no jantar a cada noite, ele não a via inteiramente, embora soubesse que se mantinha ocupada durante o dia, como ele, com as questões relativas à casa e a propriedade.

A biblioteca severa e malcheirosa ficava na ala norte, a pior parte da casa. Ela estava examinando os livros contábeis. Ele ficou surpreso ao vê-la num vestido de seda matinal chocolate. Desde a morte do senhor Townsend, ela usava as cores do luto, um fantasma em silêncio sombrio na periferia de sua consciência. Mas hoje, o tom vibrante e outonal de seu vestido, fez dela o objeto mais brilhante do aposento.

— Bom dia — ele disse.

Ela se virou.

— Bom dia.

Por um momento, ele foi atingido pela noção de quão jovem ela parecia sem o traje escuro e monótono para sua idade. Se ele tivesse passado por ela na rua, poderia ter pensado que tinha quinze anos.

Teria Graves mentido sobre sua idade?

— Desculpe-me, mas quantos anos você tem mesmo?

— Dezesete.

— Dezesete? Desde quando?

Ela baixou o olhar, como que envergonhada.

— Desde hoje.

Agora, ele ficou igualmente embaraçado. Não sabia.

— Feliz aniversário.

— Obrigada.

Caiu um silêncio constrangedor. Ele limpou a garganta.

— Não tenho um presente para você. Há algo que você gostaria e que pode ser encontrado na aldeia?

Ela acenou com a mão em desprezo.

— Um aniversário é apenas mais um dia. Acho que é muito bobo as pessoas fazerem tal comoção sobre isso. Além disso, suas irmãs já enviaram livros e uma bonita caixa de lenços novos.

— Se Venetia, com todos os seus problemas, pôde se lembrar, então não tenho desculpa nenhuma, exceto que não sabia a data absolutamente.

— Por favor, não se preocupe com isso, há sempre o próximo ano. Agora, você se importaria de olhar alguns dos quartos comigo?

Ele já tinha visto todos os quartos, mas desde que era seu aniversário...

— Mostre-me o caminho — ele disse.

Ela obviamente examinou cada sala muitas vezes, e tinha tomado muitas notas de todos os prejuízos. Foi uma visita guiada sobre as falhas da ala norte. Enquanto caminhavam, ela relatou uma estimativa sempre crescente de quanto custaria consertar tudo.

Estavam apenas no terceiro quarto do andar de cima, quando ele disse: — Nós deveríamos dinamitar esta casa inteira.

— Isso seria claramente uma ação extrema, — disse a mulher. — Mas não tenho nenhuma objeção em me livrar desta ala.

Ele parou de repente.

— O que você disse?

— De acordo com os livros e os planos, esta ala foi uma adição construída no início do século, a casa original, se não me engano, teria sido ali. Pelo que posso dizer, não havia nenhuma razão especial para a adição, exceto que o então conde sentia ciúmes da melhor casa de seu primo mais novo, e quis competir.

E a família estava em dívida desde então.

— Sei que você estava brincando quando disse que queria dinamitar a casa, mas eu gostaria de submeter à sua moderada consideração a ideia de não renovar a ala norte. Isto foi mal concebido e pior ainda, mal construído. Mesmo que corrija tudo hoje, nós ainda precisaremos estar constantemente vigilantes contra novos vazamentos, decomposição e rachaduras.

A ala norte era dois quintos da mansão. Ele olhou para ela por um momento, ela estava perfeitamente séria. A garota tinha audácia. Mas é claro que tinha: ela o puxou de volta, sozinha, da beira de um precipício.

— Tudo bem. Vamos fazer isso.

Com seu parecer favorável, ela foi a única a ser pega de surpresa.

— Você acha que talvez seja necessária uma petição ao Parlamento para algo assim?

Ele pensou por um momento.

— Não existe petição ao Parlamento diante de um acidente, não é?

Ela sorriu.

— Não, realmente não existe. E essa nossa discussão nunca aconteceu.

Ele sorriu de volta.

Ela abaixou a cabeça.

— Agora, se me der licença, tenho que decidir se qualquer um dos livros vale à pena conservar.

Foi só mais tarde, em seu quarto, olhando para uma Alice pacificamente adormecida, que Fitz percebeu que ele e sua esposa tinham acabado de fazer a primeira decisão conjunta como um casal.

Naquela noite, Millie jantou sozinha. Lorde Fitzhugh enviou uma nota dizendo que jantaria no pub local. Jantar, provavelmente, era um eufemismo para uma mulher. Não que ela invejasse uma pequena distração agradável, mas desejava...

Não, não queria que ele viesse para o seu lado. Não queria ser usada apenas para esse fim. Mas não podia deixar de invejar suas amantes. Ela também gostaria de saber como era ser tocada e beijada por ele quando estava sóbrio. Havia uma graça física nele, uma forma de movimentar que era rápida e simples. Não podia deixar de imaginar como seria se um dia, ele, de repente, reparasse nela não apenas como esposa, mas como mulher; alguém desejável.

Mas sempre cortava os breves devaneios, assim que se descobria no meio de um. Talvez não houvesse nada que pudesse fazer sobre a esperança da fonte eterna, mas não queria beber água ou provar desta. Ela teria que podá-la duramente, sem piedade, do jeito que faria com uma erva daninha no jardim.

Depois do jantar, sentou-se na sala, estudando. Decidiu seguir o conselho de sua mãe e criar um belo jardim. Mas o gratificante jardim teria de esperar até que primeiro se restaurasse a horta. A propriedade tinha uma, mas com a partida do jardineiro chefe há quase uma década, tinha crescido selvagem. Ela se debruçou sobre um diagrama velho do jardim murado, consultando seu manual sobre horticultura. Barba-de-bode havia comido. Aipo não, mas tinha pelo menos ouvido falar. Mas que raios era uma escorcioneira[11]? Ou uma skirret[12]? Ou um cardo[13], para que serviam?

Ela estava à procura da couve tronchuda em uma enciclopédia quando seu marido a surpreendeu entrando na sala, ela pensara que ele iria ficar fora até muito tempo depois que ela estivesse na cama.

— Boa noite — disse ela.

Talvez fosse a luz, mas ele parecia... Musculoso. Seu coração falhou.

— Boa noite, — respondeu ele de pé, com as mãos atrás das costas. — Eu estava no pub da vila. Nós vamos ter vinte homens competentes aqui amanhã para demolir a ala norte, ou pelo menos para começar o trabalho.

— Tão cedo!

Seu pai tomava sempre as decisões. Mesmo quando concordava com a mudança, em princípio, ele ainda hesitava durante anos sobre os detalhes da execução. Ela nem remotamente antecipara que lorde Fitzhugh decidiria sobre os reparos de Henley Park rapidamente.

Ele olhou em volta da sala. Ela improvisara novas cortinas e trouxera tapetes, mas ainda era um lugar sombrio — lá não havia nenhum ponto em substituir a ondulação, a umidade e a fuligem no manchado tecido cobrindo a parede, mesmo que tivesse um telhado novo e chaminés melhores.

— Não tão cedo, — ele disse. — Pelo menos cinquenta anos tarde demais.

Quando chegaram pela primeira vez no campo, ela teve medo que ele voltasse a beber uísque. Mas ele abraçou firme esta sobriedade e não deixou seguir. Durante o dia, ele, assim como ela, arremessava-se em suas funções. À noite, em vez de virar a garrafa, ele virava-se para o exterior. Às vezes, ela o esperava ao lado da janela no escuro, via-o voltar abatido diante da mansão, com as mãos sobre os joelhos, respirando com dificuldade, com esforço.

Tudo por causa dessa maldita casa, metade da qual alguém deveria ter demolido cinquenta anos antes.

Mas sua voz era calma. O que tiver que ser, será. Não adiantava apontar o dedo para os mortos ou para forças além de seu controle que tinham enviado os preços agrícolas para estropiar sua vida.

— E isto é para você, — ele entregou um pacote de papel pardo que escondera atrás dele. — Parei no mercador. Mas a variedade era medíocre. Escolhi o menos terrível do lote.

Ela se espantou.

— Você não precisava.

Dentro do pacote havia uma caixa de música, e claro que devia estar exposta nas prateleiras da loja pela metade de uma década. Mesmo com os sinais óbvios de limpeza recente, seus cantos e vincos ainda estavam incrustados de poeira. Quando ela abriu, a peça tocou um pequeno trecho, um compasso arranhado de “Für Elise” [14].

— Como eu disse, não é grande coisa.

— Não, está tudo bem. Obrigada, — isto exigiu um grande esforço para que ela não abraçasse a caixa de música ao peito. — Eu vou guardá-la com carinho.

— Farei melhor no próximo ano, — ele sorriu. — Boa noite.

— Boa noite — ela respondeu.

Algumas esperanças eram como ervas daninhas, fácil de erradicar com um arranque e um puxão. Algumas, no entanto, eram videiras de crescimento rápido, tenaz, e impossíveis de limpar. Quando ela tocou a caixa de música de novo, sozinha na sala, começou a perceber que as dela eram do último tipo.

Ela nunca deixaria de ter esperança.

A última coisa que Millie esperava era ver seu marido sobre o telhado da

casa, tirando as telhas de ardósia ao lado dos homens que contratara. Ele estava de tweed antigo e um gorro de lã. Ela quase o confundira com um rapaz da aldeia, até que alguém se dirigiu a ele como — milorde.

— O que você está fazendo, lorde Fitzhugh?

— Estou supervisionando os homens.

— Você parece estar trabalhando com os homens, se os meus olhos não me enganam.

Ele jogou uma telha para um homem mais velho, que a passou para outro, que por sua vez deslizou para baixo de uma rampa longa fixada em quarenta e cinco graus. A telha foi agarrada na parte inferior por um dos dois homens que esperavam e, depois de passar por mais algumas mãos, foi cuidadosamente colocada em uma pilha.

— Seus olhos enganam você!

— Então, estão mesmo — ela gritou de volta e deixou-o.

Era muito deselegante da parte dele estar realizando trabalho braçal. Mas agora que pensava nisso, nos seus dias em Eton, o esporte era fortemente incentivado — futebol no campo Michaelmas durante a segunda metade da Páscoa, e no meio do verão, o críquete. A natureza sedentária da vida de casado devia contribuir para o tédio dele. E a demolição da ala norte, além da satisfação de, literalmente, destruir a casa que tinha descarrilado sua vida, fornecia a válvula de escape para um jovem reprimido.

Isto também proporcionava alguma coisa para falar durante o jantar, o único momento do dia em que passavam na companhia um do outro e não por muito tempo, porque ele não era adepto de longos jantares — na verdade, ainda comia como um estudante, com uma rapidez que ela achava difícil de igualar.

Foi assim, durante a retirada da ala norte, que ela descobriu o ninho de morcegos no sótão, o mofo que vinha crescendo dentro do gesso, o fato de que o homem mais velho do grupo de demolição havia lutado na Guerra da Criméia em sua juventude. Ela falou sobre seus planos de instalar eletricidade no local, prover a casa com eletricidade, e modernizar o encanamento.

— Você não acreditaria nos vaso sanitário que o homem em Londres tentou me vender. Eles tinham o rosto da rainha pintado na tampa.

Lorde Fitzhugh engasgou-se com o cordeiro.

— Você está inventando isso.

— Não estou. Fiquei horrorizada, enquanto o homem tentava me

tranquilizar que era tudo perfeitamente adequado.

— Espero que você não compre. Não acho que possa aguentar.

Eles olharam um para o outro por um momento e caíram na gargalhada.

— Não, não posso, nunca! — Ela declarou enfaticamente, ainda rindo.

— Não, nossos vasos novos serão de esmalte azul, com margaridas brancas.

Ele engasgou novamente.

— Margaridas?

— Acredite em mim, tentei encontrar um vaso mais masculino, talvez algo com uma cena de caça ou um dragão pintado por dentro, mas aparentemente isso não existe.

— Margaridas, — ele ainda parecia atordoado. — Meus amigos nunca vão parar de rir.

Foi a primeira vez que ele fez alusão a possível presença de seus amigos em sua casa. Por um momento, sua imaginação aflorou e ela viu um salão lotado, cheio de risadas e otimismo. E viu os dois no centro dele, cheios de boa vontade, Lorde e Lady Fitzhugh. E alguém erguendo o copo, gritando: *Aos nossos amáveis anfitriões.*

— Ainda bem que não convidarei ninguém aqui — disse o lorde Fitzhugh da vida real.

Ela inclinou o rosto para o prato, para que ele não visse sua decepção.

Ela aceitara este casamento pela aliança de conveniência que era. Mas, quando eles trabalhavam em direção a um objetivo comum, quando conspiraram para manter o segredo da casa — os reparos — do resto do mundo, e quando ele se sentava em frente a ela e ria, era quase impossível acreditar que não fossem construir algo juntos.

Eles estavam: uma casa melhor.

E nada mais.

Lorde Fitzhugh deixava frequentemente Henley Park. Na maioria das vezes, saía de manhã e voltava à noite. Ele parava em Oxford para ver tanto Helena como o senhor Hastings, e depois procurava por Venetia, cuja casa não era muito longe da universidade. Mas, ocasionalmente, ficava afastado por mais tempo.

Quando disse a Millie que se ausentaria por uma semana, ela convidou a mãe para ficar com ela, seu pai ficaria indignado com a ala norte, mas a

senhora Graves iria entender sua escolha de não sobrecarregar a si mesma e aos herdeiros com uma casa que nunca poderia ser adequadamente mantida.

Quando chegou, a senhora Graves ficou chocada com o esqueleto arquitetônico do que havia sido a ala norte.

— Que decisão foi esta? — Ela perguntou, seu queixo caído.

— Foi uma decisão conjunta, — respondeu Millie. Ela não pôde evitar a nota de orgulho penetrando em sua voz. — Nossos pensamentos estão perfeitamente alinhados sobre este assunto.

A senhora Graves considerou os restos da ala norte por mais um minuto. Então, sorriu e deu um aperto de mão em Millie.

— Muito bem, meu amor. Continue a tomar decisões conjuntas. Elas irão proporcionar uma base sobre a qual construir uma vida.

Os dias eram frios e úmidos no final de novembro. Millie e a senhora Graves passaram a maior parte do tempo dentro da casa, bebendo chocolate quente e discutindo as várias necessidades prementes da mansão. Mas, no dia da partida da senhora Graves, o céu clareou num azul glorioso e elas deram uma caminhada pelas terras de Henley Park.

Millie mostrou a horta murada à senhora Graves. Ela havia estado ocupada contratando mais funcionários para a propriedade. Eles ainda estavam com pouco pessoal, mas o trabalho começou limpando a horta.

Ela apontou para uma fileira de macieiras, pereiras e um marmeleiro na parte sul da horta.

— O senhor Johnson, nosso novo jardineiro chefe, acredita que essas árvores frutíferas ainda podem ser salvas. Ele e os seus aprendizes podaram anos de crescimento excessivo na semana passada. A senhora Gibson está esperando que deem frutos para fazer compotas e conservas.

— Será que as árvores frutíferas serão as únicas a darem frutos em Henley Park no próximo ano? — Perguntou a senhora Graves. — Seu pai está ansioso por saber.

— Também vamos colocar estrados para morangos, eles irão dar frutos. Mas se o pai está se referindo a um neto, receio que terá que esperar por um longo tempo.

— Lorde Fitzhugh não visita o seu quarto?

O constrangimento aqueceu as bochechas de Millie, mas ela manteve a voz firme.

— Essa é mais uma das nossas decisões conjuntas. Sei que o papai prefere

um neto assim que possível, mas nem Lorde Fitzhugh nem eu queremos ter filhos agora e os nossos desejos devem contar neste assunto. Mais do que os de papai.

A senhora Graves ficou em silêncio. Elas caminharam passando por ervas daninhas que ainda tinham que ser retiradas e por uma colmeia numa madeira velha cujos moradores há muito tempo a abandonaram por melhores florescimentos em outro lugar.

— O seu próprio jardim, minha querida, você dedicou algum pensamento a isso?

Millie exalou de alívio e gratidão; a aceitação de sua mãe.

— Sim, já pensei nisso. Mas ainda tenho que decidir como fazer.

A senhora Graves entrelaçou seu braço com o de Millie.

— Não se esqueça de que a primavera está chegando.

Millie olhou para a sua casa vazia.

— Será que isto me fará feliz?

— Não tenho resposta para isso, meu amor. Mas vai te dar algo para fazer e algo para olhar para frente, bem como um lugar próprio, — a senhora Graves pousou sua mão enluvada brevemente contra a bochecha de Millie. — Não pode ser igual à felicidade, mas não é um mau lugar para começar.

Fitz voltou em uma tarde de domingo.

Os servos estavam de folga, a casa estava em silêncio. Ele repassou a correspondência que estava acumulada. Uma carta do Coronel Clements chamou sua atenção: Os Clementes planejavam visitá-lo depois do Natal.

Ele imediatamente saiu em busca de sua esposa.

Ela não estava em casa. Ele procurou nos jardins, estábulos, e perto das deficientes trutas contidas no riacho; nenhum sinal dela. Finalmente, quando se aproximou da casa do lado norte, ouviu sons de demolição.

Mas era domingo. Os homens da aldeia estavam no pub, ninguém trabalhava.

Ele fez a curva. Sua esposa, sem chapéu, usando um saco como vestido e um casaco marrom, estava numa sala que ficava separada do resto da casa, empunhando uma das marretas menores, atrás de uma lareira. Ela havia quebrado a fachada e agora lançava a marreta nos tijolos abaixo.

A porta já tinha ido. Ele bateu na moldura da janela.

Ela se virou.

— Oh, você voltou.

— O que você está fazendo?

— Bem, quando você fez isso, parecia se divertir. Então, pensei em experimentar.

Às vezes, ele se esquecia de que não era o único cônjuge infeliz neste casamento. Que ela também queria destruir coisas.

— Você irá conseguir bolhas.

— Ainda não.

Ela balançou a marreta novamente e desalojou vários tijolos. Também conseguiu desalojar uma mecha de cabelo de seu coque, que era de um estilo bem antiquado para uma garota de dezessete anos, mesmo sendo uma senhora casada.

Ele tirou o casaco e pegou uma marreta maior.

— Precisa de ajuda?

Ela olhou para ele, surpresa.

— Por que não?

Eles estabeleceram um ritmo constante. Para uma garota que nunca tinha feito nada mais árduo do que levantar uma xícara de chá, era muito útil com sua marreta. Cada um, por sua vez, balançou em frente à lareira, e ela manteve-se com ele batida a batida.

Quando tudo o que restava da lareira era uma pilha de tijolos, ambos estavam ofegantes. Ela colocou a mão sobre o coração, o rosto corado e brilhante.

— Bem, isso foi bom.

Ele deixou a marreta de lado.

— Existe algo para comer?

— Temos um bolo e uma torta de carne na despensa.

Eles foram juntos para a cozinha. Ele encheu uma panela com água, alimentou o fogo, e colocou-a para ferver. Ela, por sua vez, encontrou alguns pratos e talheres, e localizou o bolo e a torta de carne.

— Saudades do seu companheiro? — Ele perguntou depois de ter terminado a sua parte do bolo de carne.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Foi por isso que você estava destruindo a lareira, não foi?

Ela encolheu os ombros.

— Talvez.

Ele sentiu uma pontada de compaixão por ela. Ele poderia sempre encontrar alguém disposto a lhe dar algumas horas de esquecimento. Como ela lidava com isso?

— Como foi em Londres? — Ela perguntou. — Você se divertiu?

Ele captou certo tom em suas palavras. Deus, ela sabia exatamente como tinha sido em Londres. A garota não era tão recatada como pensava.

— Foi tudo bem.

— Que bom, — disse ela. — Fico feliz.

Ele captou outra coisa no seu tom.

— De verdade?

Ela olhou diretamente para ele, toda inocência virginal novamente.

— Por que eu não desejaria que você se divertisse?

Ele não tinha resposta para isso. Então, entregou a carta do Coronel Clements.

— O coronel está vindo nos visitar.

Ela examinou a carta. Para seu crédito, não moveu um fio de cabelo.

— Bem, é melhor aniquilar um pouco mais da ala norte depois do chá, não acha?

— Pronta? — Fitz perguntou, enquanto a carruagem transportando o coronel e a senhora Clements aparecia.

Lady Fitzhugh assentiu. Ela estava com seu vestido mais sombrio, com os cabelos em um coque de novo, desta vez aprovado por Fitz. Eles eram dois jovens imaturos contra um homem formidável e não era o momento de se preocupar com sua idade.

— Você está pronto? — Ela murmurou.

— Devo confessar que estou bastante ansioso.

— Eu vim, eu vi, eu venci — disse ela secamente.

— Exatamente.

A carruagem parou diante da casa. Como o caminho havia sido pavimentado depois da demolição da ala norte evidenciando isto durante a aproximação, o coronel já teria reparado na sua ausência.

E, de fato, antes que pudesse dar as boas-vindas, o coronel gritou: — O que aconteceu com o solar, Fitz?

— Coronel, — disse Fitz. — Senhora Clements, estamos felizes por vocês se juntarem a nós.

— Que lindo broche, senhora Clements, — gorjeou sua esposa. — Por favor, entrem.

O Coronel Clements não era facilmente distraído.

— Você vai responder a minha pergunta. O que aconteceu com a mansão?
— Ele gritou quando entraram na mansão.

Fitz sentiu-se transpirar.

— Ainda estamos no meio dos reparos, senhor. Por favor, desculpe o estado da casa.

— Reparos? Metade da mansão se foi.

— Às vezes, os reparos envolvem resultados imprevisíveis.

— Tais resultados são inaceitáveis. Você vai reconstruir a ala norte.

— É claro que vamos reparar a mansão corretamente. Mas não é isso que estamos prestes a fazer hoje à noite, — disse Lady Fitzhugh, com uma confiança e uma habilidade que desmentiam sua idade. — Chá, senhora Clements?

O Coronel Clements não abandonou o assunto.

— Não posso acreditar que você consentiu na destruição de sua casa, Lady Fitzhugh.

Fitz respirou. Fingir que o Coronel Clements estava exagerando era uma coisa, mas ser objeto de sua ira direta era outra completamente diferente. Lady Fitzhugh, no entanto, não estava nem um pouco intimidada.

— Permitir, senhor? Não, eu encorajei. A ideia foi minha.

Ela não tinha apenas audácia. Tinha coragem.

O coronel Clements estalou.

— Explique-se, mocinha.

— Se a ala norte fosse mais bem construída, lorde Fitzhugh e eu teríamos nos esforçado em repará-la. No entanto, foi mal concebida e mal executada. Mesmo que fosse restaurada hoje, ainda deveríamos mantê-la para sempre, comprometendo gastos infinitos dos fundos de modo que não caísse em desuso mais uma vez. E já que ninguém é possuidor de recursos infinitos, optou-se por uma casa mais modesta que está dentro de nossas condições de manutenção. A outra opção é um dia vender o meu futuro filho primogênito no mercado do casamento. E me recuso a sequer pensar nisso. Lorde Fitzhugh teve que se submeter a esse destino; já foi o suficiente. Isso não vai acontecer de novo, não enquanto eu respirar.

Seu tom era eminentemente razoável e ela manteve um sorriso amigável

todo o tempo. Mas não havia dúvida da veemência subjacente de suas palavras. O Coronel Clements ficou rendido sem fala momentaneamente. E Fitz começou a entender que havia se casado com uma garota rara.

O chá foi trazido e lady Fitzhugh serviu a todos.

— É um excelente chá, lady Fitzhugh — disse a senhora Clements.

— Isto é uma heresia total, — o Coronel Clements encontrou sua voz. — A casa está vinculada. Você não pode...

— Coronel, o senhor não vai perturbar nossos anfitriões. Por que não prova um pouco desse adorável sanduíche? — Disse a senhora Clements com firmeza. — Agora, lady Fitzhugh, me diga o que está achando de Somerset.

E foi isso.

No final do chá, com os Clements sendo levados até seu quarto para se trocarem para o jantar, Fitz se aproximou de sua esposa e apertou sua mão.

— Muito bem, garota sábia.

Ela olhou para ele, surpresa com o seu gesto. Então sorriu, ela era uma garota bonita, afinal, inclusive com dentes bonitos.

— Você também se saiu muito bem. Agora se esforce em concordar completamente com o que o coronel disser pelo resto da visita.

Ele assentiu, entendendo perfeitamente.

— Serei extremamente agradável.

Nem toda a ala norte foi derrubada. Boa parte dela foi cuidadosamente preservada: as vidraças do conservatório foram destinadas para a reconstrução das estufas, as pedras do muro para uma restauração posterior da cozinha, e as telhas para o galinheiro, o pombal, e para casa do cogumelo.

Mais curioso, no entanto, foi que lorde Fitzhugh havia deixado uma seção de quatro metros de comprimento de parede. Quando Millie lhe perguntou por que o muro não havia sido derrubado junto com tudo mais, ele disse suavemente, — Para aqueles dias em que estivermos com vontade de quebrar alguma coisa novamente.

O primeiro desses dias veio uma semana após o primeiro aniversário de seu casamento, que passou despercebido.

Ela ouviu o som do martelo a partir de sua sala de estar, no início da manhã. A resposta para a pergunta foi encontrada no Times. A mãe de senhorita Pelham havia anunciado o noivado de sua filha como o capitão Englewood. O nome era levemente familiar. Ela cavou a lista de convidados de seu casamento e havia um clã Englewood. O capitão Englewood, ao que

parecia, era um colega de Eton de lorde Fitzhugh ou o irmão mais velho de algum colega de classe.

Ao meio-dia ela pegou um sanduíche e uma garrafa de chá para ele. Em mangas de camisa, ele estava sentado em uma janela vazia, com a cabeça encostada ao quadro desta parede com Alice em sua mão.

— Sinto muito — disse ela. Sentia-se triste ao vê-lo sofrer.

Ele deu de ombros.

— Isso teria que acontecer.

— Mas você teria preferido que acontecesse mais tarde ou nunca.

— Não vou negar que há uma parte de mim que não quer deixá-la ir. Mas não desejo que ela passe a vida sozinha, seria muito melhor que se casasse. Se apenas o pensamento disto não me deixasse assim.

Ele olhou para o céu.

— Não tenho notícias dela, quando nos casamos, resolvi me afastar de sua vida completamente. Então, não sei as circunstâncias que cercam o seu noivado. Por um lado, estou preocupado, apavorado que ela tenha dito sim ao capitão Englewood simplesmente porque não aguentava mais ficar sozinha. Por outro lado, ela poderia estar apaixonada por ele e ele pode muito bem vir a ser um marido maravilhoso. E será que este pensamento me faz feliz? Nem um pouco. Se ela estiver miserável, eu estou miserável. Se ela está feliz, ainda vou estar aqui batendo numa parede com uma marreta.

Millie não sabia o que fazer. Ou o que dizer. As lágrimas encheram seus olhos e ela as deixou cair. Qual era o ponto de não chorar? A dor dele e a sua própria pareciam uma entidade estranha: a saudade do que não poderia ser recuperado, ou ganho, em primeiro lugar.

Ela enxugou as lágrimas antes que ele pudesse vê-las.

— De qualquer forma, — ele disse. — Muito obrigado pelo meu almoço. Tenho certeza que você tem muito a fazer em casa.

Em outras palavras, ele queria ficar sozinho.

— Posso fazer essas coisas amanhã — ela se aventurou.

Ele balançou a cabeça ligeiramente.

— É muito gentil de sua parte, mas está quente e empoeirado aqui fora.

— Certo, — ela disse. — Então, vou voltar para dentro onde está muito mais agradável.

Ele não olhou para ela. Ele só tinha olhos para Alice, sua amada Alice.

Quando é que ela se lembraria de que a dor deles não era a mesma? Do

quanto gostaria de receber qualquer oportunidade de estar perto dele, mesmo que fosse para ouvir sobre seu amor por outra mulher, ele, por outro lado, às vezes simplesmente não podia suportar a visão dela.

E embora, ocasionalmente, se revelasse uma aliada, ela era e sempre seria: a personificação de todas as forças que o mantinham afastado da felicidade que ele merecia.

Millie resolveu deixar de lado o amor pelo marido.

Não sabia por que não pensara nisso antes. De alguma forma, quando havia se apaixonado, ela aceitou isso como uma condição crônica, algo que devia ser suportado pelo tempo em que vivesse.

Tal coisa não podia ser verdade. Ela devia reconhecer: não havia nada especial sobre seu amor. Era simplesmente uma jovem normal, deslumbrada com a boa aparência de um homem igualmente jovem. Que tipo de amor era o dela, apenas o desejo de possuí-lo? Que amor era o dele, apenas uma direta semelhança do próprio corpo e da alma da Senhorita Pelham?

Algumas coisas na vida são verdadeiramente difíceis. Encontrar a fonte do Nilo, por exemplo. Ou explorar o polo sul. Mas se afastar do amor por um homem que nunca olhava para ela duas vezes, por que deveria se tornar um desafio intransponível?

Alice não estava muito bem. Era setembro. Ela deveria está empanturrando-se, engordando com prontidão para a longa hibernação, mas seu apetite era improdutivo. Fitz a tentou com sementes, frutos, nozes de todos os tipos. Ele a levou em longas caminhadas e procurou por pulgões e outros insetos pequenos que ela pudesse achar interessante. Ele tinha os jardineiros germinando várias plantas, para que ela pudesse ter brotos de folhas frescas, uma iguaria que não havia provado desde a primavera.

Nada surtiu qualquer efeito. Ela comeu mal e passou o resto de suas horas de vigília em diferentes graus de apatia, olhos fracos, sua respiração ofegante.

Ela estava ficando velha. Mas ele havia contado que ela teria pelo menos mais um ano, doze meses mais de pulcra soneca e lanches felizes, mais trezentos e sessenta e cinco dias para ele se acostumar com o fato de que ela não poderia viver para sempre.

Não tão cedo, e não com o casamento de Isabelle respirando em seu pescoço. Não houve compromisso longo, como esperava secretamente; as núpcias aconteceriam antes do término da licença familiar do capitão

Englewood. A lua de mel seria na França e na Itália, em rota para a Índia, onde o capitão Englewood estava estabelecido.

Fitz teria se casado com ela, quando fosse o capitão Fitzhugh, no domicílio quando deixasse seu regimento na Índia. E eles teriam passado pela França e Itália a caminho de sua nova vida juntos, completamente envolvidos um com o outro, completamente emocionados ao se casarem finalmente.

Ela estava fazendo seu melhor para reivindicar a vida que planejaram; sem ele.

Ainda tinha as cartas dela, a fotografia com o grupo todo, e os vários pequenos presentes que ela havia pressionado em suas mãos ao longo dos anos. Mas essas eram coisas estáticas que representavam apenas certos momentos do passado, enquanto Alice era vida, a respiração personificada de tudo o que eram e tudo o que esperavam ser. Enquanto Alice vivia, uma parte de sua ligação permanecia intacta, o tempo e a distância que se danassem.

Mas sem Alice, a linda Alice...

Em torno dele, a vida continuou. Os últimos retoques foram sendo colocados na restaurada mansão: novos pisos estabelecidos, novas paredes coladas, e brilhantes esmaltados vasos sanitários azuis instalados um a um. Sua esposa parecia ter planos muito ambiciosos para o jardim: arbustos e amoras silvestres foram apurados; guano peruano chegou de trem junto com sacos enormes de bulbos, para aqueles primeiros salpicos das cores na primavera.

Às vezes, ele a via com um chapéu de abas largas, conferindo com os jardineiros, consultando o plano original na mão enquanto eles mediam os canteiros de flores novas a serem construídos e novos caminhos colocados.

E, apesar de seu pânico, ele pegou Alice e dirigiu-se ao seu estúdio, para se reunir com seu mordomo, seu arquiteto e seu capataz; receber seus inquilinos e mediar os seus problemas, e escrever o seu relatório semanal para o Coronel Clements sobre a quitação de suas inúmeras responsabilidades.

Ele estava se tornando como sua esposa em alguns aspectos: o estoicismo, a determinação para continuar, não importa o quê.

Alice, no entanto, não podia mais continuar.

— Sempre pensei que você morreria dormindo, — ele disse a ela, ajustando a cama de algodão macio que tinha feito para ela. — E seria tão fácil que você nem sequer saberia disso.

Ela resfolegou outra respiração difícil. Seus olhos estavam fechados. Um

de seus pequenos pés se contraiu ao longo do tempo, mas por outro lado ela tornara-se demasiado fraca para se mover.

— Quero ter você no meu bolso todos os meus dias. E aposto que você quer o mesmo. Aposto que você queria que estivesse apenas tendo dificuldade para adormecer, que quando acordasse seria primavera novamente e você seria forte e saudável e pronta para comer para engordar. Mas nenhum de nós pode ter tudo o que quer, não é? Você está indo para um lugar bonito, onde é sempre primavera. Eu não vou estar lá, mas vou lembrar-me de você por aqui. E vou pensar em você cercada por brotos frescos e avelãs, faminta de novo, jovem de novo.

Ela parou de respirar.

Ele chorou; as lágrimas caindo pelas bochechas.

— Adeus, Alice. Adeus.

Um convite para o casamento de Isabelle Pelham chegou para os Fitzhughs, mas nem Millie nem lorde Fitzhugh compareceram.

Ou melhor, Millie assumiu que seu marido não compareceu. Estava sozinha em casa no campo e ele em algum lugar. Ela não havia perguntado sobre seu paradeiro. Na verdade, nem mesmo mantinha a contagem de quanto tempo ele tinha ido embora, apenas sabia que tinha sido mais de sete dias e menos de dez.

Ele voltou dois dias depois do casamento. Ela esperava ouvir a marreta novamente. Mas, através de sua janela aberta veio apenas o som do vento e da equipe de trabalho, enquanto iam para suas tarefas.

Sua curiosidade superou sua resolução de não se importar. Ela entrou em um quarto com vista para a parede arruinada. Ele parara diante da parede, ainda em suas roupas de viagem, espalmou uma mão contra esta. Então, lentamente, começou a andar, a palma da mão deslizando através da parede como se fosse um estudante de arqueologia examinando as ruínas de Pompéia pela primeira vez.

Ela seguiu para uma tarde autêntica. Quando voltou, ele ainda estava lá, encostado na pedra, um cigarro pendurado entre os dedos.

Ele levantou o queixo em reconhecimento à sua aproximação. De alguma forma, a expressão pensativa e melancólica em seu rosto lhe disse tudo.

— Você foi ao casamento — disse ela, sem mais preâmbulos.

— Não e sim, — ele disse. — Não entrei.

— Você esperou do lado de fora da igreja, enquanto ela estava trocando seus votos?

Tal gesto, outro desesperado e estupidamente romântico motivo para não amá-lo. No entanto, tudo o que ela sentia era seu coração destroçar.

— Eu os vi sair da igreja, entrar na carruagem, e partir.

— Será que ela te viu?

— Não, ela não me viu, — ele disse suavemente. — Eu era apenas um rosto na multidão.

— Ela deve ter sido uma noiva linda.

— Sim, muito bonita. Seu noivo estava emocionado, ela parecia feliz, — ele inclinou a cabeça para cima. — Eu temia esse dia. Mas agora que chegou e se foi, me sinto quase... Aliviado. Isso já aconteceu no passado: ela se tornou a mulher de outro homem. Não preciso mais temer.

— Então, você está realmente feliz por ela?

— Eu gostaria de ser ele: eu o invejo e desejo nunca invejá-lo. Ainda assim, quando vi seu sorriso para ele, foi como se uma carga saísse dos meus ombros.

Ele olhou para Millie.

— É bom saber que não sou tão egoísta como pensei que poderia ser.

Não se atreva a fazer isso comigo. Este não é o momento para você agir como nobre e generoso.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou um pacote embrulhado em seda e amarrado com um pedaço de fita.

— Isto é para você.

— Você já me deu um presente de aniversário.

— Nós dois sabemos que era Venetia quem se lembrava de lhe dar um presente de aniversário por mim. Você tem sido uma amiga fiel. Eu não tenho apreciado isso muito bem, mas, por favor, saiba que sou grato a você.

Não, ela quase disse. Não.

— Você não me deixou afogar em uísque. Você não me deixou enfrentar o Coronel Clements sozinho. E você é sempre, sempre gentil. Espero que eu possa ser tão bom amigo para você algum dia.

Ela mordeu o lábio inferior.

— O que tem no pacote?

— Um ramo de lavanda para o seu jardim. Perguntei a sua donzela e ela me disse que você gosta muito de lavanda. Depois do casamento de Isabelle

fui até a casa de lady Pryor e pedi alguns ramos. Sei que é melhor plantá-los na primavera, mas ainda é possível no outono.

Ela abriu o pacote e, de fato, dentro estava acondicionado um raminho de lavanda.

— Amanhã virá mais, mas pensei que deveria trazer um presente em pessoa.

— Você não devia — ele realmente não devia. Seis semanas de esforços persistentes para afastar seu amor por ele e ele iria estragar tudo com um único gesto.

— Tudo que fizemos aqui foi derrubar coisas e evitar uma maior deterioração, — ele disse. — Vamos plantar alguma coisa, algo novo, algo que é nosso.

Você não sabe o que pede. Você não sabe as terríveis esperanças que isso acenderá em mim.

— Obrigada, — disse ela. — Ficará bonito.

CAPÍTULO 8

1896

— Mel de lavanda — dizia Isabelle da etiqueta manuscrita na jarra de vidro.

— Você gosta de mel, se bem me lembro, — disse Fitz. — Nós fazemos esse mel em Henley Park. Produto muito bom.

E muito bonito, um dourado brilhante e claro com um tecido xadrezinho cobrindo o frasco.

— Meu Deus, para fazer mel de lavanda você deve ter todo um campo de lavanda.

— Hectares e hectares. É um grande espetáculo de se ver, especialmente depois de três meses em Londres — Fitz sentiu uma onda de orgulho e carinho com o simples pensamento. Ele sentia falta disto, do seu canto na Terra.

— Você nunca me contou sobre esses hectares e hectares de lavanda. Pensei que Henley Park fosse nada, a não ser ruínas.

— Era. Os campos de lavanda foram iniciados em minha gestão, embora a maior parte do crédito seja de lady Fitzhugh. Ela é uma jardineira incansável.

Isabelle estava segurando o frasco de mel, admirando-o na luz. Ela o posou abruptamente.

— Você está me dando algo que vem do jardim dela?

Sua voz era cheia de suspeita e desagrado, estava interpretando muito um simples presente.

— Do nosso jardim, — ele disse com firmeza. — Eu trouxe os primeiros ramos de lady Pryor.

Isabelle apertou os lábios.

— Isso pode ser ainda pior, vem de algo pertencente a ambos.

— Você está lidando com um homem casado, Isabelle. Grande parte da minha vida está entrelaçada com a de minha esposa.

— Eu sei disso, — ela suspirou um som exasperado. — Mas a lembrança não ajuda, não é?

Ele tinha visto o mel no café da manhã, lembrou que ela gostava de mel na

torrada, e perguntou a governanta se havia frascos fechados tão simples como esse. Mas nada, infelizmente, era tão simples.

— Se você não se importar, vou levá-lo de volta e encontrar algo que você goste mais.

— É claro que gosto, adoro qualquer coisa que você me dá, — seus lábios curvaram-se brevemente nos cantos. — Estou apenas frustrada porque não pude compartilhar de sua vida.

— Tudo vai mudar agora. Minha esposa e eu não tínhamos nada em comum quando nos casamos, — percebendo que não tinha dado o melhor exemplo, apressou-se em acrescentar: — Vai levar tempo, isso é tudo. Temos de recuperar o atraso por todos os anos que estivemos separados, e então, construir algo novo.

— Você faz parecer como se houvesse uma distância entre nós que precisa ser superada.

Ele foi pego de surpresa que discutisse com ele neste ponto.

— Isso é completamente inevitável, não é? Nós mudamos. Vai levar um tempo para conhecer um ao outro, assim como nós já fizemos.

— Eu não mudei, — sua voz tornou-se veemente. — Sim, experimentei o casamento e a maternidade. Mas continuo a mesma pessoa que sempre fui. Se você me conhecia antes, então, deve me conhecer agora.

— Eu te conheço, mas não tão bem quanto gostaria — ele parecia defensivo aos seus próprios ouvidos.

— Não tão bem quanto você conhece sua esposa, você quer dizer.

Ele não sabia por que a conversa continuava voltando para sua esposa.

— Certamente conheço seu itinerário diário, tão bem como conheço o meu, e conheço seu caráter. Mas ela é misteriosa, lady Fitzhugh, nunca sei o que ela está pensando.

— E quanto a mim? Pode dizer o que estou pensando?

Ele reconheceu o pequeno desafio, o olhar meio triste no rosto. Ela sabia que exagerava, mas ainda não estava pronta para admitir seu erro. Ele sorriu com alívio.

— Acho que você, ou parte de você pelo menos, deseja que falemos de outra coisa.

— Talvez, se eu pudesse ter certeza de que sua esposa não conseguiu penetrar em seu coração.

— Esta ideia é bastante tola. Se eu a amo, então, o que estou fazendo aqui

com você?

Seu raciocínio aparentemente passou no teste. Ela sorriu timidamente.

— Vamos falar sobre a nossa lua de mel? Um lugar para ir quando seus seis meses se acabarem.

— Nós estaremos no auge do inverno, não é mesmo?

— Sim, — disse Isabelle, seus olhos se iluminando. — Então, nós devemos ir a algum lugar quente. O tempo em Nice seria perfeito. Mas Nice é tão cheia no inverno, não vamos querer tropeçar em todo mundo. Maiorca poderia ser adorável, ou Ibiza, ou mesmo Casablanca.

Uma sensação infeliz o dominou. Natal em Henley Park tornara-se uma grande tradição, um abraço prolongado de família e amigos. Ele não queria limitar as festividades dirigindo-se para lugares desconhecidos — algumas de suas melhores lembranças dos últimos anos vinham dessas reuniões. E ele mal podia tolerar a ideia de abandonar sua esposa logo após o Natal.

Talvez a sua maneira, ele se tornara tão misterioso quanto sua esposa. Isabelle conversou avidamente sobre as possibilidades, aparentemente havia uma oferta firme de pitorescos lugares na costa mediterrânea da Espanha, nem uma vez percebendo que seu entusiasmo não combinava muito bem com o dela.

Mas estava tudo bem, ele supunha. Ele tornou-se confortável demais em sua existência. Todas as criaturas de hábito precisavam ser sacudidas de vez em quando, para não se tornarem rigidamente fixas em seus caminhos. Ele só queria que Isabelle não pensasse em fazer uma produção tão grande para o início do futuro deles. Afinal, ele estava cometendo adultério, e lhe parecia que deviam agir com mais silêncio e discrição.

Isabelle, no entanto, era Isabelle — exuberante e apaixonada, cheia de vitalidade irreprimível. E por que ele deveria negar—lhe um pouco de especulação, ou uma provável excursão deliciosa a um lugar com palmeiras e um mar quente?

Se apenas o pensamento de Millie passar janeiro só não o angustiasse tanto, como se ele estivesse prestes a deixar a porta da estufa aberta no dia mais frio do ano e voltar para encontrar todas as plantas cuidadosamente cultivadas, secas pela crueldade e a negligência.

Helena não podia acreditar em seus olhos: Andrew! Ele estava na plataforma da estação ferroviária esperando, nada menos que a seis metros

dela.

Ela enviou sua donzela Susie para comprar um jornal e algumas nozes torradas de vendedores ambulantes do lado de fora da estação. Uma vez que teve certeza de que Susie havia sido engolida pela multidão, ela fez seu caminho até Andrew e bateu no ombro dele.

A surpresa extasiada em seu rosto era quase — quase — maior que a longa separação.

— Helena — ele disse com reverência, sua voz calma em grande parte perdida no barulho de um entroncamento ferroviário cheio de atividade.

Sua coloração era uma versão mais difusa da dela, seu cabelo cor de gengibre, seus olhos cor de avelã, que tinha sido um dos primeiros temas de conversa deles; dois ruivos em famílias cheias de irmãos de cabelos negros — dela — e primos louros — dele. Ele tinha covinhas, estava levemente amarrotado nos ombros por todas àquelas horas sentado diante de uma mesa, e o cabelo um pouco mais curto que o dela, algo que ele sempre brincava, bem humorado.

Tudo o que ele fazia era de boa índole e honesto. Em um mundo cínico, ele era uma criatura rara, um tanto de inteligência e doçura genuína.

— Andrew, — ela desejava tomar suas mãos na dela, mas não ousou em público. Eles apertaram as mãos, segurando os dedos um do outro um segundo a mais do que era completamente apropriado. — Você está indo a algum lugar?

— Sim, para Bodley, para ler alguns manuscritos, — ele passava uma grande quantidade de tempo na Biblioteca Bodleian, em Oxford, mesmo quando fora um estudante lá. — E você?

— Hoje, Venetia está oficialmente retornando de sua lua de mel. Eu pensei em dar as boas vindas a ela em seu retorno a Londres.

— Que excitante. Não tive a oportunidade de felicita—la em pessoa, — ele mordeu o canto dos lábios. — Mas acho que ela realmente não quer me ver.

— Do que você está falando?

Ele tirara a luva direita quando apertou a mão dela. Agora, ele torcia aquela luva inquieto.

— Encontrei seu irmão, você não sabia?

— Fitz? — Seu coração já estava afundando. — O que ele tem a ver com

isto? Por favor, não me diga que ele chamou você.

Essa era a razão de Andrew ter escrito choramingando para terminar o caso deles, citando os perigos à sua reputação e outras invenções.

— Ele foi muito gentil, mas tem razão, Helena. O que nós estávamos fazendo era terrivelmente perigoso. E eu nunca seria capaz de viver comigo mesmo se danificasse o seu bom nome.

Então Fitz sabia, e também Venetia e Millie, todo esse tempo. Se alguém pudesse ser a parte responsável pelo caso, seria ela, mas ele havia escolhido agir pelas costas e falar com Andrew diretamente. Eles tomaram decisões por ela, deixando-a no escuro, como se ela fosse uma criança, quando era apenas quinze minutos mais jovem do que Fitz, e na sua presença eles fingiram que nada estava acontecendo, como se não fosse uma das mais significativas escolhas de sua vida, mas apenas lixo para ser varrido para baixo do tapete.

— Meu bom nome é tudo em que alguém pode pensar? Pensei que já tínhamos concordado que há mais na vida do que reputação. Pensei que tínhamos concordado que a felicidade era mais que um risco ou dois.

— Ainda concordo. Mas isso foi antes de nós sermos descobertos. Graças a Deus foi apenas o seu irmão. Se tivesse sido qualquer outra pessoa, não posso nem imaginar as consequências.

Maldito Hastings. Ele devia ter dito a Fitz, afinal.

— Você realmente não quer me ver mais?

— Helena, — a voz de Andrew se agitou levemente. — Você sabe que eu daria qualquer coisa para vê-la, mas prometi ao seu irmão.

— É a sua promessa para ele é mais importante do que suas promessas para mim?

Andrew fez uma careta.

— Eu...

Com o canto do olho, ela viu Susie voltar.

— Você vai me encontrar de novo. Porque não vai me abandonar e não vai me deixar sem esperança.

Ela se virou e foi embora antes que Susie pudesse chegar perto demais.

Só para ver Hastings a poucos metros de distância, com uma expressão de leve interesse no rosto. Ele havia visto ela e Andrew juntos. Ela não se incomodou, apenas disse a Susie, quando chegou até ela, que iria conversar em particular com o Senhor Hastings.

No entanto, antes que ela pudesse atacá-lo por quebrar sua palavra, ele

disse: — Eu não disse Fitz à identidade de seu amante. Na verdade, ele me deu um soco no rosto quando percebeu que não havia lhe contado tudo.

— Então, quem foi?

— Dê aos membros de sua família algum crédito. Você acha que eles não se lembram de que você era apaixonada por ele? Você acredita que eles não podem somar dois e dois? E não se esqueça de todas aquelas cartas de amor que chegavam aos montes de seu amado. Eles só precisavam se apoderar de uma para conhecer sua identidade.

Havia uma carta que ela não pôde encontrar depois do seu regresso da América.

— Por que não disseram nada para mim?

— Provavelmente porque sabiam que você não ouviria a razão.

— Isso é uma droga de controle.

— Você teria ouvido?

— Eles tentariam me convencer com o pensamento convencional, absolutamente com a mesma razão. Nem todos nós vivemos a mesma lógica.

— No entanto, você ainda tem que cumprir o mesmo conjunto de regras como o resto deles. As consequências não serão diferentes para você.

— Você diz isso como se eu não soubesse quais são as consequências.

— Você sabe exatamente quais são as consequências. Mas você não acredita que pode acontecer com você.

— E por que deveria? Tenho sido rigorosamente cuidadosa.

— Você? Três noites em Huntington observei vocês irem e virem de seus encontros, você não percebeu coisa alguma. Na última noite, outro casal em seu encontro secreto veio direto em nossa direção. Eu tive que me desviar deles. Depois não tive escolha, apenas falar com sua família.

Ela não sabia disso, mas sua ira ainda cresceu.

— E, além disso, roubou um beijo meu.

— Para alguém que lida com escritores, você deveria escolher suas palavras com mais cuidado, — ele sorriu. — Consegui meu beijo honestamente.

O libertino.

— E você gostou do meu livro? Não a espantou a finesse literária?

— Estamos falando de sacanagem com desenhos sujos.

— Ah, então você está lendo.

— Olhei apenas duas páginas e foi o suficiente para mim.

Ele sorriu.

— É muito bom, não é?

— É um desperdício de papel. E o que você está fazendo aqui, afinal?

— Eu vim receber nossa duquesa de volta a Londres. Ela é praticamente minha irmã também. Agora, se você me desculpar.

— Aonde você vai?— Ela não estava muito curiosa bem como suspeita.

— Fitz estará aqui em breve. Martin pode saber tudo o que aconteceu no Reino da Anglia Oriental antes que Canuto, o Grande, o transformasse em um simples feudo, mas eu sei que ele não tem o bom senso de se afastar e evitar dar a impressão de que se encontrou com você.

— Ele não precisa. Acontece que ele está a caminho de Oxford.

— Mais um motivo para não dar ideias erradas a Fitz. Se não há má conduta, então você não deveria estar sob a suspeita das pessoas.

Ele afastou-se, tocou Andrew no ombro, e guiou-o para fora.

Fitz chegou à estação de trem para encontrar Helena e Hastings pé juntos, falando naquele ritmo particular puxa-empurra deles. Fitz ouvia a troca de insultos levemente velada com sua habitual diversão e — uma pontinha de melancolia. Era uma prova da habilidade de Hastings e da determinação de Helena, que depois de todos esses anos, ainda não soubesse que ele era apaixonado por ela. Mas seria bom esse tipo de amor, orgulhoso demais para se revelar?

Ele se perguntou se o mesmo se aplicava à sua esposa. Uma vez que tivesse sua liberdade, seria ela muito tímida para seguir seu companheiro, por quem permaneceu castamente dedicada todos esses anos?

Uma coisa estranha, esse anonimato continuado dele. Ela não fez sua estreia até depois que se tornou lady Fitzhugh, portanto não estivera em contato com muitos jovens antes de se casar. Nos anos seguintes, Fitz havia encontrado os Graves socialmente mais de uma vez e nunca havia se deparado com um homem que provocasse qualquer reação nela.

— Meu Deus, a senhora Englewood! — Hastings gritou. — Que coincidência adorável correndo para você.

Fitz foi sacudido de seu devaneio. Isabelle, em um vestido de veludo preto de passeio, apareceu ao lado de Fitz. Ela apertou calorosamente as mãos de Hastings e Helena.

— Adorável, sim, coincidência, não. Fitz me disse que a duquesa chegaria

esta tarde. Estou morrendo de vontade de conhecer seu novo marido e de vê-la novamente, assim como todos vocês. Como eu poderia deixar passar essa oportunidade quando sabia que todo mundo estará reunido aqui?

Todos, incluindo Millie.

Se ela fosse qualquer outra pessoa, Fitz teria suspeitado que estivesse tentando usurpar o lugar de Millie. Mas Isabelle era uma criatura de impulsos, e não de astúcia. Não havia malícia nela, nem maquinações.

Ao mesmo tempo, isso era um erro. Inserindo-se abertamente num momento familiar, ela podia muito bem postar um anúncio nos jornais declarando sua intenção de criarem uma família juntos. Sem importar o quão romântico seria uma reunião de jovens amantes, ele ainda estaria cometendo adultério e preferia fazê-lo discretamente, e não dar motivos para sua esposa pensar que havia sido publicamente desprezada.

Ele não estava sozinho em sua reação. Uma vez que Helena e Hastings perceberam que Isabelle tinha chegado deliberadamente e que permaneceria com eles, ambos olharam para as portas da plataforma: Era só uma questão de tempo antes de Millie chegar.

E então os dois olharam para Fitz com incerteza e mais do que um pouco de ansiedade por parte de Helena, que tentava avaliar sua reação para determinar se aprovava a ação de Isabelle ou se ele compartilhava de sua inquietação.

O trem de Venetia parou na estação. Ela e o marido, o duque de Lexington, desceram do vagão privado do duque. Os dois tinham fornecido a maior parte dos boatos no início da temporada, culminando em uma fuga que havia inclusive chocado a todos os membros de suas famílias. Fitz havia adivinhado as razões ocultas por trás desse casamento repentino, mas ainda tinha se preocupado até que o casal viera para uma rápida visita a Londres, não muito tempo atrás, quando ele viu por si mesmo como Venetia estava feliz e relaxada com seu novo casamento. Eles haviam retornado à propriedade do duque no campo para o resto da lua de mel e só agora se reuniriam com a sociedade, a começar com o baile em sua honra, oferecido por Fitz e Millie — na mesma noite em que iriam consumir o casamento.

Apenas dois dias de distância agora.

Helena acenou. Venetia acenou de volta, toda sorrisos. A multidão silenciou — Venetia era a grande beleza de sua geração e sua aparência muitas vezes causava silêncios assombrosos. Mas quando ela caminhou de

braço dado com o marido para a sua família, os curiosos retornaram gradualmente a seus próprios interesses.

Seu sorriso vacilou quando viu Isabelle. Talvez sua mão apertasse o braço do marido também, porque o duque inclinou a cabeça para ela. Fitz não poderia dizer que pergunta ele fez, mas a resposta dela, a julgar pelo movimento de seus lábios, parecia ser: *Está tudo bem. Eu conto mais tarde.*

Ela foi calorosa e agradável quando cumprimentou Isabelle e apresentou seu marido. Eles eram todos velhos amigos. Isabelle e Hastings tinham brincado juntos muitas vezes quando os meninos visitavam a casa dos Pelham. Ela e Helena sempre se deram bem. E Fitz ficara sabendo a partir de uma observação perdida de Helena há anos atrás, que nos dias que antecederam o casamento, Venetia passou muitas horas segurando a mão de Isabelle enquanto ela chorava e se enfurecia contra a crueldade do destino.

Esta então, deveria ter sido uma reunião mais alegre. Mas apenas Isabelle trouxera alegria e vivacidade. Ela torcera pelo casamento de Venetia com o duque. Ela deu estocadas saudáveis em Hastings pelo desprezo contínuo de Helena por ele. Ela mal podia esperar para estar bem instalada para que pudesse oferecer um jantar para o antigo grupo.

Todos foram cordiais a sua maneira, mas seus sorrisos lembraram a Fitz daqueles colocados diante de um vigário excessivamente falante.

— Sim, — disse Isabelle, enquanto caminhavam em direção à saída e as carruagens que esperavam além. — Eu gosto. E Fitz não disse? Foi ele quem conseguiu a casa.

Rápidos olhares inescrutáveis dispararam para o lado de Fitz.

— Fitz é terrivelmente modesto, — disse Venetia. — Não é dele se vangloriar pelo que faz por seus amigos.

Isabelle riu.

— Modesto, Fitz? Quando você se tornou modesto? Eu me lembro de você se gabando como o melhor de todos.

Ele tinha, não tinha? Ele desfilara também, como os outros jovens, rapazes atléticos que tantas vezes faziam. Pode-se dizer que ter seus sonhos destruídos diante de seus olhos matara sua arrogância. Mas a verdade era que ele sempre admirou mais a confiança tranquila do que bravatas e teria moderado sua arrogância em algum momento, mesmo que a vida não o tivesse vencido.

— A modéstia é uma qualidade muito atraente em um cavalheiro mais

velho, como eu.

Isabelle riu.

— Oh, que engraçado.

Ele tinha a intenção de zombar de si mesmo, mas o que ele disse não foi uma piada.

— Então, minha querida senhora Englewood, quais são seus planos agora que está de volta? — Perguntou Hastings.

— Ah, são muitos. — Isabelle virou o rosto para Fitz, seu olhar de antecipação inconfundível.

Hastings bateu os dedos contra o cabo de sua bengala. Venetia ajustou o ângulo do seu chapéu. Helena puxou o pingente em sua garganta. Isabelle podia não reconhecer os sinais, mas eles estavam desconfortáveis, especialmente suas irmãs.

— A senhora Englewood vai visitar sua irmã em Aberdeen, em um dia ou dois — disse Fitz.

— Oh, que agradável, — disse Venetia. — Você ficará por um tempo? A Escócia é linda nesta época do ano.

Havia esperança em sua voz.

— Não, uma semana no máximo. Vou visitá-la por um longo tempo após o final da temporada, mas por enquanto vou sentir muito falta de Londres — ela olhou novamente para Fitz, não se importando em flertar essencialmente, até mesmo emocionalmente.

Talvez Fitz tivesse atirado seu passado modesto dentro de um puritanismo absoluto. Mas Isabelle tinha filhos e ele uma esposa. Eles deveriam ser mais prudentes em sua conduta pública, mesmo que estivessem na presença de sua família e de seu amigo mais confiável.

Em seguida, ele a viu, Millie, descendo da carruagem, olhando à direita e à esquerda e se preparando para atravessar a rua. Seus olhos pousaram sobre ele no mesmo momento. Mas o prazer em seu rosto desapareceu quando viu Isabelle andando ao lado dele, confortavelmente instalada entre os membros de sua família.

Em seu lugar.

Ela piscou algumas vezes, seu rosto, doce e delicado esforçando-se para se recompor. Baixando a cabeça, ela se virou e subiu de volta na carruagem.

Esta foi embora, um discreto veículo em um mar de carruagens.

Alice estava em seu lugar habitual na cornija da lareira no estúdio de Fitz, seus olhos fechados, sua cauda enrolada em torno de seu pequeno corpo roliço. A redoma de vidro transparente que a protegia da poeira e da umidade anunciava que há muito tempo partira para o além, mas que permanecia tão real que Millie ainda esperava que se mexesse e acordasse.

— Estive procurando por você por toda a casa, — veio à voz do marido atrás dela. — Por que você não se juntou a nós?

Millie não se virou imediatamente. Ela precisava de um minuto para se recompor. A visão festiva de Fitzhugh saindo da estação ferroviária ainda estava gravada em sua mente, Isabelle retomando seu lugar como se os últimos oito anos nunca tivessem acontecido.

— Você voltou mais cedo, — disse ela. — Pensei que todos fossem tomar chá na casa do duque.

— Todos inclui você e eu, vim buscá-la.

Ele havia falado com ela de justiça quando colocou o pacto em uma fogueira e o queimou. Sem dúvida, ele estava novamente motivado por sua necessidade de restaurá-la ao seu lugar de direito. Mas ela queria ser uma parte inseparável de seu coração, e não uma consideração para a sua consciência.

— Será difícil com a senhora Englewood lá.

— Ela não estará lá.

Ele se juntou a ela na lareira, o ombro do casaco matinal dele salpicado de gotas de chuva que havia começado a cair quando ela chegou a casa. E, em seguida, totalmente inesperado: a mão nas suas pequenas costas, seus lábios em sua bochecha.

O gesto era mais familiar do que íntimo. Ainda assim, eles não se cumprimentavam assim: acenos e sorrisos talvez, mas não beijos na bochecha, que deixaram uma marca de calor sobre a pele dela.

Ele virou a redoma alguns graus.

— Eu nunca lhe perguntei, Millie. Por que você preservou Alice?

Às vezes, Millie se esquecia de que tinha sido ideia dela. Não, mais do que sua ideia: Também foi ela quem contratou os serviços de um taxidermista.

— Você a amava tanto que eu não podia suportar a ideia de colocá-la na terra.

Ele ficou em silêncio, o polegar esfregando contra a pequena placa que trazia o nome de Alice.

— Você ainda sente falta dela? — Ela perguntou.

— Não tanto quanto costumava sentir. E quando sinto falta dela — ela era uma figura de meu tempo de escola — pensar nela é lembrar como é ter dezessete anos e não ter preocupações.

— Você sente falta da sua antiga vida — era um fato, mas ainda assim a machucava ser lembrada disso.

— Todos nós não sentimos, de vez em quando? — Ele ajeitou a redoma e se voltou para ela. — Daqui a dez anos vou perder minha vida como é hoje, simplesmente porque nunca terei vinte e sete anos novamente. Há sempre algo de bom para lembrar em cada etapa da viagem.

— Mesmo do ano em que você se casou?

— Sim, — sua expressão era — certamente ela se iludia — nostálgica. — Demolir a ala norte foi uma oportunidade que não terei novamente. A senhora Clements dizendo para o coronel se calar. Nossa conversa sobre os vasos sanitários com o retrato da rainha dentro, essa é ainda uma das coisas mais engraçadas que já ouvi.

Ela não sabia por que devia ser assim, mas seus olhos se encheram de lágrimas. Tinha sido um ano horrível, mas suas palavras transmitiam um grande carinho por esta época tão árdua de sua vida juntos. Como se ao olhar para trás, a dor e a angústia tivessem sido peneiradas a distância, e só as joias permaneceram — momentos de camaradagem, memórias que brilhavam.

— É claro, — ele disse, sorrindo. — Como posso me esquecer do seu pânico sobre a minha determinação de me matar com uma imitação de rifle.

Sua voz travou.

— Você nunca vai me deixar esquecer isso, vai?

— Não. Não posso acreditar que nós nunca tivemos as tais lições de armas de fogo, não?

— Sempre havia preocupações mais urgentes.

— Nós vamos fazer isso este ano, você vai dar um tiro certo em um momento.

— Tenho certeza que a perdiz terá todo o prazer em discordar quanto eu perder o último deles.

— Perdiz não é a única coisa para se atirar. As estações de perdizes e faisões não terminarão até primeiro de fevereiro. E essa é muito t...

Sua voz sumiu.

O entendimento veio muito rápido para Millie, como um pôr do sol

tropical que de repente transformou o dia em noite. Não haveria ano que vem para eles. Em janeiro, ele voltaria para a senhora Englewood.

— Está tudo bem, — disse ela corajosamente. — Nem todos são feitos para serem peritos atiradores.

Ele olhou para ela como se não a tivesse visto em muito tempo. Ou talvez, como se ele nunca pudesse vê-la de novo, e devia memorizar seus traços, um por um.

Quando ele finalmente falou, disse: — Eles ainda estão esperando por nós para o chá, você e eu. Vamos?

CAPÍTULO 9

A Parceria

1889

O pai de Millie morreu três semanas depois de Alice. Mas, enquanto Alice havia fornecido todas as indicações de que não tinha muito tempo nesta terra, o coração do senhor Graves falhou inesperadamente. Ele tinha quarenta e dois anos.

Millie ficou atordoada. Sua mãe ficou incoerente pelo choque. Felizmente, como havia feito após o falecimento do Senhor Townsend, lorde Fitzhugh entrou em cena e assumiu o controle.

A vontade do senhor Graves era bastante simples. Ele estabeleceu um número de encargos aos retentores legais de longa data e funcionários, fez diversas doações para membros de sua família, provisionou generosamente a sua viúva, e deixou todas as empresas Cresswell & Graves para Millie.

Depois do funeral, a senhora Hanover, tia de Millie, sugeriu que a senhora Graves, devastada pela dor, faria bem em passar algum tempo em um local iluminado e alegre. Juntas, Millie e a senhora Hanover acompanharam a senhora Graves a Toscana para se recuperar numa paisagem ensolarada de ciprestes e vinhedos.

Elas haviam planejado ficar pelo menos três meses. Mas depois de um mês, chegou uma carta de seu marido para Millie. Ele obedientemente escrevia uma vez por semana, cartas curtas que enumeravam não mais do que cinco sentenças entre cumprimentos e saudações. Mas esta carta continha três páginas, frente e verso.

Ele havia realizado uma auditoria na empresa, nas contas e registros de suas fábricas e outros ativos físicos. Ele também havia falado com um bom número de varejistas que vendiam mercadorias da Cresswell & Graves.

O senhor Graves, durante seu mandato, havia sido excessivamente cauteloso. O pudim de ameixa e a sarda^[15] foram os únicos produtos novos adicionados à linha durante a última década. Sua filosofia era produzir poucos produtos e produzi-los bem. Com o número cada vez maior de

empresas que, diariamente, introduziam mais variedades no mercado, a Cresswell & Graves ainda vendia quase o mesmo número de produtos, de ano para ano, mas eles foram se tornando um percentual cada vez menor no estoque dos varejistas.

Além disso, eles não podiam nem sequer se vangloriar de seus produtos como sendo os melhores produtos enlatados. Sim, seus ingredientes eram cuidadosamente selecionados e ainda completamente inspecionados, e o processo de fabricação era limpo e consciente, mas novas tecnologias e métodos de produção se tornaram disponíveis nos últimos dez anos — meios para fazer conservas de gosto mais fresco e que durassem mais tempo — e Cresswell & Graves não havia adotado nenhuma delas.

A empresa estava estagnada. Na opinião de lorde Fitzhugh, eles ainda não haviam chegado a um ponto de crise. Mas se as coisas continuassem no mesmo ritmo lento, o declínio não tardaria muito.

Uma mudança devia acontecer. Se não iniciasse uma mudança agora, seriam forçados em breve. Ele pretendia convocar uma reunião de advogados e gerentes e discutir uma direção nova e mais enérgica para a empresa. Será que Lady Fitzhugh se juntaria a ele?

Millie estava estupefata, quase mais por seu pedido do que pela má sorte da empresa. Desde o nascimento ela foi treinada para ser uma dama. Não sabia nada sobre o negócio. Nunca havia posto os pés em uma das fábricas Cresswell & Graves. E até sua lua de mel, nunca comera um enlatado.

Parecia quase uma blasfêmia participar da gestão do negócio sem qualquer capacidade. Sua mãe nunca participou. Seu pai, se ainda estivesse vivo, ficaria escandalizado com qualquer envolvimento por parte de Millie.

— O que devo fazer? — Ela perguntou a sua mãe.

— O que você gostaria de fazer? — Disse a Senhora Graves. Ela ainda parecia pálida e frágil em roupa de viúva, mas sua antiga força de espírito estava retornando.

— Eu gostaria de fazer o que puder para ajudar lorde Fitzhugh e a mim. Mas não tenho certeza de que minha presença pode realizar. Não tenho a menor experiência quando se trata de assuntos de negócios.

— Mas a empresa pertence a você. Sem o seu apoio, lorde Fitzhugh não pode assumir a gestão da mesma.

— Estou surpreso que ele queira — Lordes não se envolviam nos detalhes minuciosos de como o dinheiro chegava até eles.

A senhora Graves inclinou a bastidor para melhor examiná-lo à luz.

— Eu aprovo. Um jovem deve ter tarefas ambiciosas com que se ocupar. Mesmo com todo o trabalho que ainda precisa ser feito em Henley Park, a maioria das melhorias vai terminar em algum momento no futuro não muito distante. Mas uma preocupação permanente, como Cresswell & Graves, vai sempre manter o homem no comando ocupado.

Millie permaneceu acordada metade da noite, pensando. Na parte da manhã, antes do café, ela enviou sua resposta.

Vou chegar até o final da semana.

Lorde Fitzhugh estava esperando na plataforma quando o trem de Millie chegou a Londres. Ela não esperava sua presença. Quando chegava ao destino depois dele, ela podia sempre esperar que ele enviasse um coche para ela, mas ele nunca viera recolhê-la em pessoa.

Ele acenou com a cabeça quando a viu, com o rosto quase colado à janela. Sempre tão lindo, seu marido, mas havia algo diferente em seu aspecto hoje. Estava vestido formalmente, cartola reluzente, um casaco preto, uma faixa de luto no braço, mas não era isso.

Então, ela percebeu que pela primeira vez, desde que o conhecera, ele parecia genuinamente animado. Ao contrário do condado, que assumiu relutantemente, ele apreciava a perspectiva de refazer a Cresswell & Graves.

Ele ofereceu-lhe o braço quando ela desembarcou.

— Como foi sua viagem, lady Fitzhugh?

— Tudo bem. Tive que esperar durante a noite em Calais, muito nevoeiro sobre o canal, mas fora isso, foi tudo bem.

— E como está a senhora Graves?

— Muito melhor. Ela envia seus cumprimentos e aprova suas ambições.

— Sua mãe, sem dúvida, é a pessoa mais voltada para o futuro que já conheci.

— Ela teria ficado muito satisfeita ao ouvir isso.

— Então, terei a certeza de dizer-lhe pessoalmente na próxima vez que nos encontrarmos. E você, lady Fitzhugh, também aprova minhas ambições?

Ela estava falando com uma pessoa diferente. O lorde Fitzhugh que ela havia conhecido era um estoico que desempenhava suas funções como se esperava dele. Mas este jovem ao lado dela, tinha algo a realizar.

A senhora Graves havia dito que as decisões conjuntas eram a base sobre a

qual construir uma vida. Mas depois da fundação, eles precisariam de uma estrutura. E Cresswell & Graves poderia ser essa estrutura.

— Sim, eu aprovo, — disse ela. — Acho que assumir a empresa é exatamente o que você deve fazer.

Ele a ajudou a entrar na carruagem e subiu atrás dela, ocupando o assento da frente.

— Graças a Deus, eu estava com medo que você considerasse de muito mau gosto.

— O pensamento de você gerenciar as fábricas, devo dizer, é um pouco chocante. Mas é no comércio e na fabricação onde está o dinheiro hoje em dia. Como não tenho vergonha de gastar esse dinheiro, não devo sentir vergonha de fazer isso.

— Excelente, — ele bateu sua bengala contra o teto da carruagem. Ela se afastou do meio-fio. — Quando você estiver descansada, gostaria de olhar o resumo que fiz das contas e dos livros?

— Sim, junto com as contas e os próprios livros.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Não confia em minhas habilidades matemáticas?

— Longe disso. Mas como nosso objetivo é fazer com que você se torne o administrador de Cresswell & Graves, é melhor que eu seja tão fluente na atual condição da empresa quanto você. Se eu for ignorante, então a minha palavra terá muito pouco peso.

Ele juntou as pontas dos dedos em forma de tenda diante dele.

— Por outro lado, se você estiver surpreendentemente bem versada, eles podem achá-la intimidante também, e cerrar defesas contra nós.

— Uma linha tênue para caminhar, não é?

— Além disso, instalando-me à frente da empresa é apenas uma vitória em curto prazo. Preciso dos gerentes antigos para chegar ao meu ponto de vista, portanto devo fazê-los pensar que minhas ideias são as deles.

— Outro desafio.

— Temos muito trabalho a fazer, lady Fitzhugh.

Seu tom era sério, mas ao mesmo tempo cheio de expectativa. Ela encontrou-se um tanto assustada com o que ele queria e com sua feroz determinação de enfrentar o desafio. Talvez um jardim não fosse à única coisa que eles criariam juntos. Talvez também pudessem alimentar uma parceria de sucesso.

— Não tenho medo de trabalho, — disse ela. — Dê-me um objetivo e aponte-me para ele.

— Você realmente não tem medo do trabalho. — Fitz maravilhou-se alguns dias mais tarde.

— Eu costumava praticar piano cinco horas por dia, — disse ela. — E odiava. Comparado com aquilo, isso não é nada.

Ela poderia ter sorrido – seus olhos brilharam, mas ele não conseguia ver todo o seu rosto, que estava escondido sob um lenço preto. Ela estava quase totalmente inundada de preto, um vestido de seda preto enfeitado com crepe, um espesso manto negro, um agasalho de zibelina nas mãos. Fitz também estava vestido pesadamente, três pares de meias dentro de suas botas, luvas, dois cachecóis de lã. Um fogo ardia na lareira e ele ainda estava com frio.

Desde o casamento, a maioria de suas energias haviam se concentrado em Henley Park, não na residência da cidade que permaneceu úmida e fria. No verão, era suportável. Mas agora, no final do ano, ele se imaginava conseguindo uma artrite em virtude das baixas temperaturas.

As noites eram tão frias em seu quarto que ele havia considerado seriamente bater na porta dela e pedir para subir na cama com ela, não para quebrar o pacto, mas para se aquecer.

— Você toca muito bem. — Às vezes, quando suas irmãs ou Hastings visitavam Henley Park, ele pedia que ela tocasse para eles.

— Eu toco bem. Lindamente é outra questão. Você precisa de musicalidade para tocar lindamente. Eu só posso pressionar as teclas e emitir sons.

— Não percebo a diferença.

— Muitas pessoas não percebem, com todas àquelas horas de prática.

— Ótimo. Depois de todo esse tempo que estamos praticando, os administradores do seu pai não serão capazes de dizer que nós os manobramos.

— Você realmente acha isso?

— Acho, — ele disse. — Você é muito convincente. E surpreendentemente astuta. Eles vão comer na sua mão.

Seus olhos brilharam novamente. Ele se perguntou mais uma vez se ela o deixaria abraça-la durante a noite, apenas pelo calor. Mas é claro que ele nunca pediria. Um pacto era um pacto.

Ela ajeitou o lenço em torno do rosto.

— Devemos praticar um pouco mais com você sendo o senhor Hawkes?

— Não, acho que serei o senhor Mortimer agora.

— Oh, bem, você faz muito bem o senhor Mortimer, — ela olhou para ele com os olhos brilhantes e claros. — Sei que os riscos são muito altos, mas isto é realmente divertido.

— Sim, é, — ele concordou. — É mesmo.

A reunião foi marcada para janeiro, um dia após o aniversário de vinte e um anos de Lorde Fitzhugh. Era importante que ele entrasse em sua maioridade, de modo que já não precisasse da permissão do Coronel Clements, ou perdão, para qualquer decisão. E já não eram duas crianças que lidariam com homens que tinham estado no negócio por décadas.

Na noite anterior, depois do jantar, ela entregou a ele seu presente de aniversário, um anel de sinete com o brasão de armas dos Fitzhugh. E inscrito no interior, o lema da família, *Audentes fortuna iuvat*.

— A sorte favorece os corajosos, — ele traduziu. — Altamente aplicável para a ocasião. Vou usá-lo amanhã.

— Ah, ótimo. — disse ela, tentando não parecer nervosamente gratificada, como estava.

Ele media o tamanho do anel e colocou—o no dedo indicador da mão direita.

— Um ajuste perfeito.

Agora, ela estava mesmo sem fôlego. Sua mão parecia diferente com o pesado anel quadrado sobre ela. Ou, talvez, o anel único enfatizasse as qualidades que ele havia adquirido desde o casamento, a dedicação e a calma autoridade legal.

Ela queria que ele a tocasse com o anel em sua mão. Muito.

— Espero que nos traga boa sorte. — disse ela.

— Também espero. Mas se as coisas derem errado, pelo menos nós sabemos que é só por capricho da sorte, que fizemos tudo ao nosso alcance para aproveitar a oportunidade, — ele colocou a mão em seu braço. — E independentemente do resultado de amanhã, eu não poderia ter pedido um parceiro melhor para esta empreitada.

Não era uma declaração de amor, mas de amizade. Seu coração doía — ainda assim, estava cheio de doçura. Ela fechou a mão sobre a dele, a que tinha o anel.

— Vai dar certo, — disse ela. — Se não for amanhã, em outro dia. Mais cedo ou mais tarde o prêmio será nosso.

A reunião foi uma produção teatral.

Nas cinco semanas que antecederam a isso, eles haviam discutido e preparado até o último detalhe do encontro, incluindo suas aparências pessoais. O vestido de luto, especialmente encomendado, foi cortado amplo para fazê-la parecer menor e mais jovem. Ele deixou o cabelo crescer, a fim de parecer menos sério. Os dois apertaram as mãos hesitantemente.

Uma vez dentro do antigo escritório de seu pai, ele não tomou uma das cadeiras dispostas em dois semicírculos diante da mesa do senhor Graves, mas ficou em um canto na parte de trás da sala, parecendo um pouco entediado, para dar a impressão de que estava ali apenas para acompanhar sua esposa e pouco interessado nos acontecimentos.

Lady Fitzhugh, em sua postura mais impecável, curvada para frente em sua cadeira e parecendo como se tivesse problemas para erguer os olhos para os participantes, muito menos liderá-los.

Sua voz tremeu um pouco.

— Senhores, obrigada por terem vindo esta manhã. É um prazer ter todos vocês na mesma sala. Tenho certeza de que estão tão tristes quanto eu por meu pai não estar mais ocupando esta cadeira, mas é a vontade de Deus e temos que lidar com isso da melhor maneira que pudermos. Ele, como se sabe, deixou Cresswell & Graves para mim por uma questão de continuidade. Eu sou jovem e inexperiente, portanto chamei-os aqui para que possam me aconselhar e orientar sobre como proceder da melhor forma.

Era extremamente importante que ela, embora legítima proprietária, não parecesse ser uma usurpadora, já que era uma mulher e seu marido um dândi que, presumivelmente, nada sabia além de caçar e atirar.

O senhor Hawkes, um homem velho e enrugado, que havia sido um antigo administrador de confiança do senhor Grave, o avô de Lady Fitzhugh, e que já não participava das operações do dia-a-dia da empresa, disse: — Talvez fosse melhor, Lady Fitzhugh, que você permanecesse afastada do funcionamento do negócio. Lugar de mulher é em casa.

Helena teria perguntado se o homem já havia ouvido falar da rainha Elizabeth que dirigia os interesses da Inglaterra melhor do que qualquer outro homem antes ou depois dela. Mas a mulher de Fitz apenas assentiu

timidamente.

— Na verdade você leu meu coração, senhor. É uma tarefa difícil dirigir uma empresa como a nossa, exige muito perspicácia e especialização. Eu teria amado permanecer no conforto e isolamento da minha casa, mas sou a última dos Graves e, como tal, seria uma completa negligência de deveres se virasse as costas para Cresswell & Graves.

Ela disse isto com uma resignação férrea, uma jovem mártir enfrentando sua condenação com serenidade e coragem, porque sabia que estava fazendo a coisa certa.

Logo nas primeiras duas semanas de ensaio, Fitz já soube que ela era uma boa atriz. No entanto, nem todos os atores se destacavam tanto no palco como no ensaio — ele havia testemunhado colegas de classe com medo do palco durante as apresentações escolares, suarem e massacrarem seus papéis. Mas ele não precisava se preocupar. Ela estava superando a si mesma.

O senhor Hawkes pareceu surpreso. Estava bem que ele colocasse uma mulher no lugar dela, mas diante da feminilidade obediente, ele certamente não poderia sugerir que seu pai havia cometido um erro, deixando a empresa para sua única filha.

O ex-protegido e atual rival do senhor Hawkes por influência, o senhor Mortimer, um encorpado homem careca em seus quarenta e tantos anos, disse: — Acredito, lady Fitzhugh, que a melhor forma de agir no futuro seria você continuar a se dedicar a sua casa e seu trabalho de caridade. E nós iremos mantê-la informada de nossas decisões, digamos, anualmente.

— É muito gentil de sua parte, senhor Mortimer. Eu sempre soube que podia contar com os senhores nesta sala para cuidar dos meus interesses. Já que você é tão generoso, não há nenhuma razão para que eu não possa encontrar alguns dias a cada trimestre para dedicar-me à Cresswell & Graves. Estou um pouco envergonhada, no entanto, pela inadequação da minha dedicação. Estou certa de que meu pai gostaria que ficasse de olho ainda mais nas coisas. Informes mensais, talvez.

— Oh, ouse dizer que informes trimestrais estaria de bom tamanho. — Mortimer apressou-se a dizer.

Os outros homens ao redor da mesa ratificaram sua opinião. Fitz reprimiu um sorriso. De anual para trimestral, sem resistência alguma. Sua esposa foi lenta e suavemente deslizando-os em seu bolso, sem dar a menor indicação do que estava fazendo.

— Estou muito grata por sua garantia, senhores. Vocês me fazem sentir muito bem cuidada e agradeço. No entanto, há uma coisa que ainda está em minha mente e é a questão de escolher um primeiro entre iguais. Quando meu pai era vivo, ele era essa pessoa. Agora temos uma dúzia de colegas, mas nenhum líder. Tenho levado uma vida protegida, mas sei que um grupo sem líder, não importa o quão brilhante individualmente sejam os membros, se divide em grupos quando as divergências se apresentam.

Os homens ao redor da mesa trocaram olhares, alguns olharam para seus aliados, outros para seus rivais. Fitz a tinha informado de perto. Os assistentes de seu pai estavam divididos entre aqueles que se contentavam em aceitar as ordens do senhor Graves, e aqueles que desejavam diversificar e crescer.

— E ainda enfrentaremos tempos difíceis pela frente e é importante que preservemos a cortesia e a união. Quem quer que escolhamos para liderar a empresa deve ser alguém justo e honesto, tanto em condições como em experiência para nos guiar em águas turbulentas.

O pulso de Fitz latejou. Esta era a parte onde saberiam se a estratégia deles funcionaria. Forçando-os a escolher um líder diante dela, sem tempo para fazer negócios privativos e compromissos atrás de portas fechadas; ele esperava que fossem selecionar a pessoa mais neutra na sala, alguém que ambos os lados tinham boas razões para acreditar que poderiam influenciar.

Ele.

Até agora ela havia atuado maravilhosamente, mas nunca seria responsável por todas as variáveis que podiam entrar em jogo. Era sempre possível que os homens tivessem se encontrado com antecedência e decidido quem escolheriam para dirigi-los. E se fosse assim, era mais provável que fosse um dos antigos supervisores.

O que faria seu curso de ação incalculavelmente mais árduo. Podiam ser legítimos proprietários, mas passariam tempos difíceis tentando conseguir suas ideias aplicadas, quanto mais *bem* aplicadas.

— Talvez eu possa convidar alguns nomes a se apresentarem, — ela os encorajou. — Talvez este seja o momento de olhar em volta e ver se há um homem aceitável para todos?

Ele havia escrito a maior parte do roteiro de seu discurso. Mas a última pergunta era dela mesma. Com a sugestão, os homens sentados na primeira fila, os líderes das duas facções, se viraram. E quem devia ver? Somente um

jovem inexperiente ocioso na parte de trás da sala.

Olhos de águia o avaliaram. Ele fez seu melhor para parecer uma tela em branco para as ideias de outros homens, ou talvez massa de argila para alguém modelar.

— Eu teria gostado de me voluntariar para a honra, se fosse trinta anos mais jovem, — disse Hawkes. — Mas agora que sou um velho reacionário, não deixem que seja dito que nós não valorizamos a coragem e o entusiasmo da juventude. Proponho que nós convidemos lorde Fitzhugh para nos liderar.

Fitz não precisava fingir. Ele estava tão surpreso como os outros homens na sala. O melhor cenário – o que eles tinham planejado, traçado, tramado, estava acontecendo.

— Eu? Mas, não tenho a menor ideia do que fazer com um bando de enlatados.

Lady Fitzhugh também protestou.

— Pensei que precisavam de um homem com experiência. Tenho certeza que lorde Fitzhugh está cheio de boas qualidades, mas sua experiência é só no críquete.

— E não foi o próprio duque de Wellington que disse que a batalha de Waterloo foi vencida nos campos de jogos de Eton?

Agora o senhor Hawkes estava ajeitando tudo, empurrando a candidatura de Fitz, sem dúvida acreditando que iria gozar de uma influência especial se Fitz o sucedesse.

Os homens da comissão de reforma se entreolharam. O senhor Mortimer, percebendo que não seria eleito para liderar a empresa, apressou-se a demonstrar sua aprovação nas aptidões de Fitz para o cargo.

— A experiência pode ser conquistada. Lorde Fitzhugh é um brilhante e cativante jovem e tenho certeza que ele vai nos liderar com muita competência.

— Ouçam, ouçam. — alguém disse.

Millie desculpou-se quando o marido foi instalado na cadeira do presidente da empresa. Mas o resto do dia ela não pôde fazer nada, exceto andar ansiosamente pela casa, à espera que voltasse.

Ele chegou ao final da tarde. Assim que fecharam a porta do escritório, ele a envolveu em um abraço de urso.

Ela não esperava isto tudo — ou a corrente rápida de calor que imediatamente surgiu através dela. Deus, ele tinha um cheiro maravilhoso. E

seu corpo era magro e angular e forte, pois logo ele a levantou e girou em torno dela.

— Muito bem garota esperta. Muito bem!

Ela gritou rindo e bateu em seus ombros para ser baixada.

— O que aconteceu depois que eu saí? Diga-me. Estou morrendo de vontade de saber.

— A reunião foi encerrada uma hora depois que você saiu. O senhor Hawkes me puxou de lado para me dar uma palavrinha de cautela sobre fazer mudanças muito rápidas. Mas mesmo os homens que não querem fazer mudanças rápidas têm uma ideia ocasional ou duas. Então comentei com ele sobre sua fábrica de engarrafamento.

— Sobre a fábrica de engarrafamento?

— Doze anos atrás, ele queria que o seu pai expandisse para bebidas engarrafadas e tinha preparado um dossiê completo para a construção de uma nova fábrica dedicada a estas bebidas engarrafadas. O lugar, a planta para a construção, os projetos para as máquinas estavam todos lá. Ele até tinha um livro de receitas e desenhos de vários protótipos das garrafas que seriam utilizadas. Pode-se imaginar como ficou desapontado ao ter sua proposta rejeitada. Então, eu lhe disse que comigo no comando, ele teria sua fábrica de engarrafados em breve. Norwich & Sons faliu durante a construção de uma fábrica de engarrafamento. Eu deixei-o saber que ficaria muito feliz em comprar isto com meus próprios recursos e assinar a escritura para a companhia, uma adição recente, por assim dizer.

— Ele não suspeitou, não é?

— Não, ele olhou para mim como se eu fosse um velho amigo, a única pessoa no mundo que o compreendia. Ele foi muito útil o resto do dia e agora temos uma lista de ideias tão grande quanto eu para considerar. E haverá uma série de novos produtos a serem testados da próxima vez que você se encontrar com eles.

Ele a abraçou novamente.

— Não posso expressar como estou emocionado por tudo ter dado certo. Eu não poderia ter feito isso sem você.

Ela estava orgulhosamente feliz por ambos.

— Você fez muito bem a si mesmo.

Veio uma batida da porta. Era o mordomo, com o serviço de chá.

— Vamos abrir uma garrafa de champanhe para você? — Perguntou lorde

Fitzhugh.

— Não, — ela disse. — Café é mais do que suficiente.

Água teria sido mais do que suficiente.

Ela serviu o café. Ele levantou em um brinde.

— Ao futuro de nossa própria fábrica.

Eles tocaram suas xícaras.

— Ao futuro de nossa própria fábrica. — ela repetiu.

E desejou ardentemente que fosse assim.

CAPÍTULO 10

1896

O convite escrito chegou no último minuto, na manhã do baile.

Millie estava prestes a acertar os detalhes finais da roupa de Helena quando um laçao o apresentou numa bandeja de prata. Ela reconheceu o envelope por sua haste em relevo de uma rosa no canto inferior direito: Senhora Englewood.

Ela entrou em uma sala vazia para ler.

Cara Lady Fitzhugh

Deixe-me ser a primeira a admitir que essa é uma forma terrível de solicitar um encontro, já que nunca fomos apresentadas. Mas, como estamos bem cientes da existência uma da outra, vamos dispensar as formalidades desnecessárias, certo?

Por favor, deixe-me saber se posso esperar por você esta tarde às duas horas.

Sua, Senhora John Englewood

Isto não era totalmente inesperado. Ela e a senhora Englewood não eram duas cadelas lutando por um osso. Em algum momento, seria necessário sentar e ter uma conversa civilizada sobre o acordo. Mas, para Millie este momento ainda não havia chegado e não deveria chegar por pelo menos mais cinco meses.

A senhora Englewood obviamente acreditava no contrário.

Millie tinha a desculpa perfeita do baile, é claro que estava muito ocupada, mas não iria recusar a reunião. Havia aprendido a lição sobre não adiar por mais oito anos o que deveria acontecer hoje. Se a reunião devia acontecer em algum momento, então que acontecesse agora.

Mesmo que hoje fosse o dia em que Fitz se tornaria seu marido de verdade.

Especialmente.

A senhora Englewood e Fitz eram como um par de suportes de livros, não podiam ser mais adequados fisicamente. Como ele, sua estrutura era alta,

magra, e ereta. Como ele, ela tinha cabelos escuros e olhos azuis. E como ele, ela se movia com uma graça indiferente.

Millie não era nem muito pequena nem muito cheia. Ante a figura imponente da senhora Englewood, no entanto, era difícil não se sentir atarracada – e até tampinha. Mas não era como se ainda sentisse algo mais, a não ser inferior diante de Isabelle Englewood.

— Você está diferente de como eu me lembrava de você, — disse a senhora Englewood, tomando seu chá. — Mais alta e mais bonita.

Exatamente assim, sem preliminares.

Millie respirou fundo.

— É bom saber que pareço melhor do que no meu casamento.

— O vestido engoliu você.

Millie tinha que concordar.

— Sim, em retrospectiva, o vestido era muito atroz. Em vez de comprar o melhor que o dinheiro podia comprar, nós fomos para o máximo que o dinheiro podia comprar.

Seu reconhecimento do vulgar gosto do seu vestido de casamento lhe rendeu um olhar surpreso da senhora Englewood.

— Ainda assim, — disse ela, sua voz se tornando melancólica. — Eu teria prazer em usar aquele vestido — ou outro dez vezes mais hediondo — se pudesse ter caminhado pelo corredor para ele.

Millie comeu um biscoito e não disse nada.

— Eu o amava. Havia planejado meu futuro todo sendo lady Fitzhugh. E quando ele se casou com você, todas as minhas esperanças e sonhos desmoronaram. Durante dois meses, tudo que fiz foi sentar na minha cama, do amanhecer até o anoitecer, do anoitecer até ao amanhecer. Mal comia. Dormia talvez uma vez a cada três dias. Eu não parecia a mesma desde então.

Ela parecia diferente, como um vaso quebrado que havia sido colado: ainda bonita com todas as peças remendadas, mas o dano aparecia. O coração de Millie se encolheu, como se alguém tivesse trazido um fósforo aceso extremamente perto.

— Minha mãe e minha irmã, eventualmente me persuadiram a sair do meu exílio. Elas me convenceram que o melhor era ir para Londres e encontrar um marido, em vez de murchar dentro de casa. Então foi isso que fiz na seguinte temporada.

— Ele estava lá no seu casamento. Ele disse que você estava linda e feliz.

— disse Millie, em uma tentativa inútil de lembrar à senhora Englewood que nem tudo tinha dado errado em sua vida.

— Acho que fui feliz o suficiente. Mas não era a mesma - uma imitação. Nada poderia se aproximar da felicidade, da perfeita solteirice que havia conhecido.

Cada respiração se arrastava por Millie escaldando seus pulmões, mas a senhora Englewood continuou inexoravelmente.

— Tudo o que quero é recuperar o que perdi, viver a vida que estava destinada a viver. Não é pedir muito, não é?

Millie forçou a resposta.

— Não.

— Fitz é um homem adorável e não estou falando apenas de sua aparência. Você sabe que ele é leal e honrado. Você sabe que ele vai se sacrificar pelo chamado dever. E — a voz da senhora Englewood vacilou. — E agora você é parte de seu dever.

— O que você quer dizer?

— Ele se preocupa profundamente com o seu bem-estar. Ele vê você como parte inocente e não deseja que qualquer ação da parte dele prejudique sua felicidade futura.

Millie começou a entender.

— Você está preocupada que eu não o deixe ir, que vá recorrer a lágrimas para mantê-lo comigo.

— Não estou dizendo que você faria, — disse a senhora Englewood. — Mas em seu lugar, eu poderia fazer. É tão fácil se apaixonar por ele e tão difícil deixá-lo.

— Há uma coisa boa para todos, então, não estou ligada a ele.

A senhora Englewood olhou para Millie, seu olhar tão pesado quanto uma rocha.

— Você não o ama?

Ninguém jamais lhe fez uma pergunta direta sobre o assunto e, portanto, ela foi poupada de mentir.

— Lorde Fitzhugh e eu nos casamos porque ele precisava da fortuna da minha família e meu pai queria um genro intitulado, — disse Millie cuidadosa. — Como nos demos bem já é estranho o suficiente. O amor teria levado isso para o reino da ficção.

— Você não o acha atraente? — a senhora Englewood parecia incrédula.

— Ele é muito agradável.

— Quero dizer, você não acha que ele é extraordinariamente bonito?

— Ele é bonito. Mas assim são vários de seus colegas de classe e seu recente cunhado, o Duque de Lexington. Se eu me apaixonasse por todos os companheiros bonitos que me deparei, estaria frequentemente e desnecessariamente apaixonada.

— Mas ele também é amável. Atencioso. Disposto a assumir todos os encargos. Sendo casada com ele todos esses anos, nunca desejou que ele tivesse olhos só para você?

Millie se obrigou a manter os olhos fixos em Isabelle Englewood.

— Nem todos se apaixonam. Lorde Fitzhugh e eu somos bons amigos e nada mais.

— Então, você vai deixá-lo ir?

— Nunca restringi sua liberdade de movimentos, nem uma vez em nossa vida de casados.

— Mesmo que os dois tenham seis meses de intimidade? Isso muda as coisas, você sabe.

— Se só isso fosse suficiente para fazer as pessoas se apaixonarem, todas as mulheres neste país estariam apaixonadas por seus maridos e vice-versa.

A senhora Englewood largou a xícara de chá e se levantou. Ela caminhou até a janela aberta e olhou para a rua. Era uma rua tranquila, sem vendedores ambulantes, músicos de rua, ou estalos de casco constantes dos cabriolés procurando clientes. Fitz havia sido claramente atento na escolha da casa que escolhera para ela.

Ela se virou.

— Tenho medo, lady Fitzhugh. Tenho sido vítima dos caprichos da vida e não é um bom lugar para estar. Mas não tenho escolha, tenho? Devo confiar que você é uma mulher de palavra.

Millie não tinha dado sua palavra para a senhora Englewood. Ela ainda não havia concedido Fitz. Será que uma esposa fiel de quase oito anos não teria algumas reivindicações para o marido? Ela merecia igualdade de condições, pelo menos.

— Então, ele estava lá no meu casamento... — sussurrou a senhora Englewood, como para si mesma. Ela piscou seus olhos brilhantes pelas lágrimas não derramadas. — Eu sabia que sentia sua presença.

Que tola Millie era: Não havia tal coisa como igualdade de condições. Ela

sempre seria a usurpadora, a desmancha-prazeres, a única que causara tal sofrimento à senhora Englewood que até hoje estava escrito em letras maiúsculas nas varias marcas de suas feições.

— Você é a única que ele amou o tempo todo, — ouviu-se dizer. — Nunca houve ninguém além de você.

Helena olhou para os patinhos adoráveis um minuto mais – a senhorita Evangeline South era uma talentosa artista — antes de se levantar da cadeira, suas notas na mão. Ela abriu a porta do seu escritório e entregou as notas à sua secretária.

— Preciso disso datilografado, senhorita Boyle.

— Sim, senhorita.

Susie estava em seu posto – Helena poderia jurar que a mulher nunca precisou usar o banheiro. Ela recuou de volta para seu escritório e fechou a porta.

Não sabia por que devia ser assim, depois de um dia e meio com os patinhos, tartarugas e peixes da lagoa da senhorita South, suas mãos se aproximaram por vontade própria da gaveta em que colocara o manuscrito de Hastings.

E quando teve o manuscrito diante dela, não começou a partir de onde parara, mas o abriu em uma página aleatória.

Sua pele era escura à luz das velas. Eu passo meus dedos pela lateral seu torso, sobre o ombro, depois ao longo do comprimento do seu braço até seu pulso, preso num pilar da cama com um lenço de seda.

— *Você não está cansado de me olhar assim, sempre amarrada?* — *Ela murmura.*

— *Não, — eu respondo. — Nunca.*

— *Você não quer ser tocado?*

— *Quero. Mas não quero ser arranhado.*

Ela lambe os lábios, sua língua rosada, úmida.

— *O que é um bom momento no leito conjugal sem alguns arranhões nas costas, querido?*

O pulso de Helena acelerou. Ela tinha lido alguns contos eróticos aqui e ali. Sempre pareciam estar destinados a excitar os leitores do sexo masculino,

com as personagens femininas totalmente substituíveis, meros objetos para serem espancados e cutucados.

Mas isso era diferente. A noiva sem nome de Larkspear era uma pessoa em seu direito próprio, sem medo de oferecer insensata veneração ao pênis de um homem.

—Se eu pudesse ter certeza de que alguns arranhões iriam satisfazê-la.

Eu curvo a cabeça e mordo seu lábio. Sua respiração acaricia meu queixo. Seu olhar desliza pelo meu corpo.

— Pronto novamente, estou vendo.

— Gulosa.

— Tão interessantes são as noites que você me dá, Larkspear.

— Você pensa em mim durante o dia, lady Larkspear?

Ela sorri.

— Nunca, meu querido.

— Mentirosa.

— Prove.

Eu empurrei profundamente dentro dela. Seus lábios se abriram. Ela fecha os olhos momentaneamente, mas no momento seguinte, eles estão abertos novamente. Ela gosta de olhar para mim no meu estado animal, para testemunhar minha fraqueza por ela e me insultar com a inatingibilidade do seu coração.

Helena virou o manuscrito para baixo. Isso a fez desconfortável, como se ele tivesse puxado uma fantasia dos cantos mais profundos de sua mente, uma fantasia que ela nunca conhecera até que ele definiu por escrito. Uma fantasia sobre o poder, o seu poder, e um homem que empurrava sem ter medo.

Alguém bateu à sua porta. Ela apressadamente protegeu o manuscrito escondendo-o.

— Entre.

Susie enfiou a cabeça.

— Senhorita, o baile é esta noite. Lady Fitzhugh me pediu para lembrá-la para sair mais cedo do que o habitual.

É claro, o baile em honra de Venetia e o Duque — Hastings com certeza estaria lá.

— Sim, vou sair mais cedo, — disse ela. — Ou lady Fitzhugh se preocupará.

O trem apitou. A plataforma estava embaçada com o vapor dos motores. Um redemoinho de desvanecimento passou entre Fitz e Isabelle.

Seus filhos já estavam a bordo com a governanta. Através das janelas, eles acenaram para ele, animados com a perspectiva de visitar seus primos. Ele acenou de volta.

— Eles gostam de você. — disse ela.

— Eu gosto deles. São bons garotos, — ele mudou sua bengala — com o cabo de porcelana azul — de um lado para o outro. Ela admirara isto antes, ele não lhe disse que tinha sido um presente de Millie. — Você precisa embarcar. Seu trem vai sair a qualquer momento.

— Estou relutante em deixá-lo, — disse ela. — Gostaria de não ter combinado esta visita.

— Você vai se divertir; não vê sua irmã há anos. Além disso, você só ficará fora uma semana.

— Uma semana é muito tempo. Tudo pode mudar.

Qualquer outro dia ele teria zombado de seu medo. Mas uma coisa esta noite iria mudar.

Em face disso, sexo no feno não deveria importar. Ele andara por algumas camas em seu tempo. Às vezes, ficava mais interessado numa mulher, às vezes menos. Mas a mudança era baseada em suas qualidades pessoais, não porque ele dormisse com elas.

Ele já respeitava e admirava Millie. Ele poderia gostar ainda mais pela manhã, mas a natureza principal de sua amizade firmemente estabelecida devia permanecer a mesma.

Mais ou menos.

— Uma semana é apenas sete dias. — ele disse.

Ele notou que não tranquilizara Isabelle de que nada mudaria. Seus lábios apertaram-se: Ela tinha notado também.

O apito de vapor soou uma advertência estridente, seguido por um estrondo profundo que sacudiu os trilhos.

— Depressa, — ele disse, inclinando-se para beijá-la no rosto. — Ou seus

filhos estarão em Aberdeen sem você.

Ela agarrou sua mão.

— Pense em mim.

— Eu pensarei.

Ela virou-se em direção ao trem, em seguida, voltou-se novamente.

— Você me disse uma vez que, não importa o que acontecesse, você sempre, sempre me amaria. Ainda é o caso?

— É claro. — ele disse, talvez um pouco rápido demais.

— Vou me fixar nisso, então.

— Estarei esperando aqui, quando você voltar.

Ela jogou os braços sobre ele.

— Eu te amo. Eu vou te amar até o meu último suspiro.

CAPÍTULO 11

O banco

1890

Millie bateu na porta do escritório de seu marido e a abriu.

— Você queria me ver, senhor?

— Sim. Entre, por favor.

Ela tomou sua cadeira habitual em frente a mesa dele, mas ele não estava em sua cadeira. Em vez disso, estava diante da lareira com um atizador na mão, cutucando as brasas na lareira. Algo no conjunto de sua mandíbula a alarmou.

— Qual é o problema?

Ele deu de ombros.

— Diga-me.

Ele deixou cair o atizador em seu compartimento.

— Acabei de abrir uma carta de Gerry Pelham. Ele me informa que se tornou o tio orgulhoso de uma sobrinha.

Gerry Pelham, irmão de Isabelle Pelham. Fazia pouco mais de um ano desde que a senhorita Pelham se tornara a senhora Englewood, e agora ela tinha um filho. Uma dor familiar corroía o peito de Millie. Fitz tinha sido mais uma vez lembrado do que havia perdido.

Ele se sentou em sua cadeira.

— Sinto muito. Fiquei surpreso com a notícia, isso é tudo.

Contrariado pela notícia, mais parecido como isto.

— Você prefere que eu venha outra hora?

— Não, estou feliz por você estar aqui. Me ajuda a tirar isso da minha mente.

Ele costumava querer ficar longe dela quando recebia notícias de sua amada. A dor no coração de Millie agora estava misturada com um prazer lento e agri-doce.

— É um prazer. — disse ela.

Ele abriu um dossiê sobre a mesa.

— Seu pai anunciava muito pouco. Ele acreditava que a qualidade dos produtos Cresswell & Graves fariam por si só. Quando nós começamos a expandir para bebidas engarrafadas, meu instinto foi anunciar, mas o senhor Hawkes foi contra. Ele está mais preocupado em conquistar varejistas para estocar esses novos produtos. Uma vez que os produtos estiverem à vista, ele acredita que voem das prateleiras.

— Eu dei-lhe um trimestre para provar que estava certo. Quando ele não conseguiu, e as nossas novas bebidas se enchiam de poeira nas lojas, encomendei uma campanha publicitária. Desde que as mulheres são responsáveis pela maioria dos gastos domésticos em comida e bebida, pensei em perguntar sua opinião sobre esses cartazes.

Ela ficou imensamente lisonjeada e quase tão nervosa.

— Eu ficaria honrada em ajudar, se puder.

Ele passou os desenhos para ela. Ela espalhou-os diante dela. Os desenhos eram em preto e branco.

— São estes os projetos acabados?

— Sim.

Ela hesitou.

— Você sabe que não tenho um olhar particularmente artístico.

Ele sorriu um pouco.

— Em outras palavras, você não os acha atraentes?

— Não particularmente. — disse ela lentamente. Ela esperava lhe dizer o contrário.

— Não fique tão contrita. Se pensasse que você ia dizer sim a tudo, não pediria sua opinião. Agora me diga por que você não os acha atraentes.

Encorajada, ela disse, — Bem, água com gás de framboesa, água com gás de laranja e suco de morango são bonitos e vibrantes ao vivo. Um cartaz em preto-e-branco não transmite sua atratividade. E a imagem de uma garrafa cercada por palavras exaltando suas virtudes é muito óbvia, quase como se nós estivéssemos vendendo um tônico quando não estamos fazendo nada do tipo.

— O que você faria, então?

— Queremos que os jovens tomem essas bebidas engarrafadas em piqueniques e no litoral nas férias, não é? — Ela disse timidamente. — Então, por que não sugerimos isso na publicidade em si? Jovens senhoras sentadas sob a sombra de uma árvore, num prazeroso piquenique, elevando nossas

garrafas em brinde. Ou jovens senhoras na praia, céu azul, mar azul, todas em vestidos brancos, segurando nossas garrafas.

Ele fez várias anotações.

— Tudo bem. Isso vai voltar para a prancheta.

— Baseado apenas em minha opinião?

Ele olhou para cima.

— De todos os envolvidos com a Cresswell & Graves, você é a pessoa que mais confio. E se aprendi alguma coisa desde que nos casamos, é que você tem bons instintos. Então, sim, lady Fitzhugh, apenas sua opinião.

Ela mal sabia o que fazer. Era difícil ficar sentada, mas uma senhora simplesmente não podia saltar descontroladamente pela sala, mesmo se o marido tivesse acabado de dizer que sim, realmente, ela era seu melhor conselheiro.

Ela engoliu o nó na garganta.

— Obrigada. Você precisa de mim para mais alguma coisa?

Suas ideias eram exatamente certas. Introduzida na primavera seguinte, os cartazes de publicidade, com suas exuberantes e fortes cores contrastantes e imagens idílicas, se tornaram tão populares que eram roubados onde quer que fossem colocados. Fitz, incentivado, enviou cartazes aos lojistas para apresentar dentro de suas lojas e ordenou dezenas de milhares de folhetos a serem passados pelos homens-sanduíches[16]. As bebidas engarrafadas eram cada vez mais vendidas.

Fitz, que não deixava tal excelência passar despercebida, comprou um conjunto de presilhas com pedras preciosas para sua esposa. Ele tinha levado suas irmãs com ele para o joalheiro; mas soube, no momento em que viu a peça de ametista e diamante, que era aquilo que queria. As pedras lembravam a lavanda de Henley Park, um símbolo apropriado para sua esposa – bonito adaptável, e infinitamente benéfico.

A primeira vez que viu lady Fitzhugh usar seu presente foi no baile da senhora Knightbridge.

Ele participava de bailes muito pouco. Por um lado, sua presença era irrelevante. A função de um baile era aproximar homens e mulheres jovens que algum dia poderiam forjar alianças matrimoniais. Ele, um homem casado, seria desperdiçar o tempo das jovens damas. Além disso, um homem em um baile se esperava que dançasse, bem como havia sempre senhoras querendo um parceiro. E ele não desejava exatamente dançar a noite inteira.

Mas estava no baile de lady Knightbridge por um motivo. Venetia, agora em um casamento platônico com o senhor Easterbrook, um velho amigo da família, e de volta a Sociedade, desejava apresentar Helena ao indescritível Duque de Lexington. Fitz, que havia jogado críquete contra Lexington quando estava em Eton e Lexington em Harrow, faria as apresentações, porque era o único no seu grupo já familiarizado com a presa.

Venetia estava desapontada: O duque não compareceu afinal. Mas o baile tivera a estimulante presença da atual amante de Fitz.

A senhora Dorchester queria dançar; Fitz foi obrigado a bailar a dança escocesa[17]. A senhora Dorchester teria preferido uma valsa, mas Fitz sentiu fortemente que para um homem e uma mulher já tendo um caso, não havia necessidade de difundir ainda mais o relacionamento se envolvendo em qualquer atividade que os colocasse juntos em público.

A dança terminou, ele levou de volta à senhora Dorchester até seus amigos, e voltou para sua esposa e irmãs. Nem cinco minutos depois, a senhora Dorchester passou pelo grupo dele, sorriu-lhe e em seguida, lançou um olhar totalmente superior à lady Fitzhugh.

Fitz virou-se para sua esposa.

— Será que ela fez o que acho que fez? No momento de seu regresso para a sociedade nada mais.

Seu ano de luto pelo pai a tinha excluído de todos os eventos da temporada anterior. Era a primeira vez em quase dois anos que ela participava de uma festa em Londres.

— Anne Dorchester sabe que tem algo que eu não tenho. E ela sempre se deleitou sobre os menos abençoados como nós.

— Eu não sabia disto a respeito dela.

— Algumas mulheres são muito agradáveis para os homens, mas não tanto para as mulheres.

— Bem, ela escolheu a mulher errada para não ser educada. Ninguém está autorizado a desrespeitar a minha mulher, muito menos uma mulher a quem estou acompanhando temporariamente.

Sua esposa deu de ombros.

— O que você vai fazer? Fazê-la vir aqui me pedir desculpas por me olhar de maneira errada?

— Não mantereí contato com ela.

Ela inclinou a sobancelha.

— Você não pode fazer isso. Seria mais gentil levá-la para fora e atirar nela.

Ele riu. Ela tinha o mais seco senso de humor.

— Além disso, vou dançar com você.

— Você não pode dançar com sua própria esposa em um baile.

— Prendam-me por isso, então. Venha, a próxima dança está começando e a senhora Dorchester está assistindo.

Ele a estudou. Seus olhos eram de um castanho claro, da cor das avelãs amadas por sua Alice. E então sorriu, ela tinha um sorriso bonito.

— Eles vão me chamar de burguês por isto, mas sempre fui orgulhosamente burguês.

Ele levou-a para o salão. Ela prontamente pisou em seu pé no primeiro giro.

— Desculpe!

Ele riu.

— Não se preocupe. Posso retribuir o favor – estou completamente fora de prática. E não me lembro de nenhum dos passos mais extravagantes.

— É melhor não. Ou eu poderia encontrar-me de bruços no chão.

Apesar deste contratempo inicial, no entanto, eles dançaram muito bem juntos. Seus giros mais cautelosos e mais voltas meio dadas para efervescentes evoluções completas. Eles giraram no salão de baile, em sua visão tudo eram rajadas de cor e luz.

— Espere. Dance mais devagar. — ela disse de repente.

— Você está tonta?

— Nem um pouco. Apenas percebi que você está certo: a senhora Dorchester está assistindo. Quero aproveitar a visão de sua fúria.

— E eu, é claro, intencionalmente não olharei em sua direção.

— Ela está se abanando com força, — relatou Lady Fitzhugh, encantada. — Agora certamente estapeará alguém.

— Excelente, digo que se continuarmos dançando ela puxa o próprio cabelo.

— Não, ela ama muito seu cabelo. Nós ficaríamos aqui a noite toda.

— Até que ela puxe o cabelo de outra pessoa, então.

Não que seus motivos fossem totalmente altruístas. Ele gostava de dançar com sua esposa: eles se moviam bem juntos, o sentido de ritmo em perfeita harmonia. E ela cheirava bem, a essência leve era ainda mais distinta.

— Que perfume você usa? Eu gosto.

— Não uso perfume, mas meu sabão é feito com extrato da nossa própria lavanda.

Como isto havia mudado, o solo e o clima de Somerset eram perfeitos para semear lavanda. Dos poucos ramos havia crescido para mais de dois hectares de lavanda e ela planejava continuar expandindo. Não fazia muito tempo que discutiram sobre a aquisição de uma colmeia de abelhas para fazer o mel de lavanda. E talvez até mesmo a compra de um aparelho a vapor para destilar essência de lavanda no local.

Henley Park, uma vez um terreno baldio, era agora uma propriedade próspera. De acordo com sua governanta, turistas pediam regularmente para visitarem o interior da casa e fazer um piquenique à beira dos campos de lavanda.

Ele olhou para as presilhas de ametista e diamante brilhantes em seu cabelo.

— Por que não planejar uma festa em casa para agosto?

Ela perdeu um passo. Ele teve que apertar a mão sobre ela, para que não tropeçasse.

— Cuidado agora.

— Sinto muito. Você disse que quer que hospedemos seus amigos em Henley Park?

— Para um pouco de pesca e caça, sim. E convidar uma abundância de homens elegíveis para Helena, apesar de que ela provavelmente irá torcer o nariz para todos eles.

Ela não disse nada.

— Você não gosta da ideia?

— Não, não, eu adoro. Só que, não tinha certeza de que esse dia chegaria.

— Em algum momento tenho que espantar o mau humor.

Ela levantou o rosto, os olhos brilhando.

— E agora eles podem ao menos rir dos vasos sanitários com margaridas azuis.

Ele riu.

— Não me lembre. Você vai me fazer reconsiderar.

— Desculpe. O que eu estava dizendo? Temos apenas vasos sanitários listrados masculinos. Eles borbulham se você olhar feio para eles.

Eles ainda estavam rindo quando a música parou.

— A senhora Dorchester parece que está prestes a quebrar os talos do leque. — observou ela alegremente.

— Vamos ver se ela vai fazer isso.

Eles dançaram uma segunda valsa. Em seguida, uma terceira valsa.

— Oh, meu Deus, ela está saindo, — Lady Fitzhugh murmurou no meio da terceira valsa. — E... Ela partiu.

— Vamos dançar mais um pouco para que alguém não corra até ela e diga que nos separamos no momento em que foi embora.

— Quatro valsas. Chocante, lorde Fitzhugh.

— O prazer é meu. E, por favor, me chame de Fitz como todos os meus amigos. E nós temos sido amigos por um tempo, não temos?

— Sim, acho que sim.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Você não sabe ao certo, lady Fitz? Há mais alguém que já a insultou? Diga-me e eu vou derramar minha ira sobre eles para provar minha dedicada amizade.

Sua bochecha se tornou rosada.

— Você não precisa provar nada. Sei que nós somos amigos.

— Bom, — ele disse. — Não quero que você pense em mim como apenas o homem que você tinha que casar para agradar seus pais.

— Não, isso não, — disse ela suavemente. — Não é o caso.

Às vezes os sonhos se tornam realidade.

A festa na casa de campo foi um sucesso estrondoso. A perdiz era abundante, a truta infinitamente abundante. Eles organizaram uma partida de críquete, uma competição de ciclismo, e uma excursão espetacular pela costa de Somerset. Millie, em um momento de inspiração, contratou um fotógrafo e presenteou cada hóspede com uma sessão e um bonito retrato.

Na última noite da festa, em um salão lotado, cheio de risos e bom humor, o senhor Hastings ergueu o copo e gritou: — Aos nossos amáveis anfitriões!

Seu brinde foi compartilhado por todos os convidados. Millie, no centro de toda a alegria e boa vontade com o marido do seu lado, fez o melhor que pode para guardar todos os detalhes do momento na memória. O beijo que Venetia jogou em sua direção, o braço de Helena ao redor de seus ombros, o sorriso orgulhoso de sua mãe, tudo sob a luz dourada do lustre novo que havia sido instalado no lugar somente dois dias antes da festa começar.

Na manhã seguinte, porém, ela soube que a senhora Englewood tinha dado

à luz a outra criança, um menino desta vez. E se ela soube Fitz também devia saber. Enquanto acenavam adeus a seus convidados que partiam; ela bastante nervosa o observou.

Ele se virou para ela e sorriu.

— Gostaria de uma festa similar para o Natal também?

Ele estava genuinamente contente. Era como se o crescente tamanho da família da senhora Englewood agora tivesse pouco – ou quase nada – a ver com ele.

— Sim, absolutamente. — disse ela, num tom fervoroso.

— Você tem certeza? Você parece um pouco cansada.

Ela estava se sentindo com os olhos turvos, mas não mais.

— Posso escalar o Matterhorn, com nada mais do que um pedaço de pau e um cantil.

— Então, venha comigo. Você teve sua diversão e jogos, Lady Fitz. Hora de voltar ao trabalho.

— Sim, sim, capitão!

Eles caminharam por toda a propriedade. Agora que a casa tinha sido largamente cuidada, a atenção voltou-se para a propriedade. A horta da parte oeste precisava ser reconstruída, uma grande lacuna deixava entrar muito ar frio e algumas das árvores frutíferas não tinha sobrevivido ao inverno. O lago artificial, não muito longe da entrada da propriedade, tinha um desgaste enorme sobre a terra. Próximo a ele, o caprichoso projeto arquitetônico grego que devia ter sido uma vez o orgulho e alegria de alguém, tornara-se o que um francês poderia chamar de mictório.

Sempre muito a fazer.

Depois de uma manhã inteira de planejamento e tomada de notas, eles compartilharam um sanduíche ao lado dos campos de lavanda, ouvindo o zumbido das abelhas e falando de uma nova ponte sobre o riacho das trutas para substituir a antiga que tinha se tornado muito podre para usar.

Millie não teria se importado se o dia continuasse para sempre. Mas, finalmente, eles caminharam de volta para a mansão. Assim que cruzaram o limiar, ele iria procurar seu próprio quarto e esperar que ela fizesse o mesmo.

Mas antes deles voltarem para a casa, ele guiou-a para os jardins. Ela havia sido extravagante com a lavanda, mas não tinha esquecido o resto de seus jardins. As rosas estiveram melhores no passado, mas as madressilvas e as hortênsias ainda estavam bem arrumadas. E agora, no seu canto favorito do

jardim, logo após um leito de camomilas e um caminho de laburno que haviam sido restauradas na primavera, existia algo que não estava ali antes: um banco de jardim.

— Sei que você sempre gostou do banco atrás de nossa casa da cidade. Considere este um presente de aniversário antecipado.

— É... — Sua voz travou. — É muito bom.

Era uma réplica quase exata do que tinha no jardim atrás de sua casa na cidade, grande, robusto, aquecido.

— Vou deixar você desfrutar. — ele disse, e saiu com um gesto.

Ela se sentou e deleitou-se de fato. Um jardim e um banco e uma esperança que já florescia.

CAPÍTULO 12

1896

Christian de Montfort, o Duque de Lexington, gostava de observar sua esposa quando não estava menos que perfeitamente iluminada. O quarto estava cheio das sombras azuis do crepúsculo.

Ela flutuou em sua combinação, em seguida, voltou para a cama e passou um braço sobre seus ombros.

— Você não está se preparando?

— Minha querida Venetia, isso não leva tanto tempo para mim.

— Tudo bem, vejo que a diplomacia está fora de uso. O que quero dizer é que se você não levantar acampamento senhor, não poderei chamar minha donzela.

— Em outras palavras, posso controlar minha presença aqui, — ele acariciou o braço já nu. — Que tal isso? Eu permanecerei duquesa, a menos que você me favoreça de novo.

Ela riu e escapuliu de suas mãos.

— Mais tarde. Depois do baile, talvez.

A sensação de *déjà-vu* veio sobre ele.

— Meu Deus, eu tinha sonhado com isto.

Ela levantou uma sobancelha.

— De ser um intruso na minha cama?

— Todo esse cenário. Você se vestindo, eu a cobiçando, esse convite lascivo de mim, e essa sua resposta exata. *Mais tarde. Depois do baile, talvez.*

— Quando você sonhou?

— Uma noite antes da minha palestra em Harvard, e quase estragou tudo.

A palestra havia sido há vários meses. Sem que ele soubesse, ela estava na plateia. E as coisas que ele disse da tribuna levaram suas vidas a colidir de uma maneira que ele nunca havia esperado.

— E o enviou por um caminho que levou diretamente para as minhas garras do mal — brincou ela.

— O que não é um lugar tão terrível para estar — succulento, confortável,

ú...

Ela jogou um pequeno frasco de algo nele. Ele se abaixou apressadamente.

— O que significa isso? Um homem não pode compensar sua esposa com um elogio a mais?

Ela piscou.

— Não quando ele não está mais nas referidas garras do mal. Agora fora. Devo tomar banho e me vestir.

Ele pulou da cama e subiu as calças.

— Você vai pagar por essa demissão sumária após o baile, mein Liebling[18].

— Talvez. — disse ela atrevidamente.

Ele passou a mão pelo cabelo solto que descia abaixo de suas costas, como ele sonhara.

— Nós fomos feitos um para outro, não fomos?

Ela deu um beijo na palma da sua mão.

— Sim, querido, nós fomos.

Oferecer um baile é uma arte raramente dominada por anfitriãs comuns de Londres. Elas convidavam muitas pessoas para acomodá-los em um espaço que não era maior do que uma sala de estar. Elas cobriam as janelas e alcovas para que seus trezentos convidados acalorados sufocassem dentro de uma prisão sem ar. Então, para adicionar insulto à injúria, elas restringiam os músicos e os refrescos.

A esposa de Fitz não cometia tais erros. Sua lista de convidados era sempre limitada a precisamente cento e setenta e cinco pessoas. Seu salão permanecia bem ventilado do começo ao fim. E ela nunca economizou tostões à custa do conforto e da satisfação de seus hóspedes.

Hoje à noite o salão dos Fitzhugh florescia com monumentos de rosas e lírios. Entre os arranjos de flores estavam esculturas de gelo em forma de colunas coríntias, ligeiramente iluminadas pela luz de lustres elétricos — a luz elétrica emitia menos calor do que as chamas e as esculturas de gelo manteriam o salão fresco quando este transbordasse de convidados dançando vigorosamente.

Limonada e ponche gelado estavam à disposição. Pratos diferenciados traziam pequenos bolos gelados decorados com creme rosado e branco para combinar com as flores. E com exclusividade nos bailes dos Fitzhugh, pirâmides de chocolates em barra da Cresswell & Graves, cortados com

precisão do tamanho de uma mordida, do sabor mais popular bem como dos novos sabores.

Millie estava diante de uma tigela de ponche, em um vestido de baile cor de ameixa ricamente cravejado com gotas de cristal. As presilhas de ametista e diamantes que ele havia comprado para ela, reluziam em seu cabelo. Seus ombros nus brilharam.

Hoje à noite. Depois de tantos anos.

Mas isto não mudaria nada. O futuro dele era com Isabelle. Este era apenas o seu dever, pelo título e por Millie.

Ela se virou ao som de sua aproximação.

— Está tudo pronto. — ele disse.

Ela sorriu, mas não encontrou seus olhos.

— Sim, acho que sim. Mas dar um baile é sempre estressante.

— Você faz muito bem. Qual o horário das carruagens?

Nos convites que ela enviava para seus bailes, sempre especificava a hora em que as carruagens estariam prontas para os convidados, quando não fazia isto, os convidados se divertindo ficavam até o amanhecer, algo que ela não aprovava inteiramente.

E antes do baile começar, ele sempre perguntava o horário das carruagens, assim tinha uma ideia de quanto tempo precisaria suportar. Mas esta noite, após as carruagens partirem...

Ele deveria estar pensando na declaração ardente de amor de Isabelle. Do passado, do futuro, qualquer coisa menos no presente. Mas esta noite, após as carruagens partirem, haveria Millie, o cheiro dela como a brisa de seu campo de lavanda no auge do verão, sua pele tão suave como o melhor veludo.

Seus olhos se encontraram. Ela corou. Ele sentiu desejo.

— Sim. Aí esta a primeira carruagem chegando, — Ela pegou as saias, já se afastando. — É melhor tomar minha posição no topo da escada.

Ele a olhou e tentou pensar em Isabelle.

Ao contrário de Fitz, que raramente dançava quando não precisava, Hastings aproveitava o baile e participava de cada seleção. E Helena tinha que lhe dar crédito: Ele sempre se lembrava das meninas que ficavam sentadas timidamente com um misto de esperança e constrangimento à espera de um parceiro.

Um pedido de dança dele proporcionava as tímidas bastante satisfação. Mesmo com uma criança ilegítima sob seu teto, ele permanecia altamente

qualificado; havia herdado de seu tio não apenas um título, mas uma substancial fortuna industrial. Helena se perguntava o que as tímidas pensariam se soubessem que ele escrevia contos eróticos — com uma personagem feminina que levaria suas mães a desmaiarem. Que fazia amor com os olhos abertos.

Estranhamente, em vista de todos os beijos que Hastings havia tentado roubar de Helena ao longo dos anos, ele nunca reivindicara uma valsa. Esta dança não era exceção. Em vez de uma valsa, ele era seu parceiro em uma dança folclórica que envolvia três outros casais.

Ainda assim, a dança oferecia privacidade suficiente para que ele inclinasse a cabeça para seu ouvido.

— A senhora Monteth está em pé de guerra, ouvi dizer. Se eu fosse você teria cuidado.

— A senhora Monteth está sempre em pé de guerra.

Não era um exagero. A senhora Monteth, irmã da esposa de Andrew, não era apenas uma fofoqueira, mas também a guardiã da virtude e da justiça. Ela espionava os servos, abria as portas ao acaso nas festas e nas casas de campo — razão pela qual raramente era convidada atualmente — e fazia quase tudo que podia para expor e punir as falhas morais daqueles ao seu redor.

— Se a senhora Martin descobrisse uma carta de amor sua perdida para seu marido, para quem ela iria se virar primeiramente?

Eles juntaram as mãos com os dois dançarinos de cada lado e avançaram em direção a uma linha oposta de dançarinos. Os cavalheiros se curvaram; as senhoras fizeram uma reverência. As fileiras se separaram e formaram de novo quatro pares.

— A senhora Monteth estará desperdiçando seu tempo. Sou constantemente vigiada.

— Não confio em você, senhorita Fitzhugh. Você vai dar um jeito de achar um caminho para os problemas.

— E cair no colo da senhora Monteth ao mesmo tempo? Acho que não.

— Você observa a situação e considera apenas a sua parte, senhorita Fitzhugh. Mas há outros jogadores envolvidos. Você não pode prever o que eles irão fazer.

— Enquanto sou nada mais que uma prisioneira, eles podem fazer o que quiserem.

Hastings fez um som exasperado. Era raro que ele se permitisse uma

mostra de frustração, este homem que era sempre liso e escorregadio. A exigência da dança interrompeu a conversa. Quando ia colocar alguma distância entre si e o resto dos casais de novo, ele disse: — Estou começando a pensar que você está esperando ser pega.

Ela bufou.

— E por que eu faria isso?

— Porque eu não teria outra escolha além de ser seu cavaleiro de armadura brilhante.

— Você não é um cavaleiro de qualquer tipo de armadura, se prefere suas mulheres sempre amarradas, Hastings.

Ele respondeu.

— Ficção, minha querida. Saiba a diferença entre o autor e um narrador em primeira pessoa.

Ela olhou para cima. Ainda se sentia estranha em ter de inclinar a cabeça para trás para olhar nos olhos dele — ela o ultrapassara durante a adolescência.

— Existe uma diferença, neste caso?

— Eu diria que há. Eu não acorrento minha mulher — na verdade, nem tenho uma esposa ainda. Mas se você for pega, eu teria que me casar com você por consideração a Fitz, e então talvez a verdade se aproxime da ficção.

Ela sentiu calor.

— Isso não vai acontecer.

— Não, se você cuidar de si mesma, — sua voz era aveludada. — Mas, se continuar a ser imprudente; quem sabe o que vai acontecer?

Fitz abriu o baile dançando com Venetia, a convidada de honra, e terminou o baile também com ela. Agora, de braço dado, ele a acompanhou até sua carruagem.

— Não terei minha esposa de volta, Fitzhugh? — Disse Lexington, sorrindo.

— Antiguidade, senhor. Quando você for seu marido tanto tempo quanto eu sou seu irmão, você pode reivindicá-la mais facilmente.

Venetia riu gostosamente. Fitz adorava vê-la feliz. Ela merecia tudo de bom na vida.

— Venha para Algernon House em agosto, — Lexington propôs. — Estive no exterior muito tempo e minha população de perdiz excedeu. Vou precisar de toda a ajuda que puder conseguir.

— Excelente ideia, — se entusiasmou Venetia. — Fitz é um atirador

maravilhoso. Bem como Helena, a sua maneira. E nós realmente deveríamos ensinar Millie a atirar.

A garganta de Fitz se apertou. Não havia praticamente tempo.

Um laçao segurou a porta da carruagem aberta. Fitz apertou a mão de Lexington. Venetia beijou Fitz na bochecha.

Ele não a deixou ir imediatamente.

— Estou feliz por você. — ele sussurrou.

— E eu espero ser tão feliz por você, meu amor, — ela sussurrou de volta. — Escolha com cuidado.

Millie olhou para Fitz. Ele estava tão bonito, uma mão protetora ao redor da cintura de sua irmã, em seguida, ajudou-a a entrar na carruagem.

A carruagem Lexington se afastou, mas De Courcy e Kingsland, dois de seus amigos da escola, queriam uma palavra. De Courcy, que havia jogado críquete com Fitz em Eton, ficara noivo não muito tempo atrás. Ele provavelmente queria participar seu casamento para Fitz. Fitz era muito popular por tais esforços, e cada homem que tinha ido para a Eton durante um tempo remoto o considerava um amigo.

— Você olha para ele como se você fosse um padeiro e ele o último saco de farinha do mundo. — disse uma voz atrás de Millie.

Hastings. Eles nunca haviam falado abertamente de seu amor não correspondido por Fitz ou o dele por Helena.

— Você quer dizer, da maneira como você olha para a minha cunhada solteira?

— Trágico, não é? Nossos pares.

Às vezes, ela pensava assim, mas nunca o suficiente para parar completamente.

— Notei uma conversa animada entre os dois durante uma dança.

— Estou preocupado com ela.

— Eu também. Mas estamos de olho nela, — tão perto que ela sentia terrivelmente por Helena. — Foi um momento penoso para você?

— Não pior do que você teve de suportar esta tarde, imagino, — Hastings tomou sua mão enluvada na sua. — Mas não se preocupe, Fitz vai ver a luz.

— Será que vai? — Foi o que sua mãe havia dito, também.

— Assim como Paulo a caminho de Damasco, — Hastings ergueu a mão e beijou-a. — Você vai ver.

Fitz, que tinha despachado De Courcy e Kingsland, chegou e passou um

braço sobre seu amigo.

— São três horas da manhã, David. Pare de flertar com a minha esposa. Ela teve um dia longo e de qualquer maneira, ela não tocaria em você nem com uma vara de três metros.

Hastings piscou para Millie.

— Nós vamos deixar Fitz com tais pensamentos confortantes, não é mesmo, Lady Fitz? Eu mesmo me despedirei.

Agora Millie e seu marido estavam sozinhos no salão. Seus joelhos enfraqueceram. Ela não conseguia olhar para ele.

— Você está cansada? — Ele perguntou solícito, permanecendo muito perto.

Seu medo e sua imaginação se agitaram – parecia que já podia sentir o seu toque sobre ela. Ela balançou a cabeça lentamente.

— Vamos subir, então?

Ela respirou fundo.

— Sim, é claro. Vamos.

CAPÍTULO 13

O dirigível

1892

Fitz não era um homem que dava presentes em um cronograma definido. Millie tinha a mesma probabilidade de receber algo em novembro que contava como seu presente de Natal como a obtenção de algo em janeiro, do seu aniversário do ano anterior. Ela encorajou bastante Fitz na sua negligência.

— Venetia sempre tem um presente de você para mim, — ela disse para ele. — Porque você é tão descuidado sobre as datas exatas. Se você se tornasse mais diligente, então eu teria que devolver um segundo presente, o que me entristeceria muito.

Portanto, ela não se surpreendeu totalmente quando ele anunciou em um jantar — quando ela ainda tinha um bom tempo em seus vinte anos — que já tinha o presente para o seu vigésimo primeiro aniversário.

— O que é?

— Eu gostaria de levá-la para a Itália no final da temporada.

Ela ficou muda. *Só nós dois? Sozinhos?*

Não eram perguntas aceitáveis. No entanto, devia dizer alguma coisa. Retirando a mão de onde estava espalmada sobre o coração, ela estendeu a mão para o copo de água para umedecer a boca subitamente seca.

— Por que a Itália?

— Eu a fiz voltar para casa mais cedo, quando você esteve lá da última vez.

— Por um assunto que foi motivo de preocupação pessoal profunda para mim. Penso que teria ficado insultada se você não me pedisse para voltar.

— Mesmo assim, não é?

— Mas o que você disse... Ah, então foi por isso que você disse que iria cuidar dos convites para o festival da caça. Não há nenhum festival de caça.

Ele sorriu.

— A menos que você prefira um festival de caça.

Ela relembrou agora que se passavam semanas, ou mesmo meses, entre seus risos. Ele sorria com muito mais frequência nos dias de hoje, mas ela nunca deveria tomá-los como garantidos. Cada um deles ainda a surpreendia e encantava.

— Não, ousou dizer que prefiro a Itália.

— Será a Itália, então.

Agora, as questões mais importantes.

— E Venetia e Helena? Elas virão com a gente?

Parecia improvável, pelo menos para Venetia, cujo segundo marido, o senhor Easterbrook, havia falecido recentemente.

Fitz balançou a cabeça.

— Venetia não quer viajar enquanto ainda está de luto inicial e Helena planeja fazer companhia a ela.

— Hastings?

— Ele está caçando na Escócia. Seremos apenas nós dois.

Sozinhos. Durante semanas e semanas. Em pitorescos lugares românticos.

Ela teve que tomar outro gole de água antes que pudesse falar.

— Acho que devo tolerar se meu marido quer me arrastar por todo o continente.

Ele sorriu novamente.

— Oh, tenha certeza de que ele quer.

E o resto da noite, foi como se ela segurasse um cubo de açúcar em sua boca, um derretimento lento e constante de doçura.

Eles viajaram através da Suíça, pegaram o trem que cruza o túnel de São Gotardo, escalaram a passagem Splügen em uma diligência, e desceram até o Lago Como, na primeira parada deles.

Lago de Como, com seu ar perfumado, suas moradias de telhados vermelhos, e sua vista arrebatadora de encostas altas e azuis, lago glaciares, era certamente o paraíso na terra. Por uma quinzena, Millie e Fitz caminharam, remaram, jogaram partidas ocasionais de tênis, e excederam-se na comida. Mas, infelizmente, o romance do local não conseguiu despertá-lo para beijá-la ou fazer remotamente qualquer outra coisa do tipo.

Em seu hotel na comuna de Bellagio, eles ocuparam quartos separados, assim como faziam em casa. Ele era atencioso e sociável, como era em casa. E assim como era em casa, suas noites pertenciam a ele mesmo.

Millie suspeitava de uma amante. Suas suspeitas foram confirmadas

quando uma noite uma mulher bonita de cabelos escuros, sua garganta brilhando com diamantes, piscou para ele quando jantavam no amplo terraço do hotel com vista para o lago.

— Você está dormindo com ela. — disse.

— Não estou, — respondeu ele, sorrindo para o seu prato. — Eu lhe fiz uma visita, se você quer saber, antes de ir dormir na minha própria cama.

— Ela está hospedada neste hotel?

— Minha querida, eu nunca seria tão grosseiro a ponto de ter uma amante sob o mesmo teto de minha esposa.

— Humm, mas o Príncipe de Gales não está sempre com sua amante quando vai para uma festa numa casa de campo, mesmo quando a princesa também está?

— Sou muito mais respeitável que o Príncipe de Gales, e desejo que você saiba disso. A Casa de Hanover era nada além de um bando de alemães de classe média antes de nós esgotarmos a realeza colocando-os no nosso trono.

Um garçom veio e lhes serviu o próximo prato, filés de peixes do lago na manteiga de sálvia.

— Diga-me como funciona, — ouviu-se dizer. — Encontrar um amante. Estou curiosa para saber.

Ele lançou-lhe um olhar de surpresa: ela nunca antes havia sido tão ousada. Havia algo em seus olhos, uma nova consciência talvez, ou uma já existente que de repente cresceu.

— Todo homem é diferente. Hastings, por exemplo, entra em uma sala, vê uma mulher que quer, e aproxima-se dela imediatamente.

Era próprio dele desviar a discussão para outra pessoa. Reticente sobre sua vida privada, este homem. Mas ela não pretendia deixá-lo escapar tão facilmente.

— E você?

— Eu não sou tão diligente.

— E ainda assim você não é menos bem sucedido do que Hastings.

Ele deu de ombros, bem-humorado, mas o gesto também indicava que não estava disposto a discutir mais detalhes.

— Eu sei como faz isso. — disse ela.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Quando você entra numa sala mista, nunca se dirige às senhoras mais bonitas imediatamente. Você vai falar com os senhores por algum tempo, ou

talvez com uma das viúvas. Mas, ao mesmo tempo, você está perfeitamente ciente de onde estão as pretendentes, e você sabe quais estão olhando para você.

Ele sorriu muito levemente, e tomou um gole de água mineral.

— Vá em frente.

Ela ficou bruscamente consciente de que o que ele estava ouvindo não era a análise mecânica de sua sedução, mas uma descrição do quanto ela o observara de perto, fingindo que não. Ela não poderia, no entanto, parar agora.

— Você não é tão diferente de Hastings: Você sabe exatamente qual mulher quer. E você não é menos predador do que ele; é mais como a aranha, aguardando contente sua presa chegar até você. Então as senhoras notam você, jovem, brilhante, e confiante. Com seus leques, elas o convidam a uma aproximação. Você nunca se impõe imediatamente. Você fala com a anfitriã. Compartilha outra piada com os senhores. Só então finge notar as senhoras sinalizando para você. Você começa com aquela que não tem o menor interesse e termina a noite conversando com a que você havia escolhido em primeiro lugar, assim que entrou na sala. E então, alguns dias depois a fofoca chega até mim, mas eu já sei.

Ele bebeu um pouco mais de sua água mineral, em seguida, um pouco mais. O sol se punha, o céu era índigo, as tochas na esplanada lançavam uma luz dourada silenciosa sobre ele.

— É bastante possível, — ele disse. — Que você me conheça melhor do que ninguém.

Ela certamente conseguira uns minutos a mais de constante atenção.

— Não conheço você nem metade disso. — continuou ele.

— Não há muito a saber sobre mim.

— Discordo. Não há muito que você deseja que seja conhecido sobre você o que não é a mesma coisa.

Às vezes, ela se perguntava se ele a estudava como ela o fazia. Agora tinha a resposta: Sim. E não tinha ideia do que fazer com esse conhecimento.

Suprimindo a agitação em seu estômago, ela retornou para o peixe no prato.

— Ora, está delicioso. Você não concorda?

Eles deixaram o Lago de Como dois dias depois, passaram uma semana em Milão, em seguida, viajaram para o leste, para Lombardia para mais

montanhas e mais lagos – Lago Iseo desta vez, chegando ao destino no final do dia.

O dono da pousada estava cheio de desculpas. Uma festa grande de casamento surgira e ele tinha apenas um quarto restante, um quarto muito agradável, mas apenas um.

— Vamos aceitá-lo. — disse Fitz.

— Você não ouviu? — Millie disse quando eles estavam fora do alcance do estalajadeiro. — É apenas um quarto.

— Eu ouvi. Mas já é tarde. Nós não jantamos e prefiro procurar outra estalagem amanhã.

— Mas...

— Eu me recordo perfeitamente das implicações do nosso pacto. Você não está correndo nenhum perigo comigo.

E por que, exatamente, ela não estaria em perigo com ele? Por que não a queria com o fervor de um milhão de motores de aquecimento? Ela deveria ser constantemente cobiçada e manuseada, tendo que bater nele com a sombrinha, o leque, e talvez uma de suas botas.

— Tudo bem, eu suponho. — disse ela relutantemente.

Foi mostrado o quarto, que era bom, embora pequeno, e a cama ridiculamente pequena.

Ela ficou sem palavras. Ele lançou um olhar para a cama e se afastou. Mas ficou na frente da pia e ela viu um sorriso torto em seu reflexo no espelho. Seu rosto se aqueceu.

— É só por uma noite. — ele disse.

Eles comeram um jantar rápido. Retiraram-se em seguida, ele não se juntou a ela até que o relógio marcou a meia-noite.

A luz do candeeiro o precedeu. Ele colocou o candeeiro sobre a lareira e tirou o colarinho e a gravata. Sob os cílios, ela o observava. Ela o tinha visto despido da cintura para cima, tomando banho num riacho, mas nunca o tinha visto se despir.

Ele tirou o relógio e colocou-o na lareira. O paletó e o colete, ele deslizou sobre as costas de uma cadeira. Então empurrou os suspensórios e tirou a camisa. Ela mordeu o interior de sua bochecha. A única vez que o tinha visto, ele era pele e ossos. Agora estava em forma e musculoso, tão bonito sem roupa como uma daquelas estátuas dos jardins de Versalhes.

Ela estendeu seu camisão de dormir para ele antes de ir para a cama. Ele o

pegou, vestiu, em seguida, beliscou a chama da vela. No escuro, ela o ouviu remover as calças.

O colchão caiu sob seu peso. Ela se manteve quieta sem nem sequer respirar.

— Você pode muito bem respirar. Você tem que respirar em algum momento. — ele disse, com um sorriso na voz.

— O quê?

— Sei que você está acordada.

— Como você sabe?

— Se eu nunca tivesse tido alguém em minha cama antes, sei que ainda estaria acordado.

Ela puxou os lábios. Fora da cama eram iguais: Ela era tão eloquente e equilibrada como ele. Mas nesta área em particular ele era muito mais experiente do que ela, uma área em que o conhecimento teórico nada contava.

— Quando você dormiu com uma mulher pela primeira vez? — Ela perguntou, com a voz cortada.

— Na minha despedida de solteiro, supostamente.

— Supostamente?

— Estava bêbado. Não consigo me lembrar de nada.

— Quando foi a primeira vez que você se lembra? Com a senhora Bethel?

— Não, foi com a irmã dela, a senhora Carmichael.

Ela não disse nada.

— Posso sentir sua desaprovação.

— Posso sentir sua presunção.

— Não diria que sou presunçoso sobre isso. A senhora Carmichael me passou para a senhora Bethel, porque sabia que ela gostava de homens jovens e inexperientes, com isso você também pode dizer que a senhora Carmichael me achou um amante inferior.

— Suponho que você não seja um amante inferior depois de toda a prática que teve desde então.

— Sou razoavelmente competente, — ele disse modestamente. Então riu.

— Nunca pensei que estaria na cama, no escuro, discutindo a minha competência como amante ou a falta dela com minha esposa.

A cama rangeu. Teria ele se virado para ela?

— Não desejo presumir, mas você parece curiosa.

— Não sei do que você está falando.

— Não quero dizer que está curiosa sobre mim ou que está louca para experimentar algo por si mesma, mas você parece intrigada sobre o assunto como um todo.

Ela mordeu o lábio.

— Eu?

— Nada de errado com isso. Você está na idade de ser curiosa. Você ainda tem notícias de seu companheiro?

Então, ele ainda se lembrava.

— Sim.

— Sempre pensa nele?

Ela fez uma careta.

— De vez em quando.

— Vocês dois tiveram...

— Claro que não.

— Não questiono a sua virtude. Mas vocês dois já se beijaram?

— Uma vez.

— Como foi?

Você estava lá. O que você achou?

— Não tenho certeza se posso descrever. Eu estava desesperada. Tanto quanto ele.

— Ele está casado agora?

— Sim.

— Você está sempre com ciúmes de sua esposa?

E como ela responderia a isso?

— É tarde. Vamos dormir.

A cama rangeu de novo quando ele se moveu e colocou mais alguns centímetros entre eles.

— Apenas certifique-se que você não me chute para fora da cama. Não gosto de dormir no chão.

— Nunca chutei ninguém para fora da cama toda a minha vida.

— É verdade, mas você nunca teve ninguém. Então... Cuidado.

Ele dormiu muito antes dela, de costas para ela, sua respiração profunda e regular.

Ela estava em uma agitação sem nome até que, finalmente, também adormeceu.

Só para despertar com um sobressalto quando ele jogou um braço em torno

de sua cintura. Com uma mão sobre sua boca aberta, ela tentou, com a outra mão, movê-lo. Mas seus dedos, quando ela o tocou, estavam completamente flácidos.

Ele se virara em seu sono. Nada mais.

Sua mão permaneceu na dele, acolhedora em contato com o anel que ela lhe dera, com o calor de seu corpo. Um dia, ela pensou, um dia...

De repente, ele puxou-a para ele. Ela ofegou, mas fez apenas um som, seu choque preso em sua garganta. Agora eles se tocavam dos ombros até as coxas. Ele enterrou o rosto na curva de seu pescoço. Querido Deus, seus lábios roçaram sua pele. E sua barba espinhenta, a sensação disso contra sua pele...

Coisas se agitaram dentro dela. Calor, desejo, confusão. O que ele estava fazendo? Estava mesmo ciente do que fazia? E ela queria que ele parasse neste momento... Ou não parasse absolutamente?

Ele certamente queria continuar. Atrás dela estava agora duro como pedra. Ouviu em seu arquejar uma mistura de espanto e de desejo. Ela o queria. Quando ouviu sobre suas amantes satisfeitas, sempre quis ser uma delas. Gozar os prazeres alucinados, sem entreter quaisquer outros pensamentos.

Mas não podia. Ela nunca poderia se contentar apenas em dormir com ele.

Um som de luxúria veio da parte de trás de sua garganta. Sua mão se aproximou de seu peito. Antes que ela soubesse o que estava acontecendo, ele segurou seu seio.

O choque mudo traduzido em um frenético bater do coração.

Ele acariciou seu pescoço. Seus dedos encontraram seu mamilo. O polegar esfregou-o através do linho da camisola.

Ela pulou da cama, derrubando o copo de água na cabeceira em sua pressa. O vidro caiu sobre o tapete. Não quebrou, mas o fez rolar para fora do tapete e fazer um tilintar claro ao entrar em contato com a perna do armário.

— O que... — ele disse sonolento.

Ela não emitiu nenhum som.

Depois de um tempo, ela pensou que ele tinha voltado a dormir. Mas ele perguntou: — Por que você está fora da cama?

— Eu... Não posso dormir quando há alguém ao meu lado.

— Volte. Eu vou dormir no chão.

— O chão está molhado agora.

Ele suspirou.

— Vou dormir na cadeira, então.

Seus passos. Ela se encolheu. Ele passou por ela e foi para a cadeira.

— Vá.

— Acho que deveria...

Ela gritou — ele a pegou. Cruzou os poucos metros até a cama e depositou-a diretamente nela.

— Durma.

Uma luz fina penetrou passando pelas cortinas. Ela estava deitada de lado, de costas para a cadeira onde ele estava sentado, seu rosto virado para longe quase tocava a ponta do travesseiro.

Estava fresco nas montanhas, mas ela chutou a colcha de suas pernas. E ele tinha uma boa, embora mal iluminada, visão de seus tornozelos. Na verdade, ele podia ver a meio caminho um tornozelo delicioso.

Delicioso. Uma palavra estranha para usar sobre uma esposa. Mas tudo à vista era doce e bonito. E tudo não mostrado...

Ele voltou sua mente longe da inútil direção: Tudo não mostrado permanecerá fora de vista pelos próximos anos. Seis anos ela tinha proposto, mas ele teve que aumentar para oito. Como havia sido estúpido, acreditar que sempre se sentiria da mesma maneira sobre ela, sobre tudo.

Ela se mexeu levemente, sua mulher misteriosa.

Ele não mantinha segredos particulares dela. Mas ela, ela era como um castelo de outra era, cheia de passagens secretas e alcovas escondidas, o pleno conhecimento do que não revelou a ninguém e que ele só podia adivinhar.

Até seu discurso detalhado na outra noite, ele nunca havia dado muita atenção ao seu *modus operandi* no que diz respeito a levar mulheres para cama. Era verdade que preferia alcançar seu objetivo de forma discreta, com a menor quantidade de energia gasta, mas estava enganada ao compará-lo a uma aranha.

Aparências em contrário, ele sempre fora tímido no quesito mulheres. Mesmo com Isabelle, havia sido ela a tomar a iniciativa e dizer-lhe que ela era a preferida dele entre todas as garotas no planeta — ele só precisava concordar.

Procurar uma mulher para satisfazer seu desejo era tão difícil como bloquear os batimentos do seu coração. Mas a mesma hesitação prevalecia. Ele preferia que elas viessem a ele, e deixava que — jovem, brilhante, e

confiante — fossem a única propaganda de suas intenções.

Ela se mexeu de novo e se virou de costas. Os dedos dos pés se mexeram levemente. Um pé deslizou ao longo de sua outra perna. Ele observava com ávido interesse. Não se importaria em absoluto se durante o sono, seus movimentos desatentos subissem a bainha de sua camisola mais ao norte, bastante mais ao norte.

Ela se acalmou. Então, lentamente, deliberadamente, puxou as pernas para cima e jogou o cobertor sobre elas.

— Bom dia. — ele disse.

Ela se sentou, obviamente, a ponto de fingir que ele não a tinha visto sem roupas quase até os joelhos.

— Bom dia.

Ela olhou em volta da sala. Mesmo ele vestindo calça e camisa e ficando apresentável o bastante para a sua própria esposa, ela parecia decidida a não olhar para ele. Ele não ficava, em regra, muito excitado pelo puritanismo de uma mulher. Mas de alguma forma, seu puritanismo mais parecia prevenção. Como se ela mesma não quisesse saber como se comportaria numa situação mais emocional. O que o fez curioso: Como ela se comportaria?

— Dormiu bem? — Perguntou ele.

— Razoavelmente. E você?

— Vamos ver. No meio da noite, tive que me levantar e sentar em uma cadeira porque a minha mulher não gosta de dormir comigo. Como você acha que eu dormi?

Ela olhou para os joelhos dobrados, agora sob a colcha.

— Eu teria aceitado a cadeira.

Ele zombou.

— Como se eu a deixasse dormir em uma cadeira enquanto aceitava a cama.

— Desculpe.

— Eu fiz alguma coisa?

Sua mão traçava padrões aleatórios nos lençóis. Ela parou.

— Por que você acha que fez alguma coisa?

— Não tenho lembranças precisas. Mas a cama é pequena e os impulsos de um homem são fortes. Além disso, você derrubou um copo de água quando fugia da cama. Isso seria uma boa indicação.

— Não foi nada particularmente notório. Provavelmente não assustaria

ninguém, somente uma solteirona como eu.

— Você estava assustada?

— Eu fugi, não foi?

Por que você não cedeu?

E com esse pensamento veio uma súbita lembrança da excitação, seu corpo pressionado contra o dele, seu seio em sua mão, quente e flexível, o mamilo rígido pela excitação.

Ele respirou fundo.

— Você sabe que não tem nada a temer de mim.

— Claro que não. — ela concordou muito prontamente.

Ele deixou o quarto para ela se vestir. Em seguida, voltou e a expulsou.

— Preciso dormir mais uma hora ou algo mais.

Ele trancou a porta e deitou-se na cama. Ele cochilaria um pouco, mas não ainda, não até que exorcizasse essa luxúria indesejada que abruptamente tomara conta dele.

Por agora, iria se permitir não só lembrar o que havia acontecido durante a noite, mas imaginar o que iria acontecer em pouco menos de quatro anos, quando a teria nua e aberta embaixo dele.

Só desta vez.

— Fitz, você está aí? — Millie bateu com força na porta. Eram dez horas, duas horas e meia desde que ela o deixou. — Acorde, preciso falar com você.

— Não estou dormindo. Estou no banho. O que houve?

— Minha mãe, — ela tragou. — Ela não está bem.

— Dê-me um minuto.

Millie olhou novamente o cabograma em sua mão.

Caro Lorde e Lady Fitzhugh,

Lamento informá-los que a senhora Graves ficou doente. Ela quer vê-los com urgência. Por favor, retornem a Londres o mais breve possível.

Seu , etc, G. Goring

Ela não podia acreditar. Não a mãe dela também, ela era muito jovem. Mas o senhor Goring, advogado pessoal da senhora Graves, não teria enviado ele mesmo um cabograma a menos que a situação fosse crítica.

Fitz abriu a porta. Sua camisa se agarrava ao corpo e ele ainda estava enxugando o cabelo, a banheira meio abandonada visível por trás de um biombo.

Ele pegou o cabograma de sua mão e examinou-o. Devolvendo-o para ela, ele jogou a toalha de lado e tirou um livro de horários de sua mala.

— Há um trem que parte de Gorlago em três horas. Se sairmos agora em um coche rápido, podemos alcançar esse.

Eles estavam vinte milhas longe de Gorlago. A estrada era decente, mas estreita e íngreme, às vezes. Três horas parecia uma avaliação muito otimista.

Ela não discutiu.

— Mande Bridget arrumar nossas coisas, mas não levaremos os baús, eles irão nos atrasar. Fale com o estalajadeiro para enviar a bagagem depois e leve apenas o que você pode carregar na mão. Vou encontrar um transporte rápido para nós. Esteja pronta quando eu voltar.

Ele estava de volta em quinze minutos com uma caleche ligeiramente arqueada e uma criança de cerca de onze. Millie subiu com uma cesta de piquenique, Bridget seguiu com uma mala recheada com uma muda de roupa para eles.

— Onde está o cocheiro?

Ele sacudiu as rédeas. Os cavalos aliviaram em um trote.

— Eu vou dirigir.

— E o itinerário? E a troca de cavalos?

— É por isso que este jovem cavalheiro está aqui — para nos dizer aonde ir. E quando chegarmos a Gorlago ele ficará com os cavalos e o transporte até seu tio vir por eles. Ele tem vinte e dois quilos a menos do que o tio, então eu o escolhi.

O pouco peso do menino e a ausência de bagagem fizeram a diferença, como também a tendência da companhia ferroviária italiana em atrasar as partidas. Eles chegaram à estação Gorlago dez minutos após a hora da partida publicada para o trem para Milão via Bergamo, mas tiveram tempo suficiente para comprar passagens e pegar o trem — Fitz, o último a passar, teve que correr e pular nos degraus.

Pelo meio da tarde, estavam em Milão. Graças à maravilha moderna que era o túnel de Mont Cenis, vinte horas mais tarde o trem expresso desembarcava em Paris.

Agora, só tinham que alcançar Calais e cruzar o canal inglês.

Alguém gentilmente balançou Millie pelo ombro.

— Balões de ar quente, você quer ver?

Millie abriu os olhos, não sabia que tinha cochilado.

Havia realmente sete ou oito balões de ar quente em um campo aberto, a maior parte ainda envolvida em emaranhados moles de cores brilhantes, no processo de serem insuflados.

— É alguma espécie de competição?

— Talvez. Olhe, há até um dirigível.

— Onde?

— Está por trás das árvores agora. Mas eu vi, tinha hélices.

Millie girou o pescoço. Estava doendo por causa do cochilo.

— Caleches, trens e balões de ar quente, sinto-me como se estivéssemos tentando dar a Volta ao Mundo em Oitenta Dias.

— O recorde atual é de sessenta e quatro dias, então você terá que fazer um pouco melhor.

— O quanto estamos longe de Calais?

— Sete milhas ou mais.

O céu estava claro, mas ela não podia deixar de se preocupar.

— Espero que o canal permaneça claro. Na última vez tive que esperar uma noite.

Ele tocou-lhe a mão rapidamente.

— Você vai vê-la novamente. Vou levar você a tempo.

O tempo, no entanto, não quis cooperar. Um forte nevoeiro dominava todo o canal, todas as balsas permaneceram no porto.

— Quanto tempo até que isso passe? — Millie perguntou ansiosamente. Fitz esteve conversando com os barqueiros e os pescadores.

— Ninguém acha que vá passar hoje. Metade deles não espera que algo aconteça antes de amanhã à tarde, e o resto acredita que é um daqueles nevoeiros que ficará por pelo menos quarenta e oito horas.

Seu coração se afundou.

— Mas não podemos esperar tanto tempo. Ela pode não aguentar.

— Eu sei. — ele disse.

— Por que ainda não construíram um túnel sob o Canal? Falam sobre isso há muito tempo, mas não fazem nada.

Ele olhou de volta para a direção em que tinham vindo. Então, olhou para ela, um polegar pressionado em seu queixo.

— Se você tiver estômago para isso, podemos ir por cima do Canal.

— Por cima?

— Lembra-se do dirigível que eu vi? Atravessar o canal em um balão já foi feito antes. Mas é uma empreitada perigosa — principalmente partindo do leste para o oeste.

Ela olhou para ele por um segundo. Nunca havia estado em um dispositivo aéreo antes nunca sequer lera Júlio Verne: Cinco Semanas em um Balão. A ideia de estar a milhares de metros acima do solo não detinha qualquer apelo especial para ela, mas tempos desesperados pediam medidas desesperadas.

— Bem, o que estamos esperando?

O dirigível tinha uma aparência muito peculiar.

Millie estava familiarizada com a forma de um balão de ar quente — como uma lâmpada. Mas o envoltório do dirigível mais parecia uma salsicha sobrecarregada. Uma cesta de vime retangular ficava suspensa por baixo. E na parte de trás da cesta, dois longos tubos se projetavam, cada um equipado com hélices, no final, as pás quase tão longas quanto a altura de Millie.

— Sim, é seguro como pode ser, — disse o piloto, Monsieur Duval para Fitz, em francês. — As hélices são alimentadas por baterias, nada do absurdo motor a gasolina que os alemães estão testando. Apenas espere. Eles ainda vão acabar em fogo.

Millie não tinha certeza de que isso era o que queria ouvir nesse momento, mesmo se não tinham um motor a gasolina. Estava começando a invejar Bridget, que havia escolhido ficar para trás em Calais até que pudesse atravessar o Canal de barco.

— Como vocês aquecem o ar? — ela perguntou.

— O ar não é aquecido. Isso é hidrogênio no interior do envoltório, madame.

— O hidrogênio é mais leve que o ar, não é? Como vamos descer?

— Ah, pergunta muito inteligente, madame. Há dois sacos de ar dentro do envoltório de hidrogênio e podemos enchê-los ou esvaziá-los. E quando estão cheios, todo o peso do dirigível se torna um pouco maior do que a elevação fornecida pelo hidrogênio e assim chegaremos a uma aterrissagem muito moderada.

Ela olhou para Fitz.

— Só se você quiser ir, — ele disse. — Mas você tem que decidir logo. Ou estará escuro antes de chegarmos à costa inglesa.

Ela soltou um longo suspiro.

— Vamos depressa, então.

No momento em que se acomodaram no interior do cesto, o que Monsieur Duval chamava de gôndola, seu assistente começou a jogar sacos de areia para fora, enquanto Monsieur Duval persuadia seu motor movido à bateria a funcionar. As hélices rodaram primeiro preguiçosamente, depois com vigor.

A cesta foi levantada de forma tão gradual que Millie, absorvida pela manipulação de Monsieur Duval com as válvulas e medidores, nem percebeu que estavam voando até a cesta estar a três metros do chão.

— Última chance para saltar. — murmurou Fitz.

— O mesmo vale para você. — disse ela.

— Não tenho medo de cair no canal inglês.

— Humm, tenho muito medo de cair no canal inglês. Mas se eu saltar agora, — ela olhou para baixo, o chão havia recuado dramaticamente — Certamente quebrarei meus membros. E ainda existe a probabilidade de precisar nadar.

— Você sabe nadar?

— Não.

— E você confiou sua vida a esta aventura louca.

Ela exalou.

— Confio que vai dar tudo certo com você ao meu lado.

Por um momento ele pareceu como se não soubesse o que dizer, então, sorriu.

— Bem, tenho uma bússola no meu relógio. Caindo na água, vou saber qual direção empurrar a gôndola.

O nevoeiro. Ela havia esquecido o nevoeiro completamente.

Acima deles o céu estava claro, abaixo deles o campo francês — pontilhado com ovelhas, vacas e aldeias. Crianças apontavam e acenavam; Millie acenou de volta. Dois meninos jogaram pedras que caíram muito abaixo; Fitz riu e gritou algo que soou como francês, mas não continha nenhuma das palavras francesas que Millie conhecia.

O dirigível continuou subindo. Os animais eram pontinhos agora, a terra como extensos quadrados em vários tons de verde e marrom.

— Quão alto estamos? — Fitz perguntou.

Monsieur Duval consultou um medidor.

— A coluna barométrica diminuiu quase duas polegadas. Estamos a cerca

de cento e cinquenta e nove metros – quase a metade da altura da Torre Eiffel, e ainda estamos subindo.

Depois de algum tempo, Fitz protegeu os olhos com a mão.

— Posso ver a neblina agora. Estamos nos aproximando da costa?

— *Oui, monsieur le comte.*

O nevoeiro era a visão mais espetacular que Millie havia visto; um mar de nuvens sobre o qual a aeronave lançava sua sombra alongada. Os vapores intensos explodiam e se contorciam, com correntes e climas próprios. E quando o sol baixou para o horizonte ocidental, os picos e cumes se transformaram em montanhas de ouro, como se estivessem dando um passeio pelas riquezas do próprio Céu.

Fitz colocou seu casaco sobre os ombros dela.

— Magnífico, não é?

Ela lançou um olhar para ele.

— Sim, — ela disse. — Em todos os sentidos.

— Esperei uma vez que o meu casamento fosse uma aventura — e acabou sendo isso mesmo, — com seu olhar ainda no nevoeiro, ele colocou o braço ao redor de seus ombros. — Se algo acontecer a nós hoje, saiba que dentre todas as herdeiras que eu poderia ter me casado há quatro anos, estou feliz que tenha sido você.

Às vezes, ela se perguntava como sua vida poderia ter sido diferente se tivesse sido dada a ela uma escolha no assunto de seu casamento. Agora sabia: Não teria havido nenhuma diferença, porque teria escolhido o mesmo caminho que a levava a esse momento preciso. Ela reuniu coragem e colocou o braço em volta da cintura dele.

— Eu sinto o mesmo, — disse ela. — Estou feliz que seja você.

Havia apenas luz suficiente para Monsieur Duval baixar o dirigível em um campo vazio, causando muita emoção em várias aldeias de Sussex. Millie e Fitz chegaram a Londres a meia-noite.

Millie passou a semana seguinte à cabeceira de sua mãe. No início, parecia que a senhora Graves teria uma recuperação milagrosa, mas as esperanças de Millie foram frustradas quando sua condição se deteriorou ainda mais.

A senhora Graves deslizava dentro e fora da consciência, às vezes acordava tempo suficiente para se alimentar e trocar uma saudação com Millie, às vezes caindo inconsciente novamente antes que tivesse consciência de si mesma.

As irmãs e primas da senhora Graves, por vezes, sentavam-se com Millie durante o dia; e Fitz estivera lá todas as noites acompanhando-a. Eles não falaram muito durante essas noites longas, cada um cochilando numa cadeira, mas sua presença era uma fonte de conforto imensurável.

Certa manhã, depois que ele a deixou para tomar café da manhã, a senhora Graves despertou.

Millie saltou.

— Mãe.

Ela rapidamente pegou o copo de água mantido no criado-mudo e deu a sua mãe várias colheradas.

— Millie. — a senhora Graves murmurou fracamente.

Millie não queria, mas se viu chorando.

— Sinto muito. Perdoe-me.

— Perdoe-me, por deixar você muito mais cedo do que eu pretendia.

Millie poderia negar, mas ambas sabiam que a senhora Graves não tinha muito tempo. Ela enxugou os olhos.

— Não é justo. Você devia durar tanto quanto a rainha.

— Meu amor, eu vivi uma vida maravilhosa, invejável. Que seja um pouco mais curta do que eu gostaria não é motivo para reclamação.

Ela tossiu. Millie deu-lhe mais três colheres de sopa de água. Sua respiração era difícil, mas ela acenou afastando o tônico que Millie oferecia.

— Não, meu amor, a injustiça aqui é sobre o que seu pai e eu pedimos a você; que você desistisse de sua própria felicidade para que pudéssemos ter um neto que um dia seria um conde.

— Não sou infeliz, — Millie hesitou. Ela nunca havia falado em voz alta os segredos do seu coração. — Não quero ser a esposa de ninguém, exceto de Fitz.

A senhora Graves sorriu.

— Ele é um homem adorável.

— O melhor – como você, mãe.

A senhora Graves acariciou o rosto ainda molhado de Millie.

— Você se lembra do que eu disse anos atrás? Nenhum homem pode, eventualmente, ser mais feliz do que aquele que a tiver a sua mão. Um dia ele vai ver a luz.

— Será?

Mas o braço da senhora Graves afrouxou. Ela ficou novamente

inconsciente e faleceu no mesmo dia, no final da tarde.

Fitz estava ao lado de Millie. Ele a beijou na testa.

— Sinto muito.

Seus olhos se encheram de lágrimas novamente.

— Foi muito cedo. Ela era a última pessoa da minha família.

Ele entregou-lhe o lenço.

— Bobagem. Eu sou sua família. Agora terá um descanso, você não dorme bem há dias.

Eu sou sua família.

Ela olhou para ele, sua visão embaçada.

— Nem sequer lhe agradei por me dar mais tempo com minha mãe.

— Você não precisa me agradecer por nada, — ele disse com firmeza. —
É meu privilégio cuidar de você.

Sua visão foi ficando cada vez mais embaçada.

— Obrigada.

— Eu já não lhe disse para não me agradecer?

Ela reuniu um pequeno sorriso.

— Quero dizer por você dizer isso.

Ele devolveu o sorriso.

— Vá descansar. Eu vou cuidar de tudo.

Ele saiu da sala para falar com o mordomo da senhora Graves. Ela permaneceu contra a moldura da porta e o viu desaparecer pelas escadas.

Estou feliz que seja você.

CAPÍTULO 14

1896

Fitz não tinha estado no dormitório de sua esposa desde que entrou na casa da cidade para herdá-la. Um grande número de reformas havia acontecido desde então, para transformar a casa de um quase casebre numa casa arejada e confortável. O casamento deles, na verdade, poderia ser traçado madeira a madeira, tijolo por tijolo.

Mesmo agora, as melhorias continuavam: A drenagem dos campos de lavanda foi melhorada na primavera; uma segunda colmeia havia sido encomendada para a horta que deveria ser uma réplica da mansão de Henley Park, e os quartos dos empregados, que haviam sido reparados uma vez há quatro anos, novamente estavam sendo trabalhados.

O quarto dela era leve e bonito, com papel de parede verde verão da cor de um pepino fatiado. Vasos de topiarias^[19] montavam guarda em cada lado da lareira. Acima da lareira pendia uma paisagem pintada que parecia bastante familiar, não a pintura, mas a paisagem.

Ela estava no centro da sala, ainda em seus trajes de gala, seu leque seguro diante dela como uma couraça emplumada. Ela olhou para ele, mas como se não quisesse admitir sua presença.

Ele não queria deixá-la mais nervosa do que já estava. Em vez de se aproximar dela, ele atravessou a sala para dar uma olhada melhor na pintura.

— Este é o Lago de Como?

— Sim.

Seu olhar caiu na lareira. Em cima havia uma fileira de fotografias emolduradas que tinham sido tiradas no verão passado nas festas da casa de campo. Cada fotografia continha os dois, embora nunca sozinhos, às vezes, estavam em um grande grupo, às vezes, com apenas a mãe dela ou as irmãs dele.

Na cornija da lareira, outro objeto familiar.

— Esta é a caixa de música que lhe dei no seu aniversário de dezessete anos? Parece muito melhor do que eu me lembrava.

Ele levantou a tampa da caixa de música. Soaram as mesmas notas finas,

ligeiramente discordantes. Ainda funcionava. Quem teria pensado?

Ela o observava. Mas quando ele olhou para ela, ela afastou o olhar imediatamente.

— Onde está a sua donzela?

— Eu lhe disse para não esperar por mim.

Ela deixou cair o leque sobre o assento de uma cadeira próxima. O gesto foi decididamente casual. No entanto, como estava ao lado do apoio do braço almofadado, sua garganta tremia como uma andorinha. Essa visão — a implicação disto — fez seu sangue ferver.

— Não será desagradável, — ele disse. — Isso pode ser bastante agradável.

— Oh, é melhor que seja, — disse ela com sarcasmo. — Eu ouvi muito ao longo dos anos sobre suas proezas como amante. Se eu não subir no telhado cantando, me considerarei desapontada.

Ele sorriu e colocou a caixa de música de volta na prateleira.

— No dormitório com você, então, senhora.

Por alguns segundos, ela olhou o leque largado sem se mover. Em seguida, andou até o interruptor e desligou a arandela da parede. Uma lâmpada no quarto havia sido deixada, iluminando o caminho. Ela passou por ele e desapareceu lá dentro.

Então, chegamos a isto finalmente.

A tarefa mundana marital, não era isso? Uma obrigação que adiara por muito tempo. Por que então, enquanto avançava em direção ao quarto, se sentia como se estivesse sendo arrastado para o mar? As marés e correntes seriam diferentes de tudo que já tinha conhecido no calmo estuário que tinha sido seu casamento?

Ela apagou a luz no momento em que ele fechou a porta atrás de si. Ele supôs que não deveria estar muito surpreso, afinal estava lidando com uma virgem. Mas eles se conheciam tão bem, parecia que ela não deveria ser tão tímida assim.

— Será que você não quer que eu veja o que estou fazendo?

— Não.

Ele sorriu.

— Nem mesmo quando eu tiver que lidar com os laços complicados do seu vestido?

— Não há nada aqui que você não tenha encontrado muitas vezes em

outros lugares.

A escuridão era impenetrável: Suas janelas tinham as cortinas duplas bem projetadas corridas e fechadas.

— Esta será a primeira vez para mim, — ele murmurou. — Tateando no escuro. Você deveria estar cantando um hino para que eu possa encontrá-la.

Ela bufou.

— Um hino?

— O anfitrião celeste se regozija esta noite: Finalmente estou fazendo algo ordenado por Deus e imortalizado pelo amor de Cristo e sua Igreja — etc, etc.

— O que devo cantar? Hosana nas alturas? Ou talvez nós devêssemos realmente fazer nosso reitor orgulhoso e recitar a Oração do Senhor, também.

Ele sabia onde ela estava agora: em sua penteadeira. Ela saltou quando a mão dele pousou em seu ombro. Ela não ouvira sua aproximação no escuro?

— Tudo bem, então você me encontrou. Agora é sua vez de se esconder e eu encontrá-lo. — disse ela, com a voz um pouco estridente.

— Algum outro dia. Temos negócios a tratar, lady Fitzhugh.

Ela usava luvas de pelica que se estendiam muito além dos cotovelos. Estavam presas em cima por três botões de marfim. Ele desabotoou os botões, um, dois, três e empurrou uma luva para baixo.

— Eu me esqueci de dizer antes, mas você estava muito linda esta noite. — ele disse. Deslizou a mão ao longo de seu braço agora exposto. Tudo nela era um mistério para ele.

— Obrigada. — disse ela, com uma voz quase inaudível.

Ele retirou a outra luva.

— Já disse a você, quando nos casamos, que nunca sabia bem qual era sua aparência? Seu rosto mudava toda vez que eu te via. E quando você voltou da América, tive que olhar duas vezes para ter certeza de que era você.

As pregas de seu vestido roçaram a palma de sua mão.

— Então... Se eu ficasse afastada por um pouco mais de tempo, teria sido capaz de passar por você sem que me reconhecesse?

— Duvido muito. Seus olhos não mudam. Seu andar não muda. E seu andar, sempre posso dizer quando você passa pela minha porta.

Ela soltou um suspiro.

Ele tocou em seu cabelo, a coroa construída cuidadosamente por sua donzela no início da noite, tirou as duas presilhas de ametista, e jogou-as de

lado. Eles caíram com pequenos sons abafados no pano de renda em cima de sua penteadeira.

Quanto tempo ele havia estado curioso sobre este dia, esta hora?

Desde a viagem à Itália, certamente. Embora se tivesse que ser preciso, achava que tinha sido naquela crucial reunião durante a qual tomou o controle de Cresswell & Graves dos subordinados do senhor Graves.

Ele firmemente enterrara a curiosidade: um pacto era um pacto. Eles apertaram as mãos em oito anos, e em oito anos, ele pretendia manter suas mãos para si mesmo.

Mas as coisas enterradas tinham uma maneira engraçada de brotar raízes e tentáculos logo abaixo da consciência. Então, quando finalmente reconheceu isto, ele se encontrou enfrentando não uma semente pequena de desejo, mas uma selva de luxúria.

E ela, que sentia tão profundamente e implacavelmente como qualquer outro mortal, embora mantivesse uma fachada serena, teria também pepitas de desejo escondidas nos cantos menos frequentados de sua mente?

Ela manteve um silêncio enérgico, mas sob seus dedos havia tremores: Ela, com suas formas finas, firmemente atadas, não queria ceder a algo tão comum e vulgar como a luxúria.

Mas ele a queria. Ele queria quebrar sua fachada pedaço por pedaço.

O próprio pensamento tirou-lhe o fôlego. Oito anos de amizade platônica, de manter uma conduta agradável embora com limites firmes para não pensar em como seria quando finalmente se unissem.

Um perfume sutil subiu de sua pele, rico, dourado, e delicioso. Devia ser mel de lavanda: o seu sabão era feito não somente da essência destilada de lavanda, mas também do mel da lavanda de seus campos.

Ele a inalou. Era natural que em seguida inclinasse a cabeça e beijasse-a no ombro nu.

Um calor rubro pulsava do seu ombro para as pontas dos seus dedos. A intensidade do mesmo atordoava Millie. Se ele tivesse feito um dano permanente em suas terminações nervosas? Será que ela acordaria de manhã sem nenhuma sensação em todas as suas extremidades?

Mas não, ele a beijou de novo, na base do pescoço, e fogo líquido queimou mais uma vez.

Fracamente, ela se deu conta de que ele ainda estava extraindo seus grampos. Eles caíam silenciosamente sobre o tapete. Fracamente também, ela

sentiu necessidade de pedir a ele que não fizesse isso. Ou teria que se lembrar de juntá-los antes que Bridget viesse de manhã com seu chocolate.

Seria muito embaraçoso para Bridget saber o que havia acontecido durante a noite, especialmente quando no prazo de seis meses, ele estaria fazendo exatamente isso com a senhora Englewood, tocando-lhe o braço, beijando-lhe o ombro, alisando seu cabelo escuro e brilhante.

Só que ele estaria dominado por um maior fervor e impaciência, não estaria ele impulsionado por um desejo que ardia por mais de uma década? Nada dessa consideração cortês, estes pequenos toques deliberados que a aniquilava, mas não o afetava em nada.

Ela estava grata pela escuridão. Ele ainda podia sentir os tremores debaixo de sua pele, mas pelo menos não podia vislumbrar a separação de seus lábios, ou o fechamento de seus olhos, reações involuntárias que não podia controlar; o que destruiria completamente sua pretensão de indiferença amável.

Ele beijou-a na orelha, um beijo com a simples sugestão de umidade. Ela não podia respirar pela eletricidade dele, uma faísca de prazer violenta que abalava e deixava cicatrizes. Seus dedos acariciavam seus ombros. Seus lábios pressionavam sua nuca exposta. Densas, quentes sensações cravavam-se nela.

Ela cerrou os dentes apertando-os. *Não faça sons.* Não, em hipótese alguma faça qualquer som. Se permanecesse silenciosa como a noite, ele não saberia como se sentia. Ele não faria isso.

Os botões nas costas abriram-se igual a uma horda mongol. As mangas pequenas em seus ombros caíram. Ele empurrou-as para baixo, com mãos persistentes no interior de seus cotovelos.

A saia do vestido de baile era um monumento de pregas e babados. Continha tanta infraestrutura que mesmo com o corpete do vestido pendente e inclinado, ainda ficava em pé por conta própria, poderosamente defendendo sua virtude, com muralhas e fossos de seda chiffon.

Ele simplesmente levantou seu corpo e, bom Senhor, chutou seu vestido de baile magnífico e caro do caminho?

Agora, ele virou-a para ele.

— Deve ser fácil a partir de agora. — ele disse.

Ela estremeceu. Na verdade, era fácil para ele. Seu espartilho se evaporara. Suas meias desapareceram. Ele passou as mãos na frente de seu espartilho e

os fixadores de aço se separaram como se ele tivesse dito: Abre-te Sésamo.

— Pare, — ela disse quando ele desfez o primeiro botão de sua combinação. — Eu gostaria de manter isto.

E não apenas por modéstia, mas por fingimento. Havia muita honestidade na nudez. Pele aquecida, coração batendo, e sabe Deus que outras reações ele provocaria nela. Melhor manter uma camada de proteção entre eles, mesmo que fina.

Ele fez uma pausa, como se considerasse.

— Certamente.

Ela ficou muda. Pelo alívio, é claro. E, talvez, um pouco de decepção por ele não querer vê-la nua.

— Você pode manter sua combinação, — continuou ele. — Mas em troca, vou acender as luzes.

— Não! Nada de luzes. — Sem luzes sob quaisquer circunstâncias.

Ele desabotoou outro botão de sua combinação. Seu polegar traçou uma linha no centro de seu decote, os dedos roçando o lado de um seio, seu anel de sinete chegando perigosamente perto de seu mamilo.

Um beijo pousou levemente no queixo, logo abaixo da orelha. Em seguida, ele mordeu o lóbulo da orelha, a pressão de seus dentes chamuscando-a. Ela apertou o cerco contra o lábio inferior e mal conseguiu engolir um suspiro.

Ele deixou cair beijos nas bochechas, queixo, e nos cantos de seus lábios. Ela mal podia respirar, mas com cada respiração inalava seu aroma de campos abertos e céu extenso. Ele passou a desabotoar, arrastando o dedo por baixo de seu torso. Meu Deus, ele mergulhou um dedo em seu umbigo, ela estava praticamente nua.

Dez segundos depois, ela estava nua, a combinação próxima a seus pés. A escuridão era a única coisa que os separava. Um momento de silêncio desceu sobre eles, nenhum deles se moveu ou respirou.

Em seguida, a palma da mão dele deslizou sobre seu mamilo.

Não faça sons. Não faça, em hipótese alguma, qualquer som.

Ela vacilou. Um gemido de prazer indizível escapou de seus dentes bem cerrados.

Profundamente dentro dela, uma represa que havia sido reforçada incessantemente desmoronou. Anos e anos de desejos reprimidos a inundaram. De repente, ela não se importava nenhum pouco se deveria permanecer calma e dócil.

Ela queria. Ela queria. Ela queria.

Ela agarrou-o pela lapela e puxou-o para ela.

Mas ele a beijou antes que pudesse beijá-lo — forte, da forma como ele a beijou em sua alucinação muito tempo atrás, quando pensou que ela era sua Isabelle. Ela gemeu de prazer e satisfação. Ela queria esta ferocidade, esta veemência.

Suas mãos envolveram cada lado da cabeça, segurando-a no lugar para o ataque de seus lábios e língua. Isto a encantava: Era exatamente assim que queria ser segurada. E o beijo, Deus, selvagem, não refinado, cheio de crueza, as necessidades mal controladas.

Ela não sabia, até que ouviu o sibilar de botões por toda parte que estava arrancando seu colete, destruindo tudo o que os separava. Ele se afastou do beijo para ajudá-la. Ela bateu afastando suas mãos: faria isso sozinha.

Ambos caíram na cama.

Sua respiração áspera a excitava. Suas mãos desgovernadas a despertaram. E sua ereção, pressionando com insistência em sua coxa — Oh, sim. Ela pensou que estaria com medo dele. Ou pelo menos cautelosa. Mas só glorificava estas dimensões e seu pênis rígido pulsante. Era assim que deveria ser. Ele deveria querê-la. Ele deveria enrijecer-se e crescer até o seu limite total.

Ela empurrou seus suspensórios e puxou a camisa pela cabeça. E então, foi para as calças.

—Meu Deus, Millie.

Sim, cada pronúnciação de seu nome devia ser precedida de tal imprecação, uma elocução do nome do Senhor em vão.

Ele certamente não afastou as mãos dela, mas ajudou-a a abrir os fechos e livrar-se das calças e da roupa interior. Imediatamente ela colocou a mão em seu pênis. Ele pulsava em sua mão. Ele prendeu a respiração.

— Me tome. — ela ordenou, impaciente, arrogante.

Ele baixou a mão para a junção entre suas pernas. Ela estava totalmente úmida.

— Me tome agora.

— Cale-se, Millie.

— Mas eu quero...

Ele silenciou-a com um beijo firme.

— Cale a boca ou vou fazer você esperar mais.

Ela se calou.

Ele acariciou, provocou e arrebatou-a. Cada toque era um prazer insuportável. Ela queria mais. Ela o queria. Queria que esse vazio dentro dela fosse esmagado.

Ela beijou cada parte dele que podia alcançar. Mordeu seus ombros e pescoço. Mergulhou suas mãos para baixo ao longo de suas costas e agarrou suas nádegas firmes.

Ele revidou lambendo o mamilo. Ela gemeu; uma longa admissão de prazer. Ele rolou sua língua em torno do mamilo, roçou os dentes e puxou-o profundamente em sua boca. Seus gritos de prazer ecoaram pelo quarto.

Seus dedos, que não tinham estado parados nenhum momento, assim que desceram entre suas pernas, escolheram este momento para apertar um lugar gloriosamente mais sensível. Sua respiração falhou, e desapareceu completamente. Ele tocou o local novamente e ela convulsionou involuntariamente, um deslizamento rápido de trêmulo prazer.

Em seguida, ele se posicionou entre os joelhos dela e empurrou.

Era a sensação mais incrível, uma divisão aberta da sua pessoa, ampliando-a, aprofundando. Mas ele estava tão frustrantemente lento, como se avançasse contra um exército adversário. Pelo menos, ele parecia tão impaciente quanto ela, sua respiração presa a cada movimento para frente.

O impulso chegou de repente. Em um momento ele estava na entrada, no momento seguinte, estava profundamente enraizado nela, os dois unidos pela força dele. Ele arquejou. Ela arquejou também.

Doeu. Mas ela saudou a dor boa — pela perda de sua virgindade. E a dor não era nada comparada com a retidão. Isso era o que eles deveriam estar fazendo todas as noites, diariamente, de hora em hora.

Ela levantou os quadris, querendo mais. Ele segurou-a ainda com a mão em seu abdômen.

— Você não está dolorida?

— Não o suficiente para parar, — ela respondeu com total honestidade. — Nem mesmo o suficiente para querer um alívio.

Ainda assim, ele se retirou. Quando ela estava prestes a gritar pela injustiça, ele retornou para ela.

Como descrever o nascer do sol para os cegos? Ou o som de chuva para os surdos? Como as palavras podem expressar adequadamente o prazer de fazer amor? Cada impulso era uma onda voluptuosa de sensações. Cada investida

tanto a comprimia como a expandia.

— Não pare. Não pare.

Ela não sabia se estava emitindo um comando ou uma prece. Mas ele não podia parar, ainda não. Não quando o prazer era tão novo e agudo, e ela tão voraz.

Seis meses.

De repente, ela estava estremecendo violentamente, as costas arqueadas, seu corpo tremendo, o coração em pedaços.

Eles mal começaram. E, no entanto, ali estava ele, no limite.

Não pare, ela implorou.

Tudo nela era pura decadência. Apertada, elegante, faminta, uma sobrecarga de sensações. Sua pele era muito suave. Suas pernas, presas sobre ele, tão sedosas. Sua boca, que ele não conseguia parar de beijar, bastante deliciosa.

Não pare, ela pediu novamente.

Toda aquela desenfreada solicitação ameaçou vencê-lo. Ele se conteve. Lento. Mais lento. Mas, embora moderasse seu ritmo, não pode evitar tomar cada movimento ao máximo.

Seu clímax começou a se formar novamente, subindo em direção a um ponto de não retorno. Ele não sabia se poderia se conter desta vez: Ele estava muito perto, muito perto de ser dominado.

Ela gritou, tremendo.

Ele perdeu todo o controle, e sua liberação foi quente, violenta e interminável.

Millie tocou o cabelo de seu marido - a primeira vez para ela, depois de todos esses anos. Era grosso, um pouco ondulado, e apenas ligeiramente úmido nas raízes com a transpiração. Seu coração batia rápido e forte contra o dela. Sua respiração, como a dela, permanecia ofegante.

Então... Era assim que se faziam os bebês.

Não é de admirar que a população esteja cada vez maior.

Os dedos dela continuaram a exploração: a orelha, as sobrancelhas, a ponte de seu nariz. Ele a acariciou no ombro, pescoço, rosto e reivindicou sua boca mais uma vez.

O beijo foi lento e vagaroso. Ele ainda estava dentro dela, e agora endurecia novamente.

Sim, ela pensou, *mais. Tanto quanto possível.*

Ele localizou inúmeros cantos e recantos obscuros de seu corpo que precisavam apenas de uma carícia para se revelarem exageradamente sensíveis e carentes de atenção. Cada toque era luxuriante, cada mordidela sem pressa.

Mas este era o ato sexual para pessoas que tinham anos — décadas — diante deles. Eles não tinham esse luxo. Cada carícia lenta de sua mão a lembrava do relógio. Cada caminho de beijos que ele traçava só a fazia consciente do fim se aproximando.

Ela não queria lembrar, só queria esquecer.

Ela mordeu seu ombro. Ela o tocou de forma indecente. Ela se retorceu contra ele, sem vergonha, pagã, conduzindo-o — e a si mesma — a um novo frenesi, um pico alucinante de delícias obscenas.

E então, finalmente, espasmos devastadores.

CAPÍTULO 15

Consciência retornou com uma vingança. Os olhos de Millie se abriram. O quarto ainda estava escuro, mas definitivamente amanhecera.

Ela melhor se apressar. Havia todas as suas presilhas de ametista a serem recolhidas, sem mencionar os botões que ela arrancou da roupa dele. E, claro, os lençóis deviam de algum modo serem esticados novamente — fazer bebês era um negócio complicado.

— Bom dia.

Sua cabeça virou em direção ao pé da cama. Fitz, em sua jaqueta e calças de equitação, gloriosamente elegante na luz obscura.

— Bom dia, — ela puxou o cobertor sobre seu corpo e agradeceu a Deus por ele não poder ver seu embaraço. — Que horas são?

Ela havia dado instruções a sua donzela para acordá-la às oito, uma hora e meia a mais que o habitual. Fitz normalmente estaria cavalgando enquanto ela bebia seu chocolate na cama. Mas desde que eles ficaram até bastante tarde envolvidas em atividades esgotantes — seu rosto corou novamente — talvez fosse sete e meia, em vez de seis e meia.

— Passa das nove e meia.

Ela saltou para frente, mal se lembrando de suspender o cobertor.

— O quê? Mas Bridget deveria me acordar às oito.

— Ela veio às oito. Mas você ainda estava dormindo, então eu a dispensei.

Ela piscou.

— Você ainda estava *aqui* às oito?

— Sim, dormindo.

— Bridget nós viu *juntos*?

Ele bateu o chicote contra a parte superior da bota, o paciente tom de brincadeira.

— É bastante aceitável nos dias de hoje, você sabe, ser encontrado na cama com o cônjuge. Tenho certeza de Bridget irá encontrar forças para superar isso.

Ela somente corou mais, sentindo-se perturbada e acanhada.

Pelo menos, ela não precisava esconder mais os grampos ou os botões, ela já tinha visto onde todos os pinos arremessados e botões arrancados estavam.

— Bem. — disse ela, e não sabia mais o que dizer.

A língua presa, também.

Fitz inclinou a cabeça.

— Está tudo bem com você?

Estaria com ele, se soubesse que tinha apenas seis meses com a senhora Englewood?

E o que deveria dizer a si mesma, para ir atrás dele como uma matilha de lobos?

— Eu, — ela olhou para baixo para ver os fios de seu cabelo caindo sobre os ombros. Uma visão tão estranha: Ela nunca soltava o cabelo, exceto para secar após um banho. — Você estava certo quando sugeriu anos atrás que eu estava curiosa sobre o ato em si. Eu acho que fazia muito tempo que eu queria experimentar.

— Dolorida?

— Pouco. Você?

Ela percebeu a estupidez da última palavra no momento em que foi proferida, mas era tarde demais.

Ele tentou não sorrir e não foi muito bem sucedido.

— Nem um pouco. Estou perfeitamente bem.

A curva lúdica de seus lábios, o brilho provocativo em seus olhos — ela sempre quis que ele olhasse para ela assim. Não sabia se a dor em seu peito era proveniente da antecipação de perdê-lo ou do nascimento de uma nova esperança abrindo caminho através das barricadas.

Ela limpou a garganta.

— Só perguntei porque você ainda não saiu para sua cavalgada.

— Estava esperando você acordar. Não parece certo ir a qualquer lugar antes de falar com você.

Ele contornou o canto do pilar da cama e veio em sua direção. Ela subiu o cobertor até o nariz. Ele o empurrou para baixo, mas apenas para que pudesse elevar o queixo entre os dedos e virar seu rosto.

— Melhor escolher algo com uma gola alta hoje. — ele disse.

Ela não entendeu até que ficou sozinha novamente, sentada diante de sua penteadeira. Ela examinou seu reflexo no espelho em busca de diferenças exteriores, algo que pudesse fazer os pedestres pararem na calçada e sussurrarem um para o outro: Olhe, lá vai uma mulher recém-deflorada.

E foi então que ela viu a marca de amante em seu pescoço.

Olha, lá vai uma mulher que vestiu algo apropriado.

Muitos dos primeiros jantares dos recém-casados eram verdadeiros desastres. Mas Venetia era uma veterana em gerenciamento do lar e o primeiro jantar do duque e da duquesa de Lexington, um evento reduzido e íntimo para a família e os amigos selecionados, transcorreu sem um único senão.

Venetia e seu marido tinham convidado Helena para ficar com eles, a partir desta noite. Helena havia aceitado, sua mente já ocupada, tentando pensar em uma maneira de tirar proveito desta da mudança.

— Você está planejando algo. — disse Hastings.

O homem estava começando a ler tudo com muita facilidade, como se ela fosse uma cartilha infantil do alfabeto. Ela olhou ansiosamente em direção aos outros ocupantes da sala, esperando que alguém se aproximasse. Mas como sempre, uma vez que Hastings a encurralava, ninguém mais vinha.

— Eu não o aconselho como viver a sua vida, Hastings. Você deveria retornar a mesma cortesia.

— Eu gostaria. Se eu não precisasse abafar um escândalo, você não precisaria se casar comigo. Se você fizer, no entanto, eu não poderia escapar tão facilmente. Sou praticamente parte da família e as pessoas vão olhar para mim e me perguntar por que eu não intervi e salvei você, — ele fez uma pausa dramática. — Mas eu prefiro não me casar com você.

— Oh, você não faria isso?

— Sou um homem à moda antiga, Senhorita Fitzhugh. Uma mulher delicada deve ser, bem, modesta, para começar. Ela deve concordar com tudo o que eu digo. E ela deve olhar para mim com estrelas em seus olhos.

— E ainda assim sua noiva fictícia teria você no café da manhã.

Seu olhar a percorreu.

— É por isso que mantenho suas mãos atadas, — ele disse lentamente. — E sua pessoa fictícia.

Sua respiração veio superficialmente.

— Então não se case comigo. Eu não vou choramingar meu delicado coração despedaçado.

— Mas eu vou, se isso acontecer. Não tenho escolha. Então não force a barra, eu imploro, senhorita Fitzhugh. Você é a única que pode impedir que o nosso casamento não aconteça.

E com isso, ele se levantou para abordar uma duquesa viúva do outro lado da sala.

Fitz nunca havia pensado em sua esposa como linda, bonita, sim; adorável, às vezes, mas não linda. Como ele havia estado cego, como um jardineiro novato que só entendia o espetáculo vistoso das rosas e dalias.

A luz demorava-se em sua pele lisa e macia. O jeito como mantinha a cabeça, o pescoço, esguio e elegante. A cortesia e o interesse em seus olhos, enquanto ouvia seu interlocutor.

Ele não conseguia desviar o olhar dela.

Ela não era uma flor vistosa, boa para poucos dias — ou, no máximo, algumas semanas. Ela era mais como a árvore das avelãs amadas por Alice: No verão encontrando abrigo e paz sob a sombra verde, no inverno os galhos nus eram ainda bem torneados e firmes. *Uma mulher para todas as estações.*

Seus olhos se encontraram. Ela corou e desviou o olhar, o próprio modelo do decoro. Como se ela nada fosse, mas no escuro, quando ela tinha sido todos os toques indecentes, beijos ardentes, e gemidos arrebatadores.

Sua orelha, exposta pelo cabelo enrolado no alto, era delicada e graciosa. Seu perfil era tão intenso quanto qualquer outro que ele tinha visto em um camafeu de marfim. E os cílios, eles sempre tinham sido tão longos, tão drasticamente curvos como as cimitarras?

No final da noite, com Helena ficando na casa de Lexington, Fitz e Millie voltaram sozinhos para casa.

Eles ficaram em silêncio dentro da carruagem. Não sabia o que fazer com sua reticência em falar com ela. Ele certamente não se sentia fisicamente tímido — se ele despisse nesse minuto, sua nudez em um coche em movimento com todas as suas janelas abertas não a ofenderia. Mas ainda assim era uma timidez, uma timidez da mente, talvez. Ele ainda não estava acostumado com a realidade de seu casamento, ainda não se acostumara a ir para casa com uma mulher que mantinha em tão alta estima e fazer amor com ela, também.

Sua donzela levou uma eternidade para deixá-la pronta para na cama — a rainha não precisou de tanto tempo antes de sua coroação. No momento em que ela saiu, Fitz abriu a porta de ligação.

Millie estava sentada diante da penteadeira, de roupão, virando a escova de cabelo na mão. Assim que ele entrou, ela olhou para o espelho e viu quando ele se aproximou dela.

Ela poderia ver sua fome em seus olhos? O dia inteiro ele não pensou em nada, além da criatura desimpedida que ela se transformava quando todas as suas roupas tinham sido arrancadas.

Ele levantou a ponta de seu laço e soltou a fita que mantinha os fios amarrados. Como tais coisas pequenas geralmente eram: as restrições e as fixações que detinham em conjunto a ordem e a modéstia. Sem a fita, ele facilmente desmanchou a trança.

Solto, seu cabelo ainda era ordenado — caía em uma cascata com pontas retas em suas costas, mas estava longe de ser o simples castanho claro que sempre assumiu que fosse em vez de cheio de nuances e variações, com fios dourados, vermelhos, bronzes e até mesmo acobreados.

— Você vai apagar a luz? — Ela murmurou.

— Eventualmente.

Agora ele queria vê-la, seu cabelo, sua pele, seu rosto, seu embaraço interessante.

Ele afastou seu cabelo na nuca, traçou as vértebras uma por uma, e observou seu reflexo no espelho. Cinco anos atrás, talvez até três, ele teria pensado que ela não reagia a nada. Mas agora ele se tornou muito mais fluente na linguagem que eram suas expressões. Ele percebeu num minuto a vibração de suas pálpebras. Ele também percebeu o fato de que ela estava mordendo o interior de seu lábio, pois seu lábio inferior puxava levemente a linha de sua boca.

Ele desabotoou o cinto do roupão dela. Os dedos dela apertaram em torno do cabo da escova de cabelo. Ele ergueu-a da cadeira e baixou o roupão dos ombros.

Ele nunca dera muita atenção a camisola das mulheres, a não ser para saber que foram feitas para fazer qualquer mulher parecer duas vezes mais larga. A dela não era exceção, plissada e recheada com todos os truques da confecção.

Ele agarrou um punhado da saia da camisola. Seus lábios se separaram como se estivesse prestes a protestar. Mas ela não disse nada, emitindo apenas um sopro de ar.

— Levante os braços.

Ela obedeceu. Ele puxou a camisola sobre sua cabeça e lançou-a de lado. Por um momento, pareceu que ela queria se encolher, se curvar para baixo. Mas todos esses anos de caminhada com livros sobre a cabeça a impediram

de fazer qualquer coisa, qualquer coisa, para sabotar sua postura. Ela ficou muito reta, os seios altos e rosados nas pontas, seus quadris cheios e redondos.

— Por favor, apague a luz.

Ele olhou para ela por um minuto, principalmente o rosto, a respiração presa, os lábios úmidos — a mistura de timidez e abandono.

E então ele apagou a luz, encontrou-a na escuridão, e a beijou.

Na terceira noite juntos, ele não desligou a luz quando a teve nua. Em vez disso, ele a deitou na cama, abriu suas pernas levemente, e tocou-a no lugar oculto observando seu rosto.

Isso a teria mortificado; ser observada tão intensamente quando estava tão inteiramente exposta à sua mercê. Mas isso só fez seu prazer mais ardente.

Ele não apagou a luz até depois dela chegar a um tremendo clímax. Então, ele fez amor com ela, não só como se ele nunca tivesse feito amor antes, mas como ninguém tinha.

CAPÍTULO 16

Na tarde seguinte, Fitz e sua esposa tiveram que sentar juntos e verificar um lote de cartazes publicitários.

Desde o sucesso com as águas gasosas, ele havia encarregado Millie de colaborar com a melhoria das mensagens, visuais e verbais, que a empresa transmitia ao público. E ela provara ser um trunfo enorme. Ele manteve as fábricas e as cadeias de fornecimento em ordem e eficientes. Mas, sem seu toque de ouro, Cresswell & Graves não seria tão bem sucedida como era.

No tête-a-tête de hoje, era apenas uma reunião de rotina entre dois parceiros, discutindo assuntos de negócios. Por que, então, ele novamente se sentia predominantemente tímido, como se nunca ficasse sozinho em uma sala com uma garota?

— Estes são para a campanha de outono de conservas de legumes e frutas, não? — Perguntou ela.

— São.

Ela puxou a cadeira para perto da mesa e inclinou-se sobre os cartazes. Sua tarde de visitas havia acabado, ela o havia usado um vestido azul de chá. Ele havia desnudado inúmeras vestidos de chá^[20] em seu tempo — damas, muitas vezes, dedicavam uma hora entre as quatro e às cinco da tarde para entreter seus amantes. O dela era bastante simples, feito de uma casimira grossa, sem nenhum dos drapeados sedutores e brilhos que ele tinha visto em algumas de suas ex-amantes. No entanto, estava louco para abrir os botões e expor seu belo corpo. Ele sabia como ela era agora, cada centímetro de sua pele. E se fechasse os olhos, veria a cabeça dela jogada para trás, os olhos fechados, os lábios entreabertos, quando ele a fazia gozar.

Ele forçou seu olhar a desviar de seu rosto, para um lugar mais seguro: a publicidade impressa espalhada diante dela, que já tinham avaliado anteriormente.

O primeiro, feito no estilo de desenho animado Punch^[21], mostrava uma anfitriã em pérolas e plumas instruindo sua filha: — *Agora, quando cumprimentar os nossos clientes pelos aspargos frescos e os morangos bonitos, sob nenhuma circunstância você revele que são produtos Cresswell & Graves. Não, chegaram frescos nesta manhã de nossa propriedade do*

campo.

O segundo — visando não só divertir como tranquilizar — mostrava uma mulher vestida simplesmente, mas respeitável, olhando tanto com alívio e alegria para seus filhos, que com entusiasmo curvavam-se em um prato de sobremesa de peras. A legenda em cima lia-se: *Neste inverno, deixe Cresswell & Graves, de qualidade sempre superior, e sempre acessível, ser seu verdureiro.* A legenda ao fundo informava: *Todas as frutas processadas a vácuo e bem embaladas.*

— O que você acha? — Ele perguntou desenroscando a tampa de sua caneta-tinteiro.

Ela não gostava que o secretário deles tomasse notas durante estas discussões, como não queria que a sua participação no negócio se tornasse de conhecimento público.

— O texto está muito bom em ambos, — disse ela lentamente. — Mas os vestidos das damas, — ela apontou para a primeira impressão. — Vimos o cartaz pela última vez em abril, antes que se tornasse evidente que as mangas entrariam em colapso nesta temporada. Elas devem ser reduzidas. Eu vou enviar junto um desenho que ajudará o artista a entender como deve ser: pequenos babados apenas na altura dos ombros, nada que se pareça com essas mangas bufantes.

Examinou ainda mais o cartaz.

— E o cabelo delas precisa ficar preso no alto. Não há tal coisa como um penteado muito alto atualmente.

Ele anotou suas instruções. Estranho, ele nunca pensou nisso desta maneira antes, mas essas reuniões privadas deles eram sua parte favorita do envolvimento dele com a Cresswell & Graves. Ele gostava de ouvi-la falar sobre como desejava que seus produtos fossem percebidos. Ela tornara-se apaixonada e perversamente astuta.

Eles mudaram para um cartaz publicitário colorido para o creme em conserva, o creme de leite era um luxo fora do alcance de grande parte da população. Este era simples, mostrando apenas um prato de cristal cheio de morangos cobertos pelo creme adorável e espesso.

O verão é mais verão com o creme da Cresswell & Graves.

— Estes finalmente acertaram a cor. — ele disse.

Primeiro, o creme tinha sido de um branco das telas, e depois tinha sido quase como curry. Mas agora era de um amarelo claro, repleto de abundância.

Ela olhou o cartaz com um olhar crítico.

—Acho que é melhor aprovar. Ou não seremos capazes de usá-lo até o próximo verão.

Eles aprovaram vários cartazes — para doces e geleias, línguas de boi, e frango ao curry —e agora era o momento de discutir ideias para anunciar as novas barras de chocolate, várias das quais estavam em um prato na mesa.

Ele entregou-lhe uma barra com recheio de laranja, seu favorito, e escolheu uma deliciosa framboesa para si mesmo. Eles ficaram uns minutos em silêncio ocupados comendo-os.

— Nós poderíamos fazer algo como isso, — ele disse, a doçura da barra de framboesa persistente em sua língua. — Um homem e uma mulher, partilhando um chocolate.

Imediatamente, ele lamentou a sugestão. É claro que ela adivinharia que o que ele realmente queria era beijá-la com o chocolate ainda derretendo na boca.

A testa dela franziu.

— Poderíamos começar com o cavalheiro oferecendo um chocolate à dama.

Ela se levantou e começou a andar. Isso significava que ela tivera uma tremenda ideia, ela não teria sequer percebido até que alguns minutos depois que deixou excitada seu assento. Suas verdadeiras intenções permaneceram seguras por enquanto.

Ela parou no meio do caminho.

— O cavalheiro deve oferecer um chocolate à dama em várias ocasiões, em um chá, em um piquenique, em um passeio de barco.

— Devemos insinuar que a primeira vez que ele oferece um chocolate a ela é no primeiro encontro deles. Ambos estarão um pouco tímidos e o chocolate oferece uma boa desculpa para trocar algumas palavras. No piquenique se conhecerão melhor. Suas posições estarão menos rígidas, eles irão se inclinar um para o outro, sem notar que o estão fazendo. Na terceira imagem em um barco a remos, eles se conhecem mais, mas nunca estiveram tão próximos tanto tempo. É tão emocionante quanto penoso: Eles gostariam de estar mais perto, mas é claro que devem se conter.

Ele se perguntava agora porque havia pensado nela como sem graça e insensível, quando era tão perspicaz e inventiva.

— Nós podemos publicar estas três primeiras imagens juntas, na mesma

edição da revista, por exemplo, separadas por algumas páginas de texto. Devemos deixar claro, no final da terceira imagem, que temos a intenção de contar uma história, a história deste casal. E que continuará em episódios futuros.

Seus olhos brilhavam.

— Sim, você leu minha mente: Eu tinha pensando em uma série. Mas sua ideia é maravilhosa, uma rápida sucessão de vinhetas alcançaria maior interesse mais rápido. Depois disso, vamos apresentar novos desenvolvimentos do namoro regular, mas não em intervalos muito próximos. E, claro, os nossos jovens amantes precisam superar desafios em seu caminho para a felicidade. Mas a cada passo ao longo do caminho, os nossos chocolates estarão lá para ajudar a cimentar a atração, confortar a mágoa, e, eventualmente, celebrar a felicidade.

— Vamos introduzir novas variedades quando os filhos do nosso casal chegarem um por um, — disse Fitz. Ele foi, invariavelmente, arrebatado pelo entusiasmo dela e sua enxurrada de ideias interessantes. — E se nossos chocolates forem um sucesso, eles também irão acompanhar as crianças através dos altos e baixos da infância e adolescência.

— Sem mencionar cada aniversário do nosso casal, — ela sorriu. — Chocolate é tão divertido. Tomara os aspargos fossem ao menos a metade de divertidos para se ter ideias.

— O último anúncio dos espargos foi genial, se você quer saber.

O anúncio tinha mostrado aspargos individuais em tartans e kilts, em uma paródia bem-humorada das imagens dos famosos regimentos das Terras Altas utilizadas para anunciar os biscoitos Huntley & Palmers. As pessoas tinham rido em toda Grã-Bretanha e a venda dos aspargos em conserva havia subido.

— Você sempre foi pouco exigente comigo. — ela murmurou.

— Apenas o pensamento daquelas gaitas de fole, aspargos vestindo pele de urso, ainda me faz ofegar.

Ela corou e inclinou seu pescoço, um gesto de modéstia imensa. Se ele não tivesse experimentado, nunca seria capaz de imaginá-la se retorcendo embaixo dele, com a mão entre as pernas dele. Mas era tudo o que pensava nesses dias, no seu calor, na sua ousadia, no seu abandono.

— Acho que fizemos bem hoje, — disse ela. — Você pode passar as ideias para o senhor Gideon e eu ficarei feliz de olhar os primeiros esboços quando você os tiver.

Sem esperar por uma resposta, ela se levantou. Ele levantou-se também, e caminhou até a porta.

Ele tinha intenção de abrir a porta para ela, mas em vez disso ele a bloqueou. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele segurou o rosto dela e a beijou, pressionando-a na parede mais próxima.

Todos esses anos. Todos esses anos.

Sua boca tinha gosto de chocolate, sua língua ansiosa e ágil. Ela escavou em seu colete e agarrou sua camisa, puxando-a para fora das calças. Ele rapidamente abriu os botões do corpete, empurrou para baixo, e capturou um mamilo na boca.

Suas calças, saias, todos os obstáculos foram empurrados para o lado. Ele levantou-a e a penetrou. Os sons que ela fazia; gemidos, suspiros, sons de adorável ânsia. E seu rosto, seu elegante rosto.

— Abra os olhos — ele ordenou.

Ela apenas fechou os olhos com mais força.

— Abra seus olhos ou eu vou parar.

Ele parou. Ela gemeu em protesto. Suas pálpebras tremularam, então, levantaram-se ligeiramente. Ela manteve o olhar baixo.

— Olhe para mim.

Relutantemente, ela o fez.

E na profundidade de seus olhos estavam todos esses anos – as temporadas que passaram juntos, os caminhos que trilharam.

Lentamente, ele entrou nela novamente. Tudo se refletia em seu olhar: timidez, anseio, ondas de prazer.

O prazer tornou-se feroz, e depois selvagem. Ele lutou para respirar. No ápice do clímax, ela fechou os olhos. Ele fechou os próprios olhos e se entregou ao momento.

Mas mesmo depois que haviam restaurado suas roupas para uma aparência decente, ele ainda encontrou dificuldade para respirar; um peso opressivo tinha assentado em seu peito.

Isto não era para procriação. Nem mesmo simples luxúria. Ele queria algo – um eco do seu próprio coração, talvez, uma consonância, e descobriu isto nela.

Não, não, tinha sido apenas uma ilusão, um momento de faz de conta.

E não importa o que achava que tinha encontrado, o que o fez pensar que era aceitável, em primeiro lugar, procurar isto em sua mulher?

Ele se prometera à Isabelle.

Ele abriu a porta para Millie.

— Expulsando-me agora que já conseguiu o que queria? — Disse ela, sem olhar muito para ele, mas com um pequeno sorriso persistente no canto dos lábios.

A nota muito fraca de flerte em sua voz lançou uma dor aguda através de seus pulmões. Ela nunca flertara desse jeito. Havia passado uma impressão errada.

— Só me afastando de modo a não ficar mais em meu caminho.

— Você não estava no meu caminho. Em mim, talvez, mas não no meu caminho.

Ela corou e mordeu o lábio inferior, como se chocada com a própria franqueza.

Ele não ficou menos chocado: Pensara nela lasciva apenas na escuridão. Ele a queria desse modo: timidamente atrevida. Ele a queria — e ele se prometera a outra.

— Preciso falar com Gideon antes que ele saia, sobre as mudanças que queremos fazer com as impressões de publicidade.

— Sim, é claro. Eu vou me tornar imperceptível.

Ela o beijou no rosto, o que nunca tinha feito em todo o curso de seu casamento, e saiu.

Ele fechou a porta silenciosamente, trancando-se por dentro.

Não importa o que um homem diz, observe o que ele faz, Uma exasperante acompanhante dissera no ouvido de Millie.

Se ela seguisse este conselho excelente, então teria ignorado o declarado plano de Fitz — que em seis meses, ele a deixaria pela senhora Englewood — e prestaria atenção apenas no que ele fazia.

Em face disso, o que ele fez poderia não ser tão terrivelmente significativo: Ele levava o ato sexual para fora do quarto dela para seu estúdio e da noite para o dia. Mas Fitz era um homem discreto que entendia as nuances que conduziam ao acordo. Para ele estar tão empolgado, como um balão em uma tempestade, indicava um desejo enorme, pelo menos.

E muito possivelmente muito, muito mais.

Ela tentou não deixar que suas esperanças a dominassem, mas explodia de antecipação. Qualquer dia, ele enxergaria que não esperou oito anos pela senhora Englewood, mas por Millie.

Desde que Helena estava sob a vigilância de Venetia, Millie tinha a noite livre. Ela planejou um bom jantar caseiro com Fitz, um interlúdio para deixar os seus desejos alcançarem novos patamares. E esta noite não iria pedir para apagar a luz. Ela gostava da cobiça indisfarçável em seus olhos quando ele olhava seu corpo nu. Ele podia olhar, tanto quanto quisesse.

Para as refeições em casa, poderia ter usado seu vestido de chá. Mas era um pouco atrevido usar o mesmo vestido que ele tirara, então usava um atraente vestido bronze. Nenhum som vinha de seu quarto, mas não estava particularmente preocupada. Ela o ouviu em seu banho mais cedo, provavelmente ele já se trocara e estava novamente em seu estúdio.

Mas quando ela chegou à sala com alguns minutos de atraso, ele não estava lá.

— Lorde Fitzhugh ainda está no estúdio?

— Não, senhora, — disse Cobble, o mordomo. — Lorde Fitzhugh foi para o clube. Ele disse para não esperá-lo para o jantar.

Ela piscou. Que ele tivesse saído à noite não era tão estranho. Ele gostava de ver seus amigos em seu clube e, ocasionalmente, jantar no local. Mas porque esta noite? Ele não deu nenhuma indicação na parte da tarde que iria a lugar algum.

— Devo servir o jantar? — Perguntou Cobble.

— Sim, é claro.

Um minuto atrás, ela estava andando nas nuvens, agora estava acorrentada num calabouço. Ela se forçou a comer normalmente. Manteria uma aparência de calma e proporção. Provavelmente havia exagerado em sua euforia anterior bem como em seu desespero atual. A verdade estava, talvez, em algum ponto intermediário: o ato de amor no estúdio não foi tão significativo quanto pensara, e nem a ausência dele esta noite.

Ele estaria de volta à noite. E viria para ela novamente.

Onze horas. Doze horas. Uma hora.

Ele estava se divertindo com seus amigos. Ela estava feliz.

Não, ela não estava nem um pouco feliz. Seus amigos não iriam a lugar nenhum. Eles ainda seriam seus amigos quando ele fosse velho e grisalho. Ela tinha menos de seis meses e ele escolheu passar seu tempo em outros lugares.

Seis meses, meu Deus, não aquelas palavras novamente. Poucas horas antes, ela pensou que seria uma vida.

Como rapidamente a felicidade encolhe até o nada.

Ele entrou no quarto dele à uma e quinze. Suas luzes se apagaram à uma e meia e ele foi direto para a cama.

Ela não devia ser insaciável. Já acontecera uma vez neste dia. Ela não devia esperar mais.

Mas queria mais. Mais dos prazeres incandescentes, mais da fome gritante em seus olhos, mais dessa ligação, desta intimidade diferente de qualquer uma que já tinha experimentado.

Eles eram bons amigos, não eram? Os melhores amigos. Ela devia ser capaz de entrar em seu quarto e perguntar o motivo de sua ausência esta noite e o motivo de sua ausência na cama dela.

Mas não podia, porque era tudo uma farsa, a amizade, pelo menos da parte dela, um disfarce para seus verdadeiros sentimentos, um consolo horrível por não ser sua primeira e única.

Uma coisa sem asas.

CAPÍTULO 17

Depois de oito anos, como é que uma mulher assume a vida de um homem durante a noite?

E por que não poderia ser um simples caso de luxúria, uma coceira que poderia ter sido coçada em qualquer lugar?

No entanto, Fitz se sentiu dividido em dois, a sua outra metade do outro lado da porta. Mas não podia abrir a porta, entrar, e se entregar completamente. Ele só podia esperar o fim da noite.

De manhã, ele cavalgou e levou seu tempo para tomar banho e trocar-se. Ela já teria deixado o salão do café da manhã quando ele finalmente descesse, mas ela estava lá, em seu lugar habitual, uma pilha de cartas e uma xícara de chá fumegante ainda diante dela.

Uma vez, ele temera a perspectiva de se sentar diante dela em dez mil desjejuns. Hoje, não conseguia pensar em nada mais feliz. Ela era sustento diário, como o pão, água, e luz.

— Bom dia.

Ela olhou para cima e não sorriu.

— Bom dia.

Ela pensou que ele a rejeitara. Mas não era verdade. Ele deu um passo atrás, porque não podia, em sua consciência, continuar a enganá-la ou a si mesmo.

— Você recebeu uma carta da senhora Englewood. — disse ela.

Era de se esperar. Ele pegou a carta e a abriu.

— Ela está de volta.

Poucos dias antes do previsto. Isto, também, não era totalmente inesperado.

— Ela desejará ver você. — disse sua mulher.

— Ela quer. Vou visitá-la na parte da tarde. — Ele tomou um gole de café.

— E o que você tem planejado para o dia?

— Nada de mais. Um encontro com Venetia à tarde.

Como ele invejava Venetia.

— Tenho certeza que ela vai adorar sua companhia.

— Como eu tenho certeza que a senhora Englewood adorará a sua, — Ela

se levantou. — Bom dia.

O salão de Isabelle estava sufocante.

Não devia ser tanto assim — Fitz tinha certeza de que a casa estava bem ventilada. E tinha chovido no meio da manhã. O céu estava claro, a janela estava aberta, a cortina listrada branca de verão dançava na brisa leve.

No entanto, ele se sentia como se estivesse trancado em um armário.

Ela falou sobre sua irmã, sua sobrinha, seus filhos, gesticulando com grande animação como se com o movimento de seus braços e mãos poderia agitar o ar o suficiente para salvá-lo da asfixia. Como se ela soubesse que sua casa estava sufocando o ar de seus pulmões.

— Por tudo o que diz, parece que adorou Aberdeen, — ele disse. — Você deveria ter ficado mais tempo.

Por que você voltou tão cedo?

— Senti sua falta.

Ela aguardou uma réplica, esperando que ele retribuísse sua declaração. Quando ele não o fez, por um breve momento, pareceu que ela ia perguntar abertamente se ele compartilhava de seu sentimento. E o que ele faria? Não podia mentir. Ele tentou, mas, no final, só pensava em Millie.

Millie, seu suporte, seu consolo, sua cobiçada companheira noturna.

A ausência de uma resposta sua era um vazio, uma ausência, uma cadeira vazia no jantar que todos tentavam não notar.

Isabelle partiu um pedaço de bolo.

— Então... O que você fez enquanto estive fora?

Uma pergunta um pouco estranha, mas não muito.

Dormi com a minha esposa. De quem desisti.

— Eu tenho estado ocupado.

— Bem, fale mais. Quero saber como você passa seus dias no decorrer de uma semana comum.

Mas essa não havia sido uma semana comum, certo?

— Isso vai aborrecê-la.

— Não vai.

— Bem, ontem aprovei alguns cartazes de publicidade para a Cresswell & Graves.

De todas as coisas que podia mencionar, porque comentou sobre este episódio em particular? Porque ficou se lembrando do beijo rápido de Millie

em seu rosto? De como ela parecia feliz.

Isabelle olhou para ele com algum espanto.

— Você tem empregados para fazerem esse tipo de coisa para você, certo? Você não precisa sujar suas mãos.

Ele entendeu a reação dela: Não era de bom-tom estar ativamente envolvido nos negócios. Mas ele não conseguiu evitar sua irritação.

— Não estou exatamente trabalhando nas fábricas.

— Mas a publicidade é, — ela fez uma careta. — Vulgar.

— Faz uma diferença significativa nos lucros.

— Os lucros são vulgares, também. Os lucros são no que os lojistas e comerciantes pensam.

Ele entendia a preocupação com a riqueza e sua origem vulgar para a alma. Essa era a razão pela qual a aristocracia rural sempre tivera tanta influência no país: Durante muito tempo, eles tinham defendido um argumento convincente que os cavalheiros não precisavam turvar seus pensamentos com a procedência de suas necessidades e que seriam mais bem aproveitados com coisas mais elevadas, como a justiça e a governança.

Mas isso nunca parecia vulgar quando discutia assuntos de negócios com Millie. Parecia — complicado, como mexer no funcionamento interno de um fino relógio. E um percentual considerável de seus lucros entrava nas escolas, parques e hospitais. Ele seria um homem muito mais rico se acreditasse apenas em enriquecer a si mesmo.

— Então, devo admitir que sou vulgar.

Ela virou o rosto para um lado, depois para o outro, agitada.

— Não seja assim.

— Não posso fingir que minhas terras são suficientes para o meu sustento. Minhas casas, meus jantares, a camisa que visto — tudo que tenho é graças aos lucros dos produtos enlatados.

Ela parecia triste.

— Devemos introduzir produtos enlatados na nossa conversa? Elas são tão *déclassé*[22].

Ele não podia culpá-la. Uma vez, ele tivera exatamente os mesmos pontos de vista. A nobreza era sempre indiferente com aqueles que faziam fortuna no comércio e na indústria. E Cresswell & Graves nem sequer tinha o prestígio da grandeza ou do luxo. Ele tivera muito frango enlatado em seu chá da tarde quando era um estudante, e bebidas engarrafadas tinham circulado entre os

jovens, mas não havia como negar o fato de que grandes quantidades de produtos enlatados eram consumidas por aqueles que não podiam sempre comprar em mercearias ou em açougues de carne recém-abatida: os pobres e a classe trabalhadora.

E, portanto, *déclassé*.

— Eu administro a empresa em nome da minha mulher, — ele disse. — Por minha própria escolha. E gosto muito, inclusive da publicidade.

— Isso é tão diferente de você, — seus olhos imploraram para que ele mudasse de ideia. — Não posso imaginar o antigo Fitz aceitando algo assim. Não é cavalheiresco.

Cavalheiresco podia não ser, mas era fascinante, um desafio sempre variando. A partir da origem dos ingredientes para o processo de fabricação até a alocação do capital, uma centena de variáveis deviam ser consideradas, mil decisões tomadas, muitas das quais delegava a seus assistentes, mas em última análise, ele permanecia sendo o responsável.

— Esta é a minha vida agora.

Sua cadeira raspou e cambaleou quando ela levantou. Seu impulso a levou para a janela, onde não teve escolha a não ser parar e se virar.

— Não posso imaginar viver com alguém que está envolvido na fabricação de sardinhas em conserva.

Um homem inteligente, e mais oportunista aproveitaria a oportunidade para dizer-lhe boa sorte e adeus. Mas ele não era esse homem. A expressão dela continha uma pitada de sua antiga impetuosidade, mas a maior parte era desolação e angustia. Como ele podia se afastar em um momento assim?

Ele se levantou, foi até a janela, e colocou o braço sobre os ombros dela.

— Qual é o problema, Isabelle? Você já sabia sobre as sardinhas. O problema não são as sardinhas.

Ela virou o rosto em sua manga, mas isso era um gesto de afeto mais do que desolação.

— Você mudou Fitz.

— Passaram-se oito anos. Todo mundo muda.

— Eu não mudei.

O entendimento veio a ele como a queima de um fósforo.

— Posso ver como você tentou permanecer a mesma. Mas não, você também mudou. Uma vez que você trilhou novos caminhos. Agora tudo que você quer é viver em um monumento à forma como as coisas poderiam ter

sido.

Ela estremeceu, como se ele tivesse lhe dado um choque.

— É isso que estou fazendo? — Perguntou ela, uma pergunta para si mesma. — Você acha que há algo de errado com isto? É por isso que você não está nem um pouco interessado em retomar as coisas do modo como poderiam ter sido?

— Você não pode voltar no tempo, Isabelle. Não pode recriar um passado que nunca aconteceu. Você — todos nós devemos seguir em frente.

Ela agarrou sua lapela, sua voz abafada.

— O futuro me apavora. Todos os melhores anos de minha vida ficaram para trás. Agora, sou apenas uma viúva com dois filhos que não sabe o que fazer.

Ele ergueu o rosto dela.

— Você não devia pensar assim. Você ainda tem a vida toda pela frente.

— Mas eu penso assim. Pensei assim por um tempo, — ela tocou seu rosto, sua mão tão fria quanto o medo. — Não me deixe sozinha, Fitz. Não me deixe sozinha.

Venetia brilhava tanto para ela, que enquanto Millie olhava para o espelho, via um rosto com pouca luz, ou melhor, talvez com um ou dois pequenos lampejos de luz.

— Eu esperava que Fitz viesse com você. — disse Venetia.

Millie se preparou.

— Ele está com a senhora Englewood esta tarde.

— Ela já está de volta da Escócia? Pensei que ficaria uma semana inteira.

— Eu também.

— Odeio me intrometer, bem, realmente, isso não é verdade. Adoraria me intrometer com um pé de cabra, se pudesse, estou muito preocupada que Fitz não esteja pensando direito agora.

Millie serviu chá para elas, feliz com uma desculpa legítima para não encontrar os olhos de Venetia.

— Ele tem sua atenção voltada para a senhora Englewood.

— Sinto muito por ouvir isso. Não considero Fitz um homem insensato, mas esta, de fato, é uma escolha tola.

Millie mordeu o interior de sua bochecha.

— Existe mesmo tal coisa como uma escolha sábia no amor?

— Sim, tenho certeza disso. Recuso-me a acreditar que todo casamento feliz sob o sol é simplesmente uma questão de sorte. Em algum momento, alguém deve pesar as opções e escolher bem, seja uma escolha de parceira ou de conduta dentro do casamento.

— Ele ama a senhora Englewood.

— Eu costumava acreditar nisso, mas agora não mais. Ele a amava há muitos anos, quando eram crianças. Se tivessem se casado então, provavelmente teriam se adaptado muito bem. Mas não casaram e seus caminhos divergiram. Não tenho certeza se o que ele acredita ser amor não é simplesmente o pulsar e o eco de memórias queridas, de nostalgia mascarada como um projeto para o futuro. Mas com você, ele construiu essa base forte de carinho, de interesse comum e propósito comum. Não posso acreditar que jogará tudo fora por algo quase totalmente ilusório.

Millie estava mais que agradecida pelo apoio de Venetia. Mas em tais assuntos a opinião de uma irmã, mesmo querida, pouco contava. Ela levantou a cabeça.

— Nós somos apenas amigos. A amizade é o amor sem asas e alguém escolheria algo sem asas?

Sim, ela. Ela deixou transparecer sua amargura e descontentamento através de suas palavras. Mesmo sua pele devia estar verde como a bile.

Venetia olhou para Millie, seu belo rosto triste, mas não menos radiante.

— Não, minha querida Millie, você está errada. Amor sem amizade é como uma pipa; no alto somente quando os ventos são favoráveis. Amizade é o que dá asas ao amor.

Fitz encontrou Millie em sua sala de estar, brincando com o prato do jantar.

Ele caiu na cadeira em frente a ela, esticou as pernas e inclinou a cabeça para trás. Seu teto veio à tona. Um belo teto, forrado com papel com desenhos — seus olhos se arregalaram — de balões de ar quente e dirigíveis.

Ele sorriu para as memórias, pela grande aventura que havia sido.

Ela não disse nada. Era um silêncio confortável. Ele tinha os olhos semicerrados. Seus talheres tilintavam suavemente contra o prato.

— Então, qual é o problema? — Ela perguntou, depois de alguns minutos.

Ele percebeu que estava esperando que ela perguntasse justamente isso, mesmo sendo ela a última pessoa com quem ele deveria desabafar, pelo

menos, sobre este assunto.

— Estou perto de perder.

— O quê?

Ele suspirou.

— A senhora Englewood.

— Estou ouvindo.

— Ela passou por um momento difícil — uma crise. Agora, olha para mim como se eu fosse um antídoto, algo que conheceu e que não mudou. Não posso evitar, mas acho que ela ficará terrivelmente desapontada. Não tenho mais meus dezenove anos e nunca poderei voltar a ter.

— É isso o que ela quer, o antigo Fitz que conheceu?

— Quero que ela seja feliz. Mas não sei como dar o que ela quer. Pior, não sei o que ela realmente precisa, se é uma estufa para protegê-la pelo resto de seus dias ou simplesmente uma mão para ajudá-la ao longo de um período difícil.

Ela o tinha estragado, a sua Millie. Ele estava acostumado com uma mulher autossuficiente agora, não uma que dependia dele para garantir a própria felicidade.

— Quero fazer a coisa certa por ela, — ele disse. — Se soubesse como.

Como amante, ela não queria ouvir sua preocupação com outra mulher. Mas, como amiga, não ficou ofendida porque ele viera até ela com suas preocupações.

Longe disso. Ela estava feliz.

— Você conseguirá, — disse ela. — Você pode cometer um erro ou dois ao longo do caminho. Mas conheço você. No final, você sempre faz a coisa certa.

Ele sorriu, um sorriso cansado, levantou-se da cadeira, e beijou-a na testa.

— O que eu faria sem você?

Seu olhar seguiu-o enquanto ele saía, fechando a porta suavemente atrás de si. Talvez a amizade fosse o que dava asas ao amor, talvez não. Mas ela entendeu agora o que estava errado anteriormente: Não havia nada de falso na amizade deles.

Era verdade, e isto tinha suas asas próprias.

CAPÍTULO 18

— Irei visitar uma propriedade no campo depois de amanhã, você irá comigo? — Perguntou Isabelle. — Grange Doyle. Não é longe de Henley Park, pelo que entendi.

Grange Doyle estava somente a vinte milhas — e três paradas de trem — de Henley Park.

— Grange Doyle está para alugar?

— Sim e parece perfeita para nossos propósitos. Nem muito grande, nem muito pequena, perto o suficiente de Henley Park para você manter um olho nas coisas. E uma viagem mais curta para Londres do que de Henley Park, para quando você precisar tratar de seus negócios e tal.

Esta era sua maneira de admitir que seu envolvimento com a Cresswell & Graves não cessaria ou nem mesmo seria reduzida, como resultado de seu envolvimento com ela.

Ela inclinou a cabeça para o mapa e ele viu um único fio de cabelo branco na cabeça outrora escura. Há muito tempo, ela dissera-lhe que, porque sua mãe começou a tingir o cabelo em meados dos trinta anos, ela também ficaria prematuramente grisalha. Eles brincaram que, quando isso acontecesse, ele a chamaria de Avó e ela o chamaria de Filhinho.

Seu coração encheu-se de uma ternura dolorosa. Ele queria tanto que ela fosse feliz, outra vez destemida e vibrante, não esta sombra de seu antigo eu, este navio à deriva, desesperadamente em busca de uma âncora.

Mas, teria um homem que pensava muito mais vezes em outra mulher o direito de acompanhá-la no caminho de volta para a confiança e a alegria?

Já do lado de fora, ele dispensou seu coche e andou. Já não havia dúvida sobre a escolha que queria fazer — cada fibra do seu ser ansiava por Millie. Mas isso seria colocar a sua própria felicidade acima da de Isabelle.

Por mais que ela tivesse sofrido há oito anos, não o tinha culpado. Desta vez, não havia forças externas agindo contra seus desejos, apenas as mudanças que ocorreram nos anos subsequentes.

Só o homem que ele se tornara e a esposa que passou a estimar.

Mas era muito egoísta querer manter o que tinha quando Isabelle precisava dele assim? Ele poderia atrapalhar os sonhos dela de novo?

Ele não estava mais perto de uma resposta quando chegou a própria casa. Cobble informou que um relatório que estava esperando havia sido entregue por Cresswell & Graves. Ele sentou-se em seu estúdio, abriu o relatório, mas não conseguia entender uma única frase. Depois de um quarto de hora, jogou de lado o relatório e atravessou a sala até a lareira.

Alice estava em seu lugar. Ele olhou para ela como se detivesse a resposta, ela que tinha estado com ele em alguns dos meses mais difíceis da sua vida. Mas ela, em seu descanso eterno, não poderia ajudá-lo. Ele suspirou, levantou a redoma que a cobria, e a acariciou ao longo de suas costas.

— Ela é macia? — Millie perguntou atrás dele.

Ele estremeceu, quase não confiava em si mesmo para se virar. Mas se virou. Ela estava no ponto exato onde ele a tinha tomado. Calor aumentou em grandes ondas desde as solas dos pés até a parte detrás do pescoço.

— Você nunca a sentiu?

Millie balançou a cabeça. É claro que nunca lhe ofereceu Alice para segurar enquanto ainda vivia, e Millie não era do tipo que tomava liberdades só porque Alice agora estava morta.

Ele pegou a base de madeira castanha em que Alice descansava e estendeu-a para ela.

— Vá em frente.

Ela se aproximou. Ele não conseguia tirar os olhos dela: seu cabelo, puxado para trás tão ordenado, seu pescoço, esguio e elegante, o vestido simples de chá, rosas pequenas impressas em seda branca que fazia parte de seu guarda-roupa por anos, ele nunca lhe dissera que o vestido era um de seus favoritos.

Ela estendeu os dedos timidamente em direção a Alice e recuou surpresa, quando entrou em contato com a ratazana: Embora Alice desse a impressão de ser quente e macia, na verdade, estava bastante rígida, seu corpo na mesma temperatura da sala.

— Ela se foi, — ele disse. — Tão morta quanto os faraós.

E como ele gostaria de ter entendido isso antes. O que sentiu por Isabelle, naqueles primeiros momentos ao vê-la novamente, tinha sido tão natural quanto ver Alice. Mas, como Alice, eles também estavam preservados como uma relíquia de outrora.

Ele levantou a redoma e colocou Alice de volta na cornija.

— E como está você, minha querida Millie? Estava procurando por mim?

Ele parecia cansado. Sabia que ele não estava dormido bem. Na semana desde que parou de vir para a cama dela, à noite, ele deixava sua própria cama e ia ao estúdio, retornava algum tempo depois, em seguida, repetia o mesmo percurso.

Ela também ficava deitada, acordada, olhando para o escuro. Mas, ao contrário dele, havia chegado a uma decisão.

Este impasse não poderia ser responsabilizado integralmente, ou mesmo em grande parte nele. Nem na senhora Englewood. Se alguém deveria agir diferente, era Millie. Às vezes, mudanças aconteciam imperceptivelmente, ele não poderia ser desculpado por não perceber completamente que havia se apaixonado por alguém que considerava apenas um bom amigo. Mas ela, ela sabia desde o início que o amava.

Ela devia ter feito algo sobre isso muito antes. Em vez disso, foi bastante orgulhosa e teve muito medo de deixá-lo saber como se sentia, medo de que se as coisas não fossem bem, e que seria abandonada até mesmo pela esperança, seu sustentáculo por todos esses anos.

Não mais. Não mais covardia. Sem mais amarras. Não mais pendurar uma esperança sem agir.

— Tudo está se desenvolvendo como você havia planejado? — Ela perguntou.

Ele olhou para ela e não respondeu.

— Estou indo para Henley Park por alguns dias, — disse ela. — E quando voltar nós teremos uma séria conversa sobre a nossa separação.

Ele empalideceu chocado.

— O que você quer dizer? — Sua voz se elevou, ele quase nunca levantava a voz. — Não estamos a ponto de nos separar, Millie. Nós...

Ela colocou as mãos em seus braços, a lã de sua jaqueta aquecendo sob suas palmas.

— Ouça-me, Fitz. Ouça-me. Pense nas crianças da senhora Englewood. Como é que você vai explicar o seu arranjo para elas? Ou o que as outras pessoas irão dizer?

Ele abriu a boca, mas não respondeu.

— Pelo menos eles são filhos legítimos; seus pais devidamente casados. E se a senhora Englewood conceber com você? O que vai acontecer com essa criança? — Ela respirou profundamente. — Se você quer passar o resto de seus dias com ela, você precisa se casar.

Seu rosto estava obstinado.

— Não posso me casar com ela. Eu já sou casado.

— Nós vamos obter uma anulação.

— Absolutamente não. Você pode estar grávida.

— Não estou, — o início de sua menstruação, seis dias antes, tinha perturbado e arranhado uma fina esperança já desgastada, antes de destruí-la completamente. — Você vai dormir comigo de novo?

— Eu...

— Então, não engravidei e podemos seguramente proceder à anulação. Leo Marsdens fez isso: Eles se separaram. Não há razão para não fazermos o mesmo.

— Não me importo com o que os Marsdens fizeram. Nós não pediremos anulação.

— Se você está preocupado com a manutenção de Henley Park, terei prazer em repassar mais da metade das ações da Cresswell & Graves. A empresa agora está quatro vezes maior do que era quando nos casamos, então ainda é um bom negócio para mim.

Ele olhou para ela como se não pudesse reconhecê-la.

— Colocarei fogo em Henley Park antes de permitir que você pense que estou te segurando pelo seu dinheiro.

— Então, por que você está me impedindo?

Ele beliscou a ponta de seu nariz.

— Seu amado já tem uma esposa. De que serviria a anulação quando você não pode se casar com ele de qualquer forma?

Ela baixou as mãos e deu um passo para trás, ainda estava com medo das consequências de falar a verdade, afinal. Mas já não podia protelar.

— Não havia ninguém. Nunca houve.

Ele parecia desorientado.

— Mas você disse que estava apaixonada por outro. Você disse que teve de desistir de suas chances com ele quando nos casamos. Você...

— Sei o que disse ao longo dos anos. Mas a verdade é essa: Nunca houve ninguém, nunca ninguém além de você, — Ela olhou para suas mãos. — Eu me apaixonei por você no momento em que o vi. Quando você estava com raiva do destino, e eu também, porque ele me fez a última garota que você poderia amar.

Um momento longo de silêncio se passou. Ele agarrou seus braços.

— Meu Deus, Millie! Por que você nunca me contou?

Ela levantou o rosto e encontrou seus olhos.

— Eu deveria, não deveria? Desculpe-me, não fiz minha confissão antes, mas agora você sabe.

Se ele a amava, este era o momento de retribuir sua declaração. E ele a amava, é claro. Era apenas uma questão do quanto.

Ele olhou para ela, seus olhos como o céu do amanhecer, cheio do calor e de promessa de um novo dia. Seu coração doía com esta comunhão sem palavras de esperança e de desejo. Ele não precisava dizer nada. Um beijo seria suficiente.

Mas ele não o fez. Ele a deixou e se dirigiu até a janela, os dedos sobre as têmporas.

— Você deveria ter me dito, — ele disse. — Anos atrás.

— Se mamãe ainda vivesse, talvez tivesse me aconselhado de forma diferente, — Ela mordeu o lábio. — Tenho certeza que você entende agora que será impossível para mim continuar casada depois que você se acertar com a senhora Englewood.

Ele se virou.

— Millie...

Uma batida veio da porta. Era um lacaio, informando a Millie que a carruagem a esperava.

Depois que a porta se fechou novamente atrás do lacaio, ela se aproximou da janela.

— Você fala muito sobre justiça. Acho que é justo que, se você escolher a senhora Englewood, me deixe partir para que eu tenha a oportunidade de um verdadeiro casamento e, talvez, algum dia, uma família.

— Millie...

— Já disse tudo o que deveria sobre esse assunto. Agora, tenho que pegar o trem, — Ela o beijou na bochecha. — Você sabe onde me encontrar.

CAPÍTULO 19

Fitz não conseguia parar de olhar as fotografias.

Era noite, poucas horas antes de ele e Isabelle visitarem Grange Doyle, a casa no campo que ela queria para os dois. Millie tinha ido embora há mais de um dia, e sua ausência era um vazio aguçado em seu coração.

Exceto pela sua permanência na América no início do ano, como acompanhante de Helena, eles não haviam se separado em anos. Durante a sua ausência, ele havia escrito quase que diariamente, pulando alguns dias, não porque quisesse, mas porque parecia embaraçoso estar constantemente escrevendo para a esposa.

E agora estava no quarto dela, sentindo sua falta, faltando uma parte de si mesmo porque havia deixado com ela.

Ele ergueu sua fotografia favorita e a trouxe mais para perto. Era do verão anterior. Provavelmente o fotógrafo tivera a intenção de capturar apenas Hastings, que estava sentado em uma das extremidades de uma espreguiçadeira, parecendo um pouco sério. Mas na outra ponta da espreguiçadeira estavam Fitz e Millie.

Ele apostaria um bom dinheiro que estavam discutindo nada muito mais importante do que o entretenimento da noite para seus convidados, mas pareciam muito mais íntimos. Suas cabeças estavam curvadas em direção ao outro, suas expressões intensas. E a maneira como ele estava posicionado, com a mão no encosto, a partir do ângulo da câmera, quase parecia que estava com o braço em volta de sua cintura.

Ela o amava. Ela o amou o tempo todo.

Que idiota havia sido; não ter percebido antes.

Se tivesse uma melhor compreensão de seu próprio coração, quando Isabelle perguntou se era tarde demais para recuperar um pouco do que poderiam ter tido, ele teria respondido de forma diferente. Ela teria ficado decepcionada, mas não vencida. Agora, depois que ele deu esperanças com sua promessa de um futuro juntos, ela ficaria furiosa e com o coração partido.

Ele não podia suportar partir seu coração novamente.

Ele não podia suportar perder Millie.

Millie tinha dito que ele sempre fazia a coisa certa. Ele agarrou-se àquele

elogio como um pobre pescador à sua rede destroçada. Mas havia uma coisa certa a fazer? E se havia, como saber?

Grange Doyle foi uma agradável surpresa a primeira vista: A propriedade era separada da estrada rural por uma sebe de rododendros em flor, em um roxo vibrante.

O portão era caprichoso e encantador: remates em forma de folhas de uva, videiras de ferro forjado sinuoso através dos piquetes. Pinheiros ladeavam o caminho de cascalho. Em algum lugar distante, um rio borbulhava.

A casa era construída de tijolo, com janelas panorâmicas e janelas dormer gabled[23]. A hera escalava o pórtico. O interior, cheio de livros e móveis estofados em tons de creme e amarelo, era brilhante e confortável.

Isabelle estava claramente encantada. Mas em todos os cômodos, ela lançava olhares incertos para ele, avaliando suas reações. Depois que inspecionaram o interior, saíram para os jardins. As rosas haviam desaparecido, mas as margaridas e os delfínios estavam ficando fortes. As abelhas zumbiam. O ar do verão Inglês estava no auge, uma pitada de calor, uma alusão ao feno, e um jardim em flor.

— Você pode se imaginar aqui? — Ela perguntou.

De repente, a coisa certa a fazer estava diante dele. Para manter Isabelle feliz, ele teria de mentir e isso não era uma boa maneira de começar uma vida juntos. Ela merecia mais. Merecia um homem que ficasse emocionado por compartilhar sua casa e sua vida, um homem em cujo coração, ela sempre estaria em primeiro lugar.

Ele não era aquele homem. E já não era há muito, muito tempo.

— Sinto muito, Isabelle, mas eu me imagino em outro lugar. — ele disse.

Os cantos de seus lábios tremeram.

— Você quer dizer que gostaria de olhar outra casa?

Havia esse medo em seus olhos e ele quase não conseguiu continuar.

— Não, eu me imagino em Henley Park.

Algo de seu velho fogo voltou.

— Aquele casebre? Eu nunca disse, mas fui vê-la antes de você se casar. Era um lugar horrível.

— Era. Mas não é mais.

Seu rosto assumiu uma expressão obstinada.

— Não acredito em você.

— Então venha comigo, — ele disse suavemente. — E veja por si mesma.

Quando Fitz havia se apaixonado por sua casa? Há muito tempo, provavelmente. Mas percebera isto apenas um ano antes, voltando de uma temporada em Londres.

Eles nunca pararam de trabalhar em Henley Park — décadas de negligência acumulada não poderiam ser revertidas em apenas uma única reforma. A renovação da propriedade era constante e permanente.

Talvez porque sempre havia obras em andamento, algo a mais que precisava de atenção, talvez porque os dois anos anteriores ao seu retorno à Henley Park tinha ocorrido à noite, mas não foi até aquele dia especial em que Fitz teve uma visão ampla e contínua de Henley Park, como se fosse um turista, vendo-a pela primeira vez.

Fileiras duplas de aveleiras ladeavam a entrada. Através de suas copas uma luz incidia quase tão verde como as folhas, uma luz clara e fria com manchas de ouro que balançavam com o farfalhar dos ramos.

Lá, na curva do caminho, ele se deparou com a visão desagradável que era uma dilapidada *esquisitice*^[24] grega em ruínas — não de forma pitoresca — mas grosseira e feia, prometendo coisas que não podiam ser mencionados em companhia mista.

Mas não, a restauração foi finalmente concluída. Colunas brancas brilhantes e finas, a *esquisitice* parecia não tocar na encosta gramada em que havia sido construída, mas flutuar acima dela, seu reflexo ondulando no lago artificial abaixo.

E o lago, que antes era escuro, agora estava claro como um espelho. O píer, que adentrava na água, foi reabilitado. Amarrado ao cais estava um barco a remo pintado de um azul brilhante, um par de remos ao lado.

A estrada se elevava, descia, e se elevava novamente. E espalhados diante deles estavam os campos de lavanda, um mar de pontos roxos balançando na brisa.

— Meu Deus! — Ele murmurou.

— Eu sei, — disse Millie, na carruagem com ele. — Eu amo voltar para isto.

Ele foi atingido por uma alegria feroz. Este belo lugar pertencia a ele e ele pertencia a este belo lugar. Nunca mais pensaria nela apenas como a propriedade que herdara. Estava em casa agora, e estaria até o dia de sua morte.

Henley Park estava tão linda como Fitz nunca havia visto. A entrada, o

lago, os campos de lavanda, e finalmente, ficando à vista, a casa que ele dividia com Millie, uma guarnição compacta Georgiana, paredes levemente lavanda desde o desaparecimento gradual dos tijolos, a assimétrica demolição da ala norte, e ainda assim, harmoniosa em todos os aspectos.

— Este é o lugar onde me imagino, — ele disse a Isabelle. — Meu lugar favorito na Terra.

A propriedade viera a ele pelo destino, mas agora ele a manteria por amor.

Ele sinalizou para o condutor parar. Eles desceram e caminharam em silêncio, de braços dados, até que chegaram à nova ponte atravessando o riacho das trutas: a ponte japonesa feita de pedra, perfeitamente arqueada.

Um par de cisnes deslizava além da ponte.

— Eu deveria ter percebido isso antes, mas tenho sido um tolo. Nós construímos este lugar juntos, minha esposa e eu e construímos uma vida juntos também. Ela é parte de mim agora, a maior parte de mim, a melhor parte de mim.

Isabelle se virou. Ele a pegou pelos ombros.

— Isabelle.

— Eu entendo agora, e não é como se não sentisse o futuro que havia imaginado para nós escapando nas últimas semanas, — disse Isabelle, sua voz embargada. — É só que eu...

— Você não estará sozinha, Isabelle. Não posso ser seu amante, mas sou seu amigo. E eu estou longe de ser o seu único amigo.

Ela tinha lágrimas em seus olhos.

— Espero que você esteja certo, Fitz. Desejo-lhe toda a felicidade do mundo.

Ele envolveu-a em seus braços.

— E eu desejo o mesmo para você. Eu te amo e sempre amarei.

Mas o amor de sua vida era aquela com quem ele construíra a sua vida.

Millie andou, na esperança de encontrar consolo, mas o consolo que encontrou a lacerava com um desejo doloroso; impresso em cada metro quadrado de Henley Park estava a parceria deles: Ela e Fitz haviam tratado cada canto e recanto desta terra, para acalmar os caprichos de uma propriedade tornada temperamental por negligência.

Uma vez, eles ficaram a não menos de quinze metros deste mesmo caminho, discutindo o que fazer com uma vasta quantidade de mato recolhido, eventualmente, descartando uma fogueira em favor de uma

cobertura vegetal. Na curva seguinte, ela descera com Fitz muitos anos antes, tirando pequenos bulbos do bolso dele – que havia comprado demais para o jardim e ele queria ver se algum deles poderia crescer naturalmente na floresta. Alguns deles sim, perfurando o solo a cada primavera, haviam florescido de novo, pontos de amarelo, roxo e branco contra as folhas caídas do ano anterior. E, claro, mais à frente estava o local onde o riacho das trutas havia transbordado na véspera das férias deles na Itália, inundando a ponte velha e uma estufa no processo. Eles passaram os dias anteriores da partida caminhando para cima e para baixo, debatendo os méritos da ampliação versus devastação.

Às vezes, ela ficava irritada. Muitas vezes havia se irritado tremendamente porque outra roda ainda rangendo precisava de sua atenção. Eles caminharam um para o outro, cogitando a compra de dinamite para explodir uma parte particularmente irritante da propriedade.

Mas olhando para trás, não podia ver nada além de momentos maravilhosos, os fios de duas vidas separadas, gradualmente e imperceptivelmente entrelaçando-se em uma só.

O caminho dobrou. A nova ponte apareceu. Ela parou; o coração caindo num abismo.

Um homem e uma mulher estavam na ponte em um abraço apertado. E então, mesmo depois de se separarem, ele manteve a mão no ombro dela, e ela apoiou a cabeça na dele.

Millie lentamente se afastou. E quando teve certeza de que não poderia ser ouvida, virou-se e correu.

Correu até que não conseguiu mais correr. Então, caminhou até que não conseguiu mais andar. E quando se sentou em uma pedra coberta de musgo, as lágrimas finalmente desceram.

Ela ficaria bem no final, supunha. Era uma mulher invejavelmente rica, e ainda muito jovem. E se um lugar tão miserável como Henley Park podia ser trazido de volta à vida, qualquer coisa podia.

Mas não podia prever o futuro, só conseguia chorar por sua perda. Dia após dia, ano após ano, a gentileza pela gentileza com que havia construído essa vida juntos, a fundação em uma inabalável afeição, as paredes firmes, e o ápice de sua paixão. Tudo o que ela queria era somar, fortalecer e apreciar isto.

Agora teria que deixar isto para trás para desintegrar e ruir.

Suas lágrimas escorreram de novo.

Quando a luz do dia desapareceu, ela partiu para casa — ela nunca mais pensaria nela como um lar.

Não querendo ser vista, entrou pela porta que se abria para o terraço lateral e subiu pelas escadas de serviço até o seu banheiro. No espelho, seu rosto estava quase lívido.

Ela espirrou água fria nos olhos, enxugou o rosto, entrou em seu quarto e acendeu as lâmpadas. Não podia acreditar que Fitz quisesse convidar a senhora Englewood para jantar em Henley Park, mas não estava prestes a ir para a sala de jantar para descobrir. Jantaria no andar superior, sozinha.

O som de pés correndo invadiram o corredor em direção ao seu quarto. A porta explodiu abrindo-se. Fitz apoiou uma mão no batente da porta, respirando com dificuldade, como se tivesse corrido toda a extensão de Henley Park.

— Sua idiota. Onde diabos você estava?

— Eu estava caminhando.

— A senhora Gibson me disse que você saiu para caminhar pela manhã, antes das onze horas. São nove e meia da noite agora. Nós estivemos procurando por você nas últimas quatro horas. Deus, eu acabo de dar ordens para dragar o lago. Eu estava com medo, tinha medo que, e então vi a luz que vinha...

Ela foi, de repente, levantada e empurrada contra a cabeceira da cama. Ele a beijou como se o mundo inteiro tivesse se tornado um vácuo e ela, a última reserva de oxigênio.

— Não faça isso comigo de novo, — ele rosnou, quando se afastou por um minuto a ofegar.

— Mas a senhora Englewood, você estava — eu vi vocês dois juntos.

— O quê?

— Sobre a nova ponte. Você estava abraçando ela.

— É claro que estava. E apenas dizia que pertenço a este lugar — com você.

— Oh! — Ela disse.

Ele a tinha escolhido afinal. Ela não pôde evitar. Chorou de novo.

— E a senhora Englewood está bem?

— Acho que sim. Ela me disse que vai voltar para a casa de sua irmã em Aberdeen — seus filhos ainda estão lá. Ela não queria que eu a

acompanhasse na volta – por isto passei um cabograma para Hastings para esperá-la quando descesse em Londres. Ele já respondeu. Eles tomaram chá juntos e ele a levou à estação ferroviária.

— Espero que ela seja feliz, — disse Millie em meio às lágrimas. — Espero que seja tão feliz quanto eu sou agora.

Ele atraiu-a apertando nele.

— Eu tenho sido um tolo.

— Eu também. Se eu admitisse mais cedo, se não sentisse tanto medo...

Seu beijo engoliu o resto de suas palavras.

— Deixe-me ir e falar para pararem de procura-la, assim as pessoas não tropeçam no escuro à procura de nada. Ele a beijou novamente. — É melhor descansar um pouco agora. Quando eu voltar não vou deixá-la pregar o olho.

— Certo, vá. — disse ela, um grande sorriso em seu rosto, lágrimas ainda caindo.

— Oh! — Disse Fitz.

— Você está bem?

Ele voltara há algum tempo e ela o empurrara para a cama e pulara em cima dele. Ela ainda estava em cima, passando a mão sobre seu braço, beliscando-o no ombro.

Ele puxou uma fotografia emoldurada de suas costas.

— Devo ter deixado isso em sua cama quando estive aqui antes, esperando você voltar de sua caminhada.

Ela ofegou.

— Sinto muito, querido. Eu não sabia que você estava sofrendo todo esse tempo. Eu estava tão...

Ele colocou um dedo sobre os lábios dela e sorriu lascivamente.

— Confie em mim, eu não senti isto tudo.

Eles passaram um momento olhando para a fotografia, com os dois juntos no canto de uma imagem que teria focado apenas Hastings. Era a sua favorita, ela tinha uma cópia emoldurada em cada casa e várias cópias escondidas em seu quarto de vestir.

— Vamos cortar Hastings fora, — Fitz sugeriu. — Então, seremos apenas nós dois.

Ela riu.

— Pobre Hastings.

— Tenho certeza que ele vai se oferecer para nos deixar em paz.

A fotografia foi colocada com segurança no criado-mudo, ele a beijou.

— Então, isso é o que sinto por estar casado com a mulher que eu amo.

A mulher que eu amo. Ela nunca se cansaria do som disto.

— Satisfatório, eu espero.

Ele segurou seu rosto.

— Durante anos, me perguntei como minha vida poderia ter sido diferente — melhor — caso eu pudesse voltar no tempo e mudar certos eventos cruciais. Prolongando a vida dos condes anteriores, por exemplo, ou fazendo com que a ala norte jamais fosse construída. Depois de um tempo, superei tais especulações porque estava ocupado e não havia tempo. Mas agora sei: não mudaria nada, porque apenas esta vida que vivi poderia ter me trazido até aqui com você, — Ele traçou um dedo sobre a testa dela. — E estou feliz por estar aqui, com você.

Seus olhos se tornaram úmidos novamente.

— Eu te amo.

— Eu te amo, — Ele a beijou novamente. — E amo tudo em você.

Sorrindo em meio às lágrimas, ela beijou o anel em sua mão. Então, lambeu-o como queria fazer há anos.

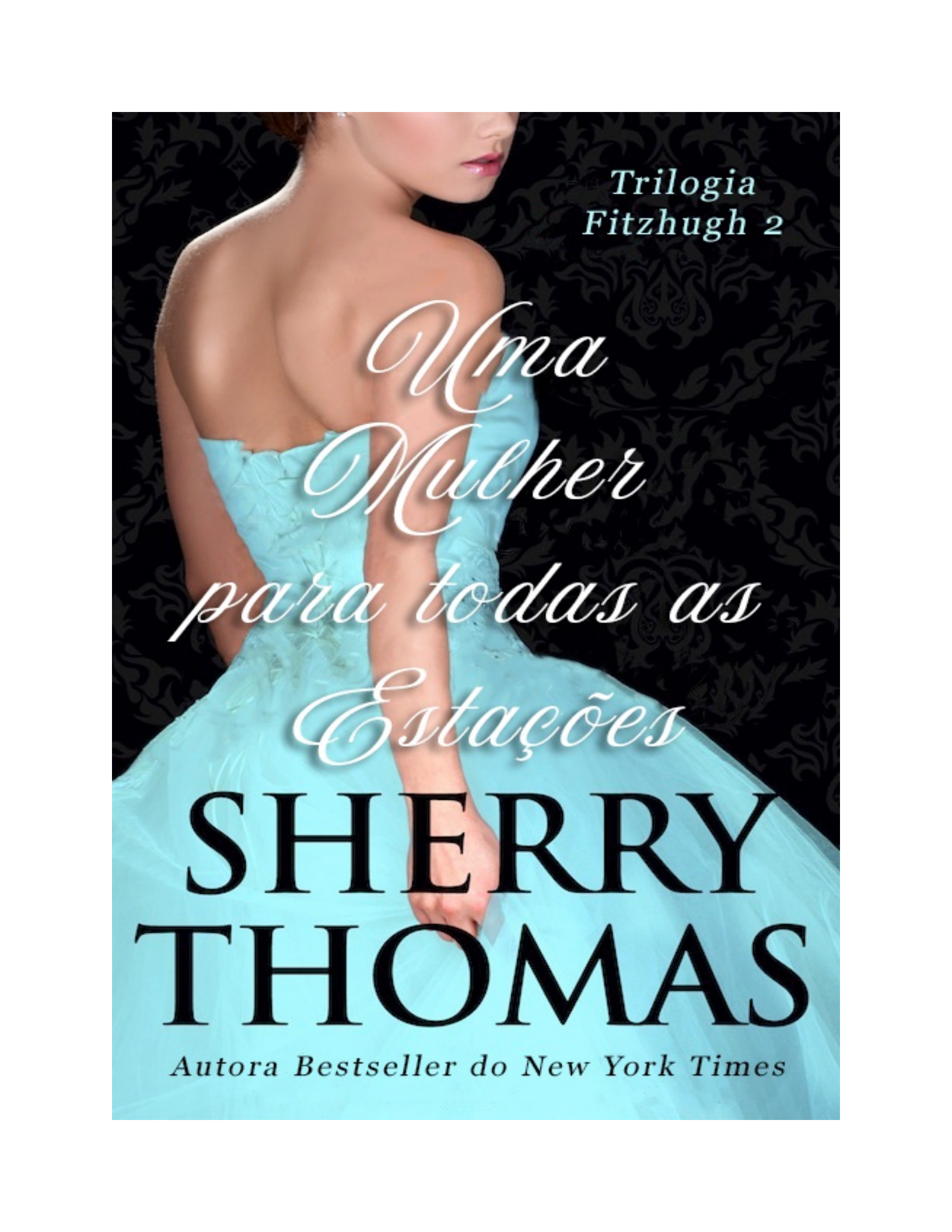
— Agora, lorde Fitzhugh, escolha: jantar ou eu?

— Você, meu amor, — Ele puxou-a para ele. — Sempre você.

FIM

Notas

-
- [1] Referencia uma pintura feita por algum pintor bem treinado.
- [2] Sonata ao luar
- [3] Expressão francesa: enorme sucesso.
- [4] Revista britânica de notícias e informações sobre eventos relacionados a cavalos, corridas ou caçadas. Publicada pela primeira vez em 1884.
- [5] Festa cristã em homenagem ao Arcanjo Miguel e Todos os Anjos. Festejado em 29 de setembro no Reino Unido.
- [6] Local onde os lordes eram vistos bem como jogavam partidas de Cricket.
- [7] Expressão francesa que quer dizer alguém que ascende socialmente.
- [8] Série de doze composições de piano de Liszt.
- [9] Em russo significa avó.
- [10] Na verdade é um arganaz - Arganaz e lirão são termos usados para designar as espécies de roedores da família dos glirídeos e também as espécies do gênero *Microtus* da família dos cricetídeos, mas trata especificamente das espécies *Glis glis* (arganaz cinzento), *Muscardinus avellanarius* (arganaz castanho) e *Dryomys nitedula* (arganaz balcânico), que são roedores arborícolas aparentados com os esquilos e habitam a Europa, Ásia e África. São noturnos e costumam alimentar-se de frutas, sementes, flores, nozes e insetos. Durante o inverno, como é natural aos roedores, hibernam.
- [11] A Escorcioneira (*Scorzonera hispanica*) é uma planta perene do gênero *Scorzonera* na família do girassol (Asteraceae), indígena do sul e centro da Europa e é cultivada como uma raiz comestível.
- [12] Uma planta asiática oriental (*Sium sisarum*) com um conjunto de tuberosa, adocicados, de raízes comestíveis.
- [13] É referida como sendo usada no fabrico de queijo. Contudo, mostraram possuir atividade coagulante. Na Espanha, usa-se muito o talo do cardo na alimentação, cozido e depois misturado com outros ingredientes.
- [14] “Para Elisa”, de Ludwig van Beethoven é, dentre as obras deste, talvez a mais conhecida mundialmente, depois da sua famosa «Quinta Sinfonia», e da sua «Nona Sinfonia». A melodia desta peça para piano aparece em desenhos animados, filmes, powerpoints e até, nos nossos dias, em toques de celular.
- [15] Tipo de peixe.
- [16] Homens que carregavam cavaletes com propagandas de produtos sobre os ombros.
- [17] Dança lenta alemã semelhante à Polca.
- [18] Em alemão: minha favorita.
- [19] Plantas podadas em formatos de animais, geométricos etc.
- [20] Um decorativo vestido solto longo usado especialmente quando entreter os convidados no chá da tarde.
- [21] Revista de publicações de desenhos animados.
- [22] Em Francês: sem classe.
- [23] Uma construção com um telhado e uma janela na sua extremidade externa projetada a partir de um telhado inclinado. Também chamado de mansarda.
- [24] Em arquitetura, um folly (em inglês, "loucura", "disparate"), como a própria palavra denuncia, é um edifício extravagante, frívolo ou irreal, projetado mais por expressão artística do que por razões funcionais. A autora usou Folly. Fonte: Wikipédia.



Trilogia
Fitzhugh 2

*Uma
Mulher
para todas as
Estações*

**SHERRY
THOMAS**

Autora Bestseller do New York Times